



# REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Abril de 2025 – Nº 63

ISSN 1518-1766



# DIRETORIA

## **Presidente:**

Aleilton Santana da Fonseca

## **Vice-Presidente:**

Edvaldo Pereira de Brito

## **1º Secretário:**

Carlos Jesus Ribeiro

## **2ª Secretária:**

Heloísa Prata e Prazeres

## **1º Tesoureiro:**

Nelson Cerqueira

## **2ª Tesoureiro:**

Paulo Ormino de Azevedo

## **Diretora do Arquivo:**

Edilene Dias Matos

## **Diretor da Biblioteca:**

Armando Avena Filho

## **Diretor de Informática:**

Décio Torres Cruz

## **Diretor da Revista**

Fernando da Rocha Peres

## **CONSELHO EDITORIAL**

Cleise Furtado Mendes

Mirella Márcia Longo Vieira Lima

Ruy Espinheira Filho

## **CONSELHO DE CONTAS**

### **E PATRIMÔNIO**

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Lia de Carvalho Robatto

Urânia Tourinho Peres

REVISTA DA ACADEMIA  
DE LETRAS DA BAHIA



SOPHOCLES

SOPHOCLES

REVISTA DA ACADEMIA  
DE LETRAS DA BAHIA

Abril de 2025 — Número 63



ISSN 1518-1766

Copyright © by Academia de Letras da Bahia, 2025  
ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA  
Avenida Joana Angélica, 198, Nazaré  
40050-000 – Salvador, Bahia, Brasil  
Telefax (71) 3321-4308  
www.academiadeletrasdabahia.org.br  
contato@academiadeletrasdabahia.org.br

**Diretor da Revista**

Nelson Cerqueira

**Coordenador Editorial**

Aleilton Fonseca

**Editoração**

Elímarcos Santana / Via Litterarum Editora

**Ilustração da capa:**

Xântipe e Sócrates. Painel de azulejo. Primeira metade do século XVIII.  
(Academia de Letras da Bahia). Foto: Aleilton Fonseca.

**Brasão da ALB:**

Ir. Paulo Lachenmayer, OSB

Revista Anual de Literatura, Artes e Ideias

As informações e opiniões, assim como a redação, a revisão  
e o cumprimento das normas da ABNT para os artigos e periódicos,  
referências e citações, são da inteira responsabilidade dos autores.

(A Direção, 2025)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

---

Revista da Academia de Letras da Bahia / Academia de Letras da Bahia.  
– Ano 1, vol. 1, n. 1 (Ago. 1930). – Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1930 –

A partir do número 25 foi retirado ano e volume.  
O ISSN começou no número 44.

Anual  
ISSN 1518-1766

1. Literatura brasileira – Periódicos . I. Academia de Letras da Bahia.  
II. Título.

CDU 869

---

Ficha Catalográfica elaborada por Gislene Soares Guerra CRB-5/1382

IMPRESSO NO BRASIL

# SUMÁRIO

## Artigos e Ensaaios

<b>A PALAVRA POÉTICA EM FRICÇÃO: ANTÓNIO ALEIXO E ANTÔNIO VIEIRA</b> EDILENE MATOS .....	11
<b>EU VENHO LÁ DO SERTÃO... E POSSO LHE AGRADAR</b> ANTÓNIO TORRES .....	59
<b>O CONTO DE JORGE MEDAUAR</b> ARAMIS RIBEIRO COSTA .....	75
<b>MEMÓRIAS DE CINEMA</b> <i>Um passeio afetivo</i> CARLOS RIBEIRO .....	89
<b>O POETA CARLOS CUNHA</b> GILFRANCISCO .....	107
<b>“A PELE DO ENFIM”: A AFIRMAÇÃO DO AMOR EM <i>BABEL</i> DE ANTONIA TORREÃO HERRERA</b> GABRIELA LOPES VASCONCELLOS DE ANDRADE .....	115
<b>O ÓDIO QUE AMEAÇA A PAZ MUNDIAL</b> JOACI GÓES .....	125

**AS MAQUINETAS DO RECOLHIMENTO  
DE N. SRA. DOS HUMILDES  
COMO EXPRESSÃO DA CULTURA FEMININA  
DO SÉCULO XIX**

LUIZ ALBERTO RIBEIRO FREIRE ..... 145

**O EMBLEMA DA ACADEMIA  
DE LETRAS DA BAHIA**

PAULO VEIGA ..... 167

**Poesia**

**SEIS POEMAS**

GLÁUCIA LEMOS ..... 179

**ANTES QUE O TEMPO PASSASSE**

RUY ESPINHEIRA FILHO ..... 185

**SEIS POEMAS**

HELOÍSA PRAZERES ..... 189

**UMA CANÇÃO DE AMOR  
ÀS ÁRVORES DESESPERADAS [1996]**

JOSÉ CARLOS CAPINAN ..... 195

**DOIS POEMAS**

CLEISE FURTADO MENDES ..... 201

**CINCO POEMAS**

CARLOS ROBERTO SANTOS ARAUJO ..... 205

**POEMAS CIFRADOS (SELEÇÃO)**

ANTONIA TORREÃO HERRERA ..... 213

**SEIS POEMAS**

ALEXEI BUENO..... 221

**SEIS POEMAS**  
NARLAN MATOS ..... 227

**UM POEMA E QUATRO HAICAIS**  
DOMINIQUE STOENESCO ..... 237

### *Poesia/Tradução*

**LIBERTÉ / LIBERDADE**  
SYLVESTRE CLANCIER / ANA ROSSI ..... 242

### **Ficção**

**O ALUNO E A PROFESSORA**  
CYRO DE MATTOS ..... 251

**COISAS DA VIDA**  
ORLANDO PEREIRA DOS SANTOS ..... 255

**O TREM GRAPIÚNA**  
RICARDO BRUGNI-CRUZ ..... 261

### **Discursos**

**DISCURSO DO PRESIDENTE  
NA ABERTURA DO ANO ACADÊMICO DE 2024  
NA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA**  
ORDEP SERRA ..... 273

**DISCURSO PARA A ABERTURA  
DO ANO ACADÊMICO 2024**  
MARCUS VINICIUS RODRIGUES ..... 277

<b>VIA DOLOROSA E AMIZADE</b>	
<b>Saudação a Zitelmann de Oliva</b>	
JOÃO CARLOS SALLES .....	289
<b>DISCURSO DA COMENDA DOIS DE JULHO</b>	
CYRO DE MATTOS .....	311
<b>PARA RASGAR UM SILÊNCIO: A LITERATURA BAIANA NA VOZ DE ESCRITORAS NEGRAS CONTEMPORÂNEAS – A NIVALDA COSTA, IN MEMORIAM – A ALINE FRANÇA, HOJE</b>	
YEDA PESSOA DE CASTRO .....	317
<b>DISCURSO DE TRANSMISSÃO DO CARGO</b>	
ORDEP SERRA .....	327
<b>A ALB NO CONTEXTO CULTURAL DA BAHIA</b>	
Discurso de posse como presidente	
ALEILTON FONSECA .....	333
<b>SAUDAÇÃO AO ENGENHEIRO, NAVEGADOR E ESCRITOR ALEIXO BELOV NA CONCESSÃO DA MEDALHA ARLINDO FRAGOSO</b>	
PAULO ORMINDO DE AZEVEDO .....	341

## **Diversos**

<b>Atividades Acadêmicas 2024 .....</b>	<b>347</b>
<b>Quadro Social da ALB .....</b>	<b>365</b>
<b>Endereços dos Acadêmicos .....</b>	<b>385</b>



**Artigos  
e ensaios**

ANTIFE

SO CRATES



# A PALAVRA POÉTICA EM FRICÇÃO: ANTÓNIO ALEIXO E ANTÔNIO VIEIRA

EDILENE MATOS

## Por uma poética da voz

Voz. Voz na garganta. Voz no papel. Voz no corpo. Voz no palco. Voz na rua. Voz velha. Voz nova. Voz ruidosa. Voz silenciosa.

Enfim, voz!

A voz é modulante, disso não se tem dúvida. E se ela é modulante, móvel, ela sai e entra sem se fixar. A voz, mutante por natureza, é parte do corpo que não se reduz a um espaço, mas alonga e prolonga esse corpo, *locus* de origem, referência. Nesse movimento sinuoso, trapaceira, a voz se desdobra em *perpetuum mobile*.

É exatamente essa complexa operação de dobras e desdobras, de tecidos plissados, que implica o espelhamento sonoro de nossas marcas identitárias, de evocação de memórias. O barthesiano grão da voz se faz marca de corpo na voz. Voz que é “querer dizer”, “vontade de existir”.

Assim, ao falar de espaços de fricção da palavra poética, trago, aqui, um texto – A palavra poética em fricção: António Aleixo e Antônio Vieira. E esse espaço de fricção envolve as chamadas poéticas vocais. Estou, evidentemente, me referindo ao verbo poético que nasce na boca, entendida enquanto canal de emissão de voz ou vozes. É lógico, pois, que a voz se produz (se esculpe) nos órgãos fonadores, que são também modeladores da voz. E a boca funciona também como um desses modeladores:

abre-se e fecha-se como canal flexível que é. E faz passar a voz, rejeitando tudo o que “quebra a voz viva”.

Falar sobre poéticas orais, hoje, requer entrar num jogo po-lêmico, e isto por conta da diversidade de estudos que tratam do assunto. De início, e há consenso, no caso, entre os estudiosos, a oralidade implica tudo o que em nós se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar (Zumthor, 2010, p. 203); “*o gesto não transcreve nada, mas produz significativamente as mensagens do corpo*” (Zumthor, 2010 p. 206); “*o gesto denuncia o não-dito*” (Zumthor, 2010, p. 205); a gestualidade, às vezes, confere uma função ao silêncio: gestos zeros.

Zumthor, cujas ideias são basilares para minhas reflexões, diferencia boca e voz. A boca, além de ser um canal, é um dos fatores que ajudam e interferem na produção da voz. A voz está intimamente ligada ao corpo por vibrações corporais. A voz é acompanhada por movimentos corporais não-vocais e que interferem no significado da mensagem vocal. Há, portanto, uma voz sonora, comprometida com o som, e uma voz muda, não comprometida exatamente com o som, mas aliada ao som e que contribui para a produção da mensagem verbi-vocal. A voz, signo escultórico, é construída na garganta e entalhada no corpo. Multiplicam-se, assim, as possibilidades de produção de sentido da mensagem verbi-vocal, pois a voz, enquanto linguagem, é feita de signos sonoros e de signos gestuais. É neste caso que se pode falar em mensagens verbi-voco-visuais, considerando que esses signos mudos, de configuração não sonora, portanto não audíveis, são, no entanto, visuais, visualidade que se faz necessária para que tais signos sejam captados e decodificados.

A mensagem vocal, segundo Zumthor, envolve, pois, voz e corpo, envolve a palavra audível e signos visuais inaudíveis, que se tornam audíveis na medida em que se aliam à voz. É essa aliança dos signos corporais inaudíveis com a voz, produtora de signos audíveis, que torna os signos inaudíveis signos também audíveis. O corpo mudo se torna audível por força da aliança de sua gestualidade com a voz.

Quando designamos a operação do uso da voz de *vocalidade*, estamos nos referindo a um espaço de produção de signos extremamente complexo, e isto porque tais signos são, ao mesmo tempo, mudos, sonoros, audíveis e inaudíveis, convergindo todos eles para uma espécie de sonoridade corporal, que é o que caracteriza a performance vocal, que não é só som, mas envolve corpo e voz – corpo e voz intimamente entrelaçados de forma que o que não é sonoro se sonoriza, e o que não é visual adquire uma espécie de potencialidade sonora, fazendo da vocalidade uma espécie de cena teatral complexa, feita de signos verbi-vo-co-visuais.

Zumthor reivindicava a paternidade do termo teatralidade (*théâtralité*). Este termo exerceu uma espécie de fascinação para ele, e o conceito que lhe imprimiu jamais se enfraqueceu, e, muito pelo contrário, constituiu uma marca inscrita a ferro-e-fogo de sua proposta (Zumthor1998, p.145). Tal teatralidade evoca uma espontaneidade que se inventa a ela própria ao exprimir-se, como uma sensação espacial, em que se amalgamam o som (o canto, ou simplesmente os jogos da voz), o gesto, a mímica, a dança (Zumthor2000). Desta forma, privilegia-se o calor da voz, que ultrapassa e muito os limites acanhados da letra.

O homem, produtor de mensagens vocais (cantador, trovador, ator, leitor e intérprete de textos em voz alta) revela-se, por isso, sobretudo um ator, exatamente porque a voz, criadora de mensagens, o obriga a se colocar por inteiro no centro do palco.

Falar de poéticas da voz, portanto, é falar desse teatro vocal, enquanto produtor e encenador de poesia, entendida aqui enquanto encenação de signos-atores interligados (vocais, gestuais, sonoros). Primordialmente, a poética da voz, portanto, é teatro poético ou poesia teatral, que não deve, em hipótese alguma, reduzir-se à palavra meramente vocalizada e muito menos à palavra grafada.

Essa interligação da palavra com o gesto, sabemos nós, vem do nascimento da poesia, quando o homem se manifesta teatralmente (o poeta e a poesia não nascem nas páginas do livro!), quando o homem descobre a voz como força verbi-voco-visual. É por tal motivo que a poesia, mesmo quando grafada, mantém as marcas da origem, de sua natureza propriamente original. Isto porque a poesia nasceu na voz e da voz, intimamente ligada ao corpo, ou seja, a poesia nasceu como teatro de signos. E justamente porque é teatro de signos é que, ao lê-la no texto escrito, estão lá em reverberação as marcas da origem. Por conta dessas marcas, o homem não pode deixar de ouvir, mesmo na escritura, essa voz ancestral, esses traços ainda vivos de uma ancestralidade indelével.

Ler é decodificar signos grafados, signos traduzidos em sinais gráficos, mas ler também implica a recuperação das marcas originais da palavra, porque a palavra originalmente não é letra, mas voz e corpo.

A qualidade poética de um texto está ligada à natureza teatral da voz, porque a voz é teatral desde os primórdios; ela é poética porque a poética envolve a conjugação de diferentes signos, tendo em vista a produção de uma linguagem plurissignificativa, não apenas no plano conceitual, mas, de igual modo, no plano sensorial, porque a plurissignificação nunca é somente conceitual – ela só se instala no momento em que o conceito se alia à sensorialidade. Quando uma linguagem sufoca a sensorialidade dos seus signos tendo em vista o privilegiamento do conceito, ocorre sua despoetização, ou seja, sua desteatralização e conseqüente monologização. O monologismo é a marca de uma linguagem despida de sensorialidade, linguagem técnica, formal, espartilhada, sem liberdade, sem a menor condição de contribuir para a transformação do homem, de fazer história, porque é puro registro estático de fatos concretos. A história humana só se faz quando o homem assume sua poeticidade, sua teatralidade natural. O homem é um ser teatral, repito. As sociedades do passado,

que abafaram a natureza teatral do homem, morreram; e é o que parece estar ocorrendo hoje, face à pseudo-segurança, e à pseudo-certeza dos discursos monovalentes, que escravizam e amordaçam o pensamento, a criatividade, a ação, a livre circulação das ideias. E o poético é isto: espaço livre de circulação e dança dos saberes, que fecunda culturas, insemina civilizações.

Poética das culturas orais – poéticas das culturas apoiadas nas linguagens verbi-voco-visuais, sensorio-conceituais e multissignificativas. Melhor seria falar de poéticas vocais, pois que, e pensando nos ensinamentos de Zumthor, a vocalidade como produção concreta do homem, como energia, é mais palpável, ou visível, que a oralidade. Além disto, a voz confere, através de cada timbre, um sinete autoral. Evoco a questão da emissão da voz como algo musicante, entendendo com Ruth Finnegan (2008, p.27) que a música vocal pode estar na canção ou na fala, nos recitativos, nas declamações. Penso, pois, em níveis de musicalidade vocal, que na canção pode ser acentuadamente melódica.

A anulação da oralidade é impossível, porque não é possível eliminar as marcas da voz. E ao falar em poéticas da voz, falo das linguagens sensorio-conceituais, em que o conceito não se impõe apenas no plano do logos, mas se faz espaço cambiante e prismático de sensações e sentidos, de experiências múltiplas verbi-voco-sensorio-corporais.

### **Encontros poéticos moventes**

Trago como exemplos dessa poética sensorial os espetáculos teatralizados em torno do poeta António Aleixo, hoje uma voz sem corpo, que se insinua em seus poemas/quadras como um canto, vindo de um outro tempo, mas que ecoa, ainda nesse século XXI, combativo, irônico, denunciador, provocador de incontida euforia coletiva e, em todos os momentos, atualíssimo.

Trago também como exemplo dessa poética sensorial a atuação performática do poeta Antônio Vieira<sup>1</sup>, também hoje uma voz sem corpo.

Peregrinações. Travessias. Andanças. Veredas. Literatura de movimento. Poesia nômade. Poesia movente. Poesia da voz viva. Poesia do social. Poesia de carne e sangue.

Homero, imitador, criador de aparências – pelo menos para Platão era assim –, saiu pelo mundo e deixou plantada sua Odisseia. Semente que se multiplicou através do canto das sereias. As sereias, míticos seres, testemunharam as diversas travessias do herói quase-divino, mais-que-humano. As vozes dessas sereias, ecoadas no vai-e-vem das espumas, diziam de narrativas fabulosas. Diz-se, hoje, de marcas específicas dessas narrativas: viagens reais e viagens imaginárias.

Literatura de fricção: encruzilhada. Ponto de encontro, intersecção de literatura com outras séries artísticas. Penso, sobretudo, em música/som, em dança/gesto, imagem/olho.

Essa literatura movente, poética viageira, que vai-e-volta da letra à voz, inscrita no que se denomina poéticas da voz, permite circularidade entre as várias culturas.

Este estudo põe, pois, em relevo interfaces nas obras de dois poetas “populares”. De um lado, o poeta português Antônio Aleixo<sup>2</sup> e sua sátira “humanística”, com destaque para o recurso apropriado da expressividade verbal. De outro lado, o poeta brasileiro (baiano) Antônio Vieira e a índole musicante de sua poesia satírica, integrando o que denominou ‘Cordel Remoçado’<sup>3</sup>. A poesia de ambos os poetas, feita para provocar

---

<sup>1</sup> Antônio Vieira (Antônio José dos Santos Vieira), poeta, nasceu em fevereiro de 1949 e morreu em junho de 2007.

<sup>2</sup> Antônio Aleixo foi agraciado com o Grau de Oficial da Ordem de Benemerência, em 27 de maio de 1944.

<sup>3</sup> Cordel Remoçado é um conceito criado por Antônio Vieira e consiste na palavra dita e/ou escrita ao modo dos folhetos de cordel, que se faz acom-

vibração nas palavras, aponta para a coreografia do gesto, no palco semovente oralidade/escritura.

## **O poeta de lá: António Aleixo**

O dia foi 4 de setembro de 2019, uma bonita manhã de verão. No comboio 180 (Alfa Pendular), cadeira 51, parto, enfim, de Lisboa para Loulé. Nunca tinha ido ao Algarve! Minha expectativa é a terra do poeta, Aleixo. Ainda naquele dia contemplaria sua estátua<sup>4</sup>. Interessante é entender a importância dada a um poeta popular e isto é algo muito especial, mas que não me consola e me faz refletir sobre lacunas imperdoáveis que acontecem no Brasil, meu país. Bem que algumas vozes importantes já se levantaram nesse sentido, a exemplo dos alertas de Mário de Andrade e de Carlos Drummond.

Fiquei hospedada no Allons-y Guesthouse, Rua de São Domingo, 13, bem perto do famoso “Café Calcinha”, reduto dos improvisos de Aleixo, reduto das memórias em torno do Aleixo.

Em Loulé, agradáveis surpresas: 1. o encontro com Helena Miguel, especialista no que se refere ao arquivo de documentos e fotografias do Museu Municipal de Loulé – agradeço a Helena o contato, a visita ao museu, explicações da Sala Polivalente da Alcaldaria do Castelo, as conversas sobre o Brasil, loas a Portugal, ao Algarve, a Loulé - . Simpática e acolhedora, Helena se mostrou sensível e inteligente. 2. O acolhimento generoso do professor/pesquisador J.J. Marques, incluindo importantes e elucidativos diálogos sobre questões e pesquisas das oralidades, visitas a monumentos e um agradável almoço.

---

panhar pelo movimento do corpo ao som de instrumentos musicais: violão, pandeiro e percussão.

<sup>4</sup> Refiro-me à estátua em bronze do poeta António Aleixo, sentado à mesa na Esplanada do Café Calcinha, em Loulé, de autoria de Lagoa Henriques. Há, ainda em Loulé, uma outra estátua de Aleixo, na Quinta do Lago, de autoria do mesmo Lagoa Henriques e igual à do Café Calcinha.

3. Uma bem montada exposição sobre a rica trajetória de Tóssan. 4. O diálogo com o Presidente do Concelho, muito bem avaliado e respeitado pelos louletanos e, por coincidência, neto do poeta António Aleixo. Essa minha visita o deixou comovido ao tomar conhecimento da proposta de uma pesquisa em terras brasileiras sobre a poética de seu avô. Historiador, Vítor Aleixo me presenteou com uma alentada edição de **Encontros Imaginários**, de autoria de Hélder Mateus da Costa, premiado escritor, dramaturgo, encenador e autor. Percebi, pois, que Vítor Aleixo entendeu muito bem minha proposta com base nos diálogos imaginados entre Aleixo e Vieira. O referido livro reuniu uma série de encontros imaginários promovida pelo Grupo de Teatro **A Barraca**, a partir de fevereiro de 2011, com o objetivo de “inventar situações e conflitos com figuras da humanidade” (COSTA, 2015, p.5). Nesses encontros se dá, exatamente no Encontro Imaginário 29, em 17 de novembro de 2014, um diálogo insuspeitado entre António Aleixo, Cândido de Oliveira e Juíz Veiga (Costa, 2015, pp. 329-338).

No Algarve, na primeira metade do século XX, António Aleixo se tornou responsável pela irradiação de uma poderosa corrente do cancionero popular português. Tal corrente foi apontada pelo artista plástico, Tóssan<sup>5</sup>, e por Joaquim Magalhães, um dedicado professor de liceu, figura indispensável na divulgação do poeta António Aleixo.

Espantosamente lúcido e consciente de sua inclinação poética, António Aleixo deixou registrada em versos sua concepção de arte e de artista. E como artista, tinha um olhar caleidoscópico, girante, que lhe permitia sair dos espaços limitados de uma vida comum:

---

<sup>5</sup> António Fernando dos Santos – Tóssan (1918-1991), grande amigo de António Aleixo, foi um expressivo artista e poeta português.

Vejo a arte definida  
Na forma de descrever  
O bem ou o mal que a vida

Nos faz gozar ou sofrer  
Ser artista é ser alguém!  
Que bonito é ser artista...  
ver as coisas mais além  
do que alcança a nossa vista!

A arte é dom de quem cria  
portanto não é artista  
aquele que só copia  
as coisas que tem à vista

A arte em nós se revela  
sempre de forma diferente;  
cai no papel ou na tela  
conforme o artista sente.

Textos poéticos autorados, ditos em alta voz por este chamado poeta oral, do sul de Portugal, vendedor de cautelas e gravatas, guardador de rebanhos, cantor popular nas ruas, mercados e feiras, trazem expressão filosófica original, tantas vezes considerada “ácida”. Em quadra ou sextilha, poetava natural e exemplarmente, com vocabulário surpreendentemente adequado às situações em foco.

Motivos e temas variados, mas o tom melancólico e irônico na exibição da capacidade de improviso, visão de mundo especial, com grande inclinação para a sátira.

Esta inclinação para exhibições e improvisações já se fazia evidente desde a mais tenra idade com performáticas atuações como cantor das janeiras<sup>6</sup>. Cantava as quadras das janeiras

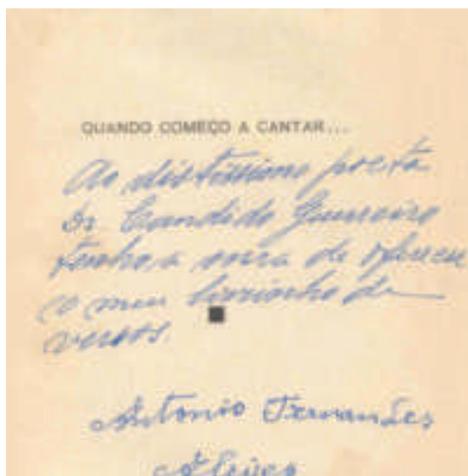
---

<sup>6</sup> Há, no sul de Portugal, um antigo costume de grupos de crianças que vão de porta em porta, durante as festas natalinas, cantar as “janeiras”, quadras que

e quando o repertório já tinha sido repetido muitas vezes, o menino Aleixo fazia curiosas improvisações que passaram a chamar a atenção de todos.

António Aleixo, lá pelos idos de 1939/1940, teve ajuntadas por um amigo (José Rosa Madeira) algumas quadras em duas folhas de papel e que viriam a se constituir núcleo do seu primeiro livro: *Quando começo a cantar*. (1ª edição, Faro, 1943; 2ª edição, Coimbra, 1948; 3ª edição, Lisboa, 1960).

Figura 1 – Dedicatória de António Aleixo



Fonte: Livro Quando começo a cantar

Depois, se seguiram: **Intencionais** – 1ª edição, Faro, 1945; 2ª edição, Lisboa, 1960; **Auto da vida e da morte (1 acto)** – 1ª edição, Faro, 1948; 2ª edição, Faro, 1968; **Auto do curandeiro (1 acto)** – 1ª edição, Faro, 1949; 2ª edição, Faro, 1964; **Este livro que vos deixo...** Volume I, 18ª edição, Lisboa, 2003; **Este livro que vos deixo...** Inéditos – Volume II, 13ª edição, Lisboa, 2003; **Inéditos** – 1ª edição, Loulé, 1978; 2ª edição, Loulé, 1979.

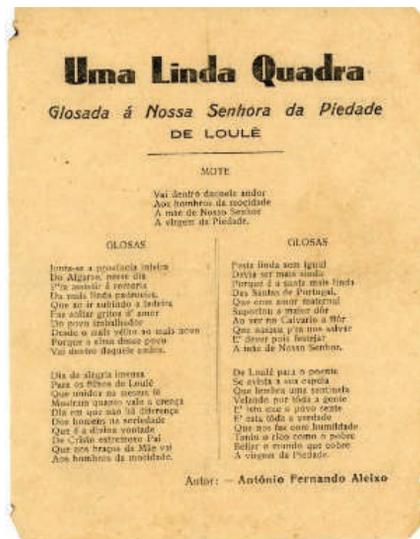
---

se vão repetindo, alterando-se apenas o nome do dono da casa, que é então homenageado em troca de algum dinheiro ou prenda natalina.

Seguindo seu ritual cotidiano de andarilho, António Aleixo cumpriu o traçado do seu destino e ficou como um personagem-tipo, desses que marcam profundamente uma época, um espaço social. Pessoa/personagem impressa na memória do povo português, figura notável e notória, poeta boquirroto, gritador e denunciador dos males sociais, *expert* na arte da *performance*, António Aleixo encarnou a si mesmo em vários papéis, sobressaindo-se enquanto corpo/voz convertido em ação, coisa viva, que alardeava, feria, rasgava, cauterizava, ecoando sempre um universo de sugestões e seduções.

Essa sua voz, inscrita no papel, como autor que foi de quadras e/ou sextilhas, ou articulada, a do narrador, a do cantor dos acontecidos do povo de Algarve, obteve enorme sucesso. Anunciava e denunciava tudo em voz alta, na busca de aperfeiçoar o timbre, no gasto do frágil poder de seus pulmões, da materialização e da pulsação da voz, do ineditismo de suas performances, em um contínuo corpo-a-corpo com seu público.

Figura 2 – Quadra e glosas de António Aleixo



Fonte: Fundação António Aleixo

Se António Aleixo foi testemunha atenta e inquieta de momentos empolgantes da vida portuguesa, acompanhando a revolução dos costumes, afrontou também de dedo em riste essa “modernidade”. Não deve ser esquecido que Aleixo viveu e fez sua obra em um Portugal sob o regime ditatorial salazarista ou Estado Novo (1933/1975)<sup>7</sup>. No livro **Ao encontro de António Aleixo**, Joaquim Magalhães conta que, por ocasião do preparo para publicar **Quando começo a cantar**, foi necessário um exercício cuidadoso: “tudo o que não pudesse ser motivo para eventual apreensão do livro, caso pudesse vir a ser considerado alvo das vistas curtas da censura intelectual de então” (MAGALHÃES, [s.d.], p. 10). Sabemos todos nós que Magalhães<sup>8</sup> referia-se à PVDE.

Decididamente, António Aleixo nunca foi, como o personagem de Apollinaire, um vagabundo urbano, quase um *clochard*, um patético perdido na multidão. Foi, antes, um poeta, dotado de grande poder de comunicação. Um lúdico e lúcido poeta cuja voz soava mágica para o público que o aplaudia e o tinha como seu legítimo porta-voz. Pela boca desse extraordinário artista fala a outra voz, a voz do poeta sensível à vida de seu povo.

Sua voz, seja como sussuro de confiança - note-se o caráter notadamente autobiográfico da maior parte dos poemas de A. Aleixo - (FERREIRA, 1978, p. 45 - seja altissonante como a da multidão na praça, me faz ouvir o tempo que passou e que volta transformado, mesmo que seja numa folha de papel.

---

<sup>7</sup> Na concepção de António de Oliveira Salazar o popular tem uma matriz rural, com a qual se identifica, explicação dada em seus discursos políticos. Cf. MELO, Daniel. **O essencial sobre a cultura popular no Estado Novo**. Coimbra: Angelus Novus, 2010.

<sup>8</sup> “Este sujeito é capaz/de fazer mil promessas/mas faz tudo às avessas/das promessas que faz.” O primeiro verso dessa quadra era “O Salazar é capaz” e foi substituído por Magalhães para proteger o amigo poeta. Cf. DUARTE, António de Sousa. **António Aleixo, o poeta do povo**. Lisboa: Âncora, 1999, p. 79.

Para a exibição de suas quadras e/ou sextilhas, sonetos, glosas, poemas com várias estrofes, autos<sup>9</sup>, António Aleixo lançava mão de recursos inusitados e imprevistos.

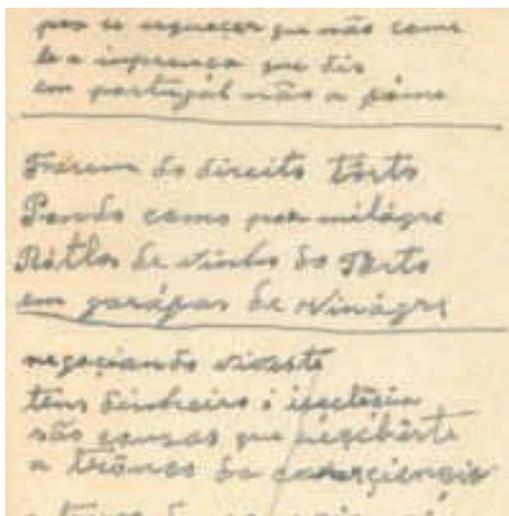
Não concordo com certos pronunciamentos que se referem à incorreção da escrita de António Aleixo como senha para que o poeta fosse incluído num grau abaixo do que se convencionou como poeta culto. Essa distinção entre literatura/poesia popular e literatura/poesia erudita ou culta não tem mais sentido. Tida como ingênua, rude e tosca pela história literária, a literatura/poesia popular, na realidade, é um tipo de manifestação ficcional e imaginativa bastante próxima daquela que se costuma chamar propriamente de literatura, não existindo diferenças de essência entre um e outro tipo de produção, já que possuem, de modo análogo, aquilo que é comum a qualquer obra, seja qual for a tradição a que esteja vinculada: sua capacidade de criar formas significativas, expressivas e reveladoras da existência humana. Aliás, a pretensa ingenuidade que se atribui à literatura/poesia popular parece-me algo que se gostaria de encontrar na literatura culta. Em verdade, o preconceituoso posicionamento por parte dos eruditos com relação à literatura/poesia de expressão popular reflete, simultânea e contraditoriamente, o desejo e a rejeição de uma inocência e uma ignorância invejadas, já que seriam elas o verdadeiro testemunho e garantia de certa autenticidade e originalidade de raiz, nem sempre visíveis em manifestações literárias de caráter erudito.

Estou de acordo, pois, com aqueles que viram inspiração muito rara nas quadras de Aleixo em vários momentos, e com um tom forte, expressivo, ajustado em vocabulário justo e cortante.

---

<sup>9</sup> Acrescida à obra de improviso de Aleixo, a parte do teatro é muito interessante. São três autos: 1.O Auto do Curandeiro, no qual expõe sua visão a favor do saber médico e faz críticas à exploração dos curandeiros.2.O Auto da Vida e da Morte. Nesse auto, o autor cria personagens como o da vida útil e o da vida fútil e traz novamente a visão da ciência a serviço da vida. 3. *Ti Joaquim*. Auto inconcluso, escrito em co-autoria com Tóssan, anuncia uma sociedade que não tolera formas de subversão.

**Figura 3 – Quadras de António Aleixo**



**Fonte:** Fundação António Aleixo

Nesse mundo girante, a atualidade dos versos improvisados de Aleixo o insere na contemporaneidade quanto à expressividade do corpo e da voz como fenômenos poéticos totais, traduzindo as gritantes e tão presentes misérias e desigualdades dos seres humanos, além de uma postura crítica com relação a si mesmo, postura esta a que se referiu em uma de suas últimas quadras, recordada pelo irmão de Tóssan, Armando dos Santos:

Quando em mim penso com calma  
e me compreendo melhor  
bem merecia que a minha alma  
tivesse um corpo maior

Tudo isso toma assento no pensamento de Paul Zumthor ao se referir à relação voz e gesto:

Um laço funcional liga de fato à voz o gesto: como a voz, ele projeta o corpo no espaço da performance

e visa a conquistá-lo, saturá-lo de seu movimento. A palavra pronunciada não existe (como o faz a palavra escrita) num contexto puramente verbal: ela participa necessariamente de um processo mais amplo, operando sobre uma situação existencial que altera de algum modo e cuja totalidade engaja os corpos dos participantes. ([...]) o **gestus** dá conta do fato de que uma atitude corporal encontra seu equivalente numa inflexão de voz, e vice-versa, continuamente (Zumthor1993:pp. 243-244).

Sabe-se da vida cotidiana do homem e do poeta, como ele apareceu, local, dia e hora. Sabe-se de sua família, avós, pai, mãe, irmãos, amada, filhos e netos. Sabe-se de sua saúde frágil. Sabe-se de suas proezas heroicas e sedutoras. Conhecem-se seus poemas e recitam-nos de cor. Não há dúvidas sobre estas questões.

Sei que, em Portugal, António Aleixo é muito conhecido para que seja necessário insistir sobre ele. Mas insisto. Insisto em mergulhar num amplo espaço, fluido e disperso, de textos, entrevistas, relatos, participação em seminários, sessões de homenagens e outros tipos de manifestações, onde António Aleixo se delineia como um mito, personagem transformado em sugestiva figura romanesca, feita de evocações e sugestões retóricas e poéticas, de achegas, de fragmentos e que ganha força como paladino de uma nova ordem. Mito, no caso, entendido, por extensão de significado, como concepção individual ou coletiva, espécie de crença vaga, oscilante, de gosto, de culto, de adoração leiga, espontânea ou cultivada.

A composição da imagem do poeta, no caso, decorreria da articulação das imagens de uma realidade dada, com base em documentos oficiais, colhidas na memória, mas também, de imagens que obedecem aos ditames de uma imaginação mais propriamente criadora uma vez que atravessam gerações e se impõem ou afirmam na coletividade, propiciando a criação de poetas míticos, como é o caso de António Aleixo.

Para isso, foi necessário despir-me de pré-conceitos tradicionais, exdruxulamente laudatórios ou eufemisticamente malévolos, observando as possibilidades de olhares (furtivos, voluptuosos, impassíveis, ternos, apaixonados, invejosos, parciais) sobre um centro móvel e continuamente à deriva.

Com o objetivo de delinear o mito de um *poeta-gênio*, encontro respaldo no pensamento - ainda muito atual - de J. Tynianov quando acentua que, *em certas épocas, a biografia torna-se literatura oral apócrifa* (Tynianov1971, p.116).

Antônio Aleixo foi, sem dúvida, um personagem singular no momento em que viveu, e também na dimensão mítica que lhe foi atribuída pelo povo, pelos críticos e até por sua própria poesia.

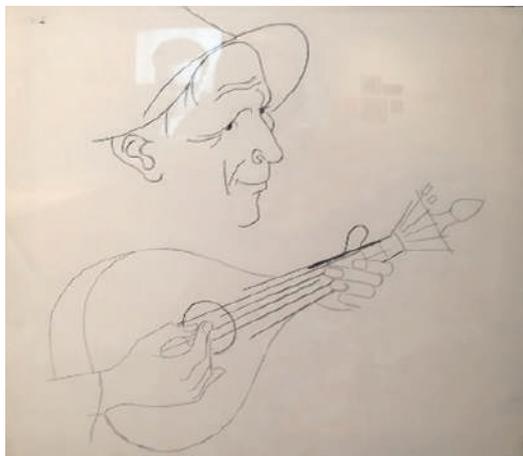
Ao me referir a uma personalidade mítica, falo de um conjunto de atributos que se evidenciam mais em determinados poetas ou artistas. Trata-se de algo que lhes vem do interior e atinge o exterior, delineando-lhes um círculo luminoso como se fosse uma auréola, conferindo-lhes “santidade” e poderes quase divinos, sem que, por vezes, exista qualquer conexão entre tal processo de mitificação e a qualidade da obra. Em sua biografia de Maiakovski, RomanJakobson acentua:

Quando esse mito entrou na vida, foi impossível sem esforço sobre-humano traçar um limite entre a mitologia poética e o curriculum vitae do autor, e o testamento de Maiakovski viu-se inteiramente justificado: na vida autêntica do poeta, é significativo apenas aquilo que foi “defendido com a palavra” (Jakobson1993, p, 134).

A especial veneração que se tributa à imagem de Antônio Aleixo, porém, implica o assentamento e desdobramento de um sem número de traços, reais ou fictícios, biográficos ou textuais, retrabalhados também pelo imaginário. As imagens revigoram a memória, estimulam-na.

O poeta António Aleixo, enquanto personagem, construiu-se na crítica e na boca do povo, e sua vida converteu-se, repetindo Barthes, num *plural de encantos*. Tentativas (algumas até felizes) de mitificá-lo ainda em vida se acentuaram com a morte. A partir daí, foi um fluir ininterrupto de imaginários diversificados e até fabulosos. Os contornos do personagem e do mito permanecem, porém, até hoje, imprecisos. Todos apostam, entretanto, em algumas constantes: a crítica mordaz, as limitações financeiras, a saúde debilitada, o talento para atrair multidões, o gênio criador de retumbantes e inflamadas imagens. Historiadores e biógrafos costumam apresentá-lo como um poeta que teve grande repercussão, nacionalmente, entre os críticos e o próprio povo.

**Figura 4 – Desenho de António Aleixo criado por Tóssan**



**Fonte:** Fundação António Aleixo

**Figura 5 – Aleixo e Tóssan**



**Fonte:** Exposição

Deste modo, a semente do mito se deu, e o mito floresceu e frutificou. Não se sabe a ponta do novelo nem o embaraço das linhas, mas pouco importa. No caso, verdade e ficção, emoção e razão se fundem, se misturam. Cada um quer acrescentar um dado novo, e nesse jogo de dados, de variações e interpretações, os espaços do mito vão sendo preenchidos – porém nunca se preenchem – e a personagem se esculpe nos sons da voz, nos grafos da escritura, nas leituras e releituras críticas, no teatro, nas ruas, escolas, agremiações, nas figurações plásticas, nos espaços culturais, espalhados por todo Portugal e chegando ao Brasil.

Sementes plantadas, aqui e ali, em Portugal, onde são publicados, ditos (e atualizados) poemas como se fossem de sua autoria. Nesse sentido, trago, aqui, a reflexão de J.J. Marques, ao mencionar a secção “Eróticas, Burlescas e Satíricas”, de **Inéditos**:

Refiro-me em primeiro lugar ao seguinte aspecto: depois de mencionar as “quadras” (no sentido de quadras glosadas) “picantes, mas recheadas de humor e malícia” integradas na secção “Eróticas, Burlescas e Satíricas”, que obtivera “por intermédio de velhos amigos do poeta, que as ditaram de memória”, Ferreira confessa: “o nosso trabalho

neste campo consistiu em *dar às versões orais destas ‘quadras’ a forma escrita que nos pareceu mais próxima duma composição de A. Aleixo*”.

É curioso (para os mais rigorosos será talvez arrepiante) ver a boa consciência com que Ezequiel Ferreira *admite ter retocado aqueles versos, de modo a aproximá-los do que Aleixo teria escrito*. Como é que ele sabia determinar qual a forma “mais próxima duma composição de A. Aleixo” é coisa que não diz... Assim como não diz que alterações fez (Marques, 2013, p. 43grifos meus).

Além disso, há uma grande quantidade de versos memorizados de própria autoria do poeta algarvio ou versos criados em que lhe são feitas referências, como o de Natanael Pianço, citado por Ana Paula Guimarães(2000,p. 136) em **Nós de Vozes – acerca da tradição popular portuguesa**:

Não quero ser um Aleixo  
Nem ser Torga nem Miguel  
E uma mensagem vos deixo  
Só quero ser Natanael (Guimarães, 2000, p. 136).

Surgem também paródias, pois vale sempre lembrar que a imagem e a obra de António Aleixo encontram ainda hoje repercussão e ressonância junto ao povo, daí é bom pensar em Mikhail Bakhtin, ao apontar “o coro popular rindo na praça pública” (Bakhtin,1987, p. 11). Esse referido coro era alimentado por parodistas, que se utilizavam de modelos de obras conhecidas e aceitas pelo público para, invertendo-lhes o sentido, produzir novas versões. Os autores parodiados atestavam, assim, sua popularidade. Desse modo, isso se dá com António Aleixo. A repercussão desse poeta é realmente espantosa, sobretudo em Portugal. Em cada canto, em cada esquina, é possível conversar sobre António Aleixo!

**Figura 6 – Escultura António Aleixo em Madeira, de Mário Albano**



**Fonte:** Escultura António Aleixo em Madeira, de Mário Albano, Galeria da Galeria da Exposição, José Manuel Figueiredo, Baixa da Banheira, Vila de Moita, 2019.

**Figura 7 – Estátua do Poeta na Quinta do Lago (Loulé)**



Hoje, António Aleixo, que é verbetado na Nova Enciclopédia Larousse, cuja obra se encontra espalhada por várias bibliotecas em Portugal e fora de Portugal, a exemplo

da Biblioteca Nacional do Brasil<sup>10</sup>, da Library of Congress<sup>11</sup>, da Bibliothèque Nationale de France<sup>12</sup>, é nome de rua, de agremiações culturais, de escolas, com destaque para a Fundação<sup>13</sup> António Aleixo, sediada na Av. José da Costa Mealha, 14 – 1º andar Loulé

**Figura 8 – Placa da Fundação António Aleixo**



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

---

<sup>10</sup> 7ª edição do livro **Este Livro que vos deixo**, publicação de V. Martins Aleixo, 1983, localizada em Obras Gerais IV – 348.3.33

<sup>11</sup> **António Aleixo: o poeta do povo** por António de Sousa Duarte. Lisboa: Âncora, 1999. PQ 9261 – A484 Z67 1999; ALEIXO, António. **Inéditos** (seleção, prefácio, notas, fixação de textos e títulos por Ezequiel Ferreira. Loulé, 1978. NLCS 81/0610

<sup>12</sup> ALEIXO, António. **Inéditos**. Loulé. V. Aleixo, 1978. FRBNF 35232149; **Este livro que vos deixo** (3ª. ed.). Lisboa, 1975 (contém um inédito do autor – O Auto de Ti Joaquim). FRBNF 35408496.

<sup>13</sup> Email: fundacao.aleixo@gmail.com”.

**Figura 9 – Placa da Rua António Aleixo**



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Em texto esclarecedor, o pesquisador e professor português J. J. Dias Marques registra a preciosidade da não tão numerosa coleção de manuscritos de Aleixo conservada na Fundação Manuel Viégas Guerreiro, em Querença, concelho de Loulé (2013, p.48). Registra, ainda, duas outras instituições que conservam manuscritos do poeta: a Biblioteca da Universidade do Algarve, em Faro e a Fundação António Aleixo, em Quarteira/Loulé (e já aqui referida).

Aleixo foi prestigiado na área musical por grandes nomes da canção, com realce para Zeca Afonso<sup>14</sup> e sua famosa **Balada Aleixo**, no LP Cantares de José Afonso, 1967.

Quem canta por conta sua  
Canta sempre com razão  
Mais vale ser pardal na rua  
Que rouxinol na prisão

Adeus que me vou embora  
Adeus que me quero ir  
Deita cá estes teus olhos  
que me quero despedir

---

<sup>14</sup> Zeca Afonso – José Manuel Cerqueira Afonso - (1929/1987), compositor, cantor, poeta, autor de várias canções, incluindo **Grândola, Vila Morena** (Cantigas do Maio, 1971), que virou senha pelo Movimento que instaurou a democracia, em Portugal no dia 25 de abril de 1975.

Com os cegos me confundo	Adeus que me vou embora
Amor desde que te vi	Adeus que me quero ir
Nada mais vejo no mundo	Deita cá esses teus olhos
Quando não te vejo a ti	Que me quero despedir

Figura 10 – Cartaz do espetáculo



Fonte: Acervo pessoal da autora

Aleixo, que escreveu autos, figura também em espetáculos teatrais, a exemplo do espetáculo “Diz-me, António”<sup>15</sup>, um tributo ao poeta algarvio António Aleixo, no Teatro das Figuras, em Faro. Integrado no programa 365 Algarve, é uma coprodução da ArQuente Associação Cultural, com o apoio da Direção Regional de Cultura do Algarve e parceria da Eating Algarve Tours. Trata-se, segundo divulgação, de uma nova criação da Rede Azul - Rede de Teatros do Algarve, revisitando a obra de António Aleixo – na passagem dos 120 anos do seu nascimento – como “um cruzamento artístico entre dança, música e spoken word”.

<sup>15</sup> O espetáculo é uma cocriação e interpretação de Armando Correia, Carolina Cantinho e Pedro Pinto.

A esmola não cura a chaga;  
Mas quem a dá não percebe  
Ou ela avilta, que ela esmaga  
O infeliz que a recebe.

A ninguém faltava o pão,  
Se este dever se cumprisse:  
– Ganharmos em relação  
Com o que se produzisse

Figura 11 – Lápide de António Aleixo, Cemitério de Loulé



Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 12 – Estátua de António Aleixo em Loulé**



Fonte: Acervo pessoal da autora

### **O poeta de cá: Antônio Vieira**

Antônio Vieira  
Nasceu em Santo Amaro  
Tem sobrenome do pai  
O nome, a mãe deu, é claro  
No ano de 49  
Introduziu-se no orbe  
Onde faz o seu trabalho.

Viajou pelo Brasil  
Investigou um bocado  
Escreve em seus cordéis  
Imagens que lhe marcaram  
Resgates e personagens  
Anônimos e consagrados<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Acróstico de Antônio Vieira e constante de todos os seus folhetos a que tive acesso.

Antônio Vieira, com poemas narrativos, capazes de suscitar a curiosidade do ouvinte/leitor, confiava na força de sua imaginação ao rearticular histórias inscritas na tradição, dando-lhes novas cores e fisionomias. Sabia Vieira que sua palavra tinha poder, que poderia repercutir no imaginário social, provocando até certa euforia coletiva, e influenciando os sonhos e até mesmo os destinos, pois que se insinua e penetra nos ouvidos, transmitindo encantamentos pela letra e pela voz.

Sabia, de igual modo, que sua atividade de poeta, nascida no contato direto com o público, abriu caminho para seu sucesso como herdeiro dos trovadores medievais.

Leitores eu vou contar  
E este é meu papel  
De poeta, cordelista  
Cantador e menestrel  
Como tudo começou  
De que forma aqui chegou  
O folheto de cordel (s.d., p.26)

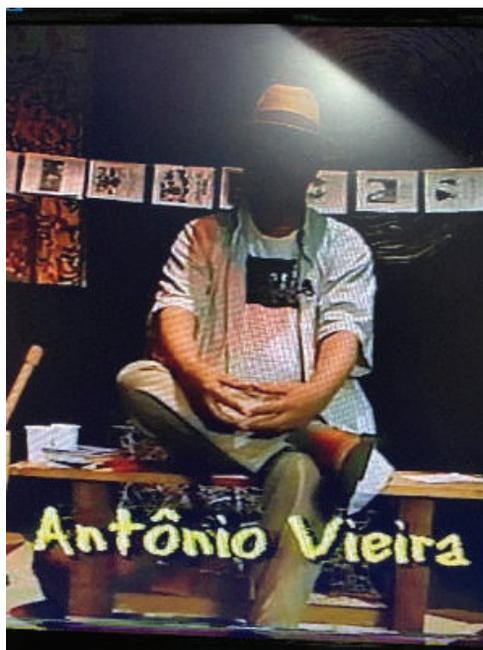
A poética popular narrada em folhetos de cordel já em si transgredir os códigos da escritura, que é um desenho da voz. E, ao romper as linhas que limitam a escrita ao tamanho do papel, essa poética se impõe, transita por espaços moventes e, sinuosa, se molda aos diversos contextos, como o escolhido por Vieira como Cordel Remoçado. Essa proposta de Antônio Vieira traz o diálogo da tradição rural com o urbano, do antigo com o contemporâneo, incluindo a participação do narrador/cantador *in presentia* ou midiaticizado em shows gravados. Mais uma vez busco apoio em Zumthor, ao tratar das atuações dos jograis quando predominava a “*palavra gesticulada dos poetas, a música, a dança, esse jogo cênico e verbal que é linguagem do corpo e colocação em obra das sensualidades carnais*” (Zumthor, 1993, p. 45).

Na proposta poética de Antônio Vieira, o corpo participa da ação de dizer, desde a variada tonalidade da voz ou a estruturação rítmica até a gesticulação corporal, que se manifesta nos movimentos das mãos, nos meneios da cabeça, na curvatura do tronco,

na dança do corpo de um lado para outro, para frente, para trás, num vai-e-vem próprio da atuação performática.

Antônio Vieira compôs seu personagem, movido evidentemente pelo desejo de se distinguir da multidão das praças públicas: usava um chapéu tipo “panamá” e portava um violão como se fosse extensão de seu próprio corpo, marcas de um artista.

**Figura 13 – Antônio Vieira**



Fonte: Acervo pessoal da autora

Antônio Vieira, que começou realmente a escrever e a atuar já no século XXI, nesse terceiro milênio, tinha perfeita noção de sua função de poeta/pesquisador. Nesse sentido, não foi um improvisador – confessava que utilizava a estrutura e o próprio nome de Cordel – e chegou a fazer uma classificação de sua obra, naturalmente ancorado nas classificações feitas por estudiosos

da literatura popular. Deixou uma obra marcada por um elevado teor de intencionalidade, preocupação com os debates acirrados de um novo momento, conformando uma polifonia de narrativas de grande interesse. Trago, aqui, por exemplo, uma de suas propostas, qual seja a da coleção afro-Brasil, com um conjunto de folhetos abordando a temática da africanidade e sua repercussão na formação do povo brasileiro.

No rol de sua produção poética, figuram duas coletâneas – Histórias que o povo conta, volumes I e II – um CD gravado – **Antônio Vieira: o cordel remoçado** – com 12 músicas narradas e/ou cantadas.

Homem sensível e atento à diversidade de seu público, Antônio Vieira sabia seduzir plateias, como ocorria nos shows que eram cuidadosamente preparados. Por conta disso, foi convidado pela TVE (TV Educativa/IRDEB/Bahia) para gravar um especial, o que foi concretizado em 2005.

As atuações performáticas de Antônio Vieira provocaram repercussão na Escola de Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. O professor Dr. Armindo Bião, de saudosa memória, escreveu um prefácio para a coletânea Histórias que o povo conta, de Antônio Vieira:

Há alguns anos, lecionando para jovens estudantes de teatro, da Universidade Federal da Bahia, e tratando com as possibilidades épicas (narrativas) e dramáticas (de ação) do cordel, convidei para fazer uma aula para meus alunos o poeta, compositor e cantor Antônio Vieira, que me foi apresentado por Antonio Marques, estudante da turma. A publicação do livro deste artista hoje aqui (2003, por ocasião de uma feira nacional do livro, na Bahia) é um importante momento do histórico acima relatado. Ler um folheto de Antônio Vieira, em sua presença, numa festa de 13 de maio em Santo Amaro, sua terra, tê-lo fazendo uma nova aula – desta vez aberta – para meus novos alunos da UFBA, há algumas semanas e mais recentemente,

tê-lo num projeto da Fundação Cultural para um público maciçamente jovem (o Julho em Salvador), são outros momentos daquele histórico pessoal, que se completam com as considerações que se seguem. (BIÃO, 2003, p. 12-13)

Em 2004, Antônio Vieira teve a oportunidade de fazer uma viagem a Portugal, desejoso de conhecer a terra de António Aleixo, poeta por quem nutria uma profunda admiração. Lá, fez alguns shows e se encantou com a Universidade de Coimbra.

Em rota de viagem, Antônio Vieira deixou gosto de quero-mais no seu antológico encontro virtual com António Aleixo. Encontro dos dois Antônios. - Antonio Vieira viajou da Bahia para Portugal e o fez no duplo sentido: real e imaginário. Em suas andanças por terra de além-mar, redesenhou um encontro poético insuspeitado.

Na Bahia, sabia muito bem Antônio Vieira que o centro da cidade de Salvador não era somente reduto de sobradões onde se misturam os cheiros de dendê, incenso, cravo e canela. Era também reduto de tipos humanos, populares ou não, que passavam das ruas para a memória, a exemplo de Gregório de Mattos, poeta seiscentista que nasceu no casarão de n° 8 da Praça Anchieta (bem em frente ao Cruzeiro de São Francisco, cruz de mármore erguida em 1807, sob a batuta de Frei José de São Sebastião), expoente maior da nossa poesia barroca e que circunlocou de viola em punho pelos becos e ladeiras, satirizando desafetos pessoais e políticos, ele que era doutor *in utroque jure* pela Universidade de Coimbra.

A viagem que Antônio Vieira fez a Portugal possibilitou-lhe reflexão a respeito de si próprio, de seu país, de seu povo, abrindo espaço para a construção de um discurso sobre o outro. O poeta da terra de samba-de-roda e usinas de açúcar viu sua viagem como um aprendizado, como experiência vivencial e textual. O ritmo é do sujeito que tudo olha, tudo contempla e tudo fixa. O desejo de conhecer os lugares por onde versejou

Antônio Aleixo fez com que, para Antônio Vieira, essa viagem se tornasse mais íntima e imaginária que real. Ao olhar o outro, estabeleceu de imediato um diálogo entre a sua cultura e aquela do outro. Importava, para ele, ler o outro, buscar identidades e diferenças, tentando reviver, através do corpo textual, tudo aquilo que viu ou contemplou.

O olhar de Vieira – aqui, evoco Bachelard – passa de algo passivo para algo ativo, de movimento, não sendo o olho seu símbolo, mas a mão, que tem movimento e é criadora, ao agir sobre o objeto observado (BACHELARD, 1991). Tensão no olhar. Olhar que se transforma em atividade criadora, transferindo para a mão do escritor a fixação dos instantes. Instantes viajados, agora fixados, dinamizados pela imaginação. Nos campos do imaginário, a memória se rearruma, se rearticula, se reorganiza, redimensionando, desse modo, o que foi olhado, tocado, cheirado, ouvido, saboreado. Imaginação que opera, portanto, transformações de dados efetivos que se movem em espaços fluidos e tempos imemoriais.

A viagem de Vieira a Portugal, lugar de espaço e tempo para experimentações, fez vicejar uma nova proposta de escritura: não documento, não testemunho, não memória. Mas um bocadinho de cada, compondo um tecido de múltiplos fios e de intrincados trançados que se expõem nos vários deslocamentos, no trânsito, na errância por opostos espaços, na dimensão cambiante de toda mudança.

Veja-se que suas crônicas/relatos/narrativas de viagem lançaram sementes para seus folhetos, nos quais, por exemplo, Portugal foi muito além de referências históricas, arquitetônicas, e passou a significar um espaço de liberdade por onde os personagens circulam num vai-e-vem incessante. Nesse espaço, aí incluído o cotidiano do trabalhador, do vagabundo, do moleque, há o desfrutar dos prazeres, sugerindo possibilidade de felicidade. Escapam, assim, os personagens de Vieira da dimensão da razão e passam a expressar-se em outro plano, plano tão enevoado, pleno de matizes e cambiantes, plano aberto, sem fórmulas fixas,

rígidas ou definitivas. Nesse plano, tudo pode ser mudado, tudo está em constante ir-e-vir como as insólitas espumas flutuantes.

Viajar é preciso. No confidenciar desse viajor, há a divisão entre a viagem real e a viagem da imaginação. Uma interfere na outra, possibilitando reflexões para a compreensão da opção estética e ideológica do escritor. Nessas viagens, Vieira pensou e refletiu a poesia e as várias dimensões da oralidade e da musicalidade.

Essa viagem para Portugal motivou o folheto *O Encontro de Antônio Vieira com Antônio Aleixo*. Não há aventura impossível para a imaginação do poeta, que viaja solto, sem rédeas, nas asas do vento. Voam os poetas de cordel, obcecados pelos voos.

Espaço e tempo se movimentam e as narrativas ressurgem com novas fisionomias no recôncavo da Bahia. São traços de uma narrativa oral, movente, surpreendentemente camaleônica, que ressurgem nos intrigantes textos de literatura de cordel. Composto de septilhas setessilábicas, e editado com o apoio da Fundação Cultural do Estado da Bahia em 2005, o folheto, já no seu início, indica reverência ao poeta português:

Grande mestre António Aleixo  
Eu estando em Portugal  
Para cantar os meus versos  
Em sua terra natal  
Não lhe pedi permissão  
Para tal intervenção  
Perdoe-me, não fiz por mal!  
Apenas não conhecia  
Sua verve meritória  
Que o povo português  
Guarda viva na memória  
E fala com muito zelo  
Do poeta cauteleiro  
Que deixou o nome na história.

Nesse folheto, o poeta viaja através da imaginação sem travas e sem limites. Aporta o poeta no mundo português e estabelece relações com o mudo de “cá”:

Mas como eu considero  
O mundo um só: lá e cá  
Tomei a iniciativa  
De com você versejar  
Baseado na essência  
Que a sua sapiência  
Me inspirou a cantar.

Fascinado pela vivência entre rios – Subaé-sergi-mirim, Araguaia, Paraguaçu, Tocantinópolis, Arataú, Itapecuru –, o poeta Antônio Vieira, de Santo Amaro/Bahia, era atento observador do difícil cotidiano de seu povo, de um povo sofrido e carente. Não será difícil, portanto, entender a fabulosa viagem que o poeta empreende em busca de um outro espaço. Assim, vai a Coimbra e contempla o Mondego. Contemplação igualmente se dará com a ida a Braga e avista o Douro.

Essa narrativa em versos metrificados é, sem dúvida, baseada em modelos que são recriados com base na circulação de elementos textuais viajantes, nômades, que se combinam aqui e ali, fazendo surgir histórias sempre prontas a se refazer na infinitude das leituras possíveis. Num complexo processo da boca ao ouvido e do ouvido à boca, ocorre o afastamento gradativo da matriz original. E a modificação da matriz original de uma história assentada na tradição tem, a meu ver, um aspecto transgressor, que seduz pela novidade, oriunda da imaginação, essa forma de audácia humana.

A voz do poeta popular inquieta, se adentra em variados mundos, transmite verdades e sonhos, funda reinos fabulosos ou não. Essa voz em mutação se reelabora constantemente, tecendo e retecendo os retalhos da tradição em formas novas e fisionomias particulares.

Escrito por um poeta de acentuado espírito crítico, o folheto híbrido, – septilhas e peleja em quadras - com a versão do encontro fictício entre o Antônio português e o Antônio brasileiro da Bahia, é uma viagem pela imaginação. Com sua palavra cheia e cantante, Antônio Vieira se insere, agora, no rol dos criadores de viagens fantásticas.

A narrativa de viagem real de Antônio Vieira expõe a experimentação ao vivo das mais variadas manifestações artísticas de nossos antepassados portugueses: poesia, música, drama. Na volta, sob a ação da memória e da imaginação, selecionou os fatos experienciados e os metamorfoseou em viagens fictícias.

Antônio Vieira terá sua vida escrita<sup>17</sup>, certamente, por biógrafos, e ela trará a lenda da heroicização. Desde a terra de origem (Bahia) - uma terra mítica, –, até as pessoas que o cercam – parentes, amigos, admiradores –, dizem eles que Vieira foi um homem ímpar, múltiplo e vário. E eu, que cheguei a conhecê-lo, concordo que seus vários perfis se superpõem: o Antônio Vieira de Santo Amaro da Purificação, cantada terra do Recôncavo baiano; o Antônio Vieira na cidade de Salvador, seduzido pelas luzes da ribalta; o Antônio Vieira da família (com Coracy e filhos); o Antônio Vieira agitador, arauto da liberdade; o Antônio Vieira, poeta que figura no panteão de grandes poetas da literatura de cordel; o Antônio Vieira dos palcos, mestre violeiro e exímio cantador; o orador destacado de seminários e entrevistas; o inesgotável combatente, apoiador ardoroso de um pensamento afrodescendente; o Antônio Vieira, modelo de elegância e audácia; o Antônio Vieira dos jovens, o arrebatado paladino da liberdade,

---

<sup>17</sup> Em 2007, foi defendida uma dissertação de Mestrado em torno da obra de Antônio Vieira, sob o título **O Cordel Remoçado: os casos e prosas do poeta cordelista Antônio Vieira**, de autoria de Maria Luiza Franca Sampaio, no Curso de Pós-graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional do Departamento de Ciências Humanas, Campus V, da UNEB (Universidade do Estado da Bahia).

o utópico, o sonhador; o Antônio Vieira das gerações mais velhas, modelo de homem justo, educado, orador brilhante, poeta de estirpe; o Antônio Vieira do povo, o simples, o defensor dos oprimidos, o proclamador das igualdades sociais.

**Figura 14 – Antônio Vieira em atuação**



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Antônio Vieira deixa uma grande contribuição ao conceituar uma nova maneira de pensar o cordel, denominado por ele de “cordel remoçado”, e que consiste na apresentação do cantor recitando/cantando fragmentos de histórias tradicionais em processo de uso da bricolagem com novas histórias de sua lavra, satirizando os acontecimentos, denunciando mazelas. Com força e forte carisma, o poeta exibia gestos, tons de voz adequados a cada narrativa cantada. O poeta Vieira fez, em verdade, uma releitura do cordel, fazendo o texto circular e, desse modo, “costurar” habilmente as linhas da tradição e da contemporaneidade sem deixar entre elas lacunas e “pontos visíveis”.

Ardoroso defensor do prestígio que deveria ser dado à poesia “popular”, A. Vieira buscou estabelecer um diálogo com os poetas sem subserviência, sem tirar seu chapéu como reverência.

A cantora e intérprete Maria Bethânia, também nascida em Santo Amaro da Purificação/Bahia, gravou, ao som de um instigante fundo musical com percussão e levíssimo dedilhar de violão, um irreverente poema de seu conterrâneo<sup>18</sup>:

A nossa poesia é uma só  
Eu não vejo razão pra separar  
Todo o conhecimento que está cá  
Foi trazido dentro de um só mocó

E ao chegar aqui abriram o nó  
E foi como ela saísse do ovo  
A poesia recebeu sangue novo  
Elementos deveras salutares

Os nomes dos poetas populares  
Deveriam estar na boca do povo  
No contexto de uma sala de aula  
Não estarem esses nomes me dá pena

A escola devia ensinar  
Pro aluno não me achar um bobo  
Sem saber que os nomes que eu louvo  
São vates de muita qualidade  
O aluno devia bater palmas

Saber de cada um o nome todo  
Se sentir satisfeito e orgulhoso  
E falar deles para os de menor idade  
*Os nomes dos poetas populares.*

Antônio Vieira foi acometido por um câncer pulmonar. Durante 10 anos, lutou contra essa doença e, segundo me relatou sua viúva,

---

<sup>18</sup> Essa poesia foi declamada por Maria Bethânia no espetáculo “dentro do mar tem rio”. E foi gravada posteriormente no DVD Piratas.

ele dizia sempre “eu estou doente, não sou doente”. Essa doença se espalhou para a medula óssea e o poeta veio a falecer no dia 10 de maio de 2010, deixando mulher e três filhos.

### FOLHETOS<sup>19</sup> DE ANTÔNIO VIEIRA:

1. A medicina altruísta de Doutor José Silveira, xilo : Naizuo, 2001.
2. Santo Antônio de Pádua, a Pérola Maior da Ordem Franciscana, edição especialmente produzida para o Evento Antônio Tempo, Amor, Tradição – ANO V – 2001 (MOSTRA DE ARTE – de 1 a 13 de junho, Centro de Memória dos Correios, desenho s/i, acróstico, 24 p., junho de 2001.
3. Mouraria, tradição Mouro Cigana, desenho s/autoria, acróstico. 16 p. outubro de 2001.
4. A poesia esculachada d’Ele, o Tal Cuíca de Santo Amaro, xilo com a figura do poeta popular Cuíca de Santo Amaro, de autoria do xilógrafo Natividade, acróstico, junho de 2002.
5. Popó do Maculêlê de Santo Amaro, , 2ª edição, desenho, agosto de 2002.
6. O encontro de Besouro com o valentão Doze Homens, 4ª edição, acróstico, desenho s/identificação, setembro de 2002.
7. Usar Chapéu – uma arte milenar, 12 páginas, desenho s/autoria – acróstico, outubro de 2002.

---

<sup>19</sup> Os folhetos eram também denominados por Antônio Vieira de “livretos”. Esses folhetos/livretos foram adquiridos por mim nas mãos de sua viúva (Coracy Vieira).

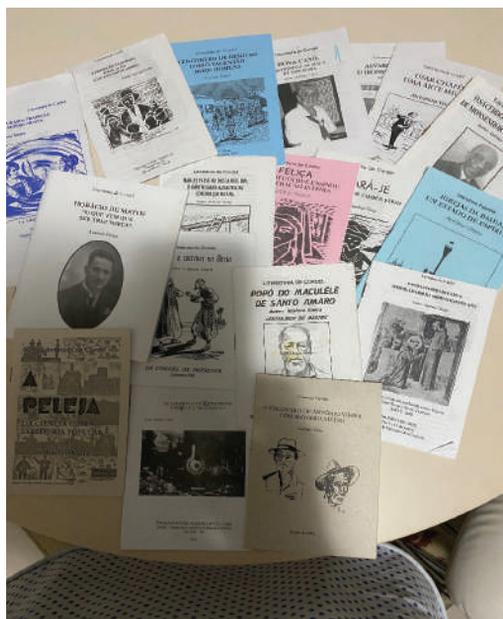
8. Se a ferrovia traz progresso e por que o trem parou ?, 16 páginas, acróstico. Fundação Luis Ademir de Cultura, São Félix/Bahia, 2002.
9. Akará-Je – o mesmo que comer fogo, xilo : Natividade, 8 páginas, acróstico, janeiro de 2003.
10. O sacerdócio humanista de Monsenhor Gaspar Sado, 8 páginas, acróstico, março 2003, foto do Padre.
11. Manuel Faustino dos Santos Lira, o mártir santo-amarense da Conjuração Baiana, desenho s/ident, 12 p., acróstico, abril de 2003.
12. Feliça – uma prostituta que ensinou uma geração inteira, 8 páginas Xilo Luiz Natividade, com acróstico, abril de 2003.
13. Dona Canô<sup>20</sup>, referencial de Mãe e de Sabedoria, 12 páginas, acróstico. Capa, foto de D.Canô, setembro de 2003.
14. Aprende a escrever na areia, desenho sem identificação, 8 páginas, acróstico, com informação aos leitores, no verso da capa, « que a história foi inspirada na obra de Malba Tahan ». Na capa : « Dê cordel de presente »<sup>21</sup>, dezembro 2003.
15. Palmares, a força da raça negra, xilo s/i, 20 páginas, acróstico fora do padrão.
16. páginas, acróstico, fevereiro de 2004.
17. Louvação do poeta à Fundação Cultural do Estado da Bahia, abril de 2004.

---

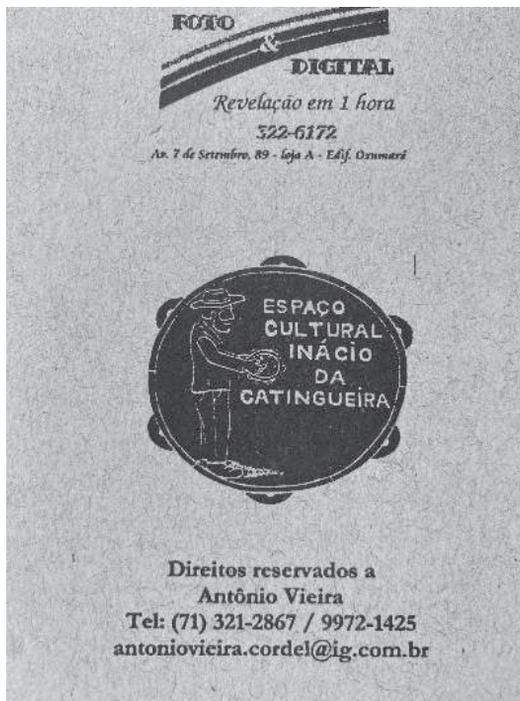
<sup>20</sup> Dona Canô: mãe dos artistas Caetano Veloso e Maria Bethânia.

<sup>21</sup> Essa publicação foi no mês de dezembro e o poeta habilmente chamou a atenção para a tradição de dar presentes no Natal, publicizando seu folheto.

18. Igrejas da Bahia, um estado de espírito, desenho s/ identificação, (Espaço Cultural Inácio da Catingueira), 28 páginas, acróstico, dezembro de 2004.
19. O encontro de Antônio Vieira com Antônio Aleixo, junho de 2005, com 26 páginas e um acróstico. Na capa, desenho dos dois poetas : por Natividade (A. Vieira) e Tossán (A. Aleixo). Contém um texto de Joaquim Magalhães, datado de fevereiro de 1975 – Actualidade Viva de um poeta Morto.
20. Assis Valente, o santamarense que queria ver Tio Sam tocar pandeiro , 8 páginas, acróstico, s/d.
21. A Peleja da ciência com a sabedoria popular, xilo de Gabriel Arcanjo e Luiz Natividade, contra-capa, Hino Nacional de CDA (uma quadra), 65 p. Acróstico. 3ª edição, junho de 2013.



Capas de folhetos de Antônio Vieira, foto da autora



Espaço Cultural Inácio da Catingueira,  
criado por Antônio Vieira e sediado em sua própria casa

## Os dois Antônios: Aleixo e Vieira

Antônio Aleixo e Antônio Vieira viveram em espaços e tempos distintos. Enquanto o Antônio Aleixo viveu um momento em que não se assistia, se vivia, época em que “uma corrente magnética ligava todas aquelas almas, tornando-as solidárias na comunhão emotiva” (Torga, 1960 p. 68), Antônio Vieira viveu e transitou em outros espaços e outra época, exatamente entre as quatro últimas décadas do século XX e a primeira década do século XXI (1962/2010).

Antônio Aleixo ficou dividido entre alguns espaços: o de sua origem em Vila Real (centro piscatório), o de Loulé (agrário artesanal) e onde se deu seu real assentamento a partir da infância, vida instável e por pouco tempo em França, passagem importante por Coimbra.

Nos anos 1930/1940, o poeta conviveu em muitos encontros com reconhecidos algarvios, que se pronunciavam quanto ao inconformismo da política, eram anticlericais e com assentados princípios éticos (Dias, 1977).

O conjunto da obra de António Aleixo mostra um grau elevado de insatisfação com o mundo. A melancolia e a sátira compuseram a maior parte de sua obra e isto é um consenso entre os pesquisadores.

Antônio Vieira também ficou dividido entre alguns espaços: o de sua origem como filho mais velho do dono de um pequeno armazém na cidade de Santo Amaro da Purificação (quando criança, escrevia “versinhos” no papel de embrulho das mercadorias), depois a circulação por vários estados do Brasil, a serviço de uma instituição federal (INCRA), até se firmar em Salvador, capital da Bahia. Mas, quis atravessar o Atlântico para sentir os ares da terra por onde transitou o poeta português António Aleixo.

O conjunto da não extensa obra de Antônio Vieira mostra uma consciência de seu fazer artístico como uma forma de conscientizar seu povo e fazer isto também de maneira divertida, em busca por reinventar alegrias. A sátira de sua poesia convergia para uma sátira “jocosa”, em que o riso se unia à reflexão, pois não visava o cômico. Assim, de maneira camaleônica, apontava sua ironia trançada de sutilezas para tratar da realidade social da época.

Por sua presença, impressa de forma indelével na memória dos poetas, dos cantadores, dos estudiosos da cultura popular, dos intelectuais e do próprio povo português, como figura de proa, agitador, referência, António Aleixo, artista de destacada produção, um *expert* na arte da *performance*, transformou-se em líder e numa espécie de modelo.

Antônio Vieira ainda é muito pouco estudado e, portanto, não tem uma fortuna crítica, mínima que seja, sobretudo no Brasil, um país que mantém, não tão aparentemente mas com um delicado desdém, uma separação entre os poetas “eruditos” e “populares”. Muito me chama a atenção, em Portugal, uma aura mítica em torno do Aleixo, o que acho instigante e bastante pertinente.

A própria reverência de parte do poeta Antônio Vieira diante da obra de Aleixo foi o eixo central para este estudo. Seduzido pela obra poética de Aleixo, Vieira (2005, p. 5-6.10) buscou identificar-se, de certa maneira, com o poeta português.

Por termos muito em comum  
Desde as raízes da terra  
Porquanto seu sangue bom  
As minhas veias preserva  
No ano 49  
Eu cheguei aqui no orbe  
Você foi pra vida eterna

As nossas vidas coincidem  
Nascemos no mesmo mês  
Você no dia dezoito  
Dezenove foi minha vez  
Você veio cá, primeiro  
E o mês de fevereiro  
Nos recebeu bem cortês.

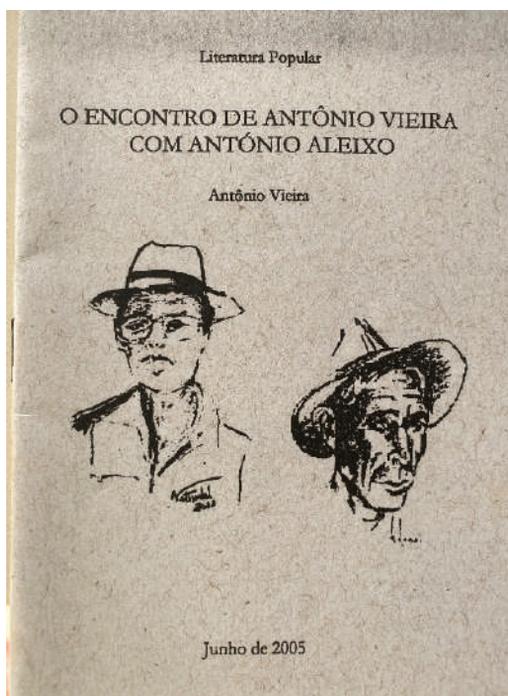
E a partir de agora  
Eu passo a versejar  
Baseado em sua obra  
As cantigas de atirar  
Vou repetir uma linha  
Com a qual eu faço a minha  
Quadra que vai se casar.

E, assim, em pleno período de uma pandemia, covid-19, meu deslocamento para pesquisas, aqui no Brasil, se deu movido pelo imaginário. Em companhia desses dois poetas, busco perambular pelas ruas de Loulé ou da Bahia, insistindo na captação dos sentidos, do olfato ou da audição de momentos não vividos. Por intermédios desses poetas, recomponho mapas e, imaginariamente, percorro ruas, becos, mercados e feiras populares para, em seguida, desenhá-los na minha escrita.

Assim, esses poetas procederam, observadores infatigáveis da vida sociopolítica de sua polis.

Escrito por um poeta de acentuado espírito crítico, o folheto híbrido<sup>22</sup>, – septilhas e pelega em quadras - com a versão do encontro fictício entre o Antônio português e o Antônio brasileiro, é uma viagem pela imaginação. Com sua palavra cheia e cantante, Antônio Vieira se insere, agora, no rol dos criadores de viagens fantásticas.

A narrativa de viagem real de Antônio Vieira expõe a experimentação ao vivo das mais variadas manifestações artísticas de nossos antepassados portugueses: poesia, música, drama. Na volta, sob a ação da memória e da imaginação, selecionou os fatos experienciados e os metamorfoseou em viagens fictícias.



<sup>22</sup> **O Encontro de Antônio Vieira com Antônio Aleixo**, folheto de autoria de Antônio Vieira, 2005. Este folheto se encontra na Biblioteca do Congresso Americano, AFC 1970/002: M08302.

## À guisa de conclusão ou pensando em concluir

Se, por um lado, utopia pode parecer um discurso ilusório, por outro, se apresenta como um possível entendimento do real, capaz de transformar o ilusório numa função construtiva do discurso poético. Desse modo, as decepções, os fracassos, as enganações convergem para a criação de novos mundos. Seriam esses novos mundos um refúgio e um testemunho da inadequação à realidade vivida? Daí o chamamento para a utopia nesse mundo já considerado “distópico” e agora mais acentuada fica essa distopia por conta de um “novo normal” ou mundo “pós-pandêmico”.

As reflexões em torno das obras desses dois poetas apontam uma temática abrangente que traz reflexões sobre cultura, memória, tradição e invenção, traços que convivem conosco neste nosso mundo de hoje, marcado pela instabilidade e pela imprevisibilidade, pela movência e pelo diálogo

Neste início de milênio, em que a humanidade em crise (econômica, política, ideológica, religiosa, ética, afetiva) aferra-se a incertos valores e duvidosas certezas, na busca do paraíso perdido do passado, ou de instaurar o paraíso possível do futuro, creio que talvez valha a pena enveredar pela memória e pela resistência, sob o foco da cultura.

Nas entrelinhas desse texto, ecos e sons coreografam a dança saborosa do(s) saber(es), que, como Barthes vislumbrou, não têm qualquer tipo de fim, conclusão, alvo ou porto.

Este texto toca, aqui, pois, em assuntos candentes para se pensar a relação da globalização e a diversidade cultural e faz um convite: olhar para o mundo e a vida, não como espaços de certeza, de precisão, de hierarquias traçadas, mas antes de tudo como espaços moventes, prismáticos, onde o que interessa é a iluminação, ao contrário de luzes ofuscantes que impedem o olhar. O ouvinte não vai se guiar por certezas absolutas, mas por curiosas indagações que se mostram no espaço de reflexões sobre temas importantes.

Tendo por base dois poetas populares inseridos no par memória/movência, este texto organizou-se, intencionalmente, no (des)compasso de sequências. Ao fim e ao cabo, pretendi com essa (des)organização erguer uma espécie de *babel* cultural, na qual textos desses poetas tenham voz, em que nos seja permitido ouvir as falas em sua multiplicidade, e enxergar cintilâncias de significados.

Cultura é expressão, expressão que revela sentidos potenciais e infinitamente multiplicados. Assim, a possibilidade de as culturas se aproximarem, se tocarem, dialogarem e até mesmo se completarem, mantendo suas individualidades como signos que produzem interpretantes com modos semelhantes de expressão, ainda que por meios diferentes, ou suportes, para falar contemporaneamente.

As culturas não são excludentes, e, muito pelo contrário, desembocam num ponto de confluência. E nesse ponto, com base nas “estratégias sensíveis” (SODRÉ, 2016, p.X), o “lugar singularíssimo dos afetos” atravessa e ilumina meu núcleo de investigação que envolve a ideia de voz como espaço de fronteiras entre culturas, como um tecido de tramas entre memória, história, encenação (corpo), traço, olho e letra - diferentes vozes que permeiam o que chamamos de poética das culturas orais - e que, inscritas no presente, formam teias de contato com aquelas vozes marcadas na história.

Falo de textos que, resguardados pela impressão tipográfica, trazem marcas acentuadas da voz, textos hibridizados entre silêncio, voz, gesto, imagem, mas percebidos também como performance do corpo, onde se dá a plenivalência da voz viva, dos fenômenos que remetem à vocalização, à visualização e à gestualidade. O que se pretendeu aqui foi priorizar a voz poética enquanto corpo e imagem. Na escuta de uma voz, na mirada de uma imagem, o leitor/receptor reencontra uma sensibilidade “anestesiada”, “adormecida”. O leitor/receptor, agora despertado, passa a ser uma espécie de coautor. E o despertar, enfim, de novos olhares, bem como o rompimento de um modelo estático

e convencional de nossas percepções, constituem-se em pontos fulcrais de reflexão sobre o poético como um *locus* de resistência e transgressão.

A poesia não foi feita para ser lida tão somente em silêncio. Exige ser pronunciada, proferida em voz alta, já que a palavra original é voz, é som. E a voz é a semente inaugural de toda comunicação.

Apesar de escrita na maioria das versões e destinada, pois, a ser lida, a poesia traz em sua origem, e até mesmo no corpo de sua escritura, a vibração da voz. O que a caracteriza, antes de tudo, é seu acento oral (mais acentuado, gritante, mais sutil), seus aspectos performáticos (em maior ou menor grau), ou até mesmo uma voz sem corpo (na ausência do poeta ou “diseur”), apenas eco ou som de um fantasma, que invade nossos ouvidos.

Essas narrativas em versos metrificados são, sem dúvida, baseadas em modelos que são recriados com base na circulação de elementos textuais viajantes, nômades, que se combinam aqui e ali, fazendo surgir histórias sempre prontas a se refazer na infinitude das leituras possíveis. Num complexo processo da boca ao ouvido e do ouvido à boca, ocorre o afastamento gradativo da matriz original. E a modificação da matriz original de um texto assentado na tradição tem, a meu ver, um aspecto transgressor, que seduz pela novidade, oriunda da imaginação, essa “forma de audácia humana”, como acentuou Bachelard.

A voz do poeta popular inquieta, se adentra em variados mundos, transmite verdades e sonhos. Essa voz em mutação se reelabora constantemente, tecendo e retecendo os retalhos da tradição em formas novas e fisionomias particulares.

Ambos os poetas aqui redesenhados, porém, expõem o real, transfiguram-no imaginariamente, com o intuito de inscrever, no espaço da página em branco ou no palco da oralidade, o traçado cambiante de suas múltiplas viagens pelas veredas da poesia.

## REFERÊNCIAS

- ALEIXO, António (1983). *Este livro que vos deixo....* Loulé: Edição de Vitalino Martins Aleixo.
- BACHELARD, Gaston (1991). *O Direito de Sonhar*. 3. ed. Trad. José Américo Mota Pessanha. Rio de Janeiro: Bertand Brasil.
- BAIRON, Sérgio (2002). *Interdisciplinaridade – educação, história da cultura e hipermídia*. São Paulo: Futuro.
- BAKHTIN, Mikhail (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC.
- BIÃO, Armindo (2005). Prefácio. In: VIEIRA, Antônio. *Histórias que o povo conta*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, p.3-4.
- COSTA, Hélder Mateus da. *Encontros Imaginários*. Lisboa : A Barraca, 2015.
- DUARTE, Antonio de Sousa (1999). *António Aleixo – o poeta do povo*. Lisboa : Âncora.
- FERREIRA, Ezequiel (1978). Prefácio. In : *Inéditos*. Loulé : Edição de Vitalino M. Aleixo, p. 15-51.
- FINNEGAN, Ruth (2008). O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance? In: MATOS, Cláudia Neiva et. al. (orgs.). *Palavra Cantada – Ensaios sobre poesia, música e voz*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p, 27.
- GUIMARÃES, Ana Paula (2000). *Nós de Vozes*. Lisboa : Edições Colibri.
- JAKOBSON, Roman (1973). La génération qui a gaspillé ses poètes. In: *Questions de poétique*. Paris: Seuil, p. 120-193.
- MAGALHÃES, Joaquim (s.d.). *Ao encontro de António Aleixo*. Lisboa : Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, p. 43.
- MAGALHÃES, Joaquim (1992). Antonio Aleixo – testemunho em forma de apontamento breve sobre a vida e a obra do poeta. In : *Literatura Popular Portuguesa – Teoria da Literatura Oral/ Tradicional/ Popular*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, p. 289-301.

MARQUES, J. J. Dias (2013). Os manuscritos da Poesia Lírica de Antônio Aleixo : subsídios para a sua edição crítica. In : *Antônio Aleixo – uma homenagem*. Loulé : Edição da Câmara Municipal de Loulé, p. 39-76

MATOS, Edilene (2018). A voz e suas poéticas. In: Revista Repertório. Salvador: PPGAC/UFBA, nº 30.

MELO, Daniel (2010). *O essencial sobre a cultura popular no Estado Novo*. Coimbra : Angelus Novus.

SODRÉ, Muniz (2016). *As Estratégias Sensíveis – afeto, mídia e política*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

SOLTERER, Helen (1998). Performer le passé – rencontre avec Paul Zumthor. In : *Paul Zumthor ou l'invention permanente*. Genève : Librairie Droz S.A., p. 117-159.

TYNIANOV, J. (1971). Da Evolução Literária. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). *Teoria da literatura; formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, p.116.

VIEIRA, Antônio (2005). *O encontro de Antônio Vieira com Antônio Aleixo*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia.

ZUMTHOR, Paul (1993). *A Letra e a Voz*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras.

ZUMTHOR, Paul (2000). *Essai de poétique médiévale*. Éditions du Seuil, 2000.

ZUMTHOR, Paul (2010). *Introdução à Poesia Oral*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Maria Lúcia Pochat. Belo Horizonte/São Paulo: Editora da UFMG/Humanitas.

---

Edilene Matos é ensaísta e professora/pesquisadora da Universidade Federal da Bahia. Doutora em Comunicação e Semiótica/Literaturas (PUC-SP), publicou vários artigos e livros. Desde 2017, ocupa a Cadeira nº 13 da Academia de Letras da Bahia.



# EU VENHO LÁ DO SERTÃO... E POSSO LHE AGRADAR

ANTÔNIO TORRES

*Eu sou do sertão. O sertão tem muitas veredas, como diz o mestre Guima. No sertão, afinal de contas, a gente bebe uma selvagem metafísica. Aliás, sou do sertão, modéstia à parte, como também o mestre Villa-Lobos. Esta é a mistura – o resto é coisa do cão, do demo, do sol, do amor. Está por dentro?*

Assim falou Glauber Rocha, em entrevista a este que vos fala, quando do lançamento em São Paulo de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, o que aconteceu na noite de 31 de agosto de 1964. Estamos nos referindo ao baiano de Vitória da Conquista que estourou nas telas do país e de meio mundo – ou mundo e meio – com um filme rodado em Monte Santo e Cocorobó, sertão brabo. Com *Deus e o Diabo na Terra do Sol* Glauber fez mais do que um marco do Cinema Novo. Ele nos legou um dos melhores filmes de todos os tempos, que é também um divisor de águas do imaginário sertanejo pós-Guimarães Rosa, e que ficou na memória do espectador aqui como o romance que ele gostaria de ter escrito.

*Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com uma casa de morador, e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado de arrocho de autoridade.*

Mesmo tendo gerado uma das maiores obras da literatura brasileira de todos os tempos (*Grande Sertão: Veredas* - quem não sabe?), considerada pelo mexicano Juan Rulfo, autor do antológico *Pedro Páramo*, o melhor romance já escrito no continente americano

(ele disse isso para 150 escritores de todo o mundo, reunidos num congresso em Sófia, Bulgária, no ano de 1985); mesmo que tenha sido desvendado no clássico *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que exaustivamente situa a terra e o homem num ensaio histórico e sociológico que expõe as tensões entre um litoral dito civilizado e o mundo sertanejo bravio; mesmo tendo sido devassado pelo cinema, em maus e bons filmes, alguns até geniais, como o já citado *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e, antes dele, *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos; pela dramaturgia televisiva e teatral, pela música popular (*Quando eu vim do sertão/ Seu moço, do meu Bodocó/ A malota era um saco/ E o cadeado era um nó... Prepare o seu coração/ Pras coisas que eu vou contar/ Eu venho lá do sertão/ Eu venho lá do sertão/ E posso não lhe agradar... E o sertão vai virar mar/ E o mar vai virar sertão...*), o sertão ainda é pouco, para não dizer totalmente desconhecido do brasileiro urbano, sobretudo os das capitais do sudeste, do sul e da faixa litorânea.

- Sertão é a roça, não é? – pergunta um motorista de táxi carioca. – Eu nunca saí do Rio, como é que vou saber o que é?

Há também quem defina sertão como *o que fica lá longe, no mato*.

Não seria sertão uma corruptela da palavra desertão?

Vamos ao dicionário:

“Sertão 1. Região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas. 2. Terreno coberto de mato, longe do litoral. 3. Interior pouco povoado. 4. Onde perduram tradições e costumes antigos”.

Nem tudo se restringe ao reducionismo dos verbetes.

“Muitos são os sentidos possíveis, literais e literários, para a palavra sertão” – escreve a professora Viviane Cristina Oliveira, da Universidade Federal do Tocantins, em *Contemporâneos – o sertão, a literatura e a tragédia*, artigo publicado em *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, volume 30, no. 2, de 2021. Ela adiciona o mais geral deles, o topográfico, que o liga à ruralidade, para chegar ao sertão como toponímia física, subjetiva e imaginada,

espaço marcante da ficção nacional, com suas múltiplas e heterogêneas experiências, que embaralham corpos, narrativas, tempos e espaços, de forma a permitir novas miradas para conceitos polêmicos, e não menos interessantes, como literatura regional ou regionalista, da qual a professora Viviane analisa o caráter trágico de textos de autores contemporâneos, entre os quais se destaca o cearense Ronaldo Correia de Brito.

Nessa literatura, sertão ainda é *onde manda o mais forte, com o poder das astúcias*? E até Deus, quando for lá, que vá armado, lembrando-se que *bala é um pedacinhozinho de metal*? Será que o sertão de *muié séria e homi trabaiadó*, de coronéis, jagunços e cangaçeiros, onde o homem, para ter validade, tem de pegar em armas para mudar o destino – e armas bem primitivas, como o rifle e o punhal –, sim, será que esse sertão ainda existe? Seja o que ele for, hoje, que romance ainda é capaz de dar? E o conjunto dessa obra será merecedor de um Prêmio Machado de Assis, um Prêmio Guimarães Rosa?

A resposta está nas livrarias, nas resenhas, em monografias, dissertações, teses universitárias e, até, nas listas de best-sellers, sendo este o caso de *Torto Arado*, do baiano Itamar Vieira Júnior.

### **Sinopse:**

Nas profundezas da Chapada Diamantina, as irmãs Bibiana e Belonísia encontram uma velha e misteriosa faca na mala guardada sob a cama da avó. Ocorre então um acidente. E para sempre as suas vidas estarão ligadas, a ponto de uma ser a voz da outra. Numa trama bem urdida, o romance conta uma história de vida e morte, de combate e redenção, num sertão escravista, décadas depois da Abolição.

*Torto Arado* foi publicado primeiro em Portugal, graças a um prêmio que ganhou da editora que veio a lançá-lo, a Leya. Ao sair aqui, pela Todavia, viria a receber duas das mais importantes

premiações nacionais, não tardando a se tornar um sucesso de crítica e de público. E virou um fenômeno do mercado editorial, o que há muito tempo não acontecia com um ficcionista brasileiro. E mais: tal feito não deixa de significar a quebra de um tabu que vem há muito do tempo, como se pode ler nas entrelinhas da história a seguir.

Na página 116 da revista *Veja* de 30 de junho de 1976, Affonso Romano de Sant’Anna, um mestre das Letras, conta que um dia o ficcionista e crítico literário carioca Otávio de Faria fizera a Graciliano Ramos a advertência de que o sertão já havia se tornado uma terra exaurida para os romancistas, ou seja, não dava mais romance. Ao que o escritor alagoano retrucara: “Santo Deus! Como se pode estabelecer limitações para estas coisas” – e fez a obra que fez, acrescentou Affonso, mineiramente.

Ao longo do tempo, porém, não faltou quem viesse a fazer coro com Otávio de Faria (1908-1980). Estamos falando do 5º. ocupante da cadeira 27 da ABL (hoje ocupada pelo poeta Antonio Cícero), o premiado autor da ambiciosa *A Tragédia Burguesa*, um amplo painel do Rio de Janeiro enfiado em 15 volumes. Otávio de Faria não estaria sozinho no descarte do que viesse a ser enquadrado como literatura regional, rotulada como *arte de baixa qualidade estética*, ainda que o dito regionalismo (ou talvez por isso mesmo) tenha gerado o monumental *Grande Sertão: Veredas*, que em 1956 faria o romance brasileiro avançar largos passos além dos já avançados desde *Memórias póstumas de Brás Cubas*, do Modernismo de 1922, e de *Vidas Secas*, um ícone do ciclo nordestino da década de 1930.

Estudiosa desse assunto, a professora da USP Lígia Chiappini Moraes Leite - hoje na Universidade Livre de Berlim -, em *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*, artigo lido num congresso em Portugal e publicado na revista *Estudos Históricos* (número 8, Rio, 1975), arrematou a questão da seguinte maneira:

*O regionalismo, que setores da crítica literária consideravam uma categoria ultrapassada, continua presente e, até mesmo, tornado tema de pesquisas muito atuais, ganhando uma amplitude maior na intersecção dos estudos literários e artísticos, históricos e etnológicos.*

André Tessaro Pelinser (UFRN), um dos organizadores do livro *Notícia da atual literatura brasileira* (Ed. Cousa, Vitória - ES, 2020), e Márcio Miranda Alves (Univ. de Caxias do Sul, RS) dão provas desse crescente interesse acadêmico pelo assunto em um trabalho publicado na revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, da UnB, edição de janeiro a abril de 2020, em que se lê:

*Representado de maneiras distintas pelos românticos, pela ficção de “fin-de-siècle”, pelos romancistas da década de 30, e recuperado em viés inesperado por Guimarães Rosa, já na metade do século XX, é inegável que o sertão tenha se tornado um importante tópos literário no Brasil. Dito de modo redutor, o tema passou de uma perspectiva idealizada em seu início, a uma visão progressivamente crítica, conforme se desenvolveu.*

Ao analisarem a permanência das marcas do Regionalismo na prosa contemporânea, Pelinser e Alves não deixam de ressaltar que o tema tem sido renegado pela crítica e por escritores, naturalmente - aventa o autor destas linhas -, os de teclas mais afinadas com as ondas cosmopolitas, seguros de estarem acima do que Silviano Santiago chama de *cosmopolitismo dos pobres*, no caso de se ficar apenas na leitura do título de uma obra que faz uma alentada análise das políticas de globalização e identidade na cultura brasileira, estabelecendo as relações entre cosmopolitismo e localismo na literatura e no cinema etc. Não custa lembrar de que autor se trata: Silviano é um mineiro internacionalíssimo, que tanto fez de Graciliano Ramos, Machado de Assis e Antonin Artaud personagens de romances seus (*Em Liberdade*, uma continuação de *Memórias do Cárcere*, Machado e *Viagem ao México*),

quanto escreveu *Stella Manhattan*, também romance, e o livro de contos com improvisos de jazz, *Keith Jarret no Blue Note*. E que foi da *Genealogia da Ferocidade*, um ensaio sobre *Grande Sertão: Veredas*, ao *As raízes e o labirinto da América Latina*. Multifacetado e prolífico, Silviano Santiago parece nos dizer que em literatura tudo vale: o sertão pode virar mar e o mar virar sertão. Desde que se acrescente uns pontos surpreendentes aos contos já contados. Mas sim: o que Silviano vem fazendo significa muito mais do que o exposto neste parágrafo. Que passe, porém, a liberdade de trazê-lo para uma velha discussão, da qual ele sempre esteve muito acima.

Itamar Vieira Júnior não terá sido o único a não se intimidar com tais querelas, como veremos a seguir:

## 1 - Vasto Mundo

Em 2001 estreava na literatura, e de forma impactante, uma missionária católica, formada em língua e literatura francesa, mestre em sociologia, e pedagoga com uma vida dedicada à educação popular para crianças e adultos em diferentes regiões do país. O que a levou a percorrer sertões e periferias, trilhando os redutos dos pobres. A sua determinação levou-a a correr mundo: do México à Argélia, da França à China, do Timor Leste a Angola. Em Cuba, morou ao lado de Gabriel García Márquez e andou pelas ruas na companhia de Fidel Castro.

Trata-se de Maria Valéria Rezende, a freira que não enverga o hábito de religiosa carola: viu nascer e ajudou a construir a Teoria da Libertação, fumou uns baseados, lutou contra a ditadura militar, defende o aborto legalizado, e é a idealizadora do coletivo literário feminista Mulherio das Letras. Com toda probabilidade possível a sua rica trajetória contribuiu decisivamente para torná-la uma das nossas escritoras mais relevantes, aqui e agora.

Nascida em Santos em 1942, onde permaneceu até os 18 anos, Maria Valéria viveu no interior de Pernambuco e da Paraíba,

vindo a radicar-se em João Pessoa, ali sendo agraciada com o título de Cidadã Honorária.

Na sua itinerância, ela perguntava e ouvia. “E de tanto perguntar e ouvir, passou a carregar um mundo inteiro dentro de si”, assim a definiu o jornalista Taís Ilhéu, no *Le Monde Diplomatique* de 21.5.2018.

Antes de chegar ao livro, seus escritos, batidos à máquina e costurados à mão, circulavam entre uma casa e outra do sertão. Nesse tempo, Maria Valéria escrevia apenas para se divertir e presentear os amigos. Um deles, Frei Betto, encantou-se com os seus escritos, a ponto de introduzi-la oficialmente ao mundo editorial. Foi assim que *Vasto Mundo* ganhou letra de forma, abrindo o caminho de uma autora que passaria a colecionar edições de seus romances, contos, histórias para crianças e adolescentes, elogios da crítica, prêmios, traduções, homenagens em festivais literários.

Em *Vasto Mundo* Maria Valéria reúne 18 narrativas, envolvendo personagens cujas vidas se entrelaçam, tendo ao fundo um solo rico que, mesmo castigado pelas intempéries, tudo vê e tudo grava. Ou seja, o chão seco em que se ergueu a fictícia Vila da Farinhada sabe tudo de seus habitantes: mulheres de fibra, homens destemidos, artistas itinerantes, charlatões, beatas, jovens sonhadores, religiosos progressistas... Todos a orbitar entre dois eixos temáticos - a subversão e a utopia. Significando isto que a subversão atende a um apelo popular e instaura a utopia por um breve tempo, na síntese perfeita de Marília Kubota, em resenha publicada na revista *Ponto e Vírgula*, da PUC-SP, edição de 5.12.2017.

No *Vasto Mundo* que forma o imaginário de Maria Valéria Rezende entra em questão os significados atribuídos ao sertão na literatura brasileira contemporânea, como no seu romance *Outros Cantos*, de 2016, tão bem recebido quanto os anteriores: *Quarenta Dias* (2014) e *O voo da Guará Vermelha* (2015), assim como o que veio depois, *Carta à Rainha Louca* (2019). Isso para ficarmos só com a sua produção no gênero que lhe deu régua e compasso.

## 2 - Nhô Guimarães

A história começa com uma pergunta - “Nhô Guimarães por aqui?” – feita por uma octogenária, presumivelmente postada à porta de sua casa, à margem de uma vereda do grande sertão. Como se ela passasse o resto de seus dias a esperar a volta daquele que extraiu os sentidos fabulosos da fauna e flora, códigos de honra e desonra, valentia e ignorância, e, sobretudo, das raízes de uma fala, quem sabe já em extinção, de um mundo do qual parece ser a última remanescente. E assim, de cara, Aleilton Fonseca nos prende a uma narrativa construída por atalhos, ao modo sertanejo, e a nos remeter às origens de um universo real que se tornou lendário. E o faz com imaginação.

Ao leitor caberá fazer as identificações.

Do cenário aos métodos do personagem que dá título ao livro e paira por trás do relato como figura de carne e osso – melhor dizendo, de chapéu, gibão, cadernos de anotações e muitas excelências -, e, ao mesmo tempo, mística: um cavaleiro que, levantando a poeira da estrada, chega a um lugar, em princípio indeterminado. Ele nem precisa apeiar-se do cavalo para encher os seus alforjes de memórias, ao estilo de Nhô Guimarães, o médico-fabulador que descobriu o valor medicinal das ervas com os vaqueiros, ao ser curado de quebranto por um deles, o Manu, tão lembrado no romance de Aleilton.

É com esta estratégia e uma única cena, a da velha senhora à porta de sua casa à frente de uma vereda, a desfiar recordações para o seu ouvinte, e uma bem dosada sequência dos capítulos, que Aleilton Fonseca resgata uma prosa cheia de beleza, cuja oralidade passa por um apuro formal que lhe filtra os cacoetes e excessos. Mas sem abdicar do colorido, do ritmo e sabor das conversas num avarandado ou ao pé do fogão para espantar o medo das assombrações ou se livrar das más lembranças.

“O melhor mesmo da história é o capricho da prosa”, diz a anciã narradora, nos dando uma aula sobre o que é mais importante num romance.

*Nhô Guimarães* é o primeiro romance de Aleilton Fonseca, publicado em 2006 pela editora carioca Bertrand Brasil. Baiano de Firmino Alves, ele é professor da Universidade Estadual de Feira de Santana e membro da Academia de Letras da Bahia. Sua produção é bem diversificada, em prosa e verso. O seu livro mais recente, *A Terra em Pandemia* (Mondrongo, Itabuna, Ba, 2020) levou o imortal (da ABL) Antonio Carlos Secchin a defini-lo como “consagrado romancista e poeta de finas tonalidades líricas, (que) volta a nos surpreender com este vigoroso poema épico (ou antiépico?)”, no qual “flagra, com rigor e destemor, os duros tempos que vivemos [...] sem jamais abdicar do compromisso para com a qualidade literária”.

Em 2009, o mesmo Aleilton publica um segundo romance, também pela Bertrand, tendo o universo sertanejo como cenário. Em “O pêndulo de Euclides” ele relata a viagem que empreendeu a Canudos, em busca dos sentidos ocultos de uma aventura humana trágica e épica, em que o sertão despertou e foi silenciado. E é esse silenciamento que o leva a um corpo-a-corpo com o presente do lugar, para recolher dos seus habitantes a matéria viva que comprovará que a guerra tida e havida como do fim do mundo não é um assunto exaurido. Assim como o sertão na ficção, como estamos vendo, cada vez mais.

### 3 - Galileia

*O meu sertão é a paisagem através da qual eu interpreto o mundo, o de hoje, o globalizado, o que rompeu com as tradições. Interessa-me a decadência, a dissolução. Meus personagens migram, sofrem o embate com as outras culturas. Sei que tenho sido vítima de preconceitos pela escolha dessa paisagem.*

Ronaldo Correia de Brito

Dizia o finado Albert Einstein que é mais fácil destruir um átomo do que um preconceito. O que Ronaldo Correia de Brito diz ter sentido nos bastidores das Letras não chegou a causar

entraves significativos à sua carreira literária, pode-se presumir, pelo rumo que ela tomou. A força da sua obra levou-a a ser publicada por uma grande editora nacional (a Alfaguara, do grupo Companhia das Letras), a ter uma forte presença na mídia, a conquistar prêmios e traduções, a lhe abrir as portas dos festivais internacionais (Bogotá, Paris, Frankfurt, Pequim), e a ser escritor residente na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

De Saboeiro para o mundo, para parafrasear um famoso slogan da Rádio Jornal do Comércio, de Recife, onde Ronaldo Correia de Brito assentou praça, aos 18 anos.

Nascido na microrregião de Inhamuns, em plena mesorregião dos Sertões Cearenses, em 1951, Ronaldo ainda era uma criança quando foi levado pela família para a cidade de Crato, no Cariri, ali morando até a hora de ir para a universidade, optando pela UFPE, na capital pernambucana, onde passou a frequentar o departamento de extensão cultural dirigido por Ariano Suassuna, uma vereda para as Letras.

Começou pelo conto, com uma linguagem concisa e cortante, já senhor de um estilo laureável: o seu primeiro livro, *Três Histórias da Noite* (Edições Bagaço, 1989) faturou o Prêmio Governador do Estado de Pernambuco, prenúncio de uma trajetória exitosa.

Ainda assim Ronaldo passou a matutar sobre o desprestígio do conto. Foi aí que sua mulher, Avelina, lhe pôs nas mãos uma reportagem que iria se tornar um dos temas de *Galileia*, publicado em 2008 pela Alfaguara, recebido como o romance que balançou a roseira e sacodiu a poeira da literatura fincada no sertão, levando o seu autor a ser aclamado como o retratista mais moderno daquele mundo arcaico.

Pronto. O pós-modernismo chegava à ficção regionalista, na percepção imediata da crítica, para a qual este é o resumo da ópera: personagens que migram, embrenhando-se em outras culturas, com seus deslocamentos identitários. A vida, as mortes, o silêncio da caatinga e o barulho da modernidade. Fragmentos da cultura

oral e popular. Hibridismo cultural. Os laços que agregam e desagregam nas famílias. Dureza e poesia em perfeito equilíbrio. Revisita às tradições literárias para criar um texto contemporâneo original, ainda que sob a égide dos grandes temas recorrentes da literatura. Fragmentos da cultura oral e popular: tradição e ruptura. E tudo numa atmosfera que se sustenta justamente pela representação do universo sertanejo, dividido entre a manutenção de elementos, costumes e modos de vida antigos e uma modernização precária, insuficiente, acentuando o contraste entre o urbano e o rural.

A pauta acima rendeu a Ronaldo Correia de Brito uma vasta obra, tendo ao centro uma tetralogia romanesca do sertão, e mais uma contística em 6 volumes, peças teatrais e histórias infanto-juvenis, numa prova eloquente de que o preconceito que disse ter sofrido não o amofinou.

#### 4 - Céus e Terra

Na sequência, seguindo as datas de publicação de cada caso exemplar aqui apresentado, faz-se a vez de um romance de 2016, que chegou às livrarias com um Prêmio Sesc nas costas e a chancela da editora Record na capa. No ano seguinte recebeu o Prêmio São Paulo de Literatura na Categoria Estreante com mais de 40 anos. E levou o seu autor à Primavera Literária e ao Salão do Livro de Paris. Ele se chama Franklin Carvalho, baiano de Araci, ex-distrito do Raso, no caminho das boiadas, pelo sertão dos tocós ou pindás, hoje chamado de território do sisal. Conta-se por lá, galhardamente, que Araci é nome de índia e significa Aurora. Essa tradução foi belamente arredondada para *A mãe do dia*, saudada no hino da cidade assim:

*Ilumina com luz aguerrida/ Já que és o sol na linguagem tupi...*

*Céus e Terra* tem por cenário essa Araci tão particular na história de Franklin Carvalho, que dela carregou a memória de suas ruas mal iluminadas, casas antigas cheias de lendas, o esoterismo

dos anos 1970, inclusive na TV, figuras icônicas, suas tragédias, superstições. Neste seu primeiro romance, Franklin – que mora em Salvador, onde é jornalista, com graduação em Comunicação Social e pós-graduação em Direito do Trabalho - valeu-se de experiências pessoais da sua infância, quando a morte lhe roçou a nuca, conforme contou à jornalista Mariana Moreno, em entrevista para o blog da Record: aos 6 anos perdeu o pai e, logo depois, dois amiguinhos. *Sobrevivi em meio a indagações*, ele acrescenta, esclarecendo, porém, que as imagens da cidade que povoaram os seus sonhos não lhe traziam pavor, mas uma munição para a criação literária, sobretudo depois que descobriu o cinema de Luís Buñuel e os textos dos surrealistas.

Em *Céus e Terra* Franklin Carvalho engendra uma trama em torno de três mortes, ocorridas no ano de 1974: um menino, um cigano e um lavrador. Logo de entrada ele deixa claro que a sua pegada é forte:

*Quando eu tinha 12 anos, fui ajudar a tirar um homem da cruz.  
Encontrei-o morto e acabei morrendo também.*

O menino, a quem chamam de Galego, é degolado por um acidente. E é ele o narrador da história, tornando-se um pequeno fantasma que tudo vê sem ser visto, vindo a se tornar um santo popular, cultuado pela população em suas orações.

Dois dos primeiros leitores desse romance de Franklin Carvalho foram os escritores gaúchos Cíntia Moscovich e Luiz Antônio de Assis Brasil, que não lhe pouparam elogios.

Cíntia:

*Com uma linguagem colorida, lírica e densa, a trama é conduzida com bastante segurança e agilidade, e todos acompanhamos a trajetória desse menino sem cabeça que vai se tornando um mito dentro da cidade e um sábio dentro dele mesmo, como se a morte, de fato, pudesse conter a chave de todos os mistérios.*

Luiz Antônio:

*Eis aqui uma narrativa de quem domina, com talento, a arte do romance.*

Acrescente-se que Franklin Carvalho chegou ao romance depois de dois livros de contos independentes, *Câmara e Cadeia* (2004) e *O encourado* (2009). Em 2020 ele venceu o Prêmio Nacional de Literatura da Academia de Letras da Bahia com *A ordem anterior do mundo*, publicado pela 7 Letras. Desta vez, ele se inspirou nas viagens que fez pelo interior do Brasil, das quais retornou com a mala cheia de dramas, assombrações e personagens estranhos. Como lhe desejou a conceituada Cíntia Moscovich, sua leitora de primeira hora, e que viu brilho no seu texto, que tenha vida longa e produtiva.

## 5 - Danação

Contista muitas vezes premiado, Luís Pimentel carrega o seu primeiro romance com o mesmo nível de tensão que o conto requer, num relato de carpintaria intrincada em três planos.

Primeiro: os capítulos são enunciados (quando não, concluídos) por poemas que fazem parte da trama, como uma espécie de voz subterrânea a embasar o torvelinho das ações, antepondo-lhes uma mítica plasticidade, e a lembrar os coros que faziam as marcações dos atos nas tragédias clássicas.

Segundo: toda a ação se concentra num personagem chamado José, alma anônima cuja trajetória do campo para a cidade se faz numa danação irremediável, quando todo um projeto de vida se transforma num sonho absurdo.

Terceiro: ao fundo, *flashbacks* joycianos, com fluxos de consciência que dão a medida das origens danadas de José, e imprimem densidade psicológica à narrativa.

Mas, acima de tudo, é o texto de Luís Pimentel que fala mais alto. É ágil, cadenciado, expressivo, danado... de bom!

*A mãe tinha dores nos ossos, nas costas, nas pernas, nos ombros, gemia, gemia, chorava, chorava, voltava a gemer e a chorar, a se maldizer e a se lamentar, porque o marido partira, as dores ficaram, o filho estava sem emprego, o outro sem escola, a filha sem rumo na vida, o sol incomodando a vista, a inexistência de um aparelho de TV, o rádio quebrado, o tempo parado, o vento ventando, o céu meio assim e meio assado, um dia limpo e outro nublado, a cabeça doendo, as varizes inchadas, um filho querendo café, outro pedindo cuscuz, cadê o açúcar, mãe?, o café com leite, mãe?, a farinha de mesa? Cadê a felicidade que eu botei aqui?*

Nascido em Itiúba, desmamado em Gavião, como ele mesmo diz, e criado em Feira de Santana, que considera a sua cidade natal, Luís Pimentel vive há anos no Rio de Janeiro, onde fez da Bahia toda a sua alma literária. Ainda há pouco ele publicou “Esconjuro – a corda e o cordel na Revolta dos Alfaiates”, uma obra de ficção inspirada na baianíssima Conjuração dos Búzios. A eclética produção de Luís Pimentel abrange o romance, o conto, a poesia, a literatura infanto-juvenil, o teatro e personagens ou aspectos da música popular brasileira.

Fechemos este breve painel com um tributo ao estabelecido das balizas que fizeram do regionalismo “um gênero literário típico e brasileiro por excelência”, no dizer de Otto Maria Carpeaux. Seu nome: Afonso Arinos. Vem a ser o autor de *Pelo Sertão – Histórias e Paisagens*, escrito de 1888 a 1895. Publicado em 1898, antecedeu em 4 anos o de Euclides da Cunha, e entrou para a história da literatura brasileira como o abridor da estrada em que tantos ficcionistas vieram, e ainda vêm, a trilhar. Guimarães Rosa não lhe negava a filiação, em conversas particulares, chegando a confessar que acrescentara *Veredas* ao *Grande Sertão* para que ele não fosse confundido com o título de Arinos.

Eleito para a ABL em 1901, para ocupar a cadeira 40 – hoje ocupada pelo economista Edmar Bacha -, nela ele foi recebido, em 1903, por Olavo Bilac, que descreveu a sua literatura como “uma larga ponte batida de sol, lançada entre o passado

e o futuro”. Para Bilac, na pena de Afonso Arinos o português do Brasil “passava da garganta do pardal para a do sabiá, num abrandamento de escala com um quebro langoroso que lhe veio a redobrar o encanto”.

Mudam-se os tempos, os falares e os dizeres do sertão, mas o encanto pelo seu imaginário ainda continua por aí – conforme os exemplos trazidos aqui -, mesmo com as disposições em contrário. O que lembra uma fala do capitão Corisco, o Diabo Louro, na voz de Othon Bastos, em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*:

*Se eu morreré, nasce outro...*

---

Antônio Torres é autor de 12 romances e mais seis livros, entre ensaio, contos e crônicas. Na sua obra, destaca-se a célebre trilogia ficcional, composta pelos romances: *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006). Traduzido em diversos idiomas, recebeu importantes prêmios nacionais, inclusive o Prêmio Machado de Assis, da ABL (2000), pelo conjunto da obra. Eleito em 2013, ocupa a Cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras. Em 2019 tornou-se titular da Cadeira nº 1 da Academia Petropolitana de Letras. Seu romance mais recente é *Querida Cidade* (Rio de Janeiro: Record, 2021). Desde 2015 ocupa a Cadeira nº 9 da Academia de Letras da Bahia.



## O CONTO DE JORGE MEDAUAR

ARAMIS RIBEIRO COSTA

Jorge Emílio Medauar, um filho de sírio-libaneses, nasceu no dia 15 de abril de 1918 num povoado no Sul da Bahia, entre Ilhéus e Itacaré, chamado Água Preta do Mucambo, depois Vila de Água Preta do Mucambo, que o poder público, sempre tão pouco poético e tão pouco reverente à sabedoria popular, teve o mau gosto de rebatizar de Uruçuca, ao elevar à categoria de cidade. O povoado fazia parte do distrito de Ilhéus, uma terra inspiradora de escritores e poetas de grande valor e de grande fama, como se o cacau, a fonte de riqueza da vasta região, o ouro vegetal brotado das roças e do suor dos trabalhadores, aguçasse a inteligência nesse sentido. O que significa que Medauar oficialmente nasceu em Ilhéus. Morreu no dia 3 de julho de 2003, em São Paulo, onde residia com a mulher Odete, e onde viveu a maior parte da sua vida, passando com frequência pelo desprazer de ser considerado um escritor baiano pelos paulistas e um escritor paulista pelos baianos. Acontecimentos, aliados à sua própria literatura, entretanto, demonstraram ser ele efetivamente um escritor baiano residindo em São Paulo.

Quem o conheceu presencialmente, ainda que não tenha convivido com ele, mas apenas conhecido de passagem, há de ter ficado impressionado com a sua personalidade irritadiça e inquieta, por vezes exigente e mal-humorada, sempre pronta a surpreender com algum gesto, atitude ou dito, quase um personagem de ficção, ou pelo menos alguém que poderia inspirar a criação de um ótimo personagem de ficção. Dava a impressão de estar sempre insatisfeito, e sempre prestes a explodir.

Quando num restaurante, ou num bar, por exemplo, os garçons sofriam com ele, as reclamações e as exigências não cessavam, como se ele ali estivesse para gerenciar a casa, e não para divertir-se. De qualquer modo, nunca se sabia o que ele ia fazer no minuto seguinte, o que ia dizer, do que ia reclamar, e esse era mais um aspecto curiosíssimo da sua personalidade. Tudo isso com o máximo de seriedade, sem a mínima intenção de ser divertido ou de chamar atenção, como se ele próprio não percebesse as suas idiossincrasias, ou simplesmente não pudesse ser de outra maneira. Como resultado, difícil encontrar alguém que tenha conhecido pessoalmente Jorge Medauar e não lembre algum episódio interessante para contar sobre ele. Esta é, pelo menos, a visão de alguém, como eu, que esteve com ele duas vezes na Bahia, e guarda, desses encontros, lembranças indeléveis.

Felizmente, do mesmo modo que pessoalmente marcava e surpreendia, os contos que publicou em livros por editoras do Sul do País, que tinham a possibilidade de uma distribuição nacional, igualmente marcaram e surpreenderam, e sempre positivamente, pela qualidade e sedução da maneira de narrar e também por conta do interesse despertado pelos enredos, motivados por circunstâncias regionais, passadas num tempo equivalente ao da sua infância. É como se a surpresa, na sua personalidade, com desdobramento ou consequência na literatura, tivesse a capacidade de tornar autor e obra dignos de atenção e interesse, fazendo com que tanto um quanto outro não passasse despercebido.

Jorge Medauar não chegou a ser uma celebridade, nem mesmo um nome consagrado, a ponto de, como pessoa, ser identificado em todo o país. Mas, como autor, tornou-se bastante conhecido e considerado nos meios literários enquanto viveu. Isso tanto na poesia quanto na prosa de ficção. Depoimentos de quem conviveu longamente com ele em São Paulo dão conta do seu amplo relacionamento com intelectuais, escritores e poetas notáveis da sua época, e seus livros, que chegaram, quase todos, à segunda edição, costumavam trazer opiniões altamente

elogiosas de nomes famosos das letras nacionais, como Alceu Amoroso Lima, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, João Guimarães Rosa, Antônio Lins e outros, sem falar do crítico literário e contista Hélio Pólvora, dez anos mais novo do que ele, mas seu particular amigo e conterrâneo da mesma região sul-baiana, o que significa um amplo e abalizado reconhecimento de críticos e escritores de ficção de mais de uma geração por seu trabalho de escritor, que, diga-se de passagem, não foi pequeno nem de curta duração.

Foi igualmente um autor premiado. Conquistou o prestigioso Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, na categoria “Contos / Crônicas / Novelas”, em 1959, um dos dois anos em que Jorge Amado foi agraciado na categoria romance. E aqui será interessante lembrar que o criador de *Gabriela, cravo e canela*, da mesma região sul-baiana e apenas seis anos mais velho do que ele, também o tinha na mais alta conta como ficcionista, não deixando de citá-lo sempre que se referia aos ficcionistas baianos de sua particular estima.

Também participou de um sem número de antologias de contos nacionais, algumas estrangeiras, sendo praticamente obrigatória a sua presença em antologias de contos baianos organizadas a partir da segunda metade do século XX, do que são exemplos as antologias *Panorama do conto baiano*, de 1959, da responsabilidade de Vasconcelos Maia e Nelson de Araújo, editada pela Imprensa Oficial da Bahia; *Histórias da Bahia*, de 1963, das Edições GRD com prefácio de Adonias Filho; *O conto em vinte e cinco baianos*, de 2000, organizada por Cyro de Mattos e editada pela Editus; *Antologia panorâmica do conto baiano — século XX*, de 2004, organizada por Gerana Damulakis e editada pela Editus; e *Histórias dos mares da Bahia*, de 2016, organização de Cyro de Mattos e também editada pela Editus, as três últimas fazendo parte da importante Coleção Nordestina, publicação das editoras das universidades brasileiras do Nordeste. Em outras teve o seu conto incluído, mas essas serão suficientes para mostrar, em larga extensão de tempo, a inclusão do seu nome no panorama do conto baiano.

Não se trata, neste breve artigo que apenas registra a sua presença no rico cenário da ficção curta baiana, de lhe traçar a trajetória, ainda que resumida, nem de lhe analisar a obra, que, como registrado, não se restringiu à prosa de ficção. Mas, como hoje pouco se fala e se sabe sobre ele, será interessante dizer que, após estudos na sua cidade natal e também em Salvador, transferiu-se primeiro para o Rio de Janeiro, onde exerceu o jornalismo no *Diário de Notícias*, e depois para São Paulo, onde foi diretor geral da sucursal paulista de *O Globo*, tendo sido também diretor da *TV Paulista*, Canal 5. Na capital do café, uma cidade que à época crescia mais do que o país, além do jornalismo e de uma ininterrupta atividade intelectual, foi igualmente publicitário, fundou, foi diretor e professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing, dirigiu o Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo e participou do Conselho Estadual de Cultura daquele estado. Assim, os seus retornos à Bahia eram esporádicos e por curtos espaços de tempo, mas conservou nas terras baianas, particularmente no Sul da Bahia, amigos e admiradores, de que é demonstração o seu ingresso, como membro efetivo, na Academia de Letras de Ilhéus e também na Academia Grapiúna de Letras. O fato é que, como escritor, autor de vários livros, jamais, na ficção, abandonou a paisagem física e humana de sua infância, a linguagem, os costumes e os valores da gente de sua pequena Água Preta, na qual ele viveu quando ainda se chamava Vila de Água Preta do Mucambo. Embora residindo em São Paulo, em meio a cenários e pessoas tão diversos daqueles dos começos de sua vida, com linguagem, expressões e comunicação também diversos, levado, ele próprio, a viver e pensar diferente, conseguiu manter as raízes fundas da memória na terra de origem, buscando nessa única vertente a seiva poderosa da sua criação literária. Daí, ser inequívoco dizer-se que foi, efetivamente, um autor baiano, e não apenas pelo nascimento. Mais do que isso, um autor grapiúna, expressão referida por Adonias Filho para designar os habitantes das terras do cacau, no Sul da Bahia.

Foi primeiro poeta, e só depois ficcionista. Publicou cinco livros de poesia: *Chuva sobre a tua semente*, em 1945, *Morada da paz*, em 1949, *Prelúdios, noturnos e temas de amor*, em 1954, *À estrela e aos bichos — sonetos*, em 1956, e *Fluxograma — poema*, em 1959, fazendo, com eles, um bom nome como poeta, antes mesmo de publicar o primeiro livro de contos, *Água Preta*, em 1958 — por sinal que no mesmo ano em que o conterrâneo Hélio Pólvora estreou com *Os galos da aurora*, e, como Hélio, já começando com um livro premiado, pois foi com esse volume inicial que recebeu o Prêmio Jabuti, e também o Prêmio Jornal do Comércio. Como poeta, costuma ser enquadrado na famosa geração de 45, a que retornou ao rigor formal, após os versos livres da geração de 22. Já como ficcionista, especializado em narrativas curtas, tal como seus conterrâneos Vasconcelos Maia e Hélio Pólvora, pode ser considerado, para um começo de conversa, e numa tentativa aligeirada de caracterizá-lo, um contador de casos, ou de histórias, ou, ainda, de estórias, diacronismo linguístico com o qual, no Brasil, o modismo quis denominar, por um tempo, a história inventada. A sugestão, aliás, vem do próprio Medauar, ao intitular um de seus livros de contos *Histórias de menino* (1961) e outro *Jorge Medauar conta estórias de Água Preta* (1975), além de denominar a trilogia formada pelos volumes *Água Preta*, *A procissão e os porcos* e *O incêndio*, de *Histórias de Água Preta*. O “histórias” e “conta estórias” não estão aí por acaso.

Essa caracterização, “um contador de casos, ou de histórias, ou, ainda, de estórias”, sem qualquer intenção depreciativa ou pejorativa, pelo contrário, tendo em alta consideração os autores que sabem contar um caso ou uma história, mas que, inevitavelmente, o coloca na vertente que se aproxima da narrativa oral, prendendo a atenção do leitor, como no passado os contadores populares prendiam a atenção do ouvinte por meio de enredos curtos e claros, não o exime, entretanto, de revestir suas narrativas da qualidade literária mais exigente, tanto na linguagem e na frase, quanto no próprio desenvolvimento narrativo,

associando a singeleza e a fluidez dos relatos aos atributos da prosa de ficção do mais alto nível. Notável, nesse particular, é o uso apropriado da linguagem popular, de expressões regionais e de arriscadas, porém bastante adequadas transposições do linguajar oral cotidiano e inculto para a escrita, sobretudo nos diálogos, tais como “home qual”, “vou pedir que ele mesmo conte cuma é que foi”, “avie, menino drumente”, “me dê uma cachacinha aí, mode aguentar a espera”, “bás-tarde” e muitas, muitas outras expressões e vocábulos adulterados, em toda a obra, sem que, absolutamente, isso comprometa a estética e a qualidade da escrita, menos ainda a compreensão.

Os personagens desse contador de casos de Água Preta, como aponta Hélio Pólvora no prefácio de *O incêndio* (2ª edição, 1978), são “o trabalhador rural, o comerciante de secos e molhados, o farmacêutico que também dá consulta, o médico, o soldado de polícia, o tropeiro, o doido do lugar, a comadre, a catimbozeira, o jagunço, o pescador, o coronel, o vendedor ambulante com seu tabuleiro e o humilde diarista das cidades sul-baianas”. Uma rica e recorrente galeria de tipos humanos comuns e essenciais ao povoado humilde, à região, à época, às circunstâncias, porém alicerçados na inevitável condição humana, universal e atemporal. E aqui está, nesse contista de temas e ambientes limitados e circunscritos, o cerne da universalidade e da atemporalidade da própria ficção literária. Essas personagens, que são fundamentais, imprescindíveis, marcantes, necessárias ao lugar e à época, o interior da Bahia na primeira metade do século XX, mas que, por isso mesmo, são criaturas distantes do torvelinho das cidades grandes e modernas, como já eram as principais capitais do país no tempo do autor, refletem, entretanto, e largamente, os mesmos sentimentos e questões existenciais de toda a gente, em todos os locais e em todas as épocas, tornando-se, além de curiosas e interessantes por suas singularidades, perfeitamente e permanentemente compreendidas.

As situações e os sentimentos tocam a sensibilidade do leitor. A título de curiosidade, em toda a obra, do primeiro ao último livro, surpreendem o bom caráter e a bondade de certos personagens, o que, aliás, infelizmente sempre surpreende, na literatura e na vida. Vê-se esse inusitado aspecto em contos como “O Dinheiro do Caju”, “O Cigano” e “Suicídio em Água Preta”, este particularmente, no qual o gringo Emílio (sírio-libanês? o pai de Medauar?) nega a uma viúva a existência de uma caderneta de fiado, com as anotações da dívida do marido morto, livrando-a, dessa maneira, de um prejuízo que dificultaria em muito a sua vida. Uma página exemplar sobre a difícil generosidade humana. Entretanto, esses personagens convivem com a violência, o perigo, a pobreza, a luta pela sobrevivência, a desconfiança e, sobretudo, a capacidade de enfrentar, vencer e aceitar tudo isso.

A manutenção de um mesmo cenário e a propositada recorrência de personagens, mesmo quando o autor sai um pouco de Água Preta e ambienta em Ilhéus ou arredores, pode induzir, aqui e ali, como, por exemplo, em *Visgo da terra* (1983), volume formado por vinte contos, ao pensamento de um romance de costumes, ou uma extensa crônica a abordar aspectos variados de uma mesma sociedade, cujo todo levasse a pensar em romance; mas, justamente por não haver um enredo único, ou um fio condutor a apontar para a unidade de uma trama, e cada episódio ou circunstância ser independente, não deixa dúvida a respeito do gênero, que é o conto. Aliás, *Visgo da terra*, volume editado pela Record com o apoio do Instituto Nacional do Livro, e que mais se aproximaria dessa interpretação, está classificado na ficha catalográfica como livro de contos, o que afasta qualquer intenção do autor de fazê-lo passar por romance.

Por outro lado, deve-se prestar atenção à narrativa “A Proissão e os Porcos”, que dá título ao volume de 1960, o segundo da trilogia *Histórias de Água Preta*, e terceiro da “Coleção Alvorada”, da Livraria Francisco Alves. Mais extensa que o habitual, dividida em capítulos, girando em torno de uma única circunstância,

porém com desdobramento, ou seja, na direção de uma estrutura menos fechada que a costumeira do conto, essa encantadora narrativa bem poderia ser inserida na classificação de novela curta, daquele tipo que consagrou Stefan Zweig, por exemplo. Desse modo a considerava o autor, tanto que, na ficha catalográfica do volume *A procissão e os porcos*, classifica-o de “contos e novela”. Mas não há dúvida de que o ficcionista Medauar é um contista. Essencialmente, basicamente, e quase que exclusivamente — exceção dessa novela, ou quase novela — um contista. E os contos são lineares e relativamente curtos, havendo um ou outro mais extenso, como, por exemplo, “O Cigano” e “O Enterro”, presentes em mais de uma coletânea. Obedecem a um mesmo plano narrativo e apresentam, todos eles, o mesmo ritmo, como se essas características acentuassem a permanência de um mesmo contador, e as histórias fossem narradas numa rede e à sombra de uma árvore copada, quem sabe à volta de uma fogueira, em noite de lua cheia. Mostram-se, essas narrativas, encantadoras na sua linguagem peculiar, quase sempre rústica e por vezes poética, de uma rudeza que transmite veracidade, mas também de uma poesia que enternece, como se esse autor, de personalidade tão insólita, fosse efetivamente um especialista na arte de surpreender, até mesmo no confronto entre alguns aspectos de sua maneira habitual de ser e o produto de sua arte. O fato é que esses contos se mostram deliciosos pelo que contam e pela forma de contar, ainda mais pela forma de contar do que pelo que contam, embora também surpreendam pelo que contam, fechando, nessa completude, o desejado círculo da sedução do leitor.

Sendo, a poética que perpassa por esses escritos, brotada exatamente do aqui registrado genuíno linguajar do povo, uma linguagem captada, recriada e transmitida por um autor culto — além disso bom poeta —, isso merece especial destaque.

O volume *Viventes de Água Preta* (1996), editado na Coleção Literatura Regional Brasileira, coordenada por Assis Brasil para a Rio Fundo Editora, do Rio de Janeiro, não chega a ser um livro síntese,

como *Histórias da gente baiana*, de Vasconcelos Maia, pois deixa de fora várias ótimas narrativas. Foi, entretanto, organizado pelo próprio autor na sua maturidade, quando praticamente já esgotara a sua veia criativa, e contém algumas de suas melhores páginas, treze ao todo, retiradas de seus outros livros de contos. Passa, pois, por uma antologia autoral, grandemente significativa, ou representativa de sua ficção curta. Encontrando-se inteiramente esgotado, foi o título escolhido para figurar na Coleção Mestres da Literatura Baiana, da Academia de Letras da Bahia com a Assembleia Legislativa da Bahia, em 2016, uma publicação póstuma. Serve, assim, perfeitamente, para dela retirarmos alguns exemplos do que aqui está sendo dito a respeito dessa poesia posta na prosa.

Em "O Dinheiro do Caju", o primeiro dos contos apresentados nesse livro e uma de suas histórias mais comoventes, pode ser encontrada uma observação como esta:

Chegou a sentir uma espécie de orgulho, de doçura, de mel escorrendo no coração, vendo-o repetindo exatamente seus movimentos.

E esta:

No caminho para a feira, de propósito, deixou o filho dirigir o jegue. E mais uma vez seu coração engordou, com uma espécie de orgulho.

Ainda no mesmo conto:

O sol já vinha furando o céu.

O caso, o pai que, enternecido, descobre que o filho cresceu e é igual a ele, predispõe às pinceladas poéticas. O mesmo não se dá na história seguinte, "O Caso do Morto", onde a descrição magistral e horrenda de um cadáver sendo devorado, como carniça, pelos urubus famintos, não apenas desencadeia

o próprio conto como marca, desde o início, a dureza do relato. Mas, ainda assim, o poeta Medauar não se contém e aparece para dizer:

João Gomes e a mulher voltaram para casa em silêncio,  
mas com qualquer coisa no coração muito mais escura que  
a noite.

Na terceira história, "Os Cabras de Lampião e o Natal", a poesia como que se solta e se esparrama pelo texto:

Água Preta voltou para seu sossego, para suas tardes de  
cigarra tinindo no sol, o canto da araponga de Aderno,  
as noites silenciosas chuvizando estrelas, cortadas apenas  
pelo coaxo da saparia nas lagoas e nos brejos. De manhã  
cantavam galos nos outeiros e a vida corria feito o rio, que  
rumorejava manso por entre as pedras.

Mas não é só poesia. É poesia e exatidão, a exatidão obtida por meio da poesia. Aqui está a descrição de uma cena, em "O Incêndio":

No começo, umas labaredas curtas tremelicavam, sopradas pelo vento. As centelhas depois foram subindo, ganhando altura, se espalhando. Como se um fole de ferreiro soprasse por debaixo. O vento desandou de banda, esparramou o enxame de fagulhas, tangendo-o por cima dos capins estorricados: o capinzal gemeu, estralejou, sacudindo a cabeleira incendiada.

A linguagem, aqui várias vezes destacada, embora guarde a sua originalidade e deva ter sido forjada na convivência desses habitantes da antiga Água Preta do Mocambo, bem mais que por qualquer possível influência literária, ainda assim faz crer, na época da sua formação, a leitura entusiasmada, ou mesmo o estudo de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. O título, aliás,

*Viventes de Água Preta*, dado a essa seleta da maturidade, já supõe, no mínimo, uma homenagem ao autor de *Viventes das Alagoas*. A simplicidade das tramas e a brevidade dos textos, em toda a sua obra ficcional, poderiam, igualmente, remeter o estudioso do trabalho de Medauar ao contista de *Insônia*, não estivesse a separar os dois autores a própria essência narrativa, em Graciliano, com maior frequência, mais intimista e subjetiva, em Medauar mais formal e episódica, por vezes motivada por um mero incidente, como em "Cavalo Empacado". Nesse relato, igualmente incluído em *Viventes de Água Preta*, o súbito empacamento do cavalo preferido do coronel, no caminho por entre os matos, serve de pretexto a uma página de mestre, onde se comparam os caprichos do animal e do homem, na sábia observação do humilde trabalhador que presencia a cena.

Embora não mergulhe em profundidade no íntimo das suas criaturas, e anote os sentimentos no compasso narrativo, como se apenas fizessem parte do contexto, apresenta um conto como "A Noiva", obra-prima de trama psicológica que fecha esse volume aqui comentado. No conto "A Noiva" o elemento desencadeador é unicamente o sentimento do personagem, que se modifica por uma circunstância imprevisível e surpreendente para ele próprio, personagem, mas certamente também para o leitor, sem deixar de ser perfeitamente aceitável e compreensível para quem toma conhecimento desse curto e impactante enredo. Ao modificar-se, o sentimento, modifica a circunstância, o que justifica o conto. Trata-se, pois, de uma trama que se fundamenta no íntimo do personagem, e traz, no seu inusitado, e mais uma vez, a surpresa – marca subjetiva e recorrente nos contos de Jorge Medauar. Ainda aí, entretanto, e bem de acordo com o ritmo e a extensão narrativa do gênero conto, o conflito interior é registrado com pinceladas firmes e breves, sem prolongamentos ou grandes sofrimentos, como se houvesse pressa em decidir a circunstância e o próprio episódio, reafirmando a exatidão e a brevidade, outras marcas desse contista, cujo interesse parece ser mesmo o de apenas contar os seus casos o mais convincente

e encantadoramente possível, sem maçar ou fazer bocejar o leitor, seu suposto ouvinte, e, principalmente, sem perder o efeito único desejado pela narrativa curta, o que ele consegue de uma maneira excepcional.

Foi dita e repetida a ideia, aqui não preconceituosa nem pejorativa, pelo contrário, enaltecedora, de que Jorge Medauar é um contador de casos. Para encerrar, é preciso dizer que esse contador de casos, autor de oito livros de ficção, participando de um sem-número de antologias nacionais e estrangeiras, louvado pelos colegas de ofício, aclamado por um público que, embora pequeno, acompanhou-o com interesse e admiração, pode ser hoje um autor pouco conhecido e pouco lido nacionalmente, mas é, e quem o lê percebe facilmente o acerto desse conceito, um grande contista, dos maiores da Bahia e do Brasil.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Aramis Ribeiro. “Viventes Revividos”, prefácio de *Viventes de Água Preta*, 2ª edição, de Jorge Medauar. Salvador: Academia de Letras da Bahia / Assembleia Legislativa da Bahia, Coleção Mestres da Literatura Baiana, vol. 12, 2016.

MEDAUAR, Jorge. *Água Preta*. São Paulo: 1958.

MEDAUAR, Jorge. *A Procissão e os Porcos*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, editora, 1960. Coleção Alvorada, vol.3.

MEDAUAR, Jorge. *O Incêndio*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1963. Coleção Vera Cruz, vol.55.

MEDAUAR, Jorge. *Jorge Medauar Conta Estórias de Água Preta*. São Paulo: GRD. Brasília: INL, 1975.

MEDAUAR, Jorge. *O Incêndio*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições Antares. Brasília: INL, 1978. Coleção Diadorim.

MEDAUAR, Jorge. *Visgo da Terra*. Rio de Janeiro: Record. Brasília: INL, 1983.

MEDAUAR, Jorge. *Viventes de Água Preta*. Rio de Janeiro, RJ: Rio Fundo Editora, 1996.

---

Aramis de Almada Ribeiro Costa é baiano de Salvador, de 1950, autor de mais de duas dezenas de livros de literatura, entre eles os romances *Uma varanda para o jardim*, *O corpo caído no chão* e *As meninas do coronel*, sendo o seu mais recente livro de contos o volume *Incêndio na fábrica de móveis*. Foi membro efetivo do conselho Estadual de Cultura da Bahia, é sócio efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, membro titular do Instituto Genealógico da Bahia, e desde 1999 ocupa a Cadeira nº12 da Academia de Letras da Bahia, tendo sido presidente de 2011 a 2015



# MEMÓRIAS DE CINEMA

## *Um passeio afetivo*

CARLOS RIBEIRO

Estranhas veredas da percepção. Eu, que há muito venho procurando identificar, em sons, imagens, gestos e movimentos, o que seja efetivamente uma OBRA DE ARTE, tive aquele que talvez tenha sido o meu mais pleno deleite estético diante de uma simples porta em cuja superfície incidia um sol que se punha, numa tarde qualquer. Deitado em uma cama, num apartamento localizado na prosaica rua de um prosaico bairro de Salvador, senti o que a palavra BELEZA, com toda a sua carga semântica, conseguiria exprimir.

\*

Não sei dizer se o êxtase proporcionado pela visão de um grande cardume de cororocas desenvolvendo um balé subaquático sinuoso e sincronizado, no mar de Abrolhos; ou a sensação provocada pela observação do caminhar em fila indiana de meia dúzia de lagostas no solo marinho; ou a beleza majestosa de tartarugas verdes nadando em direção ao litoral em um dia típico de verão para a postura de centenas de ovos a 70 centímetros no solo em uma noite recheada de estrelas; ou um pôr do sol e uma lua cheia nascendo, simultâneos, numa deserta praia de Jericoacoara dos anos 1980; ou duas arraias deslizando, abaixo de mim, entre corais atlânticos; o voo lento e circular de um gavião peneira sobre as serras avermelhadas do Raso da Catarina; uma aranha deslizando sobre o tronco de uma samaúma para mergulhar

nas águas escuras do lago Mamirauá, no Alto Amazonas; ou as paisagens grandiosas da Antártida, com suas geleiras, montanhas cinzentas coroadas de neve, catedrais de gelo mesclando verde, azul e branco em combinações fascinantes; icebergs deslizando no mar, focas, pinguins, estações científicas estrangeiras, navios e helicópteros na movimentada rota do fim do mundo – se todas estas coisas que meus olhos retiveram, juntas, durante anos de atividade jornalística na área de meio ambiente, superam o encantamento que naqueles escassos minutos, diante da porta, no quarto, conseguiu-se imprimir, no meu espírito.

Da experiência resultaram as seguintes linhas, escritas dias ou meses depois, não sei dizer, que incluí no capítulo de um romance:

*Hoje preferi ficar em casa. Há dias que realmente é preferível ficar em casa. Ficar em casa para pensar, ficar em casa para fazer alguma coisa interessante como, por exemplo, olhar portas. Aliás [...] devo dizer que faz algum tempo que descobri a importância – para mim, pelo menos, não quero generalizar – de olhar portas, ou melhor, de olhar a porta do quarto, de um determinado ângulo, obliquamente, a uma certa hora do dia quando o sol costuma dar às coisas aquele sentido de eternidade, quero dizer, como se ela sempre estivesse estado ali, como se ela sempre vá estar ali, como se olhá-la nos fizesse compartilhar com ela essa eternidade; a porta poderia estar em qualquer lugar em qualquer tempo e ao vê-la é como se pudesse ver também florestas e dinossauros, aviões e bombas, chuvas ancestrais e pores de sol, neblinas, nevoeiros, tiros e risos, bilhões de risos, oceanos, seios, lábios, dentes, pérolas e tubarões, gritos e abismos, anjos, labirintos e multidões, aranhas e computadores, estrelas, duendes e demônios, eu e a porta, e o meu olhar e a luz do sol incidindo sempre assim obliquamente desde o início dos tempos e uma grande solidão. A solidão de ser subitamente uma porta parada no tempo que se olha, uma porta que se olha. E ao olhá-la assim obliquamente em silêncio sinto uma doçura repentina, uma felicidade inesperada, uma alegria serena de poder ver que nela estão todas as coisas, e todos, e eu mesmo [...] (O chamado da noite, 1997)*

Mas, se eu for buscar mais longe, no tempo mais longínquo da infância, estas epifanias, elas serão também desconcertantes. Que quadro de Picasso, que pintura de Michelângelo proporcionaria momentos de intenso e profundo prazer, que sentia, quando, nas cinzentas paisagens do centro histórico de Salvador, onde vi nascer o mundo, olhava sobre os telhados dos edifícios e lá, adiante, divisava um pedaço qualquer de uma parede iluminada pelo sol poente, ou um pátio silencioso onde nada mais havia que um varal sustentando peças de roupas velhas? Naquela minha primeira infância, a simples imagem de um comercial ou de um desenho animado, na tela da TV, tomada por chuviscos, causava uma impressão tão funda que nenhuma obra de arte, nos anos vindouros, poderia igualar.

Isto nos levaria a pensar que a beleza, mais do que num determinado objeto (estético ou não) ou paisagem estaria nos olhos de quem os vê? Sim? Talvez! Não sei... Acreditar nisso seria um risco imenso, relativizaria, talvez, a distinção básica entre um mero objeto e uma obra de arte. Seria um golpe inevitável contra tudo aquilo que justificaria, por exemplo, esta crônica, ensaio, reminiscência, ou como queiram chamar, em que, sem qualquer pretensão crítica, relaciono algumas obras que marcaram para sempre a minha sensibilidade, como menino, nos anos 1960; como adolescente, nos anos 1970; como jovem, nos anos 1980; na maturidade dos anos 1990, 2000, 2010 e 2020. Obras cujo valor não será medido apenas pela sensibilidade do olhar, mas por uma qualidade intrínseca delas e que resulta de uma linguagem, de um tratamento fílmico, de um talento artístico.

### **Círculo mágico**

Precisarei recuar então ao espaço mágico da minha primeira infância, onde vi as primeiras cenas na tela de uma TV ancestral, antediluviana, mas que ainda hoje me impressiona tremendamente com as imagens em preto e branco nas quais apreciava,

na pré-história da minha experiência cinematográfica, as aventuras do Gato Félix e, de forma especialmente assustadora, de um bonequinho da Atma num comercial que antecedia o mais remoto seriado que povoa minhas lembranças: *Além da imaginação* (*Twilight zone*, 1959/1964). Estranha, também, até hoje, a profunda impressão causada pelas noites misteriosas de um seriado, *Na corda bamba* (*Tightrope!*, 1959/1960), numa cidade bem diferente da que eu via pela janela do pequeno apartamento do centro histórico, mas que me pareciam tão próximas, unidas pelas sombras dos edifícios, pela claridade tênue das lâmpadas fluorescentes. E por um estranho mistério...

\*

De fato, para o bem ou para o mal, as primeiras imagens a povoar o *écran* – e os sonhos e as retinas daquele menino, no início dos anos 1960, seriam as dos chamados “enlatados” norte-americanos, muitos deles não mais vistos, com fascínio e espanto, no espaço diminuto do apartamento do Taboão, mas na casa espaçosa do bairro de Itapuã, para onde nos mudamos por volta de 1965.

Foi justamente naquele momento de transição que o universo dos seriados de TV passou a dividir meu interesse com os filmes que atraíam a minha atenção para a tela pequena do televisor, então assoberbada por toda sorte de interferências: chuviscos, raios, linhas, faixas horizontais e verticais que tinham a extrema petulância de se intrometerem na frente dos meus heróis preferidos. Elas, as TVs, eram geralmente acompanhadas por estabilizadores de voltagem barulhentos que se esforçavam, além dos limites, para manter a imagem intacta durante as súbitas e frequentes quedas de energia. Mas lá, no meio dela, habitava o sonho e a aventura no mais alto grau. E, movido não sei por qual energia numinosa, vivia, com grande intensidade, na intimidade do meu ser de menino, experiências, sentimentos e sensações que não saberia entender, nem muito menos explicar.

\*

Este relato é, portanto, uma tentativa duvidosa e certamente inútil de entender o encantamento que vem arrebatando, este que aqui escreve, ao longo de seis décadas e meia de vida. Encantamento este que habita, ainda hoje, na memória, cenas, imagens, sons e diálogos marcantes, como a do Quasímodo que, na inexcedível interpretação do ator britânico Charles Laughton, agarrado a uma estátua, sobre uma das torres da catedral de Notre-Dame, vendo a bela Esmeralda (Maureen O’Hara) sumir em meio à multidão, nos braços de Gringoire (Edmond O’Brein), murmura com infinita tristeza: “Por que eu não sou de pedra como ele?”

Não menor impacto provocaram cenas luminosas e cada vez mais remotas, como a do imponente Kong olhando com fascínio a jovem modelo (Ann Darrow), agitando-se e gritando de horror em sua gigantesca mão peluda; a de Jasão e seus companheiros lutando contra esqueletos armados com escudos e espadas que brotavam de dentes de dragão lançados por um feiticeiro ao solo da lendária Cólquida; a do rude fazendeiro invadindo a festa de noivado da filha do seu arqui-inimigo nas extensas terras texanas do velho oeste; a de Earp (Fonda) olhando o bêbado recitando Shakespeare num *saloon* em Tombstone; a do capitão da nave espacial que, capturado por macacos, vê em fuga a Estátua da Liberdade semi-encoberta pelas areias de uma praia desabitada, percebendo estar no seu próprio planeta após uma guerra nuclear; a do jovem auxiliar do dr. Van Helsing num baile de vampiros em que sua imagem é a única a aparecer refletida no espelho; a do explorador espanhol Aguirre em delírio descendo com sua expedição as corredeiras do Amazonas; a de um homem cantando e dançando na chuva, ébrio de amor; a do vagabundo realizando uma poética e inesquecível dança com pãezinhos; a do velho caçador Nainai imóvel por trás do fogo que crepita nas estepes geladas da Sibéria; a de Corisco girando

em desespero girando girando na caatinga desolada e Manuel com Rosa fugindo apavorados: *o sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão*; a do acrofóbico investigador Scottie seguindo a loira enigmática pelas ruas, mergulhando numa espiral de loucura e obsessão; a do Replicante que, após segurar o caçador de andróides pelo braço, sob a chuva, no alto do cenário barroco-futurista de um imenso edifício, fala, antes de morrer, sobre coisas magníficas e assombrosas que seus olhos testemunharam e que “se perderão... no tempo... como lágrimas na chuva”<sup>1</sup>.

\*

O fato, plenamente aceito neste texto, é o de que cada uma destas cenas traz as marcas da subjetividade daquele que as viu e sentiu, num dado momento da sua – minha – história. Tal constatação retira destes escritos qualquer pretensão de objetividade ou mesmo de um suposto exercício de crítica cinematográfica. A percepção “crítica”, em todos os sentidos amadora (e amorosa) aqui tecida, se dá pela via de um registro afetivo e intensamente pessoal. Mas há, também, alguns dos momentos mais altos da arte cinematográfica que estão entre os da minha maior predileção, em obras-primas absolutas como o já citado *Um corpo que cai*, de Alfred Hitchcock, ou *Luzes da cidade*, de Charles Chaplin, ou *Morangos silvestres*, de Ingmar Bergman, ou *Rastros de ódio*, de John Ford, ou *Ladrões de bicicleta*, de Vittorio De Sica, ou *Roma*,

---

<sup>1</sup> *O corcunda de Notre-Dame*, de William Dieterle (1939); *King Kong*, de Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack (1933); *Jasão e o Velo de Ouro*, de Don Chaffey (1963); *Da terra nascem os homens*, de William Wyler (1958); *Paixão dos fortes*, de John Ford (1946); *O planeta dos macacos*, de Franklin J. Schaffner (1968); *A dança dos vampiros*, de Roman Polanski (1967); *Aguirre, a cólera dos deuses*, de Werner Herzog (1972); *Cantando na chuva*, de Gene Kelly e Stanley Donen (1952); *Em busca do ouro*, de Charles Chaplin (1925); *Dersu Uzala*, de Akira Kurosawa (1975); *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha (1964); *Um corpo que cai*, de Alfred Hitchcock (1958); *Blade Runner*, o caçador de andróides, de Ridley Scott (1982).

*Cidade Aberta*, de Roberto Rossellini, ou *A felicidade não se compra*, de Frank Capra, ou *Lawrence da Arábia*, de David Lean, ou *Vidas secas*, de Nelson Pereira dos Santos...

E há, ainda, aqueles de exemplar eficácia na sua capacidade de provocar emoções, lastreados por evidentes qualidades estéticas afinadas com os sentidos do espetáculo e do entretenimento, como os eficientes dramas e/ou *thrillers* de George Stevens (*Gunga Din*, 1939), Michael Curtiz (*Casablanca*, 1942), Joseph L. Mankiewicz (*A malhada*, 1950), Don Siegel (*Vampiro de almas*, 1956), David Lean (*A ponte do Rio Kwai*, 1957), *Estigma da crueldade*, de Henry King (1958), Anthony Mann (*El Cid*, 1961), Jack Clayton (*Os inocentes*, 1961), John Frankenheimer (*O trem*, 1964), William Wyler (*O colecionador*, 1965), Norman Jewison (*No calor da noite*, 1967), Richard Brooks (*À sangue frio*, 1967), Vittorio De Sica (*Os girassóis da Rússia*, 1970), William Friedkin (*Operação França*, 1971), John Boorman (*Amargo pesadelo*, 1972), John Schlesinger (*Maratona da morte*, 1976), Ridley Scott (*Alien, o oitavo passageiro*, 1979), Jean-Jacques Annaud (*O nome da Rosa*, 1986), Alan Parker (*Coração satânico*, 1987), Clint Eastwood (*Sobre meninos e lobos*, 2003), Michael Mann (*Colateral*, 2004), David Cronenberg (*Marcas da violência*, 2005), Steven Spielberg (*Munique*, 2005), Martin Scorsese (*Os infiltrados*, 2006), Joel e Ethan Coen (*Onde os fracos não têm vez*, 2007) e um surpreendente Woody Allen em *O sonho de Cassandra*, de 2008.

### **Esquecidos imortais: em louvor!**

Estes escritos são também, ainda que por linhas indiretas, uma homenagem àqueles que considero serem alguns dos mais importantes atores e atrizes do cinema. Estendo aqui o tapete vermelho da minha mais profunda admiração, não apenas para memoráveis protagonistas do Star System (desnecessário citá-los), como também e especialmente para extraordinários

atores/atrizes coadjuvantes, alguns dos quais se encontram hoje numa mais ou menos penumbrosa zona de esquecimento. Nomes como os de Aldo Fabrizi, Agnes Moorehead, Alfonso Bedoya, Anthony Perkins, Atila Iório, Akim Tamiroff, Basil Rathbone, Ben Johnson, Broderick Crawford, Burgess Meredith, Burl Ives, Charles Bickford, Cedric Hardwick, Claude Rains, Clifton Webb, Dan Duryea, Dennis Hopper, Eloísa Mafalda, Ellen Burstyn, Elza Lanchester, Emiliano Queiroz, Glauce Rocha, Edmond O'Brien, Erich von Stroheim, Everett Sloane, F. Murray Abraham, Fernando Rey, Flávio Migliaccio, Francisco Milani, Gale Sondergaard, George Sanders, Grande Otelo, Guillermo Francella, Gunnar Björnstrand, Hattie McDaniel, Hugo Carvana, Ida Gomes, Isabel Ribeiro, Ivan Cândido, Jack Palance, James Whitmore, Jean-Louis Barrault, Jessica Tandy, Jofre Soares, John Carradine, John Cazale, John Gielgud, John Hurt, John McIntire, John Malkovitch, Jorge Dória, José Dumont, José Lewgoy, Jofre Soares, Judith Anderson, Judy Dench, Karl Malden, Katy Jurado, Keenan Wynn, Laurence Fishburn, Lea Garcia, Lee Grant, Lee J. Cobb, Lélia Abramo, Leo G. Carrol, Lila Kedrova, Linda Hunt, Louis Calhern, Lutero Luiz, Luiza Maranhão, Mário Lago, Mario Adorf, Martin Balsam, Martin Landau, Masayuki Mori, Massimo Girotti, Max von Sydow, Melvyn Douglas, Mercedes McCambridge, Milton Gonçalves, Milton Moraes, Miriam Pires, Ned Beatty, Nikolai Cherkasov, Paul Henreid, Peter Lorre, Machiko Kyô, Maurício do Valle, Oskar Homolka, Otelo Zelloni, Pedro Armendariz, Peggy Ashcroft, Peter Falk, Peter Ustinov, Pierre Fresnay, Ralph Bellamy, Richard Basehart, Rita Moreno, Robert Shaw, Robert Stack, Roddy McDowall, Robert Duval, Rod Steiger, Rui Rezende, Ruth Gordon, Ruth de Souza, Sam Jaffe, Seiji Miyaguchi, Sessue Hayakawa, Shelley Winters, Sidney Greenstreet, Slim Pickens, Susannah York, Takashi Shimura, Tatsuya Nakadai, Telly Savalas, Thelma Ritter, Thomas Mitchell, Tom Courtnay, Tom Wilkinson, Tonico Pereira, Trevor

Howard, Vanda Lacerda, Victor McLaglen, Walter Brennan, Walter Huston, Warren Oates, Ward Bond, Walter Matthau, Wilson Grey, Victor McLaglen, Zilka Salaberry. E tantos outros sem os quais grandes obras do Cinema perderiam muito do seu brilho.

## **Alumbramento!**

ou

### ***O mundo lá dentro***

Deixemos, pois, que se reconstitua, ainda nos cenários barrocos do Centro Histórico de Salvador, naqueles já longínquos anos 1960, o menino, diante da tela da TV, ou levado pelo pai a imponentes salas de exibição nas quais adentrava com reverência, experienciando aquilo que poderíamos chamar de deleite ou êxtase... ou espanto!

A primeira constatação da fase inicial desse alumbramento que me acometia nos primeiros anos de contato com filmes e seriados televisivos é a de que, curiosamente, a memória afetiva resultante dos momentos mágicos vividos diante das luminosas telas da TV e dos cinemas, remetem mais à minha experiência sensorial que aos próprios filmes. Assim, retrospectivamente, o que me vem à memória e ao sentimento, mais que heróis e peripécias, são fragmentos da minha própria vida. E do que senti, sem a consciência do que sentia, naquele tempo.

No início dos anos 1960, quando passei a frequentar os cinemas de rua de Salvador, levado pelas mãos seguras e amorosas dos meus pais, os filmes eram, antes de tudo, um espaço mágico de ilusão e fantasia. Não havia então, pelo que me lembre, a intenção de retratar a realidade de nossas pálidas existências sem technicolor e sem cinerama. Nada havia de mais dessemelhante que o mundo das telas e aquele com o qual me defrontava, de forma às vezes bastante chocante, na saída do cinema.

As próprias salas de exibição reforçavam, muito eficientemente, a aura desse espaço que nos causava um intenso prazer: as antessalas luxuosas com suas paredes decoradas com obras de arte moderna, como as dos nossos grandes artistas plásticos Mário Cravo e Juarez Paraíso, e os porteiros uniformizados. *Bombonieres* sortidas e lanterninhas prestimosos antecipavam o gozo provocado pela solene abertura das cortinas. E os jornais da Atlântida com cenas de jogos de futebol em câmara lenta narrados por vozes empostadas e solenes, cuja trilha sonora e *trailers* davam, enfim, lugar ao filme em cartaz que tanto mais valia quanto nos carregasse para anos-luz da nossa vida cotidiana.

Dentre os mais marcantes filmes daquela época, quando eu navegava timidamente entre os cinco e os dez anos de idade, estavam, inevitavelmente, os desenhos animados da Disney, especialmente *Fantasia*, *Branca de Neve e os sete anões*, *Pinóquio*, *Cinderela*, *Bambi* e *A guerra dos dálmatas*, além do documentário *A planície imensa*. Posteriormente, a ida ao cinema seria inevitavelmente associadas às comédias de Jerry Lewis - quando o trunfo se deslocava sutilmente da fantasia para o *nonsense* e a capacidade de nos fazer rir. E a duelos vibrantes em películas de capa e espada com astros carismáticos como Errol Flynn (*As aventuras de Robin Hood*, 1938) e Tyrone Power (*A marca do Zorro*, 1940), que continuo revendo com grande prazer.

Assistir, extasiado, àqueles filmes representava em última instância um movimento interno de pacificação e acomodamento em um território já então familiar de heróis e heroínas com os quais me identificava profundamente, vivendo aventuras que desejaria viver (sem o sangue, o suor e as lágrimas “reais” dos personagens) confrontando vilões sobre os quais projetava tudo aquilo que detestava e sobre os quais triunfava com um sentimento de heroísmo e de profunda satisfação e compensação dos meus limites e frustrações.

## Doce alienação, adorável maniqueísmo

Em *A guerra dos dálmatas*, como em qualquer outro filme daqueles meus primeiros anos de deleite cinematográfico, resultava, permeando todas as minhas emoções, um conjunto de valores positivos que mobilizava sentimentos de bondade, generosidade, heroísmo e confiança no futuro.

Eram, sim, obras maniqueístas – Roger e Anita eram boas pessoas e Malvina Cruela, como já diz o nome, era *muuito* má, embora sua crueldade implícita (matar os cães para produzir casacos de pele) fosse devidamente ocultada, o que, aliás, era plenamente justificável considerando-se a sensibilidade das crianças de então. Embora, como morador de um bairro popular, abundasse no meu dia a dia pessoas que não hesitavam em matar passarinhos, maltratar cães e gatos e espancar integrantes de outras turmas ou de outros bairros, acontecimentos corriqueiros e inevitáveis, no mundo real, mas inadmissíveis no mundo do sonho e da fantasia onde o mal jamais poderia vencer.

O desaparecimento lento e gradual dos bons e dos maus, dos heróis intrépidos e destemidos que sempre venciam, e dos vilões perversos que sempre se davam mal, é uma das perdas mais marcantes da minha trajetória de cinéfilo – ou melhor, na passagem da minha condição de espectador apaixonado para a de cinéfilo. Ela está aderida de forma inescapável à perda da inocência. Com ela perdeu-se uma forma de fruição semelhante ao êxtase provocado pela porta à qual me referi no início deste texto, onde se encontravam sob os tons crepusculares dos mitos e das lendas os heróis dos seriados de TV e os dos filmes de capa e espada, os detetives e os mocinhos dos filmes de *caubói* que duelavam ao pôr do sol nas ruas poeirentas do velho oeste.

## Zona de sombras

Mas eis que, entre os infantis desenhos da Disney e os chamados “filmes de arte” da maturidade, introduziu-se, de forma um tanto quanto impactante, na minha sensibilidade de adolescente, uma nova categoria de filmes: a dos dramas hollywoodianos, dos anos 40 e 50, herdeiros de influências europeias, nem sempre lembradas pelos críticos, como a do expressionismo alemão, com seus personagens atormentados e exilados no que poderíamos chamar, com uma certa dose de acerto, de *zonas de exceção*. Temas que sempre exerceram grande fascínio a diversos autores e que anos depois ganhariam versões superlativas em cineastas como David Lynch e David Cronenberg.

Sim, estes desassombrados exploradores das zonas limítrofes do espírito, certamente, muito devem àqueles magos do claro/escuro com suas obras desconcertantes: Fritz Lang (*M - O vampiro de Dusseldorf, Dr. Mabuse, Os corruptos*), Orson Welles (*A dama de Shanghai, A marca da maldade*), Billy Wilder (*Pacto de sangue, Crepúsculo dos deuses*), John Huston (*Relíquia macabra, O segredo das joias*), Otto Preminger (*Laura, Anatomia de um crime*), Alfred Hitchcock (*A sombra da suspeita, Psicose*), Carol Reed (*O terceiro homem*)...

Aos poucos, sofisticava-se a percepção da obra cinematográfica, através de filmes agora considerados pelo seu aspecto artístico/estético. O fascínio do enredo e da trama abriam espaço para um prazer que considerava, conscientemente, os movimentos de câmera, os planos, o roteiro, a edição, a fotografia, a trilha sonora, os diálogos, a tessitura sutil da linguagem fílmica, a poesia e a profundidade psicológica e filosófica de autores como Kurosawa, Bergman, Chaplin, Tati, Herzog, Godard, Glauber, Renoir, Buñuel, Fellini, Scola, Ford, Hitchcock, Visconti, Ozu, Wenders, Tarkovski, Lean, Kubrick, Resnais, Truffaut, De Sica, entre tantos outros. Uma forma de prazer dava lugar a outra, agora degustada nos cines Art, Liceu,

ICBA, Maria Bethânia e Walter da Silveira, até chegar ao circuito alternativo e aos aparelhos de DVD e, mais recentemente e escassamente, ao *streaming*. Para se alcançar aquele efeito pleno, exigia-se muito mais. Um filme pode ter uma trama instigante e eficiente, mas um roteiro fraco; uma boa interpretação dos atores, mas uma direção mediana; uma edição precisa, mas uma sofrível *mise-en-scène*...

Uma profusão de filmes, vistos e revistos inumeráveis vezes, imprimiam na minha mente duas certezas: a de que uma obra de arte jamais se esgota quando apreciada pelo que é enquanto linguagem, e que a trama já não conta como elemento determinante do interesse do fruidor. Inesgotáveis, ao longo dos anos, revistos às vezes em cenas, de trás pra frente, de frente para trás, de um fôlego ou a conta-gotas, continuam imprescindíveis filmes como: *O encouraçado Potemkin*, de Sergei Eisenstein (1925); *Um homem com a câmera*, de Dziga Vertov (1929); *A grande ilusão*, de Jean Renoir (1937); *Cidadão Kane*, de Orson Welles (1941); *A bela e a fera*, de Jean Cocteau (1946); *Monsieur Verdoux*, de Charles Chaplin (1947); *Os sapatinhos vermelhos*, de Michael Powell e Emeric Pressburger (1948), *O tesouro de Sierra Madre*, de John Huston (1948); *Crepúsculo dos deuses*, de Billy Wilder (1950); *Os brutos também amam*, de George Stevens (1953); *Contos da lua vaga*, de Kenji Misoguchi (1953); *Rififi*, de Jules Dassin (1955); *Cinzas e diamantes*, de Andrzej Wajda (1958); *Os incompreendidos*, de François Truffaut (1959); *O homem que matou o facínora*, de John Ford (1962), *O Leopardo*, de Luchino Visconti (1963); *A mulher de areia*, de Hiroshi Teshigahara (1964); *São Paulo Sociedade Anônima*, de Luís Sérgio Péron (1965); *2001, uma odisséia no espaço*, de Stanley Kubrick (1968); *São Bernardo*, de Leon Hirszman (1971); *O poderoso chefão* (trilogia), de Francis Ford Coppola (1972/1974/1990); *Amarcord*, de Federico Fellini (1973); *O jovem Frankenstein*, de Mel Brooks (1974); *Profissão: repórter*, de Michelangelo Antonioni (1975); *Um dia muito especial*, de Ettore Scola (1977); *Esse obscuro objeto do desejo*, de Luiz Buñuel (1978); *O ovo da serpente*,

de Ingmar Bergman (1978); *Blade Runner, o caçador de andróides* (1982), de Ridley Scott; *O tambor*, de Volker Schlöndorff (1979); *Memórias do cárcere*, de Nelson Pereira dos Santos (1984); *Os vivos e os mortos*, de John Huston (1987); *Sonhos*, de Akira Kurosawa (1990).

Sem esquecer exemplares primorosos de um cinema mais ostensivamente político representado, com especial vigor, em obras impactantes como *Viva Zapata!* (1952) e *Sindicato de ladrões* (1954), de Elia Kazan; *Glória feita de sangue* (1954) e *Laranja mecânica* (1971), entre outros, de Stanley Kubrick (1957); *O pagador de promessas* (1962), de Anselmo Duarte; *Deus e o diabo na terra do sol* (1964) e *Terra em transe* (1967), de Glauber Rocha; *Os fuzis* (1964), de Ruy Guerra; *Z – A orgia do poder* (1969), de Costa Gavras; *A batalha de Argel* (1966) e *Queimada!* (1969), de Gillo Pontecorvo; *O conformista* (1970), de Bernardo Bertolucci; *Giordano Bruno* (1973), de Giuliano Montaldo; *Rede de intrigas* (1976), de Sidney Lumet; *Apocalypse now* (1979), de Francis Ford Coppola; *Pra frente, Brasil* (1982), de Roberto Farias; *1984* (1964), de Michael Radford; *Eles não usam black-tie* (1981), de Leon Hirszman; *Cabra marcado para morrer* (1984), de Eduardo Coutinho; *Faça a coisa certa* (1989), de Spike Lee; *Lamarca* (1994), de Sérgio Rezende; *O Sol enganador* (1994), de Nikita Mikhalkov; *O ódio* (1995), de Mathieu Kassovitz. E que chega aos nossos dias, polemizado em obras como *Terra de ninguém*, de Danis Tanovic (2001), *Tiros em Columbine* (2002) e *Farenheit 11 de setembro* (2004), de Michael Moore; *A queda! As últimas horas de Hitler* (2004), de Oliver Hirschbiegel; *Ônibus 174*, de Felipe Lacerda e José Padilha (2002), *Tropa de elite 2: o inimigo agora é outro*, de José Padilha (2010); *Birdman ou (A inesperada virtude da ignorância)*, de Alejandro González Iñárritu; *Ventos da liberdade* (2006) e *Eu, Daniel Blake* (2016), de Ken Loach; *Katyn*, de Andrzej Wajda (2007); *Marighella*, de Wagner Moura (2021); o espantoso documentário *O Sal da Terra* (2014), de Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado, sobre a trajetória do fotógrafo Sebastião Salgado. E, coroando o gênero, o oportuníssimo *Ainda estou aqui* (2024), de Walter Salles.

Da primeira fase, da emoção pura, o último grande exemplo foi, provavelmente, *Os caçadores da arca perdida*, de Spielberg. Da segunda, uma linhagem que vem de lá de trás, dos anos 1930/1940 e que se apresentava, em todo o seu esplendor, em exemplares do novo cinema alemão, como *Nosferatu, o vampiro da noite*, de Werner Herzog. Este, como o de Spielberg, assistido curiosamente no início dos anos 1980, o que revela que ambas as fases não são necessariamente sucessivas, nem totalmente distintas.

### **Tomando de assalto**

E eis que... como num assalto, uma geração de jovens cineastas se impôs entre o final dos anos 1960 e no decorrer dos 70/80 com filmes que trazem para as telas grandes a realidade crua das ruas, um realismo explosivo que mistura gângsteres, outsiders, drogados, *easy riders* e *raging bulls*, psicopatas, assaltantes, desajustados, drogas, sexo, grana e guerras numa voltagem inédita que explodia na mente de um jovem, agora na casa dos vinte anos, já calibrado nos cursos de cinema ministrados pelo cineasta Guido Araújo, no Instituto Cultural Brasil-Alemanha, e pelas aulas e longas conversas em mesa de bar com o saudoso amigo, professor e crítico de cinema André Setaro, ciente das principais correntes do cinema no século XX e de tantas cinematografias, na Itália, na França, na Espanha, na Suécia, no Japão, na Polônia, no Brasil. Estéticas que chutavam para longe a alienação e o escapismo dos tempos da inocência, reduzindo a distância entre o que vivenciava dentro e fora do cinema. De repente, o que via nas telas amplificava o que via fora delas, numa criativa simbiose. Que palavras poderia expressar, naqueles 60/80, o impacto provocado por filmes como *O bebê de Rosemary*, de Roman Polanski (1968), *Sem destino*, de Dennis Hopper (1969), *Perdidos na noite*, de John Schlesinger (1969), *Johnny vai à guerra*, de Dalton Trumbo (1971), *Serpico*, de Sidney Lumet (1973), *Corações e mentes*, de Peter Davis (1974), *Um estranho no ninho*, de Milos Forman (1975), *Taxi driver*, de Martin Scorsese (1976),

*Lúcio Flávio, o passageiro da agonia*, de Héctor Babenco (1976), *O franco atirador*, de Michael Cimino (1978), *O expresso da meia-noite*, de Alan Parker (1978), *Bye Bye Brasil*, de Cacá Diegues (1979), *O iluminado*, de Stanley Kubrick (1980), *Sargento Getúlio*, de Hermano Penna (1983), *Platoon*, de Oliver Stone (1986), *Mississipi em chamas*, de Alan Parker (1988), *O silêncio do lago*, de George Sluizer (1988)?

### Sinal dos tempos?

O que, depois disso, repercutiu, até os seus alicerces, neste cinéfilo? Há, claro, filmes de excelência em cartaz, ontem/hoje, nos cinemas – *Antes que o diabo saiba que você está morto*, de Sidney Lumet; *Mephisto*, de István Szabó; *A vida dos outros*, de Florian Henckel von Donnersmarck; *Incêndios*, de Denis Villeneuve; *Koyaanisqatsi*, de Godfrey Reggio; *O grande hotel Budapeste* e *A crônica francesa*, de Wes Anderson; *O abraço da serpente*, de Ciro Guerra; *O segredo dos seus olhos*, de Juan José Campanella; *A fita branca*, de Michael Haneke; *Cidade de Deus*, de Fernando Meireles e Kátia Lund; *Árido movie*, de Lírio Ferreira; *O invasor*, de Beto Brandt; *Edifício Master*, de Eduardo Coutinho; *Pulp fiction: tempo de violência*, de Quentin Tarantino; *O som ao redor*, de Kleber Mendonça Filho; *Zona de interesse*, de Jonathan Glazer, e os impactantes, criativos, irônicos filmes dos irmãos Coen: *Fargo, uma comédia de erros*; *Onde os fracos não têm vez*; *A balada de Buster Scruggs* etc. Krzysztof Kieslowski, David Fincher, Wong Kar-Wai, Alejandro Amenábar, Luiz Fernando Carvalho, Clint Eastwood, Oliver Hirschbiegel, Denys Arcand, Paul Thomas Anderson, Lech Majewski, Andrzej Wajda, Damián Szifron, Alejandro González Iñárritu, Luiz Puenzo, Christopher Nolan, Bong Joon Ho, Jonathan Glazer, Walter Salles – são exemplos disto, mas parece haver sinais de que o impacto estético e sensorial do grande cinema compartilhado nas grandes salas de cinema cede espaço cada dia mais para o espaço privado do *streaming*, para as telas

individuais dos computadores e smartphones, e uma escancarada pasteurização (da indústria) e fragmentação (das mídias). Tornando, quem sabe, cada vez mais escassa a emoção profunda de uma era dourada, que, como todas as eras douradas, habita sempre no passado, ou quem sabe, se tivermos sorte, em *portas* misteriosas cujas superfícies reflitam aquilo que a palavra BELEZA, com toda a sua carga semântica, até então não conseguiria exprimir.

\*

---

Carlos Ribeiro é jornalista e escritor, autor de livros nas áreas de ficção, a exemplo de *Aventureiros do Apocalipse*, *Contos de sexta-feira*, *Abismo*, *Lunaris*, *Fazedores de tempestade* e *Contos selecionados*; reportagens, entrevistas, ensaios e resenhas literárias incluindo *À luz das narrativas*: escritos sobre obras e autores (Edufba, 2009), *Caminhos do comércio em Salvador. Do Brasil Colônia à segunda década do século XXI* (P55 Edição, 2020) e *Vozes do nosso tempo* (ALB/ALBA), além de três estudos sobre a obra do cronista Rubem Braga. É professor do curso de jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Desde 2007, ocupa a Cadeira nº 05 da Academia de Letras da Bahia.



# O POETA CARLOS CUNHA

GILFRANCISCO

## I SONETO

Para Carlos Cunha

vi planícies ampliadas  
e formas verdes, completas  
- nas estradas já traçadas  
não mais cor, facões trafegam.  
vi enxadas, dinamites  
vi balões, os exilados  
vi azul das explosões  
ouvi céus encarcerados.  
vi silêncio decomposto  
que não sendo lentamente,  
mas que é em plano oposto.  
vi das coisas se faltando:  
o de fora, perfeição  
o de dentro, se buscando.

Fernando Batinga de Mendonça (1943-2019)

\* \* \* \* \*

O professor e cordelista Antônio Carlos de Oliveira Barreto foi quem me telefonou para me dar uma péssima notícia, sobre a morte do poeta Carlos Cunha (1940-2011). Aquele telefonema me deixou translúcido. Era realmente uma manhã outonal. O trágico suicídio do amigo, morto aos 71 anos, levado por uma longa depressão,

a musa poética o havia abandonado e todos nós sabemos que quando a estrela maior da motivação desaparece, é morte na certa. Em 2007 quando publiquei o *livro O poeta Arthur de Salles*, em Sergipe, Edições GFS, coleção BASE, incluí um texto seu sobre o autor do Hino ao Senhor do Bonfim, que havia sido publicado no jornal *A Tarde*, em 15 de junho de 1984.

Sua partida ocorreu no final do mês de dezembro e seus companheiros da Academia de Letras da Bahia prestaram-lhe uma singela homenagem, através do poeta Rui Espinheira Filho, que publicou no jornal *A Tarde* de 29 de dezembro, 2011 o artigo “Poeta que morre, Poesia que vive” e o professor Edivaldo Machado Boaventura “Um poeta a serviço da Academia”, *A Tarde*, 16 de fevereiro, 2012

Lembrado ainda pelas gerações mais antigas, mas desconhecido das mais novas, Carlos Cunha é, sem dúvida, um dos nomes mais importantes do panorama da poesia baiana dos anos 60/70, onde ocupa lugar de destaque, não obstante o reduzido número de livros publicados: *Goivos de Antófilos*, (1961) livro de estreia, precede os anos negros do golpe civil/militar, no momento em que a poesia baiana ganha campo com os poetas Florisvaldo Mattos, Ildásio Tavares, Adelmo Oliveira, José Carlos Capinan, Carlos Anísio Melhor, José de Oliveira Falcón, Myriam Fraga, Maria da Conceição Paranhos, João Carlos Teixeira Gomes, Fernando da Rocha Peres, Ruy Espinheira Filho, Antônio Brasileiro e outros, muitos destes, integrantes do grupo “Geração Mapa”. *Ilhas para morrer*, (1963); *A Flauta Onírica*. Livraria Nosso Tempo, 1977; *No Porão da Eternidade*, (1982), *A Flauta Onírica e Novos Poemas*, 2ª edição, Edições Cidade da Bahia, editado por Guido Guerra, ilustrado por J. Arthur, patrocinado pela Fundação Gregório de Mattos, à época presidida por Francisco Senna, 2001, publicação da maior importância para conhecimento da obra parcial do poeta.

Apesar de ter nascido em Aracaju (1940), o poeta era um enamorado da Bahia barroca gregoriana, onde se encontrava havia mais de quarenta anos. Cunha conhecia, ao mesmo tempo,

o que poderíamos chamar corpo-e-alma do fenômeno literário: era um observador que examinava cuidadosamente tudo que via, um testemunho de amor e respeito à cultura de sua terra adotiva.

Na Bahia, sua vida era de todos conhecida. Vivia a criar uma modernidade radiosa na cidade de Thomé, do São Salvador, do Senhor do Bonfim, democrática, pluralista, mística e solidária. E nessa passagem pelos caminhos do tempo é que o poeta Carlos Cunha vivia intensamente, cheio de luz, de grandeza, de lutas, de sonhos, de vitórias, de sacrifícios.

De há muito o conhecia. Foi nos anos 70, nos corredores do 3º andar da Biblioteca Central – Barris, onde funcionava a Fundação Cultural do Estado da Bahia. Um achado de causar surpresa; presenciados pelos poetas amigos, ambos falecidos, Carlos Anísio Melhor (1935-1991) e Paulo Garcez de Sena (1942-1998), e logo fizemos camaradagem.

Aprendi a admirá-lo, talvez, devido à marca indelével do seu contato, da amabilidade, presença de um homem coerente ou de quem gritava para todos. Por várias vezes saímos no final da tarde da Academia de Letras da Bahia (Av. Joana Angélica, 198 – Nazaré), a percorrer todo o Centro Histórico de Salvador e acabávamos na Rua Democrata, em pleno Largo 2 de Julho, em algum sobrado imperial, admirando o belo pôr do sol na Baía de Todos-os-Santos. Éramos os vigias da tarde. Foi por seu intermédio que fiz novas amizades nessa época: Vasconcelos Maia, Carlos Anísio Melhor, Carlos Eduardo da Rocha, Renato Berbert de Castro, Cláudio Veiga, Silva Dultra, Oldegar Viana, João Eurico Matta, Luiz Viana Filho, dentre outros.

Poeta romântico, boêmio, bom degustador de vinho, enamorado da beleza mística da terra de Caymmi, com um estilo claro e elegante, Carlos Cunha possui um lirismo de forma impecável, individual, o que mostra uma constante evolução para uma poesia realista, atenta para os problemas sociais do país. Nela vamos encontrar uma valorização semântica muito forte, que ganha nova dimensão.

Não há dúvida que sua poesia nasce dos recursos de sua alma, como única fonte de sua vida. Por isso escreve com o coração nas mãos, fazendo poesia, movido por uma espécie de irresistível impulso interior. É um poeta por vocação, sempre, e por toda a vida.

Há um mistério essencial na criação poética de Carlos Cunha, por meio da qual um verso ou uma imagem, dizem mais, sempre mais, do que o autor deseja dizer ou tem consciência do que disse. Uma poesia quase solitária em sua estrutura poética, sempre tentando ver as realidades invisíveis. O poeta mergulhava dentro de si mesmo, filosofando diante da vida, embora continuasse trabalhando o verso pacientemente como um ourives trabalha os metais nobres, ganhando maior autenticidade. Sem receio de engano, o seu talento criador é um dos mais equilibrados e harmoniosos da geração a que pertence. Sua poesia sempre está em busca de uma renovação linguística, da comunicação de pensamentos e de vivências que se querem ação e consciência transformadora de mundos.

Essencialmente comprometido com a cultura, e com a qual tanto nos identificamos, Carlos Cunha foi um consagrado animador cultural (exerceu o cargo de diretor executivo da Academia de Letras da Bahia), sempre cheio de projetos, dinamismo, a literatura foi sempre para ele uma atividade permanente. Essa figura encantadora permanece, fixada em nós, harmoniosamente fundido no poeta, e transfundido pelo senso do contraste do dirigente cultural, responsável pela descoberta de vários poetas.

O poeta Carlos Cunha nunca se preocupou em organizar sua obra esparsa, cuja publicação adia sempre, resistindo às solicitações dos amigos. Participou de quase todas as manifestações literárias e culturais nos anos 60/70/80 em Salvador; algumas como a organização da II Feira da Poesia (1973) e do *Jornal de Cultura*, Suplemento do *Diário de Notícias* (1973), ambos em parcerias com o também poeta Cid Seixas. Graças aos recursos outorgados pelo Edital 111/2022 da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) o Prof. Dr. Gildeci de Oliveira Leite e o Prof. Dr. Cid Seixas (UFBA) – com a autorização deste último, detentor dos direitos autorais –,

publicaram pela editora Segundo Selo, a edição fac-similar do *Jornal de Cultura*. Os exemplares em suporte impresso e virtual foram distribuídos gratuitamente para bibliotecas, pesquisadoras e pesquisadores interessados no importante mensário da literatura na Bahia, que ano passado completou meio século de sua primeira edição, publicada em maio de 1973, findada em março de 1975.

## Participação em Antologias

Carlos Cunha tem trabalhos publicados em várias revistas e suplementos literários: além de participação em antologias: *Moderna Poesia Bahiana*, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, seleção de 15 poetas realizada pelo professor Leodegário A. Azevedo Filho, prefaciada por Eduardo Portella e Walmir Ayala, (1967). Vejamos o que diz este último:

Carlos Cunha: excelente natal urbano e contemporâneo. Sermão das equivalências. Uma poesia que já desponta com visível maturidade. Breve comunicado do poeta burguês – um poema consumado. De uma certa forma o primeiro poema acabado que aparece na coletânea. O timbre dramático altamente dominante e fluente.

*25 Poetas da Bahia – 1663-1968*, org. por Humberto Fialho Guedes, Salvador, Departamento da Educação Superior da Cultura – DESC, 1968, é como se intitula este trabalho de extraordinário bom gosto gráfico, páginas largas, encorpadas, de um branco luminoso, gravuras de Calasans Neto, Emanuel Araújo, Lênio Braga, Sônia Castro e Gley (200 exemplares). A publicação, considerada como o melhor lançamento do Governo Luiz Viana Filho, tendo como finalidade principal, apresentar a poesia baiana de sempre, no que ela tem de representativo. Um bom livro, destinado a mostrar ao Brasil o que a Bahia tem em poesia. Seu lançamento, ocorreu no Teatro Castro Alves, na “Noite da Poesia”, em dezembro de 1968. Também há *Cinco Poetas Jovens de Bahia*, Buenos Ayres (1968).

*Breve Romancero do Natal* (org. Carlos Cunha e Cid Seixas), impresso na Gráfica Beneditina (1972), uma coletânea de 15 poetas baianos, com ângulos de visão variados que vão desde o sentimento religioso até a pura experiência humanística do clima natalino de dezembro. O livro foi apresentado pelo então Abade do Mosteiro, Dom Timóteo Amoroso Anastásio, que afirma: “essa coletânea quer apresentar, na linguagem poética, um mundo de reações que o Natal é capaz de despertar nos homens”; *Sete Cantares de amigo* (1975) e *Antologia de poetas da Bahia em alfabeto Braille* (1976). Publicou em algumas revistas, como: *Porto de Todos os Santos*, patrocinada pelo Departamento de Ensino Superior e da Cultura - DESC, à época dirigida pelo escritor Luiz Henrique Dias Tavares (1968); *Planetário de Poesia*, *Revista da Bahia*, publicação da Empresa Gráfica da Bahia, em sua 2ª fase (a partir do nº 8 – março, 1988), dirigida pelo jornalista Othon Jambéiro; *Serial*, *Hera*, *Revista da Academia de Letras da Bahia* e *Exu*, da Fundação Casa de Jorge Amado, (1987-1997) dirigida por Claudius Portugal em seus 36 números.

Por sua dedicação às mais justas causas do homem, é que reafirmo a minha admiração e o meu apreço antigo ao poeta. Continuamos à espera de que sua poesia seja reunida e publicada. Aqui dou meus vivos para homenagear o pensamento do poeta sergipano exilado, na sua genialidade visionária, como o fiz, com amizade, na passagem dos seus sessenta anos de existência. Para finalizar, um de seus poemas:

## SOMOS

Carlos Cunha

Somos apenas para dizer palavra  
e entregamos o nosso corpo nas ruas,  
depois repousamos os músculos.  
Não somos puros porque  
despidos depois de amar  
não permanecemos.

Nos perdemos na busca de símbolos:  
só as casas têm números  
só os homens têm nomes.

Queimadas as pálpebras nas vigias do sono  
não sabemos que a madrugada se faz  
nas estrelas que gotejam sangue.  
Morremos e não percebemos as semelhanças  
que há no peixe e no pássaro  
no musgo e no vento.  
Possuímos um silêncio para os mortos  
e um túmulo para o que amamos.  
Guardamos cores na lembrança  
e envelhecemos antes de sair da infância.  
Refletimos o nossa medo e solidão  
nos muros, nos bichos, nas flores,  
sem sabermos que os mortos são fotogênicos  
sem acharmos a serenidade  
que fez este mar azul.

---

GILFRANCISCO é jornalista, professor universitário, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da Associação Sergipana de Imprensa – ASI, do Grupo Plena/CNPq/UFS e do CPCIR/CNPq/UFS. Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Sergipe. Contato: gilfrancisco.santos@gmail.com



## **“A PELE DO ENFIM”: A AFIRMAÇÃO DO AMOR EM *BABEL* DE ANTONIA TORREÃO HERRERA**

GABRIELA LOPES VASCONCELLOS DE ANDRADE

*Babel* é um poema-ensaio “reflexivo-teórico-poético” escrito por Antonia Torreão Herrera (2020). O livro foi publicado durante o Jubileu que celebrou os cinquenta anos de trabalho de Herrera como professora titular de Teoria da Literatura na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Apesar de ser uma poeta relativamente recente, visto que *Babel* é o seu primeiro livro do gênero publicado, Antonia Torreão Herrera construiu uma trajetória prolífica e duradoura no campo da literatura. Além de sua atuação como professora, teórica e crítica literária, Herrera desenvolveu o projeto das oficinas de Criação Literária na Bahia. A autora deu continuidade ao trabalho iniciado por Judith Grossman, tornando-se uma das pioneiras nesse tipo de atividade em todo o Brasil. Herrera concebe *Babel* a partir de sua experiência como educadora, pesquisadora e poetisa, revelando-se, assim, como uma figura múltipla. A obra é dividida em dez cantos, cada um iniciado com uma epígrafe de um autor que transborda o afeto de Herrera pela literatura, destacando suas influências literárias, tais como Dante, Camões, Jorge de Lima, Myriam Fraga, Emicida, João Cabral de Mello Neto, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Guimarães Rosa. O cerne de seu trabalho em “*Babel*” reside nos procedimentos do escritor atuando no discurso, criando enlaces e estabelecendo filiações literárias. Cada palavra é cuidadosamente escolhida, refletindo a dedicação de uma professora generosa, a inventividade de uma teórica e a sensibilidade

de uma artista que busca cultivar a vida da linguagem. Assim, Babel se apresenta como um texto reflexivo e teórico, mas, acima de tudo, poético.

Entre essas filiações e reflexões poéticas de Babel, o artista mais citado é Dante Alighieri (2017) e, sempre associado à ele, repete-se o signo: amor. O poema, inclusive, termina com uma citação de *A Divina Comédia*: “*Primum mobile!* / O amor que move o sol, como as estrelas” (HERRERA, 2020, p. 85). O trecho condensa a jornada final de Dante, em “Paraíso”, através dos céus e sua chegada à presença de Deus. O “Paraíso”, então, se desdobra em duas esferas distintas: uma material e outra espiritual, cristalina, onde a ausência de matéria prevalece. Na esfera material, Dante percorre nove círculos celestiais que representam os planetas, estrelas fixas e o *Primum Mobile*. O céu aparece como uma espécie de modelo cosmológico de Ptolomeu, o *Primum Mobile*, do latim “o primeiro móvel, o primeiro a ser deslocado”, e se estrutura em nove círculos, abrangendo os sete planetas (Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno). Na astronomia clássica, medieval e renascentista, o *Primum Mobile* ocupava a posição de esfera móvel mais externa no modelo geocêntrico do universo como uma explicação para o movimento diário aparente dos céus ao redor da Terra, resultando no fenômeno do nascer e pôr do sol, bem como no movimento estelar. Em *A Divina Comédia*, o firmamento das estrelas é representado como o derradeiro círculo da substância. No Paraíso terrestre, Beatriz, sua guia e amada, direciona seu olhar para o sol, conduzindo Dante em uma ascensão transcendental. Sob a orientação de Beatriz, Dante atravessa os diversos céus, onde encontra figuras como São Tomás de Aquino e o imperador Justiniano, em que sua movimentação pelo celestial é uma condição das suas convicções filosóficas e religiosas – Dante atravessa a si mesmo para, depois, atravessar as estrelas.

O termo, *Primum Mobile*, se traduz tanto na espacialidade do céu, como primeiro movimento do mundo, quanto no primeiro movimento do poeta, movendo a língua para chegar

até um amor místico e divino. Na busca desse amor poético que Dante adentra o céu cristalino – não substancial, palpável apenas na linguagem. O poeta recebe uma visão angélica e contempla nove círculos concêntricos em torno de Deus. Ele se separa de Beatriz, alcançando a visão da Rosa Mística, símbolo do amor divino. Nesse estágio, sente o amor que move o sol e as estrelas, experimentando a proximidade de Deus. O “Paraíso” de Dante culmina na contemplação da divindade e na união do poeta com o amor divino. A poesia é a forma do amor, um amor que não é direcionado a alguém e algo, é o amor pela vida em si mesma, desdobrado infinitamente. Ironicamente, o divino é material. Após a citação de *A Divina Comédia*, o último verso de Babel é: "A pele do enfim" (HERRERA, 2020, p. 85). O amor, força primeira, se desdobra em superfície. O termo “enfim” sugere, na junção da preposição *em* com a palavra *fim*, o local que se finda, o local de termino, indicando não apenas o fim do poema, mas o limite da linguagem. No entanto, este limite ou definição é visível, afinal o enfim é a pele. Na peça *L'idée fixe* (1932), Paul Valéry apresenta um paradoxo: o órgão mais superficial do ser humano é, na verdade, o mais profundo. O autor constrói essa ideia a partir de um diálogo entre um filósofo e o um médico. A aporia entre corpo e razão se rompe na superficialidade do profundo, em que se implode dualismo metafísico, que foi concebido para denegrir o superficial como algo de valor, pouco profundo, tratando-o como simples negativo daquilo que é valorizado (a profundidade).

Valéry, em seu texto dramático, está retomando a ideia de Friedrich Nietzsche (2001), em *Gaia Ciência*, livro no qual aborda o tema da profundidade da pele. O filósofo alemão tensionou o binarismo dentro/fora, profundidade/superfície. Ao denunciar a valorização tradicional da profundidade em detrimento da superfície e o binarismo que elege um dos polos de oposição, Nietzsche utiliza a pele como uma forma de repensar a lógica da metafísica.

Para tal, ao questionar a representação platonista, retoma as práticas e valores dos próprios gregos. "Oh, esses gregos! Eles entendiam do viver! Para isso, é necessário permanecer corajosamente na superfície, na dobra, na pele, adorar a aparência, acreditar em formas, em tons, em palavras, em todo o Olimpo da aparência! Esses gregos eram superficiais – por *profundidade!*" (NIETZSCHE, 2001, p. 15; grifo do autor). Ao declarar o superficial pela profundidade, Nietzsche sugere das dicotomias, não é mais a negatização do profundo ou da superfície, um em detrimento do outro, mas sim, as dobras e as fissuras da própria pele, suas complexidades elásticas e falíveis no tempo, que ao contornar os músculos e corpos, nos fazem perceber a vida, o *enfim* – o conhecimento, então, está no visível e não no oculto.

Em seu último livro, *Ecce Homo* (2008), podemos afirmar que Friedrich Nietzsche continua a ideia da pele como imanência, como a vida e a materialidade em si mesmas. O autor faz isso a partir do conceito de *amor-fati*. A palavra *fati* no Latim vem de *fatus*, que significa o destino, o amor à vida. isto é, o amor ao destino, à vida. O *amo-fati* simboliza a completa aceitação da imanência. Nietzsche afirma o amor como uma ruptura com o niilismo, já que a perda de crença no mundo, em sua moral, e no próprio pensamento racional-metafísico provoca a negatização de tudo. Por isso, o conceito de *amor-fati* retoma a forma do positivo, do dizer sim à vida, não em uma ideia transcendental, mas uma afirmação da existência e do seu caos, da sua imprevisibilidade e da força do próprio corpo. Assim, é possível afirmar que o *amor-fati* é um instrumento ético que permite a passagem apenas do que é afirmativo. Tal ideia atravessa o próprio conceito de *ethos* do grego, que significa modo de ser. O ético é o próprio existir, o é - a leveza da imanência, do *enfim*. Nietzsche discute que é preciso aprender a amar nosso destino, a encontrar beleza no necessário, na pele, na materialidade do primeiro céu: a vida. A dor é inerente à vida, e amar o que nos acontece e nos acontecerá é o primeiro passo para nos tornarmos quem somos.

Dessa forma, a vida é obra de arte no sentido de que não nega a materialidade dela, a dor. Não cria o mundo ideal, mas a afirmação das sensações do corpo, abraçando-as.

Antonia Torreão Herrera, ao citar *A Divina Comédia*, afirma o amor à existência e à literatura. *Primum Mobile* se desdobra no positivo da vida e da primeira alegria. O celeste não é o metafísico, mas a criatividade de perceber o mundo e os seus modos de vida. O termo se traduz tanto na espacialidade do céu, como primeiro movimento do mundo e do poeta movendo a língua para chegar até um amor místico, divino e, ao mesmo tempo, terreno. O amor torna-se o destino da língua. Nos últimos dezesseis versos, que concatenam na citação de Dante Alighieri, o amor pela linguagem é evidenciado pelos jogos com a materialidade da Língua Portuguesa, seus sons e suas formas. Nesse sentido, o gesto de colher sugere a valorização e a apreciação das palavras: "Recolho-as infinitamente belas – palavras de minha língua" (Herrera, 2020, p. 84). A alusão à Torre de Babel, reconstruída no "ático da dor-perdão" (2020, p. 84) joga uma superação das barreiras linguísticas e a restauração da comunicação. O verso "Da reversão do mal em lama revificadora" (2020, p. 85) indica uma transformação positiva advinda da dor e do perdão, o amor à existir, que culminam nas pedras, perdas e dores que se esfacelam. A sequência de vogais repetidas, "Cascatas de a a a a a, /Sêmens de e e e e e, / Miríades de i i i i i, /Infinitos e oblíquos o o o o o, /Abocanhados no universo do u u u u u" (2020, p. 85), utiliza da sonoridades e da boca aberta sem articulações para transformar a língua em personagem, que abocanham, como o "u" que suga para dentro ou que obliquam, como "o" que se fecha no movimento de si mesmo. O poema destaca o som das palavras e a diversidade linguística, a multiplicidade e riqueza da comunicação. A forma do *Primum Mobile* é compara com a própria torre de Babel, da culminação das possibilidades infinitas da língua, uma cosmologia da sua força impulsionadora primordial, em se enceram à capacidade transformadora e unificadora do amor à língua enquanto poesia.

O canto VII, que se inicia com a mesma citação de Dante Alighieri, parece antecipar a problemática do eterno metafísico e da possibilidade da fratura do amor encenado na língua. A poesia é a pele da vida. HERRERA (2020, p. 66) afirma: “poesia nas linhas transversas da vida”. É nessa metalinguagem do texto que o título, *Babel*, se desdobra. No Livro do Gênesis (*Bíblia*, Gênesis, 11:1-9, 1956), Babel é introduzida na mitologia para explicar a origem das línguas. A narrativa descreve uma torre na Babilônia, construída pelos descendentes de Noé, que buscam elevá-la ao céu para eternizar seus nomes. No entanto, a arrogância provoca a ira de Deus, que decide sabotar a construção, resultando na diversificação das línguas e na dispersão da humanidade pelo mundo, enquanto a Torre de Babel desaba. Babel é cifrada pelas reflexões existenciais do fazer poético da escrita. Herrera enfatiza que a escrita é uma espécie de doença, pútrida e desconcertante, mas que gera uma saúde estética – a capacidade de desbabelizar. Herrera destaca que Babel, enquanto mito fundador, revela o caráter fascista da linguagem (BARTHES, 1980), sua imposição e a dificuldade de existir fora dela. A língua doente, vinculada ao poder, impede a expressão.

A Torre de Babel como símbolo de poder e globalização, legitimando a tirania de um povo sobre outro – é a brutalidade do poder e do pensamento racional que impedem a multiplicidade. A poesia, como gesto de amor, questiona e destrói esse símbolo de poder. Desbabelizar é a temática central da obra, um conceito que cifra a escrita e desdobra-se em *amor-fati*. A obra de Herrera é uma busca por escutar e encontrar o outro, superando a divisão e a violência. Desbabelizar é a possibilidade de comunhão universal, onde todos falam a mesma língua, ultrapassando as barreiras sociais e culturais. No entanto, sem o apagamento das singularidades, é falar e entender-se no caos da vida. A autora utiliza a metáfora do Pentecostes para simbolizar a comunhão, destacando a importância da escuta e do encontro com o outro. Desbabelizar significa desfundar a lógica binária,

da violência de centro e margens. Desfunda-se o mito de Babel, trazendo à tona significados e desafiando as certezas tirânicas do sentido. A poesia é apresentada como uma ética de vivência lírica, onde o poeta transforma a linguagem e, rompendo com a legislação da linguagem e encenando uma flexibilidade infinita. Desbabelizar é a possibilidade de escuta e encontro com o outro, uma ação que transcende as barreiras linguísticas e culturais. É a superfície amorosa em fricção, “a pele do Enfim”. A poesia se torna um ato poético de trazer à tona o significante e retirar as certezas tirânicas do significado. É a queda do símbolo segregador. É o reencontro das dissimilaridades.

É possível afirmar que Desbabelizar é, como o poema versa, a vocação suicida da escrita na busca de um grau zero da palavra. Para Barthes (1980), o grau-zero é a linguagem limite que rompe com a legislação da linguagem e encena em uma flexibilidade infinita. A literatura encena a linguagem em seu grau-zero, pois ela faz girar os saberes, quebra a legislação, o sentido fixo, desgastado, criando, a partir da sintaxe, uma performatividade outra. Para Antonia Torreão Herrera, o grau-zero é a própria literatura, a língua enquanto pertencimento e dilaceramento. Herrera define: “Desbabelizar é retomar o fio do novelo, recolher uma a uma cada/ conta do rosário, revelar para a humanidade a língua dos anjos. /Sem que, sem por que, sem causa, sem flexão, conjugada apenas /no presente que desata todos os nós” (HERRERA, 2020, p. 33). Dessa forma, desbabelizar é achar os caminhos desnovelando os fios de Ariadne, é observar a criatividade divina nas obras artísticas do Bispo do Rosário, é olhar a palavra em sua materialidade, em sua possibilidade plástica. Desbabelizar é pensar em uma Babel que destrona o Senhor. É a insubordinação poética do ser humano, já que o que fica é a potencialização do significante – é amor pelos modos de ser.

Guy Girard (2022), em “Clavículas da Revolução”, faz uma releitura do surrealismo como, antes de um movimento artístico, uma linguagem do afeto. O autor parte da citação de André Breton, “as palavras fazem amor” (p.15), para afirmar que

viver é participar de uma invenção coletiva de uma vida outra, de uma imaginação apaixonante. Para o autor, a poesia surrealista, menos como uma estética, e mais como um viver, é aquele que abraça o excesso que tudo pode ser dito, com as cores, com os sonhos e com as palavras. O surreal é reencantar com as magias primeiras da linguagem – “é contar com que o pensamento poético erga uma barragem diante da desrazão capitalista, e que este pensamento torne sensível, e portanto reconhecer, as potencialidades utópicas do instante” (GIRARD, 2022, p. 13). O livro-poema *Babel* se liga ao excesso surreal poético, em que a literatura precisa servir à vida, afinal a arte tem uma responsabilidade ética, através da possibilidade do significante, que agita as palavras sobre si mesmas. A vida é permeada por esse excesso alegre e como precisamos dele, como precisamos desbabelizar – encontrar uma linguagem de comunhão, mas sem a lógica da semelhança. *Babel* coloca o signo em pé, fora da linearidade horizontal da autonomia da linguagem. A palavra responde por si própria em outro tempo, a palavra como joia preciosa. Babel, ao confundir, ao criar o caos, é a potencialidade poética da despesa do signo, é a comédia e o carnaval da vida. A obra de Antonia Torreão Herrera é uma ode à língua e à sua trajetória atravessa ao amor pela literatura.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA (1956). Todos os homens falam a mesma língua. Tradução de Pe. Matos Soares. Porto: Sociedade de Papelaria. 2385 p. Antigo testamento.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Tradução de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2017.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moíses. São Paulo: Cultrix, 1980.

HERRERA, Antonia Torreão. *Babel*. Salvador: EDUFBA, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VALÉRY, Paul. *L'idée fixe*. Paris: Gallimard, 1932.

---

Gabriela Lopes é doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e trabalhou como Visiting Researcher em Cinema na University of California, Los Angeles (UCLA) como bolsista Fulbright. Possui pós-doutorado pelo no Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É professora substituta de Teoria da Literatura na UFBA e é participa do projeto do CNPq “Rede de pesquisa em arquivos literários”.



# O ÓDIO QUE AMEAÇA A PAZ MUNDIAL

JOACI GÓES

“Quando ouvirdes falar de guerras e revoltas, não vos alardeis; é preciso que estas coisas sucedam primeiro, mas não será logo o fim.” Disse-lhes depois: “Erguer-se-á povo contra povo e reino contra reino. Haverá grandes terremotos e, em vários lugares, fomes e epidemias; haverá fenómenos apavorantes e grandes sinais no céu.”

Lucas, 21: 9-12.

O período que sucedeu a Segunda Grande Guerra, até muito recentemente, é o de mais longa paz na história humana, com as exceções dos genocídios nos países socialistas, particularmente União Soviética e China que, através de Stalin e Mao Tsé-tung, eliminaram milhões de dissidentes internos, para não mencionar o Camboja onde entre um quarto e um terço da população foi extinta, sob o regime brutal de Pol Pot. Embora Cuba continue a liderar, em números absolutos e relativos, o assassinio de compatriotas, no Continente Americano, cem vezes mais do que o Governo Militar Brasileiro, de 1964 a 1985, representa uma pequena fração quando comparada aos gigantes da brutalidade. Curiosamente, ao realizar a passagem do socialismo para o fascismo explícito, tanto a Rússia quanto a China, suspenderam o genocídio interno, restringindo a violência às ocasionais conveniências dos seus governos totalitários.

Recentemente, porém, o mundo depara a efetiva ameaça de voltar a incendiar-se pela quantidade de conflitos de todos os tamanhos, 134, segundo acreditada ONG inglesa, que eclodem nos quatro cantos do Planeta. Visando contribuir para a compreensão desse magno e inquietante panorama, atualizamos, aqui, as reflexões que fizemos sobre o tema do ódio entre as nações, em nosso livro *Anatomia do Ódio*, de 2004.

### **Nacionalismo: origens e desenvolvimento**

O nacionalismo é uma das mais marcantes expressões da identidade dos grupos humanos. Sua afirmação se processa por uma face positiva, quando exprime amor pelos do grupo, e outra negativa, quando simboliza ódio e hostilidade aos de fora, consoante a bipolaridade da atração e da hostilidade. Como se trata de um sentimento de notória presença na vida política dos povos e nas relações internacionais, convém conhecer de suas origens e dos mecanismos do seu funcionamento.

É corrente o entendimento de que o nacionalismo é o vínculo emocional entre pessoas de uma mesma comunidade, responsável pelo nascimento das primeiras organizações políticas, e pela consolidação, maturidade e expressão das comunidades étnicas. Tratar-se-ia, segundo essa mesma visão, de uma fase indispensável, mas passageira, na vida dos povos, cedendo lugar, pouco a pouco, a outras formas mais racionais e avançadas de expressão das sociedades políticas. Do ponto de vista político-sociológico, nada mais falso do que a primeira parte dessa crença. O nacionalismo é, na realidade, um fenômeno europeu do século XIX, resultante política do Romantismo, movimento intelectual e literário, nascido da reação que a Europa Central opôs ao Iluminismo francês do século XVIII. Segundo Isaiah Berlin, na Alemanha, *“esta reação assumiu a forma da glorificação do indivíduo, da oposição do histórico e do nacional ao atemporal e universal; da adoração do gênio, do inexprimível, do lampejo do espírito que desafia todas as regras*

*e convenções, da exaltação do heroísmo individual, o gigante, acima e além da lei; o inesgotável e ilimitado em lugar da medida, da claridade e da estrutura lógica.”* É esse caráter regional do nacionalismo que impede sua conceituação como ideologia, por lhe faltar o indispensável alcance universal, embora sua invocação e influência, pela e sobre as pessoas, ocupem o espaço e exerçam as funções morais e emocionais das filiações ideológicas.

## **A emergência do Estado-Nação**

A existência do estado-nação é recente. O número de nações, antes da era moderna, com uma história coerente de razoável independência, era muito reduzido. Forçando um pouco a barra, podemos mencionar Japão, Inglaterra, França, Suécia, Rússia, Polônia, Espanha, Portugal e, com fronteiras distintas das atuais, Dinamarca. A França, por exemplo, que existiu como um reinado, um império e uma revolução, só ganhou verdadeiro *status* de nação, a partir de quando Jules Ferry, no século XIX, emancipando-a da tutela da Igreja, criou a educação livre e universal. A nação russa, por sua vez, apoiada na ascendência moscovita sobre os tártaros, só se consolidou nos séculos XVIII e XIX, transformando-se, mais tarde, num império, até ruir, em 1989-90. Ainda hoje, a Espanha luta contra os movimentos separatistas, basco e catalão.

A unificação alemã, com o nome de Prússia, só aconteceu em 1871, e sua reunificação, sem a maior parte do que constituía a Prússia de então, só se deu em 1990. Observe-se que a origem histórica da Alemanha, como sucessora política de Roma, à exclusão da civilização e da língua, é imperial, e não nacional. Não obstante haver ocupado, no século IX, o território que pertencera à Grécia democrática e à Roma republicana, vocacionada para o direito e a literatura, a Alemanha se desenvolveu imune à influência dessas duas notáveis civilizações, fato que contribuiu para a construção de um modelo civilizador autóctone,

exemplar por sua magnífica produção filosófica, musical e científica, conquanto bisonha e, às vezes, lamentável nos domínios da política, com a exceção de momentos como os protagonizados por Frederico, o Grande, no século XVIII. Quando, sob a inspiração romântica do nacionalismo, Bismarck se empolgou com a ideia de edificar uma poderosa Alemanha imperial, com base na suposta existência de uma unidade racial germânica, ele estava redefinindo e criando uma nova concepção do espírito de nacionalidade germânica, existente desde há muito. Essa concepção de nacionalidade baseada na unidade racial não resiste ao teste da história, nem aos mais recentes exames de DNA: os genes de qualquer ser humano são idênticos, na proporção de 99,9% aos de outro ser humano qualquer. Como observou o geneticista inglês Brian Sykes, em *The Seven Daughters of Eve*, “não há a menor base genética para uma classificação étnica ou racial”. Na mesma linha, Steve Olson, em sua obra *Mapping the Human History*, concluiu: “a investigação científica está acabando com a pueril e malsinada crença na existência de raças”.

Inicialmente, ao longo da Idade Média, a identidade comunitária alemã se apoiava na unidade linguística. Depois, desenvolveu-se como um aglomerado étnico, por se constituir em ponto de cruzamento intenso dos mais diferentes povos, sob a égide do *Volkegeist*, o espírito do povo. O resultado desse nacionalismo, impermeável à verdade histórica e existencial, foram duas conflagrações mundiais, uma das quais, a Segunda, teve como um dos seus objetivos a absurda singularidade do extermínio de um povo, o judeu, constituindo-se o Holocausto na única matança conhecida sem nenhum outro propósito que não o do extermínio, como um fim em si mesmo. Foi em razão disso que em 1944 o judeu Raphael Sinkim cunhou a palavra genocídio, formada da palavra grega *genos*=raça + *cídio*=assassínio, do latim *caedere* ou *cade-re*. Não faz muito, sobretudo no biênio 1993-4, sob a inspiração da nefasta e velha crença numa identidade sanguínea,

a Alemanha deu palco a atos de intolerância contra exilados políticos, e contra imigrantes que acorreram ao país em busca de trabalho, como os gregos, espanhóis, turcos e italianos, cuja atividade construiu o “milagre econômico” do qual os alemães tanto se orgulham. Em nome dessa mesma identidade sanguínea, aos descendentes dos saxões, colonizadores da Romênia e da Rússia de Pedro o Grande, é assegurado o direito automático à cidadania alemã, mesmo sem falarem o alemão, ou sequer estarem familiarizados com a cultura e a civilização germânicas, enquanto aos filhos dos trabalhadores turcos e iugoslavos, nascidos e educados na Alemanha, nega-se igual direito, sob o argumento de não descenderem de matrizes germânicas. Para esses, a luta pela obtenção da cidadania converte-se num processo kafkiano. Recorde-se que, até a era Bismarck, a identidade nacional alemã se impunha pelo compartilhamento de uma cultura comum, valor adquirível, ao contrário da etnicidade, que é um traço nato.

A Áustria que, de 1867 a 1918, integrava o Império austro-húngaro, fundiu-se com a Alemanha, em 1938, depois de uma curta autonomia de, apenas, vinte anos.

A Itália, embora correspondendo a uma parcela importante da antiga Roma, só veio a se formar em meados do século XIX, pela unificação da Lombardia, dos reinos da Sicília e de Nápoles, do Império de Veneza, da Savóia, do Piemonte e dos Estados Papalinos. Do total de sua população, só dez por cento falavam o italiano quando da reunificação por Garibaldi que, aliás, nasceu na França e desposou a brasileira Anita, nascida em Laguna, Santa Catarina. Anita é mais conhecida na Itália do que no Brasil, razão pela qual é cognominada Heroína de Dois Mundos.

A Grécia que, antes de Cristo, se dissolveu no Império romano, ressurgiu do Império Otomano, no século XIX.

Os Estados Unidos, como nação-estado, são mais antigos do que a Alemanha e a Itália. Apesar de constituída por imigrantes de todas as origens, a nação norte-americana é o produto

da contradição dialética entre o mais avançado ecumenismo religioso e econômico e a mais atrasada intransigência racial. A Ku Klux Klan - uma imitação da KKK do período de reunificação dos estados, após a Guerra de Secessão, denominado Reconstrução -, que, em 1920, contava com algumas centenas de membros, evoluindo para quatro milhões e meio em 1924, veio a tornar-se uma força política dominante nos estados da Califórnia, Ohio, Texas, Oregon, Oklahoma, Arkansas e Indiana. Seu objetivo era unir os brancos do sexo masculino, os não-judeus nascidos nos Estados Unidos, descomprometidos, por vínculos de qualquer matiz, com governos, nações, instituições, seitas, governantes, pessoas ou povos, para promover a perpetuação da supremacia branca e conservar, proteger e manter as superiores instituições, direitos, privilégios, princípios, tradições e ideais do mais puro americanismo. Esse nativismo rábido, mesclado com uma xenofobia populista, e desenvolvido entre as duas grandes guerras, veio repetir-se nos anos cinquenta, sob a bandeira do macarthismo anticomunista, com uma diferença: o nativismo nacionalista da Ku Klux Klan floresceu em meio aos trabalhadores anglo-saxões e protestantes celtas, povoadores históricos do país que se sentiam ameaçados pelos católicos e pelos judeus emigrados do Sul e do Leste europeu, enquanto o macarthismo se constituiu num movimento apoiado nos imigrantes recém-assimilados, de maioria católica, imbuídos do sentimento da superioridade e da pureza do seu americanismo, em comparação com o cosmopolitismo liberal e anglófilo dos primeiros colonizadores protestantes.

A França e a Inglaterra, as mais antigas, emergiram como nações ao longo da Guerra dos Cem Anos, que, curiosamente, teve a duração de 116 anos (1337-1453).

A nação, baseada em etnia, é uma criação moderna. Não se conhece precedente da evolução de uma comunidade étnica para um estado-nação. Entre os modernos estados-nação, são poucos os que se caracterizam pela homogeneidade étnica,

a exemplo do Japão, da Finlândia, dos países escandinavos, da Albânia e da Hungria. Ainda assim, com restrições. O mundo árabe, com seus 350 milhões de habitantes, estendendo-se do Oceano Atlântico até o Iraque, fala um só idioma, e os povos que o integram partilham, com grande porcentagem dos judeus, a mesma origem - os semitas -, povo que ocupou a Península Arábica, há milhares de anos, como ficou demonstrado pela unidade genética entre eles, revelada em pesquisa comparativa de DNA, realizada pelo professor da Universidade de Stanford, Luigi Luca Cavalli-Sforza. Não obstante essa identidade genética comum, os povos árabes nunca se reuniram em uma comunidade supranacional, nem mesmo quando, organizados em tribos, estiveram submetidos, ao longo de quase seis séculos, ao Império Otomano. O islamismo continua a ser o seu mais importante vínculo, apesar da forte animosidade existente entre suas principais correntes, os sunitas e os xiitas, seguindo-se as lealdades tribais, vindo, em terceiro lugar, o arabismo, entendido como a identidade árabe, acima das fronteiras nacionais. A exceção corre por conta do prestígio de líderes carismáticos nascidos dos regimes populistas que promoveram a reunificação de países como o Egito, a Líbia, a Argélia e o Marrocos, a exemplo de Gamal Abdel Nasser e Muamar Kadafi.

Do mesmo modo que o século XIX pertenceu ao internacionalismo, de corte imperial, o século XX pertenceu ao nacionalismo, que destronou, um após o outro, o internacionalismo imperial, o nazista e o comunista, sem prejuízo de importantes criações internacionais, como a Liga das Nações, as Nações Unidas e a Comunidade Europeia. Como não poderia ser diferente, os seguidores de cada uma dessas correntes endeusavam-nas como o meio mais recomendável de consolidação do progresso material e social dos seus povos.

Do ponto de vista racional, o nacionalismo é uma doutrina insustentável. Como justificar que o acaso do nascimento deva ter o poder de impor aos indivíduos uma lealdade que os antagonize

com membros de outra comunidade qualquer? É verdade que desde sempre houve lealdade a lugares, clãs e tribos, mas a palma cabia às religiões, aos deuses, aos imperadores e às civilizações. O sentimento de patriotismo, como expressão de apreço à terra dos avoengos, é antigo. Ser chinês, romano ou mesopotâmico envolvia a sensação de pertencer a uma comunidade universal, sem fronteiras, fora da qual só existia a barbárie, diferente do nacionalismo, um fenômeno típico da modernidade. O estrangeiro pugnava por ser aceito como romano, em função do prestígio da cidadania inerente a essa condição: “*Civis romanus sum*” (Sou cidadão romano). Roma não era uma nação, mas uma combinação de cidade e império. Ser europeu, na Idade Média, não correspondia a ser nacional de qualquer país ou região. Para a grande maioria equivalia a ser cristão, obediente ao comando do imperador ou do Papa.

### **Origem das nações**

As primeiras nações surgiram ao sabor das dinastias que se acastelaram no poder, sem qualquer unidade étnica. Em sua formação pré-histórica, a Inglaterra foi invadida pelos celtas e dinamarqueses, antes da conquista romana, depois da qual sofreu a invasão de vários povos germanos, vindo, em 1066, a sucumbir ao domínio e colonização dos franco-normandos, o que vale dizer, escandinavos. Depois da Segunda Grande Guerra, a Inglaterra incorporou à sua nacionalidade minorias da Índia, do Paquistão, de Bangladesh, num processo que poderia ser considerado uma recolonização do colonizador pelo colonizado, fenômeno também conhecido de outras potências colonizadoras europeias. A própria monarquia britânica é germânica, depois de ter sido escocesa e holandesa. Desde o século XI, não há um rei genuinamente inglês.

A França chauvinista de hoje se origina dos vikings, belgas, germanos, gauleses, bretões, catalães, bascos e latinos provençais.

Os irlandeses e os escoceses foram levados para a França em razão da luta contra a Inglaterra, sendo vários dos seus descendentes, ironicamente, integrantes da aristocracia francesa, desde muito. Na virada do século XIX para o XX, só os Estados Unidos superavam a França na imigração de judeus russos e poloneses. Depois da Primeira Grande Guerra, foi grande o contingente de poloneses, italianos, portugueses, espanhóis e armênios atraído para participar do processo de reconstrução nacional. Mais tarde, libaneses, algerianos, indochineses, marroquinos, tunisianos, africanos, muçulmanos e judeus, de variada procedência, vieram se juntar à rica diversidade étnica francesa. Marcas indeléveis dessa diversificada presença podem ser encontradas em figuras que, embora nascidas no exterior, pontificam em vários domínios da França, exaltando o orgulho nacional, a exemplo do turco Edouard Balladur, primeiro-ministro em 1993; do norte-americano Julian Green, romancista e membro da Academia Francesa; do campeão de *skate* Surya Bonaly e do tenista Yannick Noah, nascidos na África; do cantor e ator italiano, Yves Montand; do escritor Albert Camus, nascido na Argélia.

Ser francês ou inglês, portanto, nada tem a ver com o lugar do nascimento, nem com a etnia. O vínculo da nacionalidade se processa pela identidade histórico-cultural, ainda que as características físicas possam ensejar a identificação das origens étnicas.

O mesmo não pode ser dito da Europa balcânica e centro-oriental, onde a nacionalidade é associada à etnia e religiosidade, e destacada da base territorial, razão pela qual a imigração ou a emigração em quase nada altera o status nacional do indivíduo. É verdade que há conspícuas exceções a esta regra geral, como o clamor dos servos pela posse de Kosovo, sob a alegação do seu significado, para eles, remontar à Idade Média, embora seu povoamento, desde então, tenha sido, sobretudo, obra dos muçulmanos albaneses. Do mesmo modo, os romenos consideram a Transilvânia como seu território, ainda que sua população seja de maioria húngara.

Ao longo de 123 anos, a Polônia existiu sem um território reconhecido como sendo seu. De 1918, quando readquiriu sua existência territorial, aos nossos dias, a Polônia sofreu várias alterações, perdendo espaços preciosos para a Lituânia e a Ucrânia, e ganhando áreas antes pertencentes à Prússia. Parece mais do que razoável supor que os limites territoriais da Polônia ainda não podem ser considerados definitivos.

Durante toda essa fase de inexistência territorial, a Polônia sobreviveu na memória dos seus filhos, que se mantiveram em sua base histórica, bem como no culto dos que se exilaram nas nações democráticas. Quando, já possuindo base territorial, perdeu sua independência, com a invasão nazista, em 1939, e depois da Segunda Grande Guerra, sob a dominação soviética, escolas e universidades clandestinas foram criadas, além de várias outras instituições civis, com o propósito de assegurar a existência política da nação, não obstante sua inexistência formal. Até reconquistar sua independência, em 1990, com a implosão do Império Soviético, e a eleição de Lech Walesa, o povo polonês, dentro e fora dos limites territoriais da Polônia, soube manter acesa a chama do espírito nacional.

### **As nações como organizações de interesse**

Embora, em muitas regiões do globo, abundem exemplos de vinculações afetivas ou emocionais dos nativos com seus respectivos países, num estilo que poderíamos denominar nacionalista, com toda a carga de paixão intolerante e odienta que lhe é inerente, as nações em todo o mundo, as ocidentais à frente, cada vez mais, se consolidam, na prática, como organizações de interesse. De um lado, o poder constituído assegura a defesa nacional, a ordem interna, a aplicação da justiça, a estrutura econômica para o desenvolvimento da agricultura, indústria, comércio e serviços, a educação, os meios de transporte e comunicação, a liberdade religiosa, etc.; de outro lado, exige solidariedade

entre os concidadãos, expressa na aceitação das regras jurídicas e morais, eleitas pela coletividade, como pagar os impostos e defender a integridade nacional em caso de ameaça externa. A cidadania é, portanto, matéria de direitos e deveres recíprocos, dos cidadãos entre si, e desses com as organizações, públicas e privadas, a que pertencem hoje, mas a que podem vir a não pertencer amanhã. Como exemplo, o fato de serem alemão e austríaco, respectivamente, com direito a sotaque, não impediu Henry Kissinger nem Peter Drucker de se transformarem em figuras de proa da sociedade norte-americana, o primeiro como secretário de Defesa, e o último como o guru máximo da moderna gestão capitalista. E o que dizer de Albert Einstein e os Estados Unidos?

Em meio às levas crescentes de imigrantes, das mais diversificadas origens, em todos os países, destacam-se nomes que pontificam em domínios tão distintos como o esporte, a literatura, o comércio, a indústria, a ciência, os serviços e as artes. Sem culpa e sem saudades do torrão natal! Atento a toda essa tradição histórico-cultural, o pensador liberal inglês, nascido na Itália, Lorde Acton sentenciou: “A integração de diferentes nações num só estado é uma condição tão necessária à vida civilizada como o é a convivência entre pessoas na sociedade... Um estado incapaz de satisfazer diferentes nações condena-se; um estado que pugna por neutralizá-las, absorvê-las, ou expulsá-las destrói a própria vitalidade; um estado que não as incorpora é destituído do substrato essencial à sua autonomia.”

Segundo a antropóloga argentina Célia Beatriz Giménez, o isolacionismo xenofóbico foi a causa central do desaparecimento da outrora poderosa nação dos índios tupi, para quem todos os outros nativos de Pindorama eram tapuia, o mesmo que bárbaro, inculto e escravo, inimigos a serem a todo custo combatidos e aniquilados. Sentencia a estudiosa argentina, titular da cadeira de Antropologia das Faculdades do Descobrimento, em Porto Seguro, até que os índios, associados ao MST e ao crime

organizado as invadiram, diante da omissão do poder público: “O povo tupi, os audazes e belos guerreiros, enaltecidos pela história e lenda, bravos defensores de grande parte do território conquistado pelos portugueses, estava condenado à extinção pela sua própria e paradoxal existência, baseada no ódio, na incapacidade de perdoar e aceitar o perdão, na sua proibição secular de amar qualquer pessoa diferente de si próprio, condições essas que o levaram inevitavelmente à destruição, seja pela mão de portugueses, franceses, aimoré ou pelos seus próprios irmãos”.. “Essas características fizeram do povo tupi um povo errante, sem destino, perseguindo em vão a miragem da terra sem mal, cujo mito ancestral manteve seu povo vivo durante pelo menos dois mil anos. O povo tupi caminhava para a morte.”

## **O crescente internacionalismo**

O nacionalismo, pobre de dimensão humanística, em razão do despreço que nutre por quem quer que não pertença à sua grei, colide com os cada vez mais aceitos princípios de solidariedade internacional, considerados indispensáveis ao desenvolvimento de políticas e religiões universais. Emanada dessa concepção generosa a piada que sustenta ser uma nação nacionalista composta de “um povo que se une pelo despreço reinante entre os vizinhos e pelo equívoco comum sobre suas origens”. Nesta mesma linha, Freud observou que “é sempre possível reunir um grupo de pessoas pelo vínculo do amor, desde que haja outras contra quem elas possam direcionar sua agressividade”, enunciado que está em sintonia com a norma binária do sistema neural primitivo da atração e da hostilidade.

Segundo Leon Tolstoi, para quem o nacionalismo era uma força primitiva e monstruosa, inspirada num falso ideário, “A essência de ser humano consiste na capacidade de escolher o modo como viver: as sociedades poderiam ser transformadas em função de crenças verdadeiras, alimentadas com dedicação e fervor”.

A formação dos blocos econômicos, como a Alca, a CEE, os Tigres Asiáticos e os BRICS, envolvendo nações com um passado recente de hostilidades recíprocas, representa um grande golpe no espírito nacionalista, apesar dos entreveros iniciais, requeridos para acertar os ponteiros, como aconteceu com os países europeus durante toda a segunda metade do século XX e está acontecendo neste início do terceiro milênio, com os 34 países do continente americano, que integrarão a Alca, notadamente entre os que compõem o NAFTA - North American Free Trade Agreement (Acordo de Livre Comércio da América do Norte) -, Estados Unidos, Canadá e México, e os demais, sob a liderança do Brasil. Sem o contrapeso da economia de mercado, que clama pela internacionalização das atividades econômicas, o componente residual do nacionalismo norte-americano tenderia a se impor, de modo traumático, pelo poder incontestável de sua esmagadora superioridade militar, política, diplomática, econômica e científica. Que o novo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, poupe o Brasil, em sua esperada reação às gratuitas ofensas que contra ele dirigiu o trêfego Presidente brasileiro em seu ridículo propósito de derrubar o US dólar, como moeda central das trocas universais, e fazer a paz mundial na base da partilha fraterna do “churrasquinho com cerveja, no bar da esquina”.

Refletindo esta contradição, os mexicanos oscilam entre o clamor do ditador Porfirio Díaz (1830-1915): “Pobre México: tão perto dos Estados Unidos, mas tão longe de Deus” e a invocação de Octávio Paz (1914-1998): “Tanques, vão embora, mas me levem com vocês”, (*Yankees go home! ... But take me with You*).

Precipitado pela facilidade de comunicação ensejada pela Internet, o fenômeno da globalização garante que os recalcitrantes movimentos nacionalistas, que ainda remanescem, sejam, cada vez mais, exceção à regra geral da integração dos povos. Os pensadores ingleses Isaiah Berlin e Eric Hobsbawn, criados na tradição liberal, consideram tão irracional a exaltação de um país

sobre os outros, e tão convincente a superioridade do internacionalismo, que confessam a dificuldade de aceitar que pessoas inteligentes possam ser nacionalistas. Acreditam ambos que o nacionalismo está condenado ao desaparecimento, como uma aberração a ser destruída pelo progresso. Já no século XVIII, Samuel Johnson, implacável, sustentava ser o “nacionalismo recurso dos canalhas”. Nessa mesma linha de raciocínio, são muitos os pensadores que acentuam o caráter patológico do nacionalismo, não obstante necessário ao processo de desenvolvimento dos povos, do mesmo modo que a neurose é um facilitador do desenvolvimento pessoal. Trata-se, em última análise, do velho confronto entre as forças do sistema neural primitivo, nós/eles, apoiado na intolerância, e do sistema neural avançado, nós/nós, apoiado na tolerância aprendida. Como as diferentes áreas do cérebro possuem distintas especializações e limitações, nem sempre o que ocorre numa área é compreendida pela outra.

### **A resistência dos nacionalistas**

Na contramão desses vaticínios condicionados pelo desejo (*wishful thinking*), assistimos, em diferentes lugares, a uma parcela da elite intelectual, instruída, embora não, necessariamente, educada, envolver-se, com muito ódio, em ações sangüinárias, inclusive genocídios, estupros e terror, sob a inspiração de movimentos nacionalistas, como aconteceu em 1992, com a Bósnia-Herzegovina, e durante o cerco a Sarajevo, sinalizando que ainda não é chegada a hora da vitória final do internacionalismo sobre a bitola estreita do nacionalismo. Foi pensando nessa irracional vocação do homem para repetir erros (o homem é o único animal que tropeça mais de uma vez na mesma pedra) que o historiador inglês do século XIX, o bispo de Oxford, William Stubbs, observou: “É possível que o estudo da história possa nos tornar mais sábios, como é absolutamente certo que nos torne mais tristes.” Denis Diderot, o líder principal

do movimento editorial do Iluminismo que nos legou l'*Encyclopédie*, otimista, equivocou-se, pelo menos até agora, ao vaticinar: “Nossos descendentes, sendo mais cultos do que nós, serão, a um só tempo, mais felizes e mais virtuosos.”

Sem renúncia ao ódio que constitui o combustível de sua mobilização, o nacionalismo tem sido festejado, pelos seus adeptos, desde seu nascimento, como um movimento progressista, uma bandeira da luta popular contra os privilégios das dinastias ou dos impérios. Alguns autores atuais, como Ernest Gellner, sustentam que o nacionalismo “é o produto da necessidade das nações modernas de alcançarem uma educação genérica, de padrão universal, de acordo com uma certa divisão do trabalho, que permita às diferentes nações sobreviverem na complexidade do mundo moderno, em contínua mutação.” Gellner acredita que o nacionalismo não morrerá, mas perderá sua virulência.

O início do nacionalismo coincide com a visão jacobina, inspirada em Rousseau, a qual, em seguida, foi incorporada ao pensamento de liberais como Giuseppe Mazzini, na Itália, e John Stuart Mill, na Inglaterra. Woodrow Wilson, 28° presidente dos Estados Unidos, apoiado no trabalho de um grupo de intelectuais, propôs a criação da Liga das Nações, sob o princípio da autodeterminação dos povos. A subdivisão dos impérios austro-húngaro e otomano, em diferentes nações, nasceu da crença no valor da superioridade desse princípio. As insatisfações produzidas pelo fracionamento dos dois impérios, sem levar em conta valores étnicos, territoriais, históricos, éticos e morais, figuram como causa importante da deflagração da Segunda Grande Guerra. Muitas dessas insatisfações alimentaram ódios permanentes, como a luta, sem quartel, servo-croata, na implodida Iugoslávia, cujos horrores ainda na passagem do milênio são um libelo contra nossas pretensões de civilidade.

O nacionalismo revelou-se de grande utilidade, depois da Segunda Guerra, nos movimentos de emancipação das colônias europeias, na Ásia e na África, embora não se hajam concretizado

as expectativas de progresso, resultantes da utópica superioridade do homem primitivo e puro, consoante a crença romântica de Rousseau no valor do homem natural: “Todo homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe.” Poucos sabem que essa crença nasceu da idealização das qualidades do índio brasileiro, desenvolvida e debatida por ensaístas e literatos europeus, a partir do século XVI, desembocando na Revolução Francesa, conforme se lê no clássico de Afonso Arinos de Mello Franco, *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, publicado em 1937, com uma terceira edição, pela Topbooks, no ano 2000. Autores como Thomas Morus, Erasmo de Roterdam, Rabelais, Montaigne, Shakespeare, John Locke e Rousseau cederam ao fascínio temático do índio brasileiro. É chocante, para dizer o mínimo, que uma obra dessa importância não tenha sido, até hoje, objeto de ampla difusão, no exterior, pelo governo brasileiro, como tivemos ocasião de dizer ao festejado polímata mineiro, autor do livro, quando ambos integramos a Assembleia Nacional Constituinte que produziu a Constituição Cidadã de 1988 e, mais tarde, ao Presidente Fernando Henrique Cardoso.

Com a implosão do Império soviético, o nacionalismo latente dos países balcânicos e do Leste europeu reafirmou sua presença, levantando-se contra o jugo político e geográfico que violentou sua identidade histórica e cultural, desde o fim da Segunda Grande Guerra.

Ao conjunto de tantas motivações com potencial para plasmar o sentimento nacionalista, podemos acrescentar o ódio nascido do ressentimento, como é o caso do nacionalismo antiamericano - dos países da América Central (Panamá, Costa Rica, Honduras, Salvador e Guatemala) contra os Estados Unidos. Em lugar de um sentimento de orgulho nacional pela sua superioridade, identidade e autenticidade, é o ódio nascido do sentimento de fraqueza e da falta de identidade histórica que alimenta a mobilização desses povos contra tudo que seja norte-americano.

## Origens dos nacionalismos e das duas grandes guerras

A primeira Grande Guerra nasceu de um gesto de nacionalismo da Sérvia. A Segunda, do nacionalismo germânico, desejoso de restaurar seu império, expandindo suas fronteiras e impondo sua vontade ao mundo. O nacionalismo inglês pugnou pela imposição do seu predomínio no mar, a milenária via de ligação entre os povos e as civilizações, fomentando o divisionismo entre as nações da Europa continental. A França exercitou o seu nacionalismo e desejo de vingança, conquistando a Alsácia e a Lorena, ao preço de sua exaustão econômica. O nacionalismo da Rússia imperial interveio na guerra de 14, para defender a Sérvia ortodoxa, e terminou numa revolução ateísta. A Sérvia quer incorporar áreas vizinhas ocupadas por sérvios. O Iraque de Saddam Hussein invadiu o Kuwait, alegando que este território lhe pertenceu, quando do Império Otomano, e lhe foi roubado. Os palestinos clamam de volta o país que era seu. Israel não quer correr o risco de perder um território que conquistou em séculos de suor, lágrimas e sangue, dessa resistência advindo a guerra na faixa de gaza, contra o terrorismo do Hamas, e contra o Hezbollah, infiltrado no Líbano, com o apoio ostensivo do Irã. Os vietnamitas mataram e morreram para ter o seu território. O nacionalismo tribal da África vem ceifando milhões de vidas. Esses movimentos de inspiração nacionalista mataram, no século XX, mais do que todos os conflitos anteriores somados. Parece que “está no ar o assassinio de Deus”, comentou a personagem de Curzio Malaparte, em *Kaputt*, ao saber que um prisioneiro leninista matara o pastor luterano que viera lhe prestar conforto espiritual, como se estivesse eliminando a Deus.

O perigo potencial de todo processo de identidade nacional reside na exacerbação da crença de que sua conquista justifica o sofrimento de outros povos.

O nacionalismo visa alcançar a vitória de pessoas e, na melhor das hipóteses, de povos sobre outros povos, enquanto o internacionalismo democrático conduz ao avanço e à paz entre as civilizações. O verdadeiro antídoto contra o ódio nacionalista

reside na democracia. Apesar das marchas e contramarchas, o mundo está se tornando cada vez mais democrático, e - praza aos céus! -, não se conhecem guerras travadas entre democracias. Por enquanto, em matéria de violência, a cultura atual predominante é a de desaprovar sua manifestação, mas, paradoxalmente, legitimando seu uso. Vide o que volta a acontecer com o fragor de guerra entre a Rússia e a Ucrânia e com a incontornável questão da Palestina que clama, com razão, por seu espaço próprio, ameaçando a paz mundial, e com Israel querendo dar um basta final ao seu histórico e inenarrável sofrimento, impondo-se a facções terroristas de inspiração fundamentalista. Para aumentar as tensões, a ditadura de Bashar Al -Assad, na Síria desmoronou, levando o mundo a preocupar-se com o tipo de governo que o sucederá, o mais temido dos quais é o fundamentalismo islâmico.

Historicamente, deitado em berço esplêndido, hoje, em lugar de extrair vantagens legítimas do crescente confronto entre os grandes blocos, em busca da hegemonia político-econômica, o Brasil opta por fazer o jogo sujo contra a corrente civilizatória dominante, com Estados Unidos e Europa à frente, pondo-se a serviço dos gigantes fascistas Rússia e China, como mecanismo para manter acesa, internamente, a chama eleitoreira de uma esquerda terceiro-mundista, proscrita dos países que lideram o avanço civilizatório e a qualidade de vida dos povos.

O povo brasileiro tem a festejar, legitimamente, neste momento, sua esmagadora e recente decisão de refutar, nas urnas de outubro de 2024, as equivocadas diretrizes do governo de plantão que o infelicitou, já tendo destruído a boa herança dos seis anos de administração que o precederam.

Tomara que, de quebra, não demore muito para a Bahia deixar de ser o modelo nacional da vanguarda do atraso em quase todos os índices que aferem a qualidade de vida dos povos, como educação, saúde, renda, segurança pública

e liberdade de expressão, a exemplo da tentativa vã da secretaria de cultura, assim mesmo, com minúsculas, de controlar quem pode e não pode participar do vasto programa cultural do IGHB, mediante a ominosa suspensão do legalmente obrigatório financiamento, pelo Estado, de suas atividades. A comovente resposta da sociedade civil, contribuindo com valores correspondentes às possibilidades de cada um, variando de um a milhares de Reais, parece inspirar-se no estribilho do Hino da Independência: “Nunca mais, nunca mais o despotismo, regerà, regerà nossas ações, com tiranos não combinam brasileiros, brasileiros corações!”

## REFERÊNCIAS

- Affonso Arinos de Mello Franco, *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, 2000.
- Brian Sykes, *The Seven Daughters of Eve*, 2001.
- Célia Beatriz Gimenez e Capitão Raimundo dos Santos Coelho, *Bahia Indígena: Encontro de Dois Mundos*, 2003.
- Curzio Malaparte, Kaputt, 2000.
- David Graeber e David Wengrow, *O Despertar de Tudo: Uma nova História da Humanidade*, 2009.
- Isaiah Berlin, *The Crooked Timber of Humanity, Chapters in the History of Ideas*, 1991.
- Joaci Góes, *Anatomia do Ódio, na família, no trabalho, na sociedade*. 2004.
- Lord Acton: *Historical and Moral Essays*, 2017.
- Luigi Luca Cavalli-Sforza Cavalli- *The History and Geography of Human Genes*, 1994 com Paolo Menozzi e Alberto Piazza.
- Luigi Luca Cavalli-Sforza, *The Great Human Diasporas: The History of Diversity*, 1996.

Niall Ferguson, *Civilização: Ocidente x Oriente*, 2017.

Steve Olson, *Mapping the Human History*, 2002.

---

Joaci Góes é bacharel em direito, escritor, orador, político, empresário e consultor educacional. Foi deputado federal constituinte de 1988, tendo sido o relator do Código de Defesa do Consumidor. Entre outras obras, publicou os ensaios *A força da vocação no desenvolvimento das pessoas e dos povos* (2009), *(as) 51 personalidades (mais) marcantes do Brasil* (2014) e *Direitas e esquerdas. A superioridade da sociedade aberta.*(2022). Desde 2009 ocupa a Cadeira n° 7 da Academia de Letras da Bahia.

# AS MAQUINETAS DO RECOLHIMENTO DE N. SRA. DOS HUMILDES COMO EXPRESSÃO DA CULTURA FEMININA DO SÉCULO XIX

LUIZ ALBERTO RIBEIRO FREIRE

**Arte, irmandades e ordens religiosas na América portuguesa:  
sociabilidade, devoção e iconografia**

**D**e todos os enigmas que circundam o fenômeno artístico das maquetinas (altares em papel dourado rendado com ícone impresso de santos católicos e outros materiais agregados) o que se refere as protagonistas e ao processo de confecção, estímulos e tradições do fazer, são os mais desafiadores. Primeiro por nos faltarem dados documentais que nos deem respostas, segundo por ausência de memória oral, de seus registros, ou mesmo depoentes que tenham vivenciado as manufaturas realizadas no âmbito da vida monástica dos conventos femininos e recolhimentos da Bahia.

Aqui pretendemos discutir essas questões com base nos dados que vimos coletando em mais de uma década de estudos, as inferências e deduções possibilitadas por essa aproximação e os novos e velhos dados fornecidos pelas poucas coleções de maquetinas que tivemos acesso, inclusive a nossa, constituída anos depois do início da pesquisa, e por essa razão, os artigos por nós publicados sobre as maquetinas vão agregando informações, refazendo entendimentos e amadurecendo as análises histórico-artísticas.

Um ponto razoavelmente documentado é a procedência da maioria das maquietaas que se encontram em uma coleção museológica e nas poucas coleções particulares que temos conhecimento. A maioria das peças consta como proveniência o Recolhimento de N. Sra. dos Humildes, localizado na cidade baiana de Santo Amaro, fundado em 1813. Fortalece essa proveniência o fato de grande número delas pertencerem as casas de famílias do local, ou de outras cidades vizinhas, como Cachoeira e, de pelo menos, uma freira identificada como herdeira do saber fazer, trabalhar nesse recolhimento, mantendo e adaptando a tradição em parte do século XX.

O arquiteto, doutor em artes visuais, e historiador da arte sacra católica, Francisco Portugal Guimarães, responsável pela restauração dos prédios arruinados da igreja e convento dos Humildes, percebeu o valor artístico desses minuciosos trabalhos e passou a colecioná-los, adquirindo-os sobretudo nas mãos das famílias santamarenses, diretamente daqueles que herdaram as peças de antepassados. Reforçou essa procedência, ao achar, no processo de restauração, um fragmento de documento manuscrito à caneta tinteiro, inscrito “dos Humildes” (Freire, 2014, p. 130). Também o fato de o “Instituto Feminino, detentor da maior coleção desses trabalhos, ter enviado vinte maquietaas, em 1956, para serem aí restauradas” (idem, *ibidem*).

A coleção particular de Maria da Purificação de Souza Mutti, com peças majoritariamente do século XX, provém desse Recolhimento, assim como a do já falecido advogado e genealogista João da Costa Pinto Vitória, herdeiro de senhores e senhoras de engenho na região de Santo Amaro, Bahia.

Mesmo considerando esses fortes indícios acerca da procedência, Paulo Afonso Machado nos indica haver a prática dessa arte em conventos femininos localizados em Salvador. É certo que era um antiquário situado no Rio de Janeiro, cuja projeção se fez pela seletividade das peças que vendia, por atender à elite carioca

e pelo conhecimento dos estilos e origens das artes “decorativas”, a ponto de publicar um livro sobre o tema. Conferiu a “origem, do que denominou “nichos de papel recortado”, ao convento do Desterro, em Salvador Bahia e ao Convento dos Humildes”(Machado, 1983, p. 221).

Na página em que reproduz em preto e branco as maquetetas, identificou na legenda serem “feitas por freiras do Convento dos Humildes em Santo Amaro da Purificação, Bahia e pela irmã Maria da Paz do Convento do Desterro, Salvador, Bahia”(idem, p. 223-224). Esse nome e o da irmã Beatriz Campelo são as poucas autoras conhecidas desses trabalhos.

Consta na coleção de João da Costa Pinto Vitória duas maquetetas com inscrições manuscritas à caneta esferográfica: No verso da maqueteta de “Santa Madalena” (Figura 1): Convento de N. Sra. dos Humildes, Santo Amaro, 1891”e na de “São José” (Figura 2), no centro do verso: “Este quadro foi feito no Convento dos Humildes em Santo Amaro em 1887, por encomenda de d. Juliana Joaquina de Carvalho e restaurada em Salvador, em fins de fevereiro e princípio de março de 1955, por João da Costa Pinto Victória. A restauração acabou em 5-III-1955.”.

Provavelmente as freiras detentoras da técnica e dos repertórios das maquetetas migraram de diversos conventos baianos para o Recolhimento de N. Sra. dos Humildes, o que pode explicar a recorrente procedência verificada nos indícios e na localidade de Santo Amaro. Pode ter se desenvolvido nos Humildes, mas também pode ter sido cultivada em outros conventos, visto que o trabalho de rendados em papel dourado para enfeitar bandejas de confeitos e maquetes era amplamente praticado no Convento de N. Sra. do Desterro, segundo os relatos de D. Pedro II (1959, p. 259).



Figura 1 – Maquineta de Santa Madalena, Santinho, papel laminado dourado rendado, Caixa: Alt. 20,6xLarg.15,6xProf.2,1cm – “Convento de N. Sra. dos Humildes, Santo Amaro, 1891”- Coleção e foto do autor.



Figura 2 – Maquineta de São José, Santinho recortado, papel laminado dourado rendado, Caixa: Alt. 32xLarg.25,2xProf.5,6 cm. – “Convento dos Humildes em Santo Amaro em 1887”- Coleção e foto do autor.

Não há dúvidas de que se trata de manufatura feminina realizada no contexto conventual integrado por mulheres destinadas por seus pais, pela família, ou por arbítrio próprio, à vida reclusa, disciplinada, casta, dedicada as orações, penitências, e aos trabalhos, entre eles, os manuais. Sabemos que essa vida não era tão rígida assim na Bahia, mas de um modo geral as mulheres recolhidas tinham impedimentos e vigilância para não sucumbirem aos atrativos da vida secular. Ingressavam virgens, ou viúvas “honestas”, e ainda “arrepentidas”, afinal os recolhimentos “foram criados por Santa Maria Madalena” (Mott, 2023, p. 213.), ex-prostituta, que se arrependeu, seguiu à Cristo, e dedicou sua vida as virtudes cristãs. Não por acaso, há várias maquiNETAS cujo ícone é um santinho impresso de Santa Madalena.

O conceito de sublimação explicaria a delicadeza, paciência e minúcia desse e de outros trabalhos conventuais?

Sublimação é uma noção psicanalítica que geralmente é descrita como um destino pulsional marcado pela transformação da finalidade de satisfação sexual em outra, de natureza socialmente reconhecida. O termo decorre do processo físico de transformação do estado de uma substância sem passar por suas formas intermediárias, mas também tem ligação com a noção estética de sublime, descrevendo um movimento de transcendência. Essa noção é necessária para descrever uma passagem fundamental na concepção da sexualidade humana, que é a de sua dimensão individual para o âmbito mais coletivo da vida social. Desse modo, este conceito implica uma conotação ético-moral na caracterização da concepção freudiana de homem como marcada necessariamente pelo conflito entre natureza e cultura. (Campos e Loffredo, 2019, p. 2).

Sem a pretensão de aprofundamento de uma questão do âmbito da psicanálise, uma ciência que não cultivamos, recorreremos aqui as explicações que se tem dado a conceitos que o próprio Freud deixou sem o aprofundamento necessário. Contudo é importante entender as manufaturas artísticas através de teorias da psique humana.

## O tema é deslindado por Torezan e Brito:

A sublimação permanece em consonância com o recalque, promovendo renúncia ao sexual através do domínio da pulsão sexual pela dessexualização, mas há indicação de que o processo sublimatório promove uma saída diferente daquela sintomática produzida pelo recalque pois o direcionamento das forças pulsionais para fins culturais se contrapõe ao adoecimento neurótico. (Torezan e Brito, 2012, p. 248).

As mulheres recolhidas nos conventos, privadas da vida conjugal, prevista para as mulheres em geral na sociedade brasileira dos séculos XIX e XX, em que o sexo procriativo, os cuidados com o marido, a maternidade e criação dos filhos foram frustrados, mas o recalque foi substituído pelo direcionamento das forças pulsionais para fins culturais, no caso, a realização dos inúmeros trabalhos manuais e culinários, a exemplo das maquinas. Deve ser considerado também que a pulsão para fins culturais fazia parte da formação feminina e do que a sociedade do período projetava para a vida da mulher.

Foram as ursulinas, da Ordem de Santa Úrsula, fundada em 1536, com ativo papel missionário tridentino nas colônias europeias, que lançaram as bases da educação feminina: “ensinar as mulheres a ler, escrever, trabalho em agulha e instrução religiosa, para formar as boas futuras mães cristãs, na falta de fazer piedosas noviças, cuja instrução tinha uma finalidade eminentemente endógena” (Chassange e Gaulupeau, 1983, p. 3). Esse esquema educacional perdurou no Brasil por muito tempo nos conventos e recolhimentos femininos e nos colégios religiosos de externas e internas da primeira metade do século XX. Santa Úrsula foi uma virgem e mártir, que liderou um grupo de moças virgens, que foram martirizadas por não se entregarem ao Rei dos Hunos e seus soldados.

Na Bahia do século XVIII foram instituídos quatro recolhimentos femininos. No caso do Recolhimento de N. Sra. dos Humildes, que nos interessa por ter sido um centro manufatureiro

e de restauração de maquinas, a preocupação com a educação feminina foi imposta pela Coroa Portuguesa, pois a pretensão inicial era uma congregação de mulheres que deveriam viver para a devoção e orações. Após o período de formação as órfãs poderiam ingressar como “recolhidas”, desde que, entre outros critérios, fosse: “branca, ter “boa vida” e bons costumes; saber ler e escrever, cozer e bordar...” (Andrade, 1992, p. 232-233).

Foram também os conventos femininos europeus responsáveis pela tradição manufatureira dos “paperolles” e dos “canivets”, trabalhos em papel que estão nas origens das maquinas, especialmente os “canivets”, cuja técnica de rendado foi aplicada ao velinho, ou ao papel, a partir do séc. XVII, circundando uma imagem, predominantemente religiosa. A tradição permaneceu para além do século XIX, quando o processo passou a ser feito mecanicamente.

Conquanto não tenhamos provas documentais, ou descrições que informem sobre os agentes dessas tradições nos conventos baianos, há poucos e preciosos escritos europeus, que nos dão algumas direções sobre esses trabalhos. Na Europa também essas manufaturas foram menosprezadas, e só nos últimos anos vem sendo divulgadas a partir de raras publicações. A maioria delas de iniciativa privada, pois os acervos são majoritariamente privados. Felizmente na Bahia, a maior coleção encontra-se em acervo público, cujo interesse em colecioná-las está relacionada com os propósitos de educação feminina dos seus fundadores.

Do conhecimento que pudemos reunir até aqui, suspeitamos que a produção de maquinas na Bahia pode ter sido introduzida por alguma freira europeia, transferida, ou de visita ao Convento de N. Sra. do Desterro, dos Perdões, da Soledade, ou mesmo para o Recolhimento dos Humildes no século XIX. É também possível que uma ou algumas irmãs tenham ido à Europa e lá tomado conhecimento, ou aprendido a fazer, e ainda de algumas delas terem trazido uma ou mais peças, e pelo exercício da cópia darem início à tradição. Contudo temos reforçado à ideia

de essa manufatura, como se apresenta, ter sido de interpretação local, pois não temos conhecimento de iguais soluções na Europa. Em Portugal praticaram muito um tipo de maquina em que a imagem era esculpida em madeira, cera, e outros materiais. Entretanto adquirimos uma maquete de retábulo em papel dourado, que nos coloca em dúvida, quanto a essa ideia de invenção local. Mais adiante retornaremos ao problema.

Começamos por analisar as manufaturas que certamente estão na ancestralidade das maquinas. Lefort se refere às circunstâncias dos “paperolles” relicários:

Olhar atentamente para os “paperolles” nos deixa um pouco tontos. Não apenas evocam as conquistas mais eruditas da renda, da ferragem, da tapeçaria, mas também os buquês e guirlandas, do transbordamento à sobreposição, parecem expressar uma loucura difícil: contido no claustro: o espaço fechado do objeto responde ao confinamento do mosteiro. Circunscrito num emaranhado deliberado, o poder originário das relíquias privilegiou o contato com o Além, como veremos mais adiante, responde ao chamado divino que passamos a procura-lo entre as quatro paredes austeras da cela. Sabemos que a vida monástica no século XVIII estava em pleno declínio; os conventos já não são as casas ardentes da época da grande Santa Terezinha, mas sim refúgios abertos a todos os tipos de angústias, tanto quanto ao desejo de solidão. Conventos de senhoras, onde vemos o local de origem dos relicários e outras obras muito refinadas, os mais “aristocráticos” e conventos de “meninas” destinados a acolher todas aquelas que ficaram para trás do Século das Luzes. Um chefe de família no século XVIII já não consagrava as suas filhas não casáveis à Deus com a mesma honestidade fiel como no século XVI.... Às vezes também os enrolamentos dos paperoles sugerem de forma perturbadora as circunvoluções do cérebro, perdendo-se em uma confusão microscópica... Essas manifestações

de certa aberração mental são relativamente raras e merecem que algum psiquiatra as examine. Talvez revelando algumas incógnitas sobre o universo conventual da época de Luis XV, universo sobre o qual quase não há evidências. Mas os mais belos exemplares nos tocam pela rigorosa simetria, seu arranjo arquitetônico. Às vezes, ao contrário da primeira impressão, tudo se encaixa, nada é deixado ao acaso. (Lefort, 1985, p. 42-43).<sup>1</sup>

Grande parte da fala do autor pode ser aplicado às maquieta baianas, exceto as considerações históricas das consequências do iluminismo para a vida monástica, pois na Bahia, o século XVIII foi pródiga na fundação de conventos e o iluminismo pouco impactou nesse âmbito e nesse século. Entretanto já foi constatado, que nessas casas, muitas recolhidas de classes abastadas, de senhores de engenhos, levavam para o convento os apetrechos de sua vida suntuosa gozadas na casa dos pais. Nem todas ingressavam por vontade própria, ou por vocação. Muitas vezes esse ingresso era imposto e motivado por acontecimentos traumáticos.

Mais próximos das maquieta baianas, são os “canivets”, assim definidos e situados:

...Esses recortes, que a partir de então eram geralmente feitos em papel branco, folhas de pergaminho ou pergaminho, eram chamados de “canivets” pelo nome do pequeno canivete de lâmina lanceolada que era usado para fazê-los. Este método de corte foi desenvolvido no século XVII na França, Bélgica, Holanda, Alemanha e Itália. Nas suas notas publicadas sob o título “Nova Viagem à Itália” edição de Haia. Maximilien Misson menciona estas curiosas obras vistas em Rotterdam em 1687, na fábrica Van Viliet, representando navios, palácios e paisagens inteiras em espécie de baixos-relevos feitos e relatados unicamente com a ponta do canivete. (Magnien, s/d, p. 10).<sup>2</sup>

Magnien (p. 10) situou o auge dos “canivets” no século XVIII, lamentando o declínio e a interrupção das manufaturas por volta de 1840, época da introdução dos meios mecânicos de produção. Relacionou esses trabalhos aos conventos femininos:

Esta encantadora arte do “canivet” encontrou como morada preferida os mosteiros femininos onde já florescia a arte da caligrafia e da miniatura.

Os locais de origem dos “canivets” explicam, portanto, a frequência do seu caráter religioso. Muitos temas de santidade, tão diferentes em forma, tamanho e qualidade, são rodeados por rendas de papel ou pergaminho, enquanto alguns exemplares, mais raros, apresentam um motivo central inteiramente recortado, o que confere ao conjunto uma unidade indiscutível. (Magnien, s/d, p. 10-11).<sup>3</sup>

Tanto os “paperolles”, quanto os “canivets” estão na genealogia das maquiuetas baianas, sobretudo os “canivets” em função da técnica de rendados de papel e da presença de um ícone, ou símbolo no centro da composição. Diferem, contudo, na similitude dos rendados europeus com o repertório de determinadas tradições rendeiras, no predomínio do branco, enquanto nas maquiuetas há um predomínio do papel laminado dourado e de rendados, cujos desenhos se inspiram mais nos debuxos dos bordados, como os do “Richelieu”, do que no repertório das tradições rendeiras da Bahia. Somente em algumas áreas, as referências das rendas aparecem explicitamente.

A maior proximidade dos “canivets” deve-se àqueles de menor tamanho, feitos para marcar os livrinhos de missas domésticos e demais livros sagrados e a sua permanência em forma de “santinhos” impressos, inclusive mecanicamente (Figura 3). Esses “santinhos” forneciam o ícone, ou símbolo sagrado que ocupava o centro das maquiuetas, tanto as retábulos, quanto as que trazem somente a mesa do altar, e as que eram apenas contornadas por molduras de papel rendado, todas as modalidades encerradas em caixas de vidro com fundo de papelão. O uso desses santinhos se fazia recortado, às vezes

ornamentados com elementos de papel dourado (flores, estrelas, contornos, etc.). Em alguns casos, sobretudo nas maquinetas molduras, o “santinho” era usado no seu formato original.



Figura 3 – Santinho de Nossa Senhora, impressão sobre papel rendado mecânico, França, coleção e foto do autor.

“paperolles” e “canivets” estiveram a serviço da devoção doméstica aos santos e as relíquias, a maioria falsificadas, mas, nem por isso perdiam o valor apotropaico. Não se registrou até aqui a incidência de relicários nas maquinetas baianas, caso haja, é muito rara. Na Europa, precisamente na França, o uso prolongou-se pelo século XIX, conforme o exemplar de nossa propriedade (Figura 4). sob o reinado de Napoleão III (1852-1870).



Figura 4 – “Paperolle” relicário, papel enrolado, pérolas e 6 relíquias, moldura de madeira dourada e vidro, Napoleão III, França. Coleção e foto do autor.

Conforme dito, adquirimos uma “maquete”, ou modelo de retábulo de altar dedicado à N. Sra. da Piedade (Figura 5), cuja técnica repete em tudo os rendados em papel dourado do Recolhimento de N. Sra. dos Humildes, com a diferença de ser uma miniatura de um retábulo em papel dourado, estampas recortadas e papéis de outras cores, da tradição italiana, dentro de uma caixa retangular de vidro. A peça foi vendida em 2019 pelo sergipano Constancio Figueiredo Tavares e foi herança de seu pai, Constantino Machado Tavares, que recebeu de presente do capuchinho italiano Frei Faustino de Ripatransone em agradecimento ao apoio que obteve de Constantino, em 1961, quando, vindo da Bahia, chegou à Aracaju para implantar um convento da ordem. Com a morte de Constantino, a maquete foi herdada por sua mulher, mãe de Constancio, Norma Figueiredo Tavares, passando à Constancio após a morte. Terá vindo essa maquete da Itália?, ou teria sido feita por encomenda à alguma das freiras do Convento de N. Sra. dos Humildes?



Figura 5 – Maquete de retábulo de altar de N. Sra. da Piedade, papel laminado dourado rendado com imagens de santinhos recortados, encerrada em caixa de vidro. Alt.34,5xLarg.23,5xProf.16,5 cm. - Coleção e foto do autor.

Mesmo as maquetetas maiores e mais complexas, como a de N. Sra. das Graças, que pertenceu à irmandade de São José do Corpo Santo, em Salvador, Bahia (Figura 8) não se constitui em maquete, como o exemplar mencionado. Quando as maquetetas consistem em um retábulo de papel, as soluções, ou se assemelham aos modelos mais populares realizados pelos entalhadores nas igrejas baianas, ou são soluções próprias dessa arte, conseguidas a partir dos materiais tradicionais, sobretudo no arremate.

Tais observações encontram apoio no que diz Magnien sobre os “canivets”:

Durante o século XVIII, os “canivets” de carácter sagrado tiveram muitas vezes como tema de inspiração o altar, tema natural da iconografia religiosa. Mesa de sacrifício, colunas de cores vivas, tabernáculos, dosséis consagram uma efigie de um santo, um Cristo ou uma figura simbólica. O nome do santo ou figura simbólica. O nome do santo ou o título está escrito em letra cursiva em uma faixa colorida ao pé do altar.

Nesta época a alegria, a fantasia, o colorido tiravam aos “canivets” o tom austero do grande século. E vasos, cestos de flores, guirlandas, mudas de rosas se combinam para embelezar esse imaginário devoto. (Magnien, s/d, p. 14).<sup>4</sup>

Duas maquinetas por nós adquiridas em um antiquário de Valência na Espanha fazem contraponto com as baianas. Uma delas, a de São José em caixa de vidro trapezoidal formato, nicho em “paperolle” simplificado, santinho recortado e flores de tecidos (Figura 6), a outra apresenta um santinho do Menino Jesus em carro com palhas puxado por carneiro, cercado de anjos e de flores de papel dourado e vermelho e de tecido (Figura 7) .



Figura 6 – Maquineta de São José, Santinho recortado, papel enrolado e flores de tecidos, Valência, Espanha. Caixa trapezoidal: Alt.28xLarg.22,3xProf. 6cm. - Coleção e foto do autor.



Figura 7 – Maquineta do Menino Jesus em carro forrado com palhas, puxado por carneiro, santinho recortado, ornado com flores de papel dourado, vermelho e flores de tecido. Caixa: Alt.20,6xLarg.16x Prof.4 cm. - Coleção e foto do autor.

Retornando às relações de produção das maquetinas baianas, nos valemos novamente das menções aos “canivets”, em função das coincidências:

Assim os canivetes eram, por sua vez, “Obras de Freiras”, como era chamado o bordado, a partir do século XIV, as obras de artistas isolados (miniaturistas, bordadeiras, rendeiras), o hobby refinado das grandes damas, as recriações nobres dos estudiosos ou , mais simplesmente, o modesto sustento de humildes cortadores de imagens. (Magnnien, s/d, p. 14).<sup>1</sup>

Essa constatação para a França reforça nossas suspeitas, em muito indicadas pela produção conventual da Bahia, especialmente a dos Recolhimento de N. Sra. dos Humildes. No século XIX já havia irmãs produtoras de maquiNETAS nos Humildes, o que é atestado pelas inscrições presentes no verso das maquiNETAS mencionadas de “Santa Madalena” e de “São José”, e também o envio de dezenas de peças do Instituto Feminino da Bahia para aí serem restauradas em meados do século XX.



Figura 8 – MaquiNETA de Nossa Senhora das Graças, Papel laminado dourado, recortado e vazado, santinhos recortados, fundo de papelão e caixa de vidro: Alt. 48xLarg.38xProf.10 cm. - Coleção e foto do autor.

Algumas dessas irmãs migraram de outros conventos de Salvador, trazendo ou acrescentando aos Humildes maior número de produtoras de maquetinas.

Não havia disseminação da tradição nessa casa, não se ensinava a arte às “porcionistas” educandas, órfãs, ou não, que ingressavam com a finalidade de obterem uma educação nos moldes socialmente estabelecido para as mulheres. Mas nada impedia que alguma delas se iniciasse na arte aprendendo com as irmãs praticantes. Ao concluírem os estudos, podiam continuar fazendo maquetinas por encomenda na própria residência. Contamos ainda com a possibilidade de manufaturas isoladas, confeccionadas por aqueles que se interessaram em copiar e reproduzir as técnicas e repertórios ornamentais presentes nas maquetinas existentes nas casas, no próprio convento dos Humildes, e na coleção do Instituto Feminino da Bahia, assim como têm feito os restauradores dessas peças desde fins do século XX e na atualidade. O fato é que o número dessas peças é muito reduzido, quase não aparecem no comércio de antiguidades e a aquisição, quase sempre se dá diretamente com as famílias.

A explicação pelo viés da sublimação nos parece insuficiente, se pensarmos que no universo conventual feminino havia tarefas diversas, condizentes com os diferentes temperamentos das recolhidas, e que a maioria não possuía humor compatível com a paciência requerida para um trabalho meticuloso, demorado e virtuoso. Tanto que, muitas peças do século XX podem ser reconhecidas por uma técnica sem a perfeição das antigas, nem os materiais com a mesma qualidade. Estamos certos de que o fabrico dessas peças exigia muito tempo de dedicação, o que não implica que as autoras se despendessem todo o tempo ao fabrico, ou que sacrificassem as outras tarefas para se concentrarem na manufatura. Temos notícias que a irmã Beatriz Campelo fazia o trabalho enquanto cumpria escala na portaria do Convento dos Humildes (Bom Pastor, 2013, p.1).

É preciso também relativizar o papel econômico desse trabalho. Arriscamos dizer que não era maior do que a devoção e o encanto estético. Embora nos falte documentação literária e memória oral para verificarmos o impacto das vendas das maquinas no orçamento conventual, mas a pequena quantidade existente, mesmo considerando a fragilidade e descarte, nos impede de concluir pela existência de uma indústria artesanal, comparada a dos doces, biscoitos, licores, decoração de bandejas, ou mesmo das flores de penas de pássaros produzidas pelas freiras do Convento de N. Sra. da Soledade, em Salvador.

## NOTAS

- 1 No original: A regarder de près les paperoles, on est pris d'une sorte de vertige. Non seulement elles évoquent le plus savants achèvements de la dentelle, de la ferronnerie, de la tapisserie, mais en outre bouquets et guirlandes, de débordements em chevauchements, semblent exprimer une folie difficilement contenue à l'intérieur du cloître: l'espace fermé de l'objet répond à l'enfermement du monastère. Circonscrit à l'intérieur dans une intrication délibérée, le pouvoir originel des reliques – contact privilégié avec l'Au-delà, comme nous le verrons plus loin – répond à L'Appel divin que l'on vient chercher entre les quatre murs austères de la cellule. On sait resté que l'avie monastique au XVIIIe siècle est em pleine décadence; les couvents ne sont plus les foyers ardentes du temps de la grande Sainte Thérèse, mais plutôt des refuges ouverts à toutes sortes de détresses autant qu'au désir de solitude. Couvents de “dames”, où nous voyons le lieu d'origine des reliquaires et autres ouvrages les plus raffinés, les plus “aristocratiques”, et couvents de “filles” destinés à accueillir toutes les laissées-pour-compte du Siècle des Lumières. Un chef de famille au XVIIIe ne consacrait plus “à Dieu” ses filles impossibles à marier avec la même fidèle honnêteté qu'au XVIe siècle... Parfois aussi les enroulements des paperoles suggèrent de façon troublante les circonvolutions du cerveau, se perdent em fouillis microscopiques... Ces manifestations d'une certaine aberration mentale sont relativement rares mais elles mériteraient que quelque psychiatre s'y penche, dévoilant peut-être quelques inconnues sur l'univers conventuel du temps de Louis XV, univers sur lequel n'existe presque aucun témoignage. Mais les plus beaux

spécimens nous touchent par leur rigoureuse symétrie, leur agencement architectural. Quelquefois au contraire de la première impression, tout se tient, rien n'est laissé au hasard.

- 2 No original: Ces découpures qui, dès lors, se sont faites généralement sur papiers blancs, feuilles de vélin ou de parchemin se sont appelées "canivets" du nom du petit canif à lame lancéolée qui servait à les exécuter. Ce mode de découpage se développe au XVIII<sup>e</sup> siècle en France, Belgique, Hollande, Allemagne et Italie. Dans ses notes publiées Maxmilien Misson mentionne *ces curieux ouvrages* vus à Rotterdam en 1687, dans la fabrique de Van Viliet, représentant des navires, des palais et des paysages entiers en espèces de *bas-reliefs faits et rapportés à la seule pointe du canif*.
- 3 No original: C'est un art charmant du "canivet" trouvera comme foyer de prédilection les monastères de femmes où florissait déjà l'art de la calligraphie et de la miniature. Les lieux d'origine du canivete expliquent donc la fréquence de son caractère religieux. Beaucoup de sujets de sainteté, aussi différents, de formes, de dimensions que de qualité, s'entourent de dentelles de papier ou de vélin, tandis que quelques spécimens, plus rares, ont un motif central entièrement découpé, ce qui donne à l'ensemble une incontestable unité.
- 4 No original: Au cours du XVIII<sup>e</sup> siècle, les canivets à caractère sacré prennent souvent, pour sujet d'inspiration, l'autel, thème naturel à une iconographie religieuse. Table de sacrifice, colonnes aux colorations vives, tabernacles, dais enchâssent une effigie de saint, un Christ ou une figure symbolique. Le nom du saint ou une figure symbolique. Le nom du saint ou le titre s'inscrit en écriture cursive dans une banderole colorée au pied de l'autel.  
A cette époque la gaiété, la fantasia, la couleur enlèvent aux canivets le ton austère du grand siècle. Et des vases, des corbeilles de fleurs, des guirlandes, des semis de roses s'accordent pour enjoliver cette imagerie dévote.
- 5 No original: Ainsi donc les canivets furent, tour à tour, des "Oeuvres de Nonnais", comme on appelait, dès le XIV<sup>e</sup> siècle les travaux à l'aiguille, les ouvrages d'artistes isolés (miniaturistes, brodeurs, dentelières), le passe-temps raffiné des grandes dames, les nobles récréations des lettrés ou, plus simplement, le modeste gagnepain d'humbles découpeurs d'images.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

Luiz Alberto Ribeiro Freire, “Irmã Maria Bom Pastor (Elisete Marques Amaral). Entrevista 1”, abr/2013.

### BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Maria José de Souza. Os recolhimentos baianos – seu papel social nos séculos XVIII e XIX, *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n. 90, p. 225-237, 1992.

CAMPOS, Érico Bruno Viana e LOFFREDO, Ana Maria. A metapsicologia freudiana da sublimação. In. *Psicologia em estudo*. v. 24, e40557, 2019. p. 1-16. Disponível: <file:///Users/Freire/Desktop/A%20METAPSICOLOGIA%20FREUDIANA%20DA%20SUBLIMAC%CC%A7A%CC%83O%20E%CC%81rico%20Campos.pdf> . Acesso: em 30 Set. 2023.

CHASSANGES, S. *L'éducation des jeunes filles il y a cent ans*. Paris: INRP, 1983. Disponível em: <file:///Users/Freire/Desktop/Dialnet-DaEducacaoDasMeninasPorFenelon1852-4891795.pdf> . Acesso em: 27 Set. 2023.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. As maquiuetas dos Humildes: maravilhoso diminuto e afetivo feminino. In:

KNAUS, Paulo e MALTA, Marize (Org.). *Objetos do olhar; história e arte*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2015. p. 125-138.

KNAUS, Paulo e MALTA, Marize (Org.). *Museu do Recolhimento dos Humildes: dois séculos de história*. Salvador: 2Designers, 2018. 108 p. il.

LEFORT, Jean François. *Les paperoles des carmelites; travaux de couvent em provence au XVIII siècle*. Editions Jeanne Laffitte, 1985. 93 p. il.

MACHADO, Paulo Affonso de Carvalho. *Antigüidades do Brasil*. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Celsus Ltda., 1983. 320 p. il.

MAGNIEN, A. G. *Canivets de la collection Gabriel Magnien*. Lyon: Presses de M. Lescuyer et fils, s/d. 61 p. il.

MOTT, Luiz. *Rosa Egipciaca: Uma santa africana no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. 663 p.

PEDRO II. *Diário da Viagem ao Norte do Brasil, Bahia: Publicações da Universidade da Bahia*, 1959.

TOREZAN, Zeila Facci e BRITO, Fernando Aguiar. *Sublimação: da construção ao resgate do conceito*. In. *Ágora (Rio J.)* 15 (2) • Dez 2012. Disponível: <https://www.scielo.br/j/agora/a/QZtkYZ7RWSbgt-7jg5Ck4ZDR/#:~:text=A%20sublima%C3%A7%C3%A3o%20permite%20ao%20sujeito,corpo%20ao%20desejo%20do%20Outro>. Acesso em: 30 Set. 2023.

---

Luiz Alberto Ribeiro Freire é Professor Titular da Escola de Belas Artes da UFBA. Doutorou-se em História da Arte pela Universidade do Porto, Portugal (2001) com a tese intitulada “A Talha Neoclássica na Bahia”; realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História - FAFICH/UFMG (2014-2015); especializou-se (Lato Sensu) em Cultura e Arte Barroca pela Universidade Federal de Ouro Preto, bacharelou-se em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (1990), licenciou-se em Letras Vernáculas com Francês pela Universidade Católica do Salvador (1983). Desenvolve pesquisas sobre a arte da talha (ornamentação em madeira esculpida das igrejas baianas), do século XVIII e XIX, a pintura e a escultura sacra católica, sobre os estilos: maneirista, barroco, rococó e neoclássico. Leciona na Escola de Belas Artes da UFBA as disciplinas de História da Arte Ocidental e História da Arte Brasileira.



# O EMBLEMA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

PAULO VEIGA

O movimento de reafirmação da identidade visual da Academia de Letras da Bahia, promovido pela nova Direção para o Biênio março/2025 - março/2027, mostra-se consonante com a orientação assumida pelos estudos heráldicos, a partir do primeiro quartel do século XX.

Ao dar ênfase ao emblema da agremiação, a nova presidência da ALB se alinha ao pensamento daqueles que entendem o brasão como uma criação cultural, como instrumento de construção de identidade e memória e como fenômeno comunicacional, capaz de ofertar novas visadas sobre a sociedade que o adotou. Esse entendimento interdisciplinar sobre as manifestações heráldicas constituiu-se, portanto, no mais recente movimento dessa cultura visual, difundida ao longo dos últimos mil anos.

Há entre os historiadores um consenso de que, em sua origem, os brasões estiveram associados aos grupos guerreiros e aos feitos honrosos dos seus combatentes. Os escudos assumiram o papel de repositórios visuais dessas conquistas, condensando em suas cores e figuras uma narrativa simbólica que fincava o prestígio e a memória daqueles que os ostentavam.

Após os serviços prestados à logística bélica medieval, o brasão de armas se revestiu de novas funções, ainda na Idade Média, quando passou a ser utilizado por praticamente todos os setores sociais da Europa ocidental. Ainda que a nobreza, durante todo o Antigo Regime, tenha monopolizado essa prática

através de uma legislação de concessões de brasões de armas, esse esquema visual foi uma atividade amplamente difundida, inicialmente no território europeu, para, em seguida, compreender todos os continentes. Michel Pastoreau explica:

Cada indivíduo, cada família, cada grupo ou coletividade sempre e em todos os lugares foi livre para adotar o brasão de sua escolha e fazer uso privado dele como quiser, com a única condição de não usurpar os de outros. (PASTOREAU, 2018, p. 8)

A ciência dos brasões, já no final do século XIX, conheceu um período de decadência e desprestígio, quando o descomprometimento com o rigor normativo passou a produzir criações caricatas que depreciavam o milenar código visual. De fato, o saber heráldico só recentemente passou a se constituir tema de interesse científico. Por décadas, os brasões foram motivos de preconceito e desinteresse principalmente no ambiente acadêmico, considerados por muitos como uma “abominável reminiscência feudal”. No âmbito da História, a heráldica serviu como ciência auxiliar e, mais especificamente, no contexto da História da Arte, foi considerada um elemento decorativo indigno de maiores atenções.

Todavia, a ciência dos brasões, formulada por tratadistas medievais, não se exime dessa realidade revestida por estereótipos. Historiadores analisam a maneira como esse saber foi constituído e difundido ao longo dos séculos. O professor português, da Universidade Nova de Lisboa, Miguel Metelo de Seixas explica o formato pouco amigável dos tratados trazidos da Idade Média:

Essa imagem é a de um saber de natureza abstracta e normativa, baseado num léxico e numa gramática próprios, dirigido para intuítos classificativos, identificativos e de ordem simbólica. (SEIXAS, 2010, p. 450)

Essa realidade, em meados do século XX, toma novos e expressivos contornos, principalmente a partir da obra do medievalista francês Michel Pastoureau (n. 1947). A grande contribuição de Pastoureau foi, sem dúvida, desvincular a heráldica do rígido modelo estabelecido pelos tratadistas medievais, e fazê-la livre para integrar-se aos diversos campos do saber que emergiam a partir de meados do século XIX, como a semiótica, a codicologia e a história das mentalidades. Devendo, desta forma, ser entendida com uma construção cultural que se estrutura com propósitos específicos de afirmação social e política das sociedades que a adotaram. Seixas comenta:

[...] as armas são, antes de mais, signos; e, como tal, pressupõem a existência de uma consciência que lhes confere algum tipo de valor. Nessa relação entre signo e significado residia o objeto preferencial da “*nouvelle heráldique*”, conseqüentemente ligada de forma íntima à história das mentalidades e à história social [...]. (SEIXAS, 2011, p. 31)

Se no Brasil, os estudos que contemplam a heráldica ainda são rarefeitos, na Europa, desde a segunda metade do século XX, pesquisas, congressos e publicações sobre os brasões e os armoriais crescem consideravelmente nos ambientes acadêmicos. Com essa nova percepção de que os brasões de armas podem e devem ser compreendidos como um documento histórico capaz de produzir novos entendimentos analíticos e interpretativos de um contexto social, renomados pesquisadores como Faustino Menéndez Pidal de Navascués, Claire Boudreau, Michel Pastoureau, Miguel Metelo de Seixas, Laurent Hablot, Torsten Hiltmann, entre tantos, passaram a dedicar uma fatia considerável dos estudos ao entendimento dessa manifestação social.

Esse movimento nascido na Europa que colocou a heráldica no centro dos debates acadêmicos, apesar de não haver nenhum tipo de correlação, coincidiu com um notável e raro acontecimento no âmbito das artes brasileiras – especificamente, no campo da heráldica.

Envolvido em um processo de imigração de monges alemães para repovoar os combalidos cenóbios beneditinos no final do século XIX, castigados por imposições pombalinas, chegou ao Brasil, juntamente com outros notáveis alemães, Ernst Lachenmayer, jovem artista alemão formado aos 19 anos, nas tradicionais guildas medievais germânicas.

No ano de 1922, desembarcou na Cidade do Salvador aquele que, ao ingressar como monge leigo no Mosteiro de São Bento da Bahia, receberia, sob as bênçãos de Dom Ruperto Rudolf, o nome religioso de Irmão Paulo Lachenmayer, OSB.

Com uma formação artística sem precedentes no cenário das artes baianas, Irmão Paulo logrou conciliar, com muita inteligência, as suas referências europeias com a cultura da Bahia. A sua produção é vasta e abarca os domínios da arquitetura, das artes gráficas e da heráldica.

Na arquitetura, Irmão Paulo se destacou como consultor das principais catedrais modernas brasileiras, incluindo Brasília. Nas artes gráficas, foi autor de diversas capas de livros, ex-libris, marcas e ilustrações sacras. Com o mesmo refinamento estilístico e domínio técnico que sempre emprestou às suas obras, Lachenmayer renovou, no melhor estilo, a heráldica brasileira, em especial, a eclesiástica e a corporativa. Esta última representada pelas sofisticadas criações para as nossas universidades.

Lachenmayer foi o mais completo heraldista nacional e aquele que deixou o mais substantivo legado nas artes heráldicas brasileiras, incluindo o *Armorial Eclesiástico Brasileiro*. Coube a ele, reverter o difícil período porque passou a heráldica nacional, até início do século XX. Luiz Gardel, autor do *Les Armoiries Ecclésiastiques au Brésil (1551-1962)* ilustra o momento:

Esse período calamitoso terminou por volta de 1940, graças aos esforços de um brilhante heraldista, o Irmão Paulo Lachenmayer O. S. B. Profundo conhecedor da nossa ciência e artista de gosto impecável, o Irmão Paulo renovou e restaurou a honra no Brasil da heráldica eclesiástica.

Por seus conselhos a vários prelados que vinham consultá-lo sobre os brasões que desejavam tomar, e por compor ele mesmo um grande número de brasões, o Irmão Paulo criou verdadeiramente um estilo de brasões e despertou o interesse geral no brasão como obra de arte. (GARDEL, 1963, p. 13)

Heraldista armeiro, aquele que domina a ciência dos brasões e uma técnica artística, Irmão Paulo Lachenmayer OSB caminhou lado a lado com a cultura baiana durante toda a segunda metade do século XX. Monge da erudita Ordem de São Bento da Bahia, e tendo à sua disposição a moderna Tipografia Beneditina, Irmão Paulo criou laços com grandes intelectuais e instituições culturais da Bahia. Autor de criações que hoje estão no imaginário coletivo do baiano como os brasões de armas da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Católica do Salvador, Irmão Paulo Lachenmayer chegaria, inevitavelmente, com a sua arte, à Academia de Letras da Bahia.

Esse encontro aconteceu por intermédio do então presidente, o professor Cláudio Veiga, amigo e cliente do monge artista, no ano de 1983. Na ocasião, por solicitação do professor emérito de Literatura Francesa da UFBA, Irmão Paulo apresentou três versões para a já existente identidade visual da ALB – Uma em cor e duas em P&B. Nessas novas versões, o monge também apresentou duas pequenas mudanças no emblema da agremiação, motivo de contendas intelectuais, à época.

Voltemos, então, para a gênese do emblema da Academia de Letras da Bahia. O ano era 1917, ano da fundação do sodalício literário baiano. O acadêmico Renato Berbert de Castro, em artigo publicado na Revista n° 34 da ALB, registrou:

Fundada a Academia de Letras da Bahia em 7 de março de 1917, uma das suas primeiras preocupações foi a de instituir a insígnia que deveria ser usada pelos acadêmicos em suas solenidades, e o selo ou distintivo que a simbolizasse. E assim, já no dia 12 do mesmo mês e ano, a sua primeira diretoria, composta pelos acadêmicos Ernesto Carneiro Ribeiro,

Gonçalo Moniz Sodré de Aragão, Antônio Pacífico Pereira, Arlindo Fragoso, Xavier Marques e Torquato Bahia, aprovaram a insígnia, e o selo do sodalício [...]. (BERBERT, 1987, 81)

Inexequível em sua ideia inicial, sobrecarregada de informações, a proposta não foi levada a cabo e a Academia de Letras da Bahia ficou sem a sua identidade visual por quase três décadas, embora daquele encontro tenha ficado o lema do grêmio – Servir a Pátria Honrando as Letras.

No ano de 1944, o tema volta a ser atenção dos imortais. Após uma sessão no dia 21 de agosto que contou com a presença dos acadêmicos João Garcez Fróes, Heitor Fróes, Cristiano Müller, Paiva Marques, Pinto de Carvalho, Leopoldo Braga e Manuel Barbosa, foi confiado ao heraldista baiano Hermann Nesser a missão de projetar a marca da ALB.

É de Nesser a concepção em formato elíptico dado à medalha. Em suas mãos, o heraldista já reunia algumas informações trazidas dos antigos debates a respeito da identidade visual da Academia, como o nome da agremiação, o lema, a data de fundação e o Cruzeiro do Sul, elemento remanescente da proposta de 1917.

A ideia, desde o início, era criar conjuntamente uma medalha para eventos solenes, como hoje acontece, e um selo que seria a representação visual da instituição. Nesse processo de constituição da imagem institucional da Academia de Letras da Bahia, alguns embaraços aconteceram, até que se chegassem a um resultado visual satisfatório. Isto porque, como mencionou Berbert, na proposta inicial de Hermann Nesser, o nome ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA ficou alojada no fundo da medalha. Assim Nesser descreveu a sua criação:

Uma medalha de ouro ovada, de 4 centímetros de altura e diâmetro correspondente de acordo com as leis heráldicas, pendente de um torçal vermelho ou corrente dourada, tendo no anverso três fachos cruzados pois dois ramos de louro unidos

na base por um laço de fita, orlado com a inscrição: SERVIR A PÁTRIA HONRANDO AS LETRAS – BAHIA – em caligrafia neo-gótica. No reverso, com nas armas da República, ver-se-á a constelação do Cruzeiro do Sul e na orla da medalha os seguintes dizeres: ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA – 7 DE MARÇO DE 1917. (BERBERT, 1987, p. 83-84)

Essa estranha conformação perdura até hoje e pode ser encontrada no próprio colar/medalha que orna os ombros dos imortais em eventos solenes. No anverso da medalha, encontra-se o lema “em caligrafia neogótica” e os três fachos cruzados por dois ramos de louro. Ao fundo, vemos o nome da Academia, com mesma caligrafia, e o Cruzeiro do Sul.

Em oposição à medalha, o selo da Academia, que nos documentos aparece como emblema, teve melhor sorte. A criação de Hermann Nesser para a marca final da ALB é, heraldicamente, bem resolvida. Elegante e harmoniosa, a composição final resultou da soma de elementos dos dois lados da medalha. Na orla superior da elipse, estampa-se o nome ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Na parte inferior, lê-se a data de fundação da instituição: 7 - MARÇO - 1917. O centro da ilustração é dominado por três fachos cruzados por dois ramos de louro.

Destaca-se na criação de Nesser, o arranjo dos fachos. Sempre utilizados longitudinalmente nos brasões universitários, no emblema da Academia de Letras da Bahia, as tochas se cruzam entre si, oferecendo à composição uma estável dinâmica, onde os espaços livres são bem ocupados, ao gosto do espírito heráldico. Complementando a criação do Hermann Nesser, nota-se em suas descrições textuais, uma recorrente observação: “caligrafia neo-gótica”. A intenção do autor com essa escolha era aproximar o movimento formal, inerente aos tipos neo-góticos, das labaredas do fogo tocheiro alusivo ao conhecimento.

Em sessão realizada no Nobre Solar da Ladeira da Praça, no dia 30 de novembro de 1944, que contou com a presença dos acadêmicos João Garcez Fróes, Pinto de Carvalho, Otávio Torres,

Epaminondas Berbert de Castro, Heitor Fróes, Cristiano Müller, Alberto de Assis e Manuel Barbosa, foi aprovado o projeto da insígnia da Academia de Letras da Bahia. Abaixo é apresentado o resultado final da representação.

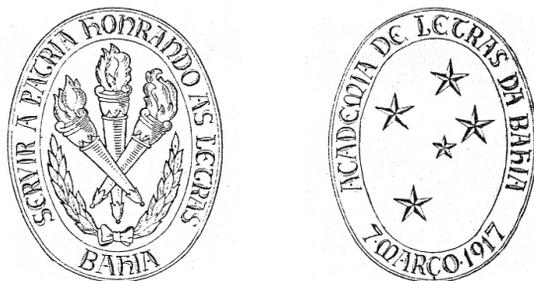


Figura 1: Anverso e verso da insígnia da Academia de Letras da Bahia.

Fonte: BERTBERT, 1987, p. 84

Entre 1944 e o início da década de 1980, a ALB foi atendida por essa insígnia. Em 1983, a precariedade em que se encontravam as representações simbólicas da Academia de Letras da Bahia levou seu presidente, o professor Cláudio Veiga, a encomendar ao monge artista do Mosteiro de São Bento da Bahia uma nova versão para a identidade visual do grêmio que presidia.

Como já dito anteriormente, Irmão Paulo inovou ao apresentar, além da versão em cor, duas versões para o formato em P&B. Inovação maior e mais ousada foi percebida na mudança tipográfica empreendida pelo artista alemão. A tão referida caligrafia neo-gótica foi substituída por uma fonte romana clássica. A mudança não é explicada com clareza por Lachenmayer. Na descrição que acompanha o emblema em cor, lê-se:

*Emblema da Academia de Letras da Bahia  
Salvador*

*Segue-se a mesma composição do já  
existente, feito por Manú Nesser, apenas  
é apresentado uma estilização e equilíbrio, mais*

*no rigor da arte numismática-heráldica.*

*Salvador, 21 de março de 1983*

*Ir. Paulo Lachenmayer, O.S.B.*

*Monge jub. da Bahia*

Contudo, observando-se com atenção a história da Academia de Letras da Bahia e o modelo que inspirou a sua existência – a Academia Francesa do Cardeal Richelieu –, a mudança imposta por Irmão Paulo parece se elucidar. Pelo que se depreende, o movimento tipográfico promovido pelo monge visava reforçar o espírito clássico que sempre sustentou os ideais da ALB, desde a sua fundação. Essa intenção se mostrou ainda mais contundente quando se observa que até o nome MARÇO foi substituído pelo algarismo romano III. A intenção do artista era claramente vincar as origens e tradições da agremiação. Outrossim, a parte textual do emblema ganhou em legibilidade.

Na ocasião, o acadêmico Renato Berbert de Castro não aprovou a mudança e, aos seus pares, apresentou protestos, reivindicando o retorno da antiga caligrafia. Berbert, todavia, ficou em voz vencida.

Abaixo é apresentado o trabalho heráldico de Irmão Paulo Lachenmayer, OSB, envolvendo o emblema da Academia de Letras da Bahia, atualmente em vigor.



Figura 2: As três versões do emblema da ALB apresentada por Irmão Paulo Lachenmayer, OSB.

Fonte: Academia de Letras da Bahia

O zelo pelos símbolos da Academia de Letras da Bahia, demonstrado pelo seu presidente, o professor Aleilton Santana da Fonseca, faz jus à representatividade que o centenário sodalício exerce na cultura baiana. Pequenos gestos resgatam a fortuna simbólica do expressivo emblema da ALB. Dentre eles, o retorno dos três quadros contendo os originais das representações visuais da instituição à Sala da Presidência.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Renato Berbert de. *A insígnia e o selo da Academia de Letras da Bahia*. Revista da Academia de Letras da Bahia, nº 34, p. 81-88, Salvador, 1987.

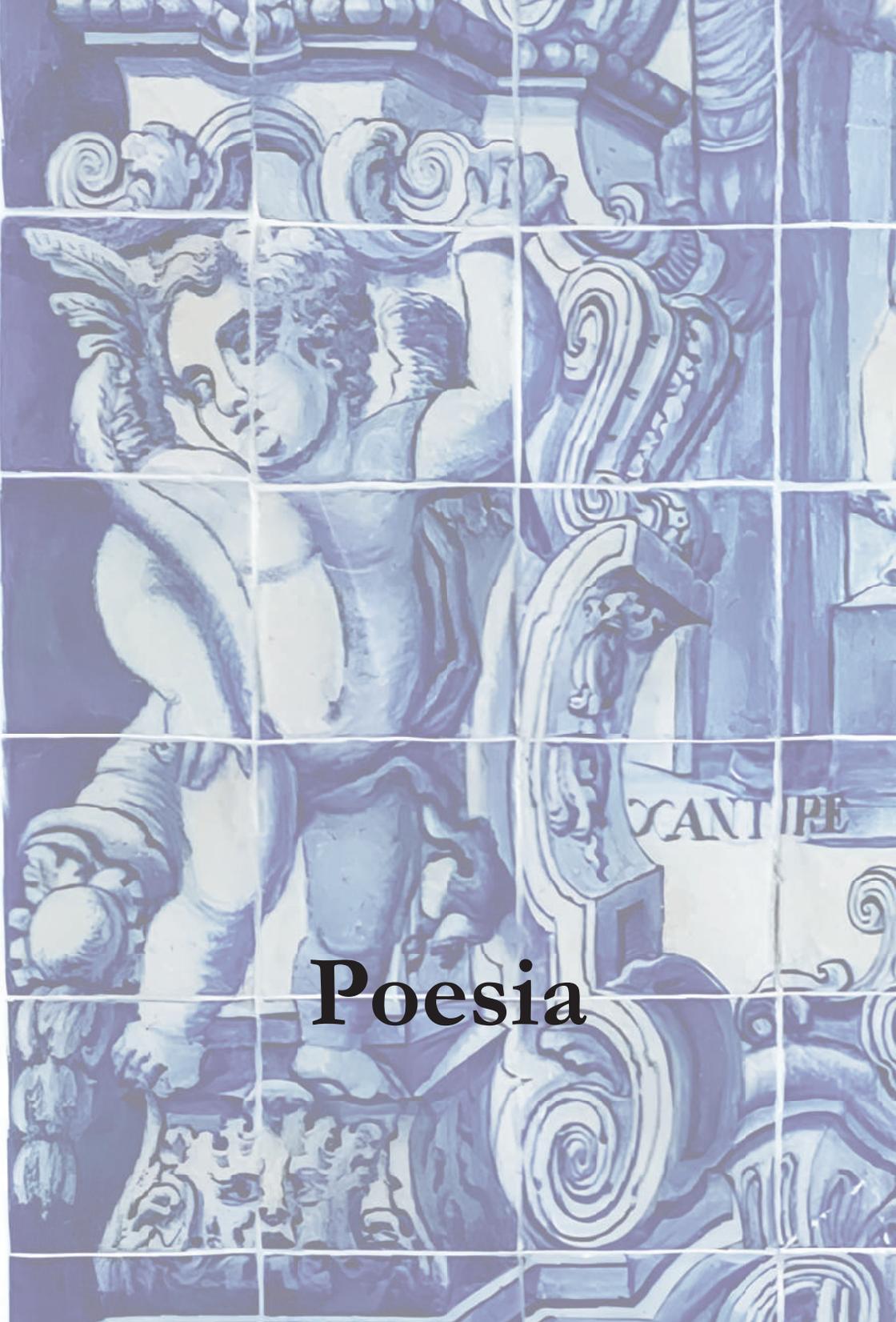
GARDEL, Luiz D. *Les Armoiries Ecclésiastiques au Brésil (1551-1962)*. Rio de Janeiro: Companhia Gráfica Luz, 1962.

PASTOREAU, Michel. *L'Art héraldique au Moyen Âge*. Paris: Éditions du Seuil, 2018.

SEIXAS, Miguel Metelo de. *A heráldica e os arquivos de família: formas de conservação e gestão da memória*. Projeto de pós-doutoramento conduzido pelo signatário no âmbito da bolsa FCT SFRH/BPD/69540/2010 e orientado por José Damião Rodrigues (CHAM-FCSH/UNL-UAç) e Maria de Lurdes Rosa (IEM/FCSH/UNL)

---

Paulo Veiga é Arquiteto, Mestre e doutorando em Artes Visuais – EBA/UFBA. Possui especialização em Design Editorial pela London College of Communication - Londres/Inglaterra. É sócio correspondente do Instituto Português de Heráldica e sócio efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. É autor do livro *Irmão Paulo Lachenmayer – Um artista alemão no Mosteiro de São Bento da Bahia no Brasil – Brother Paulo Lachenmayer – A German artist at the Benedictine Monastery of Bahia in Brasil*. Edufba/2019.



# Poesia



# SEIS POEMAS

GLÁUCIA LEMOS

## PAISAGEM

Foste chegando sem pedir licença  
entrando na paisagem.  
Meus olhos viajavam pra distante  
a pescar velhas velas de saveiros  
e rastos de aviões nos horizontes.

Apagaram do mar todos os saveiros.  
Os aviões se foram nas voragens.  
Te escondeste nas vagas dos silêncios  
tecendo avessos nas minhas palavras.

Ensina-me a viver o teu silêncio!  
Eu não sei te apagar desta paisagem.

## JANEIRO

As palmas das babosas  
hirtas  
apontam para um céu  
limpo de nuvens  
vazio de águas.  
Tensas  
no brilho opaco dos verdes  
ressecados.  
Ameaçam  
com serrilhas estranhas  
as esperas e necessidades  
das sedes do barro.  
Tremem na seca  
os grãos pretos da terra.  
E as nuvens se foram  
sem chegar. Negadas  
ao céu crestado  
do janeiro que me fere.

## **CARDO**

Escolheste ser cardo.  
Tua lenda se inscreve no traço  
das cicatrizes em sangue  
que desenhas.  
Do espinheiro a dádiva é a dor.

Escolherias ser chuva  
afago de vida sobre sementeiras  
redenção ao sedento.  
Escolherias fruto,  
serias ao faminto mais que seiva  
polpa madurecida.  
Poderias ser sombra  
que é abrigo e teto  
que é leito ao desamparo  
e abraço acolhedor ao irmão no cansaço.

Escolheste ser cardo,  
cardo te fizeste.  
Não me venhas dizer que minha dor  
feriu o teu espinho.

## **SALOMÉ (Versão 2)**

Faço a ronda da noite nos teus passos.  
Nem sabes que onde a noite te celebra  
eu, peregrina, por tua alma habito.

Quando se esgarça a sombra na neblina,  
quando a luz dorme e rompe-se a cortina  
da solidão no trâmite infinito,

revejo a cicatriz então de um beijo,  
e a marca de batom que foi contigo  
na noite do destino.

E eis que vem dançar lúbrica a saudade.  
Tua boca me sorri numa bandeja  
ao som de um tango argentino.

## UNO

De leve em tua boca  
sorver tua alma  
que arrasta  
cristalina e indefesa  
ao ímã do teu rastro.

Tomar em teu hálito  
o animus.  
Eis que em mistério profano  
estamos nos tornando uno.

Por enquanto  
fecha teus olhos  
tanta luz me ofusca.

## OS POMBOS

Quando a meus olhos se desenham  
os voos friorentos  
dos pombos das manhãs,  
sobeja uma ansiedade  
vestida de silencia.  
Vem do meu não saber  
dos perdidos domingos,  
dos rostos, das presenças, das palavras  
dos sonhos do piano  
nas tardes da infância.  
E eis a marulhar no agito dos meus mares  
as perdidas perguntas,  
e o rumor das memórias.

---

Gláucia Lemos é bacharel em Direito e pós-graduada em crítica de arte. Trabalhou em jornalismo escrevendo críticas de arte e resenhas literárias em jornais de Salvador, Maceió, São Paulo e Aracaju. Tem publicados mais de trinta títulos em literatura adulta e infanto-juvenil. Entre suas obras, encontram-se os romances premiados *O riso da raposa* (1995), *A metade da maçã* (1988), *As chamas da memória* (1990) e *Bichos de Conchas* (2007). No conto, publicou, entre outros, *Procissão e outros contos* (1996). Entre seus vários sucessos na literatura infanto-juvenil, destaca-se o livro *As aventuras do marijo verde*, já na vigésima sexta edição. Desde 2010 ocupa a Cadeira n° 14 da Academia de Letras da Bahia.

# ANTES QUE O TEMPO PASSASSE

RUY ESPINHEIRA FILHO

*Aos meus irmãos que já partiram  
e aos que ainda continuam  
navegando no tempo.*

Havia uma mesa vasta  
para os cafés da manhã,  
os almoços e jantares.  
Pai, mãe, avó, sete filhos  
em ambiente democrático,  
todos podendo dizer  
o que pensavam, sentiam.  
E ainda havia os amigos,  
chamados ou oferecidos.

Assim a mesa da casa,  
por muitos e muitos anos.  
A mãe, mais a empregada,  
de tudo cuidando e o pai  
(sempre tão sábio e sereno)  
já contando suas histórias,  
atuais ou muito antigas,  
umas que impressionavam,  
outras que nos divertiam.

Éramos todos felizes,  
às vezes ouvindo ao longe  
ainda cantos de perdizes.  
De vez em quando as histórias  
iam até a pré-história  
e convivíamos com  
alguns animais imensos  
no chão, nos ares, nos mares.  
E percebíamos até  
(depois que chegasse a noite)  
alguns se movendo ali,  
pelas trevas do quintal  
e talvez ao lado de  
lobisomens uivadores  
e (ah, que eu jamais me esqueça!)  
mais a Mula sem Cabeça,  
que mesmo sem ter cabeça  
soltava solenemente  
(como o povo ainda diz)  
um fogo pelo nariz.

E a vida seguia lenta,  
nem parecia passar.  
Era tudo mocidade  
ali e por toda a cidade.  
Se fora explodia guerra,  
não ali na nossa terra,  
onde havia unicamente  
muito amor e muita paz.

Depois começou o tempo  
a fugir rapidamente.  
Coisas distantes do mundo  
começaram a chegar  
e, dentre essas coisas, muitas  
de que não quero falar.  
Pois que então se foi contando  
a história de cada um,  
das gloriosas às sentidas,  
como as histórias das vidas.

Nada sabemos para onde  
se foi nossa vasta mesa.  
Hoje pouco conhecemos  
dos variados destinos,  
alguns há muito cumpridos.  
Sim, as memórias ficaram,  
porém muito se perdeu  
entre o que ainda resiste  
(meu retrato de menino  
nada ainda envelheceu...).

E, assim, o que passou, passou.  
Resta-me este sonho antigo,  
que vou sempre ressonando,  
mas sem saber até quando.  
E no sonho vou em frente,  
procurando minha gente.  
Em busca da vida em que  
a perdiz ainda cantasse.  
Antes que o tempo passasse.

---

Ruy Espinheira Filho é escritor, jornalista e professor da Universidade Federal da Bahia, graduado em jornalismo, mestre em Ciências Sociais e doutor em Letras pela UFBA, autor de dezenas de livros de poesia, ficção e ensaios, com diversos prêmios nacionais. A sua poesia reunida encontra-se no volume *Estação infinita e outras estações* (2012). Desde 2000 ocupa a Cadeira n° 17 da Academia de Letras da Bahia.

# SEIS POEMAS\*

HELOÍSA PRAZERES

## **lira**

tudo tocas e molduras  
o teu alento transforma  
provê febres matutinas –  
lê a natureza  
sôfregos olhos pedintes  
cruzam aos teus pés  
flores solferinas lavam  
tingem tuas faces  
com texturas de rosais  
por onde vais tocas o ar  
e a franja dos teus cílios  
moventes floresce  
vejo o teu corpo luminoso  
afasta a névoa da janela

---

\* PRAZERES, Heloísa. *Nossa casa albeia*. Salvador: P55, 2024.

## corpo de sirena

de minha memória mítica  
colho o conto da estação —  
a nado ela atravessou o mar  
foi à barra dos peraus de janeiro  
inalou a salsugem e ondeou  
seu corpo  
estacionários encostavam-se  
sobre o trançado das esteiras  
ela também se deitou  
sobre a areia rija —  
seguiu emparelhada  
foi às canoas estremes  
avançou à sombra das frondes  
das amendoeiras  
colheu as ervas da margem  
e comeu algas selvagens  
sereia — cedeu o rosto e o dorso  
faustosas e luminescentes escamas  
esparramaram-se despedaçadas  
em vão o deus das águas  
recrudesceu sua paixão —  
a reluzente e afinada diva  
posou plena em sua natureza

## passos de silêncio

*E pálida e perdida e febril e sem ar,  
um frêmito me abala... eu quase morro... eu tremo*  
(Safo)

ó deusa  
ouve palavras  
vou dos deuses desertada  
daquele tronco curvado  
dos brilhantes negros cachos  
retenho ainda a miragem  
(ó deusa dias de ontem)  
entre aves novas ramas  
comprimida pelo peso  
daquele dorso dourado  
ardo a ausência do tempo  
ó deusa  
rastreio traços  
retesei os meus vestidos  
levitei sobre esses ares  
agora pedra atirada  
ó bondade  
o teu regaço  
eu procuro os teus ouvidos  
por tudo isso que passo –  
por meus olhos exilados  
corpo oco sou fantasma

## **elogio**

a JLB

manter-se off-line adensa a vida  
interior. O pensamento alarga  
e passa em revista a hagiografia  
intenso vaivém de imagens salvas  
memória de homens santos que cegaram  
São Dídimo o muito admirado  
de quem Jerônimo disse vidente  
um santo crente na alma transmigrada  
estar consigo mesma tantos dias  
a imaginar tais olhos costurados  
também ressentido a dor que em ti confia  
ó meu poeta de versos ditados  
na contraluz de imagens estelares  
o elogio da noite foi teu astro

### retórica III

o poeta almeja ao rio da aldeia  
águas de âmbar escorrem  
deslizam mas não passam –  
luz da alvorada manhãs de janeiro  
na mesa lateral a jarra transparente  
com debuxo de jasmins  
hastes da pitangueira em flor  
aves asas dos primeiros pássaros  
corações plenos pulmões rosados  
a memória trabalha em sua missão  
por que as gentes não amaldiçoam a vida  
vista da janela da dor da traição  
e das guerras  
no tempo que lhes resta  
pessoas posam ao invés  
em preto e branco frente à sua Kodak  
e vão aonde  
espíritos viajam e não voltam mais –  
nada se desdobra em segredo  
mas a cadeira do poeta permanece  
alguém sabe de cor a sua legenda

(PRAZERES, 2024)

## D. Gió

no peito da velha senhora batem  
receios que lhe mudam a vida  
a malva do móvel do jacarandá  
brunido enceguece o seu olhar  
as almofadas de cetim dourado  
repousam sobre a palha do assento  
de pé ela perdura ao lado do cãozinho  
guarda suas lembranças  
bem longe do Theobroma  
fruto de ouro da floresta úmida  
à distância do sistema da cabruca  
e dos córregos da mata da cobiça

---

Heloísa Prazeres, professora adjunta, aposentada pela UFBA. Cumpriu o doutorado na University of Cincinnati, OH, Estados Unidos. Natural de Itabuna, poeta, ensaísta e pesquisadora, desenvolve sua escrita principalmente no gênero lírico. Foi titular e pesquisadora da Universidade Salvador (UNIFACS) e coordenou o Núcleo de Referência Cultural da Fundação Cultural do Estado da Bahia (2004 - 2007). Heloísa Prazeres possui vasta produção acadêmica, com artigos publicados em diversas revistas especializadas. Obra principal: *Temas e Teimas em narrativas baianas do centro-sul* (2000), *Pequena história, poemas selecionados* (2014), *Casa onde habitamos, poemas* (2016), *Arcos de sentidos, literatura, tradução e memória cultural* (2018), *Tenda acesa, poemas* (2020), *A vigília dos peixes, poemas* (2021), *O tempo não detém a vida* (2023) e *Nossa casa alheia* (2024). Desde 2021 ocupa a Cadeira n° 26 da Academia de Letras da Bahia e, em 2022, assume a cadeira n° 14, como membro titular da Academia de Letras de Itabuna, Alita.

# UMA CANÇÃO DE AMOR ÀS ÁRVORES DESESPERADAS [1996]

JOSÉ CARLOS CAPINAN

## I

Corpo da terra, cinzas colinas, nuvens cinzas  
Nem pareces uma fêmea em atitude de entrega.  
Meu corpo que tanto te deseja, quanto te beija,  
Fez saltar três filhos do fundo da terra.

Quisera te receber, Neruda, como Ossain  
E de cada folha das florestas americanas  
Encontrar o remédio para sobreviver  
Às furiosas noites de fogo desta cruel origem ibérica.

Ainda não cai a hora da vingança. E teu poema diz ainda: te amo.  
Corpo calcinado das angiospermas, bromélias, plantas,  
Como recuperar dessas auroras de guerra  
Das feridas tamoias, eu, ogan das tristezas do mundo,

O corpo da terra? Persistirei nas oferendas  
Persistirá minha sede, pelos caminhos indecisos do planeta,  
Combatendo a ânsia dos perversos e buscando a rede  
Onde a infinita mão do acaso tece a esperança.<sup>1</sup>

---

\* Poema do livro Cancioneiro Geral (1962-2023). São Paulo: Círculo de Poemas, 2024.

## II

Mormacenta noite de março, eu, ardente sem abraços  
Sem sono, sem sonhos, sem Ossain  
Recorro às oferendas sem remédio para as ofensas  
às auroras das floras, florestas antes atlânticas

E terra de Vera Cruz, uma cruz deveras carregas  
Carregas a dor das madeiras, garimpeiros, eucalipteiros  
(Orunmilá, me revela a palavra do segredo,  
E cedo solta as tuas asas de ferro, pássaro mensageiro)

É assim que o mundo acaba? Nessa Hollywood sem gala,  
Sem clarão, tudo cinza e gemendo, um fio de água lodacento,  
Um baiacu na lama e um bumba meu boi sem alma ?  
Na dança final do prazer da grana, é assim que o mundo acaba?

Sem dendê e sem palmas, sem urso panda, sem a banda das jandaias?  
A civilização ocidental cristã nadou... nadou, se esvai na praia.  
Mormacento março, superaquecido acordo, insone grito:  
– Ah ausente ciência gaia, mate a mata e viva a vaia.

### III

O primeiro grande criminoso foi o donatário português,  
E veio o doce veneno dos canaviais, madeireiros, garimpeiros,  
Depois algodão, cacau, soja e suja celulose  
Que refaz agora o papel original dos colonizadores primevos.

Cortaram a erva que cura a febre  
Cortaram a erva que cura as cólicas  
Cortaram a murta, o pau-d'arco, a peroba  
Foi coivarada a virtude das plantas, das ervas e das folhas

Tocaram fogo no mato, mudaram o curso dos rios  
Envenenaram as nascentes e o profundo ventre negro do mundo  
Profanaram o equilíbrio fraterno entre o calor e o frio  
Nos olhos das águas e dos peixes, mercúrio e chumbo

Estames, estigmas, pétalas, pistilos, sépalos, pólen  
Cotilédones, espinhos, espigas, inflorescências, plânctons  
Rizomas, flagelos, esponjas, mimosas pudicas, esmagados musgos  
Rompidas as corolas e mutilado o órgão reprodutor das flores

#### IV

Expulsaram as nuvens com a queimada das florestas  
Queimaram o mel e as cinzas são pássaros sem asas  
Que os ventos espalham como Oiá espalhou as folhas  
Pelas auroras que agora não tem as flores

Tudo devastado pelo olhar nefasto do Deus Homem  
O inventário eu peço, como quem pede ao bem amado  
Cama de malva, travesseiro de lua, olhos de alvorada  
Peço em joelhos, humilde nocauteado desses Tysons

Peço o inventário das plantas e das auroras  
Peço a exumação do corpo azul do tempo  
Peço a reinvenção dos fitocromos devassados  
Pelos tratores da inquisição dos jardins e campos

Peço pelo espanto de Gagarin e a dor das baleias  
Peço pelos seres que sereias não são  
E pela invenção dos seres que são humanas teias  
Entre o mito e a dor da nossa condição

V

Éwè Ossain, deixa eu cantar um ori éwè  
Um canto como o canto do primeiro dia  
Quando Orunmilá deu nome aos seres e aos seres fez nascer  
Que esse é o poder original da poesia

Oh Ossain, divindade das plantas medicinais e do axé  
Me ensina as palavras que despertam seus poderes  
Desperta o pássaro mensageiro de sua haste  
Macera de Orumilá as folhas na pedra entre a terra e os céus

Éwè Ossain, teu pássaro poder, pousado em tua cabeça  
Pode me trazer o segredo antes que a senhora dos ventos  
Sacuda a sua saia e os vendavais sacudam os arvoredos  
Quebrando a cabaça onde guardas todos os teus segredos

Com cuidado devoto, colhendo as folhas  
Na América selvagem onde crescem livres  
No lugar da colheita deito a minha oferenda  
Do amor me abstive e sexo não tive

## VI

Maiores que os poderes das plantas  
São os poderes das palavras que as despertem  
Neste sábado sacrificando bode, galos e pombos  
Ouve, Orummilá, e ouve, Ossain, as minhas preces

Faço oferendas a Orunmilá, faço oferendas a Ossain  
Um que deu nome às plantas e as trouxe do céu para o bem dos homens  
Ossain, as palavras despertam os segredos em teu filho Remédio  
Pois as coisas nascem quando recebem um nome

Ossain, ouve a minha consulta, a minha dor, a minha fome  
Que enterrado como teu filho no injurioso século  
Não me vem um coelho nem um tatu cavando um túnel  
Que me alimente de esperança e ao fim me acenda um lume

E eu te pergunto, Ifá, em qual amanhã assim distante  
Ficará o extremo ponto dos poderosos de ontem  
Hoje perpetuados nesse horizonte sem horizonte?  
Será veneno ou bálsamo o futuro remédio que nos guarda Ossain?

---

José Carlos Capinan é escritor, letrista, compositor, formado em medicina, autor dos livros de poemas *Inquisitorial* (1966) e *Cancioneiro Geral* (2024), entre outros, e da peça *Bumba meu boi* (1963), musicada por Tom Zé. Além da trajetória em livro, ele firmou um amplo conjunto de canções escritas entre 1965 e 2023, musicadas por Gilberto Gil, Edu Lobo, Paulinho da Viola, Caetano Veloso, Jards Macalé, Fagner, Geraldo Azevedo, João Bosco, Moraes Moreira e Roberto Mendes, entre outros. Integrou o movimento tropicalista, em 1967 e 1968. São de sua autoria as letras das canções "Viramundo", "Cirandeiro", "Ponteio", "Soy Loco por Ti, América" e "Yáyá Maseмба", entre outras. Recém-lançado pelo Círculo de Poemas, *Cancioneiro geral* reúne todos os seus livros e uma seleta de letras musicais. Desde 2006 ocupa a Cadeira nº 36 da Academia de Letras da Bahia.

## DOIS POEMAS

CLEISE FURTADO MENDES

### Chave para abrir

A menina guarda a chave de sua casa  
em Jerusalém.

- É a chave da casa de meus pais,  
que ainda está lá, igualzinha.

Ela tinha 5 anos quando sua casa foi invadida  
pelo povo escolhido por Deus para invadir casas e terras  
dos não-escolhidos.

A reportagem é precisa: uma chave grande,  
escura, de ferro.

Ainda mais precisa é a resposta da menina:

- Por que guardar a chave? – pergunta a repórter.  
- Porque a gente acredita que vai voltar.

“A gente” é muita gente, milhares, milhões,  
e a precisão se disfarça de esperança  
nas ruas estreitas, de janelas quebradas  
do campo de refugiados onde ela vive  
há 63 anos, pertinho de sua casa.

Então a menina palestina, de 68 anos,  
guarda a chave de sua casa.

Uma chave que só serve para abrir,  
para escancarar e manter aberta  
nossa memória  
de tantas casas e vidas roubadas.

## **Guerra santa**

Você, para mim,  
é uma coisa, uma causa:  
posso matá-lo, posso explodi-lo,  
posso negar-lhe água e comida,  
pois para mim você  
não come, não dorme,  
nem respira.

Você é uma coisa incômoda:  
cisco no olho, espinho na carne,  
um ponto manchado no mapa  
da minha fé,  
nota dissonante  
nos cânticos que ergo a cada manhã  
para meu deus, que é o único deus.  
Exterminá-lo é minha causa,  
limpar suas pegadas minúsculas  
no chão da minha Cidade,  
a única cidade santa.

Não existe lugar para você,  
pequenino grão de areia  
na solidão dos meus desertos.

---

Cleise Furtado Mendes é dramaturga, com dezenas de peças já encenadas, poeta, contista e ensaísta. Além de obras líricas e narrativas, tem vários livros publicados sobre teatro e literatura, dentre os quais *A gargalhada de Ulisses: a catarse na comédia* (Perspectiva, 2008). É Professora Emérita da UFBA, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, pesquisadora do CNPQ, líder do grupo de pesquisa Dramatis e desde 2004 ocupa a Cadeira nº 6 da Academia de Letras da Bahia.



## CINCO POEMAS

CARLOS ROBERTO SANTOS ARAUJO

### **Ubi Troia Fuit**

Nesta cidade, que nega trégua às narinas,  
Conserva seus excretos, destila ácido úrico,  
Onde os transeuntes tropeçam nos pés dos mendigos  
Que manuseiam seus testículos debaixo das altas marquises;

Nesta, que foi, um dia, Troia, a Mui Fiel,  
E hoje não passa de uma lamentável Cabul,  
Sem um sonho sequer, um mito, um homem honrado,  
Sem um gesto de carícia, um riso de jubilação;

Nesta, onde busquei sempre, mais que exílios,  
Ruivos crepúsculos e nuvens violetas,  
E cavei (inútil!) uma fonte de águas límpidas  
Que me lavasse a alma, da pátina do tempo;

Nesta cidade maldita, opressora de poetas,  
De ouvidos moucos às églogas dos seus pastores,  
Mísera de outonos, pobre de primaveras,  
Pródiga, porém, de verões, milionária de infernos;

Nesta cidade tecida de conjeturas e andrajos,  
Embora em parte inchada por dólares e sestércios,  
Definitivamente descoroçoei, dela me despeço  
E levo o só estrito, o necessário mínimo:

Minhas cinzas e cruzes, tristes túmulos,  
Lembranças de mãos inertes, sem desejos,  
A urna lacrada dos meus beijos  
E alguns poemas de amor, desmantelados.

## **Inverno**

Eis o inverno, mais uma vez, movendo as nuvens:  
Chove levemente sobre os nevoeiros.  
Os pássaros emudeceram nos seus ninhos de folhas e gravetos.

A chuva, todavia, escorre nas ramagens,  
Em filigranas,  
Desce pelos troncos das árvores verdeongas,  
Com o riso infantil de um córrego em flor.

O silêncio emudece, transido de frio,  
Sob a música da chuva,  
Dedilhada nas teclas de um piano submerso.

Enquanto isso a aranha expectante tece o sonho  
De recolher em sua teia  
– Arabesco sutil de gotículas translúcidas –  
Sua presa do dia:  
A pequena borboleta de asas amarelas.

## **Verão**

As cigarras garridas celebram o verão  
E agarram-se aos galhos das árvores esverdeadas,  
Aos jequitibás orgulhosos, gigantescos como deuses etruscos,  
Zunindo monocórdicas, sibilantes como clarinetas.

E seu canto alcança os ouvidos de toda a gente,  
Acaricia a ondulação das camomilas,  
Mistura-se ao perfume dos campos de lavanda,  
Anima a sarabanda feliz das borboletas.

Após o inverno, o vento frio, o nevoeiro,  
Vibra no céu a estação do estio  
E aquece a terra úmida de chuvas,  
A despertar da letargia raízes sonolentas:  
Laranjeiras sorriem grávidas de flores,  
Arrozais germinam prenhes de promessas.

## **O encontro**

A Morte passou por mim com seu frêmito de urgências  
Impregnada na pungência das suas imagens:  
O regresso ao útero da terra,  
O punhado de cinzas levadas pelo vento.

Senti seu hálito gelado e hibernal  
Estiolar meu torso, tocar o meu rosto,  
Colar-se à minha pele como a resina de uma árvore,  
Povoar de sombras amargas os meus pensamentos.

Porém agarrei-me ao mastro de mezena  
Da minha pequenina Nau Catarineta  
E resisti ao seu apelo sirenal,  
Como Ulisses, que vencera os Lestrigões,  
A caminho dos olhos de Penélope.

E descobri a Vida, esta desconhecida,  
Que passa por nós, e nós passamos por ela,  
Sem nos reconhecermos, como dois estranhos.

Então, ela me disse "Vem comigo, sê meu companheiro".  
E eu lhe respondi: "Nunca mais te desdenharei,  
Serás, doravante, o meu verdadeiro amor!"

## Salvador da Bahia

Em Salvador caminho pelas ruas tortas,  
Pois a cidade é feita de curvas barrocas  
Onde antecipo mitos, descobertas,  
Maus poemas mas nobres pensamentos.

Abre-se no céu a sua tenda azul,  
Sobre o mar azul de fevereiro,  
E tudo é azul sobre a cidade inteira,  
Azuis os muros na pátina do tempo.

Salvador da Bahia, de verbo de fogo,  
Irmã de Cairo, pelo seu mistério,  
Irmã de Tebas, a mãe de Alexandria,  
Alexandria do imenso poeta Kavafis.

Londres, Paris, Bruxelas e Berlim  
Erguidas sobre dólares e diamantes de sangue,  
Deixai-me na Bahia dos becos estreitos  
Lavrados pelas mãos calosas dos milagres.

Pois eu prefiro esta terra de cultos e adorações  
Onde possa ancorar o meu destino  
Longe das ciladas que nos vem do Leste,  
E consiga sentir a epifania suave  
De sua voz maternal, que me chama, celeste.

---

Carlos Roberto Santos Araujo nasceu em Ibirapitanga, região cacauieira da Bahia, em 1952. Adolescente, mudou-se, com sua família, para São Paulo, onde venceu em 1970, com a coletânea *Lira Dos Dezoito Anos*, o concurso literário “Governador Do Estado, Categoria Estímulo”, cuja Comissão Julgadora, para Poesia, era constituída por Péricles Eugênio da Silva Ramos, Oliveira Ribeiro Neto, e Osmar Pimentel. Formado em Direito pela Universidade de São Paulo, do Largo São Francisco, advogou em São Paulo e depois na Bahia, onde ingressou na Magistratura em 1981. Publicou os seguintes livros de poesia: *Nave Submersa*, 1986; *Lira Destemperada*, 2003; *Sonetos da Luz Matinal*, 2004; *Viola Ferida*, 2008; *Poemas Reunidos*, 2012. É Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia.



## POEMAS CIFRADOS (SELEÇÃO)

ANTONIA TORREÃO HERRERA

Para um amor que se manteve calado.  
E sempre crescente.  
Para o Amor. Secreto amor

Hemingway: a gente escreve para duas pessoas:  
para a gente mesmo e para a pessoa que a gente ama

### AMOR CIFRADO

O que faço com esse amor?  
Derramo nos Andes e nos Alpes,  
Espalho no Vale Sagrado ou nas  
copas das árvores, na floresta  
amazônica ou na mata atlântica,  
aqui mais pertinho de mim, ou  
se o mar me espia pela janela,  
porque não o afogo ali nas ondas?

O que faço com esse amor  
Que explode como um vulcão,  
Mas fica em silêncio e não  
Solta lavas nem gritos audíveis?  
Sufoco no peito e nas palavras,  
Salpico nas estrelas e nas pedras,  
Esfrego-o na pedra para arranhar  
E na pedra, conservo-o vivo.

(10.09.2015)

## **LÉLIO E LINA**

Você aconteceu na minha vida  
Puro ar dos campos  
Você espargiu partículas  
Pele e som, desejo e paz.  
Você chegou pouco antes do sol se pôr.  
Eu cheguei com seu sol nascendo em alvorada.  
Encontro em diapasão  
Você segue no fluxo da vida  
Eu seguro do ar o perfume entre as mãos.  
(28.01.2015)

## **BEIJA-FLOR**

Estranho beija-flor que me seduz.  
Brincas no orvalho e não sentes  
O sangue nas veias aromatizando.

Livre beija-flor que me encanta  
Voa leve e bica leviano o suor  
do amor que corre sangrando.  
(31.07.2015)

## ENCONTRO I

Depois de cada encontro  
A semente remexe fundo  
Nas entranhas e pede ar.  
A luz rompe a crosta e  
Esquento o fio de amor  
Que solto se retorce em  
Ricas volutas. Do encontro  
Resta uma semente rachada  
Que nem explode nem seca.

(30.09.2015)

## ENCONTRO II

Encontrar-te de modo tão fugaz é  
Costurar em alinhavos um farrapo  
De história, tecida na lenta letra  
Que se forma em cada clave da  
Única melodia que sustenta o meu,  
O seu olhar, elo flutuante no eterno  
Tempo de meu querer. Fogo que  
Imanta essa cruzada e escorre em  
fluxo de pura luz.

Suspiram os rouxinóis por mim.

### **ENCONTRO III**

Os rouxinóis suspiram por mim  
E apenas enfeita-se o ar. Nada  
Muda e o Nunca se alonga no  
Longe. Esperar e esperar, eis  
O destino desse Ainda que,  
Invisível, se instala na sala de  
jantar, põe a mesa e reproduz,  
nos talheres ladeados, a espera  
e a esperança que se afinam  
no canto dos rouxinóis.

### **RESUMO**

No encontro I, um ar de primavera.  
No encontro II, voou um passarinho.  
No encontro III, o concreto do real.

## ENCONTRO IV

Encontrar você mais uma vez  
Foi aconchego e algodão.  
Não acendeu o punhal  
Não imantou a fina dor.  
Em seu olhar fixo no meu,  
A doçura de um encontro,  
A preciosa pérola do amor.  
Ao partir, o vazio pleno de  
Um aroma do sol

## ENCONTRO V

Não sei se cada encontro é um tormento  
Ou um alimento para tanto amor!  
Não sei se esse círculo se amplia ou se  
Fecha. Esse movimento solar e lunar me  
Lança como naufrago sem bússola, sem  
nave. Na deriva ,reordeno minha sintaxe,  
sem âncora, agulha que rodopia e aponta  
para novo encontro, no compasso de nossa  
sinfonia. Apenas as notas no ar se beijam.

(08.03.2016)

## ENCONTRO VI

Um transbordamento como hemorragia interna.  
Os fios do batimento correm soltos e se cruzam.  
Algum pássaro deve gritar no ar e algum som soar.  
Todos os versos de amor são inócuos e apenas eles  
Atravessam o portal. Nem encosta nem contenção,  
Um fino frio na coluna e um amolecimento de todas  
As fibras aceleram o caminho da morte que se aloja  
No coração que dispara de amor, de prazer, pela pura  
Aragem de seu sorriso, pelo espelho d'água de seu  
Olhar, pelo sopro de suas palavras. No excesso de vida  
escorrem os segundos na precipitação do encontro que  
presto se desata ao puxar a ponta do laço no ato de ir.

## ENCONTRO VII

No resto do dia, o dia se enrola na miragem do que foi.  
A cada encontro uma dor, uma espera que se calcifica em  
pedra, assento de uma morada para onde flui a história.  
Vem na poeira de minha memória seu semblante e tento  
furar a neblina que adoça minha visão e lhe põe longe do  
alcance de meus dedos e fora da esfera de meus músculos,  
Como um gladiador de museu que se advinha na armadura.  
Água e sangue fluidificam essa gota de ardor que se instilou  
como picada benfazeja no corpo inocente que foi tatuado.

## FIM DE TARDE! (ENCONTRO VIII)

Há de se alimentar a saudade  
no corpo vivo do amor  
Há de se alimentar a saudade  
no abraço corpo do encontro  
Há de se alimentar a saudade  
no prisma dos olhos que se vêm  
no sonho que se avoluma  
em cores e dores!  
Há de se alimentar a saudade  
no beijo furtivo do Adeus!

(20.09.2022)

---

Antonia Torreão Herrera possui graduação em Licenciatura Em Letras Vernáculas Com Francês pela Universidade Federal da Bahia (1969), graduação em Bacharelado Em Letras Vernáculas Com Francês pela Universidade Federal da Bahia (1970), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1980) e doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (1996). Professora titular em Teoria da Literatura da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: crítica literária, teoria literária, escritores criativos, literatura comparada e teoria e crítica. Publicou diversos artigos e ensaios em revistas especializadas e o livro de poesia *bAbEL* (Salvador: EDUFBA, 2020).



## SEIS POEMAS

ALEXEI BUENO

### NAQUELE REMOTO AGORA

Naquele remoto agora  
Há um vulto que, rente ao muro,  
Consulta, abstraído, a hora.  
De quando era o seu futuro?

Naquele agora remoto  
A folha até hoje espera  
A brisa que a atire ao esgoto,  
Mas nada em torno se altera.

Remoto agora, naquele  
Lapso eu era e sou eu.  
Brilhava na minha pele  
O sempre o mesmo outro céu.

2-9-2024

## **PASSATEMPO**

Os velhos da Praça da Cruz Vermelha  
Jogam cartas nas mesas de cimento.  
Os naipes, num ritmado movimento,  
Sucedem-se, o sol poente se avermelha.

Nas mãos valetes, reis, rainhas e ases  
Separaram-se, unem-se, os números dançam  
Nos dedos trêmulos que não se cansam.  
O mofo altera os rostos dos cartazes.

Jogam porque seus jogos já estão feitos.  
Não há mais lances. Consumou-se a sorte.  
Um embaralha, um outro faz o corte.  
Nada perturba o seu balé perfeito,

Nem as buzinas, nem os transeuntes.  
Uma gaveta abrigará os baralhos.  
Quem ganhou? Quem perdeu? Vibram os galhos  
Na noite que chegou. Nada perguntas.

12-9-2024

## CANTIGA EXTREMA

Navio velho,  
Cargas ao mar.  
É um bom conselho  
Para guardar.

Bem pouco lastro  
Leve o porão.  
Vento, erga o mastro  
Sem compaixão.

Enfune a vela,  
Empurre a quilha!  
Não nos desvela  
Praia nem ilha.

Casco vazio,  
Sonhe com o ar!  
Ainda há o vazio  
Por navegar.

Ainda há uma espuma  
Livre dos rastros,  
Sem meta alguma,  
Bêbada de astros.

Bojo esgotado,  
Alta a amurada,  
Vai, barco alado,  
Prenhe do nada!

18-9-2024

## MOSAICO

As borboletas, de existência escassa,  
Estão no chão. São folhas — mais cromáticas —  
De uma estação. Nas suas asas passa

A brisa, e as chama em vão, estão estáticas  
E opacas. Elas, ontem quase um canto,  
Notas de luz alegremente erráticas,

Descansavam nas folhas. Entretanto,  
Ora repousam juntas, variegada  
Colcha, que arrancará, com seu encanto,

Do pó ensonado a próxima enxurrada.  
Vão e vêm. Sobem. Descem. Voo e pouso.  
Existem para perturbar o nada,

Não lhe dar tempo, um mínimo repouso.

24-9-2024

***PANTHEON***

Os homens no balcão  
Do botequim imundo.  
Um São Jorge no fundo.  
Um copo em cada mão.

De que data é este quadro?  
Na sombra há uma folhinha  
Que ninguém adivinha  
E está fora de esquadro.

O cheiro de aguardente  
Tonteia as moccas, no ar.  
É o tipo de lugar  
Que dura eternamente.

A foice tão ferina  
Aos grandes deste mundo  
Te eleva, vagabundo,  
A um deus, em cada esquina.

12-11-2024

## HERESIA

No cemitério da Cidade dos Barões  
Tiraste a roupa – era verão, ninguém por perto –  
Para pôr outra menos quente. O sol, por certo,  
Nunca ali viu tamanha glória, entre os braços.

Por serem sacras as estátuas não sentiram  
A justa inveja. Foi atrás de uma capela.  
Visão sublime. Ah, não poder voltar a ela,  
Àquela tarde, e ao que os jacentes jamais viram.

12-10-2024

---

Alexei Bueno organizou a *Obra completa* de Augusto dos Anjos (1994); a *Obra reunida* de Olavo Bilac (1996); a *Poesia completa* de Jorge de Lima (1997) e *Poesia e prosa completas* de Gonçalves Dias (1998). Traduziu para o português *As quimeras* (1996), de Gérard de Nerval, também com edição portuguesa. Publicou uma edição comentada de *Os Lusíadas* (1993) e organizou a *Correspondência de Alphonsus de Guimaraens* (2002). Organizou as antologias: *Grandes poemas do Romantismo brasileiro* (1994); *Antologia da poesia portuguesa contemporânea: um panorama* (1999, com Alberto da Costa e Silva); *Anthologie de la poésie romantique brésilienne* (2002, Paris); *Poesia brasileira hoy* (2004, Santiago de Compostela) e *Antologia pornográfica: de Gregório de Mattos a Glauco Mattoso* (2004).

# SEIS POEMAS

NARLAN MATOS

## **infantes da Palestina**

silêncio

os infantes da Palestina estão chorando de pé  
ante o pelotão de fuzilamento  
as oliveiras de milênios entoam orações  
os abutres famintos aguardam sua vez  
em suas mãos pueris trêmulas suas armas:  
uma bola uma boneca um estilingue

silêncio

debruçados sobre o muro da morte  
choram e contemplam o Paraíso  
o destino é um felino de garras sujas  
um velho sol cansado de guerra agoniza  
aprisionado no céu como uma bandeira  
hasteada sobre o sinistro espetáculo

silêncio  
o vento sopra um réquiem lento  
(as bolsas de valores operam em alta)  
de pé ante o pelotão de fuzilamento  
os infantes da Palestina morrerão pelos meus e pelos teus pecados  
as palomas brancas voam inúteis  
os abutres vorazes aguardam sua vez

estão de pé os infantes como homens feitos  
de pé sobre as ruínas do passado do presente e do futuro  
é imensa a fila do antes e do depois  
em torno do silêncio as nações, unidas, dançam  
cantam num banquete pagão e celebram o holocausto

silêncio  
a vida e a história apertarão o gatilho  
juntas  
sem nenhuma misericórdia

.....  
escorrendo grosso e lento nas areias do tempo,  
seu sangue mítico  
agora irriga as plantas carnívoras do inferno.

## **a sonata do outono**

por estas ruas já marcharam os exércitos do medo, derramando seu verde sinistro nas árvores, na paisagem. Nos muros obscuros escreveram suas palavras de ordem e glória, libertaram o terrível pássaro de suas armas, o agouro de seu canto metálico e ofuscando o sol e as árvores outonais

por estas ruas já marcharam exércitos do medo, entoando seus hinos em louvor à morte, à estátua da brutalidade; espalhando seus elmos e insígnias em honra aos deuses ateus de suas bandeiras e bandanas. Seu olor verde e doente de mofo embotando as casas, os cães, as coisas ao seu redor.

deitada ao meu lado, nua, a esperança é uma mulher de rosto formoso e de hálito puro cujo corpo de manhã esculpe com suas mãos a claridade. As árvores amarelas confiam na poesia do coração dos homens sinceros, de boa vontade, e, em unísono, entoam um canto pela concórdia entre os mortais.

esta noite eu escrevo uma prece estrelada – feita pelos deuses – para que nunca mais as legiões, nunca mais os exércitos do medo marchem por estas ruas onde agora sopra o vermelho vento outonal e as crianças dançam cirandas.

Frankfurt, Alemanha, Outubro de 2013

## **esta civilização**

Esta civilização com pés de aço silício e seu desconhecido coração movido a vapor a gasolina a gente. Antífona de ícones épocas delírios de uma insana lucidez. É brutal sua ternura é amargo seu doce é longe seu perto. Consumida em alfabetos ágrafos, jardins de inverno. Com suas Musas (e mulheres) belas apolíneas – sentadas bem ao meu lado e impossíveis todavia no infinito. Em seu pulso uma bizarra sinfonia, ordenada convulsão. Viciada em si mesma, ela é um dócil lobo raivoso. Cruamente nua – e contudo avessa a tudo que lhe despe. Prisioneira de códigos, senhas, cifras. Um choro incontrolável inguiado na garganta. De sorriso fácil largo mórbido absurdamente feliz.

Esta civilização de homens concebidos pelas máquinas! Os cães civilizados levam seus donos para caminhar e, eventualmente, ao psiquiatra. Detrás de seus óculos escuros, os olhos escuros desta civilização. Por toda parte e solta, a flauta de Pã entretém!

Esta civilização em sua retórica clara obscura tragicômica. Se distanciando de si mesma à medida em que se aproxima. O homem civilizado ainda assim, um homem. Fuma. Esta civilização em sua convulsa dialética de canteiros de rosas e canteiros de obras gases pesados, entardeceres. Ah, a alma da cidade se perdeu no homem! Esta civilização profanou o Paraíso das maçãs puras dos cachos negros de uvas de samambaias e sequoias! E esta esquizofrênica busca pelo novo, o novo, o novo.

Esta civilização com seus dentes afiados de chacal de hiena de motosserras devorando árvores e defecando papel morto, fétido, inútil. Devorando areia e cimento e vomitando arranha-céus, estacionamentos. E o que faremos com essas toneladas de concreto-armado apontando para o nada? Que estranho noturno na boca desta civilização! Caminhando incontrolável sempre adiante para trás. Esta civilização chega finalmente ao seu rim: porque a natureza agora é a outra, a única civilização, o único Éden possível.

## refugiados

na outra margem do mundo  
vejo uma multidão famélica  
máscaras magras em noite sem lua  
a labuta de homens e mulheres  
dançando numa marcha esquálida  
soldados de nenhuma pátria  
párias de nenhuma flor

uma sinistra cerca de arame-farpado  
reparte delimita corta tudo ao meio

territórios abandonados, mortos  
pretéritos deixados à própria sorte  
planícies de desencontros eternos  
ossos, abutres, urubus, coiotes

desfiladeiros de ilusões perdidas  
pântanos de sonhos desesperados

um frio muro de concreto armado  
reparte delimita corda tudo ao meio

na outra margem do mundo  
vejo galés repletas de refugiados  
a gaiola de séculos que lhes contém  
é incomensurável o calabouço das almas  
sujas de história e de esquecimento  
sob a chama da estátua da liberdade  
um jardim botânico de brutalidade

## **observatório nuclear**

7:30 da manhã

abro os olhos e percebo que ainda estou vivo  
o noticiário anuncia que condecoraram  
mais um herói de guerra  
terroristas perpetraram mais um atentado a bomba  
crianças-soldados se multiplicam pelo mundo  
ilusões perdidas cemitério de mitos  
um terrível mal-estar na civilização

7:30 da manhã

pela janela na autoestrada vejo os automóveis  
cometendo seus crimes  
os homens sucumbem à cólera à fome  
na África e na Ásia  
trabalhadores de uma fábrica entraram em greve  
ao longe ouço o sapateado do metrô nos trilhos  
carregando o mundo nas costas

7:30 da manhã

crianças da América Central cruzam a pé  
o deserto do México rumo à terra proibida  
arqueólogos dizem ter encontrado  
a cidade perdida de Sodoma na Jordânia  
penteio meus cabelos diante do espelho  
certo de que não vou morrer hoje  
no condomínio onde moro  
ouço os cortadores de grama podando a manhã

7:30 da manhã  
as calotas polares derretem vertiginosamente  
violentamente em silêncio  
nas ilhas Galápagos as iguanas observam a vida  
os nova iorquinos já funcionam a pleno vapor  
no Novo México, as bombas atômicas ainda não despertaram  
será preciso uma bomba atômica  
para despertar o homem de seu transe profundo?

7:30 da manhã  
e não posso caminhar sobre o raio de sol  
que entra pela minha janela adentro  
e chego à dura conclusão de que há mais a fazer pelo universo  
além de tomar meu café da manhã com açúcar e torradas.

## **Gueto de Varsóvia, 1942**

nunca mais o jardim da brutalidade, o campo do desespero  
a boca sinistra dos alto-falantes,  
o olor insuportável de metano  
o olhar endemoniado das flores do mal por toda parte  
a neve impiedosa a chuva fria a lama as palavras de ordem

nunca mais as execuções sumárias  
as grandes valas comuns, os esgotos abertos  
onde tramam as ratazanas  
as crianças dançando cirandas em torno  
do pandemônio da morte  
o ladrar mórbido dos cães, as sirenes,  
os escombros da civilização

nunca mais o toque de recolher e despertar  
o banquete nefasto dos vermes  
nos corpos putrefatos nas calçadas  
um esquizofrênico açougue de carne humana  
a bela arquitetura reduzida à uma cruel máscara agônica,  
um mosaico de dores

um piano solitário em ruínas toca suas notas partidas para a tarde  
um noturno lúgubre uma marcha fúnebre  
nos becos, nas vielas, nos sótãos, nos porões, uma flor de pus aguarda  
o sombrio abraço da noite com suas unhas sujas sangue

nunca mais a loucura, o arame-farpado, os grandes muros  
repartindo pais filhos amantes amigos corações  
as filas colossais os pés descalços os dentes podres  
a grande sinfonia de pavor ante o dedo em riste da besta humana

nunca mais o Gueto de Varsóvia!

---

Narlan Matos nasceu em Itaquara, Bahia, em 1975. Detém o título de PhD em literatura brasileira pela University of Illinois at Urbana Champaign, e vive em Washington DC. Com quase trinta anos de carreira, traduzido em treze idiomas, é autor de oito livros de poesia em português e tem sete livros publicados na Rússia, Romênia, Eslovênia, Espanha, Itália, Japão e Costa Rica. Elogiado por poetas como Yevgeny Yevtushenko, Robert Creeley, Michael Palmer, Lawrence Ferlinghetti, Andrei Codrescu, Tomaz Salamun, Nancy Morejón, Juan Carlos Mestre e Ferreira Gullar. Em 2024, seu livro *Canto aos homens de boa vontade* foi premiado, em Bucareste, pela Academia Romena de Letras, como melhor livro estrangeiro do ano. Em 2023 a *Revista Poesia* (número 22), a mais importante revista de poesia da Itália, dedicou vinte e sete páginas a sua obra.



# UM POEMA E QUATRO HAICAIS

DOMINIQUE STOENESCO

## ET NOX FACTA EST

I.

A cidade amanheceu febril,  
para onde irão  
seus transeuntes?  
Nos largos nas ruas  
e na esquina da memória  
anónimos se cruzam.

O diabo sorri  
ao atravessar a praça.  
Cólera dos deuses,  
silêncio cruel,  
lividez da megalópole  
ainda em quarentena.

No cais do Sena  
um pardal caiu do ninho,  
ninguém para o recolher.

II.

Estrelas confinadas  
no mundo das trevas;  
há quatro mil anos  
os ogres a despenharem-se  
no abismo do tempo,  
*et nox facta est.*

III.

De repente um grito  
(ou será apenas o vento?)  
roçou nas pedras.

IV

A chuva bate na janela  
e ensaia uma canção  
para enxotar a morte.

V.

A raposa vai ao baile  
dos mascarados.  
Ética ou estética?  
-Metamorfose.

VI.

Romagem dos flagelados.  
Numa limusine  
arlequins desconfiados  
percorrem o deserto.  
O dia escureceu,  
perderam o rumo,  
e o velho pensou:  
ainda saberão voltar?

## QUATRO HAICAIS DESCONTAMINADOS

1.

A pega faz seu ninho  
A primavera está de volta  
O corvo caça a pega

2.

Um cão dorme na sombra  
Nada se mexe na aldeia  
Os plátanos estão mudos

3.

Já é inverno  
No crepúsculo do rio Marne  
Os gansos têm pressa

4.

Tudo arde no horizonte  
Barco naufragado  
O astro finda a viagem

---

Dominique nasceu em Besançon. Foi professor de português no Ensino Secundário público na região parisiense e na Faculdade de Direito de Paris XII – Val-de-Marne. Coordenou diversos projectos educativos e pedagógicos. É membro fundador da revista *Latitudes – Cahiers lusophones* e colaborador do semanário *Lusojornal*. Traduziu vários livros (romances, contos, poesia) de autores lusófonos. Tem poemas publicados na antologia *Poetas lusófonos na diáspora* (2020). É membro do Conselho de administração da Association pour le Développement des Études Portugaises, Brésiliennes, d’Afrique et d’Asie Lusophones e membro correspondente da Academia de Letras de Salvador da Bahia.



SO CRATES

Poesia / Tradução

# LIBERTÉ

(1er avril 2015 en hommage à Paul Eluard)

SYLVESTRE CLANCIER

*J'écris ton nom  
Et par le pouvoir d'un mot  
Je recommence ma vie  
Je suis né pour te connaître  
Pour te nommer  
Liberté.*

Je vais crier sur les parvis  
La beauté, la force de ton nom  
Liberté.

Je sais que tu dessines les lignes  
De ma main  
Celles auxquelles aspirent  
Tous les enfants du monde  
Liberté.

Je vais sur la place publique  
Saluer ta légende et porter ton espoir  
Liberté.

Te portant dans mes mots  
J'abolis les frontières,  
Tu es le jour, tu es l'étoile  
Liberté.

# LIBERDADE

(1º de abril 2015, homenagem a Paul Eluard)

TRADUÇÃO: ANA ROSSI

*Escrevo teu nome  
E pelo poder da palavra  
Recomeço minha vida  
Nasci para conhecê-la  
Para nomeá-la  
Liberdade.*

Grito sobre o adro  
A beleza, a força de teu nome  
Liberdade.

Sei que desenhas as linhas  
Da minha mão  
Aquelas almeçadas por  
Todas as crianças do mundo  
Liberdade.

Vou à praça pública  
Saudar tua lenda e levar tua esperança  
Liberdade.

Levando-te em minhas palavras  
Anulando fronteiras,  
És o dia, a estrela  
Liberdade.

Tu es le chemin qui mène vers la paix  
Et réjouit nos cœurs  
Tu anoblis nos vies  
Repousse l'horizon  
Liberté.

Tu es notre énergie, notre bienfaitrice  
Sur la terre où vécurent nos ancêtres  
Qui t'ont donné la vie  
Liberté.

Je déroule à tes pieds  
Ma joie et mes espoirs  
Liberté.

Toi seule peux nous aider  
A vivre dignes et fraternels.

Tu es notre présence au monde  
Sans regrets, sans remords  
Tu portes nos amours  
Nos projets et nos joies  
Liberté.

Tu es ce lien  
Qui nous unit  
Nous comprenons ta beauté  
Et pour ne pas t'avilir  
Respectons notre prochain.  
Liberté

Tu as pour moi  
Les yeux de Chimène  
Liberté

És o caminho que conduz à paz  
Alegrando nossos corações  
Enobrecendo nossas vidas  
Alargando os horizontes  
Liberdade.

És nossa energia, nossa benfeitora  
Na terra onde viveram nossos ancestrais  
Que te deram a vida  
Liberdade.

Deposito a teus pés  
Minha alegria e minhas esperanças  
Liberdade.

A única a nos ajudar  
Para vivermos dignos e fraternos.

És nossa presença no mundo  
Sem lamentos, nem remorsos  
Carregas nossos amores  
Nossos projetos e nossas alegrias  
Liberdade.

És este elo  
Que nos une  
Comprendemos tua beleza  
E para não te macular  
Respeitamos nosso próximo.  
Liberdade.

Para mim tens  
Os olhos da Chimena  
Liberdade

Je suis ton Cid, ton aimant  
Ton protecteur  
Je ne supporterais pas  
Que tu meures  
Liberté.

En toi j'ai construit ma demeure  
J'ai écrit ton nom à mon front  
Liberté

Il m'éclaire pour la vie  
*Car je suis né pour te connaître*  
*Pour te nommer*  
*Liberté.*

---

Sylvestre Clancier é um poeta, ficcionista, ensaísta, professor universitário e editor francês, natural de Limoges (1946) , publicou entre 1967 e 1971 suas primeiras "nanoficções" em revistas de vanguarda francesas e italianas, depois vinte livros de poesia dentre os quais *L'Herbie en feu* (Proverbe, 1994), *Enfrance* (Proverbe, 1994), *Le Présent Composé* (Forges/Proverbe, 1996), *L'animal animé* (Proverbe, 1999), *Pierres de mémoire* (Forges/Proverbe, 2000), *L'Ame alchimiste* (Proverbe, 2002), *Écritures premières* (L'Improviste), *Une Couleur dans la nuit* (Phi/Ecrits des Forges, 2004). *Un jardin où la nuit respire* (Phi/Ecrits des Forges, 2008), *Le Livre d'Isis* (Al Manar, 2009), *Expansion du domaine de la bulle* (Le Grand Incendie, 2010), *La Mémoire improbable* (Henry/Ecrits des Forges, 2010), *Dans l'incendie du temps*, (L'Amandier, 2013). Autor dos seguintes ensaios: *La Vie quotidienne en Limousin au 19e* (Hachette, 1976), *La Voie des poètes* (J.P. Huguet, 2002), Freud (Erès, 1998) e de ficções em prosa : *Le Testament de Mao* (Delville,1976), *Sur les pas de Maigret* (Antigone, 2009). Co-fundador em 2005 do movimento La Nouvelle Pléiade, e signatário do primeiro Manifesto, ele realiza em colaboração, neste âmbito, de uma importante antologia: *Poésies de langue française / 144 poètes d'aujourd'hui autour du monde* (Seghers, 2008). Realizou, entre 2011 e 2013 dois filmes em colaboração com Martine Lancelot: Jean Lescure, les affinités électives et Georges-Emmanuel Clancier, passager du siècle. Foi administrador e presidiu a Maison de Poésie. Membro da Association internationale de la critique littéraire. Vice-presidente da Académie Mallarmé após ter sido administrador da Société des Gens de Lettres, vice-presidente da Fédération européenne des sociétés de écrivains, membro do Conselho executivo do PEN International, presidiu o PEN CLUB francês (2005-2012 e 2016-2017, sendo seu presidente de honra desde 2018.

Sou teu Cid, imanante  
Teu protetor  
Não suportaria  
Se morresses  
Liberdade.

Em ti construí minha morada  
Escrevi teu nome no meu fronte  
Liberdade

Que me ilumina pela vida afora  
Pois nasci para conhecer a ti  
Para nomear a ti  
Liberdade.

---

Ana Rossi é poeta, ficcionista, ensaísta, professora (UnB) e tradutora. Por motivos políticos, sua família exilou-se na Bélgica, onde ela foi criada. Iniciou a carreira literária na França, com três trabalhos de poesia: *nous la mémoire*, *historiographies premières* e *éternels chemins éphémères...* Ao retornar ao Brasil, cursou Jornalismo na UnB e resolveu continuar seus estudos na França, permanecendo lá por 22 anos, tempo em que atuou como professora de literatura francesa. Após novo retorno ao Brasil, foi incluída no *Dicionário de Escritores de Brasília*, participou de antologias e ministrou oficinas de poesia e de escrita literária. No Brasil, publicou *eternos caminhos efêmeros* (2018), *eu, na medida de mim mesma* (2021), e os poemas de Miguel de Unamuno em português (2022), incorporando temas como ancestralidade e sentimentos humanos. Foi premiada no International Latino Book Awards (EUA, 2023), finalista do offlip literatura 2023. Publicou recentemente *sendas* (2024) e também *88 crônicas fantásticas, filhas da pandemia* (2024).



ANTYPE

SO CRAT

**Ficção**



# O ALUNO E A PROFESSORA

CYRO DE MATTOS

**A**s batidas na porta soam insistentes.

- Quem está aí?
- Seu aluno.
- Quem mesmo?
- Erinaldo Gazinho.
- A essa hora da noite?
- Abra essa porta e deixe de fazer perguntas.
- Você continua com essa loucura?
- Abra logo e não se faça de rogada.
- Você não vê que isso é impossível de continuar?
- Você gostou desde a primeira noite, não gostou, Marião?
- Você tem idade de ser meu filho.
- Isso não importa.
- Tenho 48 anos de idade e você 16. Tenho idade de ser sua mãe. E você diz que isso não importa.
- Juramos não ligar para isso.
- O preconceito lá fora fala mais alto.
- Não ligo para o que falam por aí.
- E como eu fico?

Ele começa a perder a paciência.

- Abra a porra dessa porta antes que eu bote abaixo.
- A diretora ameaçou me despedir do colégio, se essa loucura entre nós dois continuasse.
- A diretora que vá se meter com a vida dela. Todo mundo no colégio sabe que ela é uma chata, uma mulher mal dormida, não vive bem com o marido.

– Seus pais não aceitam. Os vizinhos também não. Ninguém aceita este tipo de relacionamento que temos. O mundo não perdoa.

– Meus pais não podem fazer nada. Desistiram de aconselhar para que eu deixe você.

– É complicado enfrentar essa onda toda contra nós dois.

– É não ligar. O que vale somos eu e você.

– Essa cidade é muito pequena. Todo mundo conhece todo mundo.

– E daí?

– É uma vergonha, disse a moça do caixa na farmácia, depois que paguei o remédio que comprei para curar uma dor no ouvido, saindo de lá apressada e nervosa.

– Vergonhoso é quem não faz o que gosta e não enfrenta o que são do contra.

– Vá embora, meu menino, os vizinhos estão ouvindo tudo.

– Pode até a cidade toda saber que estou aqui do lado de fora implorando para entrar e nunca mais sair de junto de você.

A garoa dá lugar a uma chuva grossa. Ela começa a ficar preocupada.

– Essa chuva pode lhe fazer mal, meu menino. Vá embora e não insista.

O primeiro pontapé na porta faz trincar a fechadura,

– Vai abrir ou não vai essa porta?

– Tenha juízo, meu menino. Vá pra casa.

Vários pontapés seguidos fazem estremecer a porta. Agora relâmpagos e trovoadas cortam a chuva grossa, que cai do céu escuro sem parar. Numa fúria incontrolável, ele começa a bater na porta e desferir mais pontapés.

Ela tem pena. E resolve socorrê-lo.

– Entre, meu menino. Não precisa se zangar mais. Vou lhe enxugar. Tire essa roupa molhada.

Em pouco instante eles estão debaixo da coberta de lã. Os corpos conversam com juras de amor. Soltam gemidos.

Gritos estridentes. Os relâmpagos e as trovoadas não conseguem abafar esses gemidos intensos dela. Esses gritos mais fortes dele.

Semanas depois, ela vai morar numa cidade distante. Nunca mais ele teve notícias dela. Quando soube, ele foi ficando cada vez mais triste. Deixou de estudar. Não se acostumou com a nova professora de geografia. Ela tem pouco mais de 23 anos de idade. Quando olha para ele, mostra-se com aquele ar de piedade no rosto rosado. Não entende como a vida gosta de armar situações difíceis de aceitar. Embora alguns achem que o amor não tem limite, quando aceso seu fogo pode virar fogueira e incendeia de cada centelha.

---

Cyro de Mattos é autor de 70 livros pessoais, de diversos gêneros. Publicado também em Portugal, Itália, Espanha, França, Alemanha, Dinamarca, Rússia, México e Estados Unidos. Conquistou com *Os Brabos*, novelas, 1978, o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, Menção Honrosa do Jabuti, 1988, com *Os Recuados*, contos, o Prêmio de Romance do Pen Clube do Brasil, com *Os Ventos Gemedores*, 2017, e o Prêmio Internacional Casa de las América, 2023, para *Infância com Bicho e Pesadelo e Outras Histórias*. Membro das Academias de Letras da Bahia, de Itabuna e de Ilhéus. Primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz (Sul da Bahia). Medalha Zumbi dos Palmares da Câmara de Vereadores de Salvador e Comenda Dois de Julho da Assembleia Legislativa da Bahia. Desde 2016 ocupa a Cadeira n° 22 da Academia de Letras da Bahia.



## COISAS DA VIDA

ORLANDO PEREIRA DOS SANTOS

A voz do Pastor ecoava solene, no pequeno recinto, firme e vigorosa. Os fiéis, a maioria homens e mulheres de meia-idade, olhos fixos na figura imponente do pregador, davam a impressão de mal respirar, tal a concentração e o enlevo. Não se ouvia sequer o mais leve arrastar de pés, o mais indisfarçado pigarro. Ele achava-se sentado bem na frente, na primeira fila de bancos. Tinha os olhos fechados, como se cochilasse, como se se encontrasse em outro lugar, menos ali. Permaneceu assim todo o tempo que durou a pregação. Até mesmo quando todos dirigiam-se para a saída, em meio a efusivas despedidas, naquela manhã de domingo de sol. E continuaria por tempo indefinido, se alguém não o tocasse no ombro, despertando-o para a vida, alertando-o da necessidade de ir embora, pois já iam fechar a Casa de Orações. Ele ergueu-se com dificuldade, ajudado por seu companheiro – um senhor tão velho quanto ele – e saiu amparado, arrastando os pés, meio trôpego.

Na rua tomaram a direção de casa, afastada uns cem metros. Morava numa cidadezinha do interior, onde tudo é perto de tudo, onde todos se conhecem. No portão de entrada deu com o filho caçula, um capeta de seus dez anos, que brincava de jogar bola de gude com os colegas. Sua atenção concentrou-se no lado direito da casa, um bangalô, onde fora improvisada uma quitanda de secos e molhados. Sua mulher atendia aos fregueses, ladeada por um homem ainda forte e vistoso, aparentando uns cinquenta anos. A ideia do pequeno negócio partiu dela, ainda jovem e cheia de vida. Trinta e poucos anos, se muito.

Nêgo, é preciso com urgência aumentar a renda da família, argumentara, diligente. O que ganhavam mal dava para comer. O que lhe restara como aposentado – fora eletricista, dos bons – mal chegava para o sustento de tanta gente: quatro filhos comilões, benza Deus: três meninas e um menino. E, como se não bastasse, um rapagão de quase dezoito anos, filho somente dela, lerdo e preguiçoso. E não é que a empreitada surtira bom efeito? A coragem e o dinamismo da mulher, aliados ao incentivo e apoio dos amigos de crença, fizeram prosperar a vendinha, que tinha desde tempero verde a carne de sol.

Ele demorava-se no portão, o companheiro ao lado, como se relutasse em entrar, olhar transbordando melancolia. Ia do filho, distraído em suas peraltices, a mulher, às voltas com os compradores, e desta para o seu parceiro de balcão, bastante ativo e solícito. Deteve-se neste e, mesmo reconhecendo a valiosa colaboração que ele vinha prestando à sua família, revelando-se um amigo e tanto, um sobressalto inesperado tomou conta de si. Um medo súbito o invadiu. Uma sensação indefinida de inquietação e desalento: misto de infinda tristeza e total desamparo. Sabia-se doente. Muito doente. Completamente sem forças. Quase inválido. O ciúme, que vinha cutucando-o, sorrateiro, queimando-o com um ferrão em brasa, irrompeu, naquele instante, com todo o seu ímpeto.

À visão da companheira, ainda moça e bonita, partilhando suas horas com o amigo, dividindo com ele seus afazeres, substituindo-o numa tarefa que cabia a ele executar, deixou-o aniquilado. Um nó apertou-lhe a garganta. Sentiu as vistas nublarem. A um aceno da mulher, que havia dado por sua presença, ele procurou disfarçar, fingir alegria, sorriso murcho na face descorada, procurando esconder a angústia que trazia estampada no rosto. E entrou, o mais depressa que pode, escapando àquela situação de constrangimento. Nem sequer despediu-se do amigo. Este, percebendo o seu estado de espírito, pôs-se a animá-lo com palavras de conforto e encorajamento: calma, compadre...

tudo isso vai passar... você vai ver... são coisas da vida... disse-lhe, envolvendo com as mãos o seu ombro afetuosamente.

Dentro de casa passou pela filha mais velha, mulher feita, que preparava o almoço na cozinha, e entrou no banheiro. Sua mão tremia, qual vela de embarcação em noite de tempestade, ao abrir a braguilha para urinar. Ao fazê-lo, molhou quase toda a perna da calça. Já estava no segundo derrame, apesar de não ser tão velho assim: setenta anos. Homem, tu deveria é levantar as mãos para o céu, por não ter ficado aleijado em cima de uma cama, replicavam os vizinhos. Fora o tremor das mãos, o caminhar lento e arrastado, a sonolência pertinaz, ainda era lúcido e senhor de si, assentiu para si, como num consolo. Terminou de abotoar a calça. Foi para o alpendre, nos fundos da casa. Sentou-se numa cadeira de balanço, lugar de sua preferência, onde ele passava a maior parte do dia entregue às suas recordações...

Ele já fora casado antes, sim. União que lhe rendera cinco raparigas e um par de calças. Todos já na vida labutando. Sua primeira mulher morrera cedo, na faixa dos quarenta. E só então ele se dera conta do porquê de tantos cochichos dos vizinhos e do tratamento frio e hostil por parte dos filhos: a mulher não suportara tantos desgostos, tantos maus tratos. Morreu de paixão, a coitada, bradava pra quem quisesse ouvir a alcoviteira da D. Eufrozina. Ele enxergara isso tarde demais. Sempre fora muito mulherengo, não podia negar. Não podia ver um rabo de saia. Perdera a conta das namoradas que fizera suas. E dos filhos que botara no mundo. E Jussara era tão meiga e delicada... mas o que se ia de fazer? Ele estava solteiro e tinha mais era que casar de novo. Como é que podia aguentar sem mulher? E na velhice, quem é que ia tomar conta dele? Gostou de Lucinda logo que botou os olhos nela. Um pedaço de morena pra senhor ninguém botar defeito. Viúva, um filho pra criar. Homem, essa mulher é muito nova pra você! Devia procurar uma mais madura, mais ajuzada, não faltou quem lhe azucrinasse a paciência. Mas qual?

E por acaso ele era tão velho assim? Trinta anos de diferença era quase nada. Gostou dela e pronto, retrucava, fazendo pouco caso, todo empolgado, sentindo-se renascer com a jovialidade da mulher.

Os filhos não tardaram: um, dois, três, quatro. Valha-me, Santo Deus, este homem parece coelho! É triscar, pegar, comentavam em tom de pilhéria. Sua felicidade parecia completa. Mas as lembranças, nem sempre agradáveis, fervilhavam em sua memória. Algo o atormentava: o desprezo a que fora confinado por parte dos primeiros filhos.

O caçula, sua única alegria de viver, como proclamava entre sorrisos, os olhos irradiando laivos de uma ternura quase esquecida, passou em disparada, correndo picula, por pouco não esbarrando na cadeira. A filha mais moça acercou-se dele e o enlaçou com meiguice e o beijou nos cabelos prateados. Oi, pai, trouxe seu mingau, disse sorrindo e pôs-se a dar-lhe o alimento em colheradas. Ele acariciou a mão da filha, retribuindo o amoroso gesto e, enquanto deixava-se alimentar, seu pensamento saiu a perambular: foi dos pés de tomate em flor às leiras de coentro e hortelã, verdinhos; trepou na mangueira; no pé de caju, galhos vergados ao peso dos frutos dourados, de tão maduros; passou à casa; adentrou no corredor; nos cômodos; e quase sem dar-se conta achou-se no jardim, e deteve-se na quitanda, na figura da mulher. Lá estava ela, ao lado do amigo, no vai-e-vem de despachar a quem chegava. E riam e tagarelavam, na mais contagiante alegria. Sua Lucinda, corpo esbelto e atraente. Oh! há quanto tempo eles não se chamegavam, não esfregavam mais as pernas embaixo do lençol, coisa que acontecia quase todas as noites... Que homem mais quente, sinhô! Igual a tu, tô pra ver! Ela resmungava, fingindo zanga. E ria, sorriso de menina manhosa, deliciando-se com a safadeza dele. E isso deixava-onas nuvens. E agora, sim, e agora, como é que ela estava se sentindo com aquilo tudo? Como estava suportando aquela situação? Jovem e tão cheia de vida... Essas ideias não saíam de sua cabeça.

Mal conseguia pegar no sono à noite. Sentia uma vontade enorme de fazer essas perguntas à própria mulher. Mas logo o assaltava um medo danado de ouvir de sua boca o que ele mais temia: uma evasiva qualquer, uma explicação sem pé nem cabeça, só para lhe agradar. Uma mentira piedosa, para encobrir a dolorosa verdade que ele já acreditava conhecer tão bem.

---

Orlando Pereira dos Santos (78), é escritor, vencedor de vários Prêmios Literários de âmbito nacional, com destaque para o Prêmio Cidade do Salvador (1984), instituído pela Academia de Letras da Bahia.



## O TREM GRAPIÚNA (Para Florisvaldo Mattos)

RICARDO BRUGNI-CRUZ

*“Ainda vejo passar o maquinista,  
o guarda-freios, lépido, o foguista,  
a me acender a lenha da memória.  
Elas contam um tanto desta história,  
a que junta cacau com coronéis,  
da passagem custando dois mil Réis.”*

(Versos de um soneto de Florisvaldo Mattos)

O poeta apontou para os trilhos carcomidos de salitre e ferrugem. Estavam há muito soterrados no solo ressecado, mal encobertos pela vegetação seca e rasteira. Adiante, ele disse: ruínas, foi o que sobrou da velha estação. Os trilhos jaziam como ossadas tortuosas, vestígios de outra época, ossadas antigas encravadas na memória do solo. Antigamente serviam à estação ferroviária de Ilhéus. Agora o que se vê são pedaços de ferro abandonados pelo descaso e incompetência – disse ele – vagas testemunhas de caminhos da velha maria fumaça, outrora levando em seu bojo viajantes e mercadores; apontam para o passado parecem gritar: aqui existiu a estação de trens de Ilhéus... O poeta continua: o trem grapiúna passava por Itabuna, Pirangy, Água Preta, Mutuns, Rio do Braço, Serra Verde, Santa Cruz, além de servir a outras cidades que desapareceram ou ganharam nomes novos, graças ao velho trem grapiúna... Margeara o Rio de Contas, na ida e de volta. Fazia parte da paisagem

junto à mata densa, protetora dos cacauais. O povo fazia a festa, comemorava chegadas e partidas; velhas estações apodreceram, foram transformadas em catacumbas.

Lembrou-me ele dos vagões destinados a passageiros com seus bancos inteiros e desconfortáveis, dos vagões de carga destinados ao transporte de toneladas de sacas de cacau para serem despachadas do porto ilheense para o mundo, enriquecendo os coronéis fazendeiros, compradores e donos da armazenagem do cacau. Os despejados ou fugitivos da seca do nordeste, homens e mulheres de outras e distantes regiões. A eles era exigida a dura tarefa da colheita, a quebra dos frutos, retirada das sementes polpudas para secagem e finalmente o ensacamento dos grãos.

Eu, Bruno, Dantas, Dori e Guga – além desses havia também uma garota, Irene, um pouco mais velha que Dori, dizia ter 16 anos enquanto nós outros estávamos na faixa dos 13, 14 e 15 anos. Sabíamos que a permanência do trem estacionado na estação, estava condenada a desaparecer. O trem partia daqui, da estação de Ilhéus, rumo às cidades vizinhas à Ilhéus e Itabuna, tendo como proteção densos trechos de Mata Atlântica, e de passagem era bafejado pelo ar salitroso vindo do Atlântico.

Cada vez menos, o trem ia e voltava para novamente repetir o ciclo de ir e vir, carregado com sacas de cacau empilhados nos vagões de carga. De algum tempo, seus vagões transitavam quase vazios; insistentes, passageiros carregavam suas bagagens: malas, caixotes, engradados nos quais agitavam-se galinhas, porcos, preás. Eventualmente alguma caça defumada viajava envolvida num saco: teiú, paca, veado, porco-do-mato... Durante a viagem era agradável ver-se a paisagem tranquila dos tamarineiros, cajueiros, cajazeiras, coroados por aves diversas a sombrear o cacau. Saudavam a seu modo a passagem do trem, a soltar colunas de fumaça branca que do alto das copas das árvores talvez fosse possível, para os pássaros,

enxergarem-na como se fossem nuvens sopradas por entre as engrenagens do trem, para logo dispersarem-se e se desfazerem no ar, como algodão-doce na boca de uma criança.

Foi Irene quem, certa manhã, nos contou que iam mesmo acabar com a estrada de ferro. Nenhuma novidade, já estávamos acostumados a assistir a estação ser desmontada. O trem teria o mesmo destino. Mais dia, menos dia, acabariam com ele também. Aquela garota era filha da cafetina e fazendeira conhecida como Dona Candu. A mãe possuía uma pensão que servia aos viajantes de passagem pela região, como a alguns moradores de Ilhéus. Acolhia viajantes das cidades próximas e também acolhia os que vinham de cidades mais distantes. Além desses, havia os gringos que perambulavam com seus baús de mercadorias. Viviam a bater de porta em porta na busca por compradores. Entre eles, alguns eram representantes de firmas de perfumaria, artigos para barbearias e salões de beleza, lojas e armazéns, além de diversos outros artigos considerados de luxo, para o uso diário de homens e mulheres. Mercavam ferragens de diversas utilidades para fazendas, e também muitos tipos armas de fogo de diversos calibres e munições, para atender a todo tipo de caçadores. A pensão de Dona Candu, além do mais, servia de hospedagem para jovens prostitutas desembarcadas na região, que atendiam aos fazendeiros e comerciantes endinheirados, onde eles as supunham escondidas (bem como seus encontros), das fofocas das cidades. Não faltavam mulheres jovens para satisfazer os apetites sexuais daquela gente.

De maneira que Irene, além de ser, para nós, importante mensageira do que se passava na pensão de Dona Candu, era ao mesmo tempo uma espécie de instrutora de atividades sexuais para nossa turminha, já conhecida como “a turminha da estação” ou, “moleques da estação”. Não éramos nada bem vistos pelas famílias que moravam nas cercanias da velha estação. Tampouco pelas famílias ditas de bons costumes de Ilhéus.

Não dávamos oportunidade a outros garotos das vizinhanças que tentavam, vez em quando, invadir aquele espaço que havíamos conquistado. Éramos bons de porrada para garantir a posse do “nosso território”, exceto quando nos interessava a entrada deles para uma partida de futebol, mas nem sempre, com permissão e tudo, as coisas não terminavam bem. *Babas* costumam gerar ressentimentos, não podia ser diferente devido a nossa permanente ocupação do território, discutíamos, brigávamos, então entrávamos em guerra contra nossos “inimigos.” Nas batalhas usávamos, fartamente, bolotas de mamona como munição facilmente colhidas nas moitas da planta mãe, encontradas por todos os lados, dentro e fora do terreno da estação. Aquelas *bolotas* esféricas e peludas eram disparadas por bodoques, nossas armas. Bodoques eram a única que usávamos, de ambos lados. Irene era a melhor atiradora, sua mira era perfeita, não perdia uma bala, “*a arma*” sempre apontada para a coxa do inimigo, ali doía mais dizia ela. Essa era a minha Irene.

Nossa ou minha (minha Irene), ela nunca foi, mas, apesar da vigilância e dos ciúmes esboçados por Dori, ela mesma se excedia em atenções para comigo. Ele também manifestava seus ciúmes para com ela, mas esbarrava na altivez de uma mulher dona de si. Sabíamos por ela própria que o pai abusara dela vezes sem conta, desde pequena. Contou-me, a mim e a Dori, que tinha uma irmã, Dora. Garota ainda, sofrera dos mesmos abusos. Como se não bastasse Dora era oferecida aos hóspedes da pensão em troca de dinheiro. Um belo dia Dora fugiu de casa em companhia de um viajante vendedor de produtos odontológicos, sendo por ele abandonada em Jequié, onde a jovem se entregou à prostituição. Daí nunca mais souberam dela. O pai foi assassinado em uma feira de curtume por um cigano de quem era devedor de algum dinheiro. A mãe encarregou-se de Irene, mas fingindo-se cega para o que se passava, continuou estimulando a filha a vender favores sexuais para os hóspedes que considerasse ilustres. Houve algumas tentativas frouxas da mãe para que ela

frequentasse a escola, mas as tentativas fracassaram por ser a garota quem todos sabiam quem era (e quem era sua mãe). Com pouca escolaridade e por esforço próprio, Irene aprendeu a ler e escrever com alguma dificuldade, como demonstrava. O assunto (escandaloso) da pensão era de domínio público, não havia como mãe e filha se livrarem da má fama, sobretudo cultivada por senhoras da sociedade local, em geral religiosas e puritanas, que se consideravam guardiãs “da moral, e bons costumes”, dos filhos das famílias grapiúnas.

– Na pensão – disse-nos Irene –, os homens não cansam de falar que os políticos vão mesmo acabar com a estrada de ferro. Não vai demorar, só esperam o asfalto da estrada de Itabuna para Ilhéus ficar pronto; o cacau passará a ser transportado por caminhões, e ônibus vão servir ao povo. Quem for rico terá de viajar dirigindo o próprio carro.

Essa conversa não era mais segredo para ninguém. Só não se entendia por que a necessidade de serem usados caminhões em vez de se continuar com a estrada de ferro... O trem é o transporte mais limpo e eficiente do mundo, além de ser o mais barato, como todo mundo estava cansado de saber. Pelo Recôncavo Baiano transitam até hoje sobre trilhos, na mesma pista usada por automóveis, ônibus e caminhões. Cruzam-se diariamente nas pontes, ruas e praças, e cada um segue seu destino e pronto. O trem grapiúna há anos faz parte da paisagem, indo para além da região cacauzeira. Sua passagem sempre despertou desejos e fantasias, como se pretendesse lembrar a todos os que existiam e contemplavam sua passagem, que todos eram igualmente passageiros de uma mesma viagem.

Ninguém falava, embora todos soubessem que os ricos odiavam a massa trabalhadora, pobres coitados que para os endinheirados nenhuma diferença faria se andassem de carroça, a pé, ou fossem extintos. Melhor que desaparecessem com a velha estrada de ferro e seus vagões inúteis (assim julgavam), pois nem para transportar cacau serviam mais. Aquela gente grapiúna

se sentiria mais confortável se modernos meios de transportes de passageiros viessem para a região e fossem acessíveis para servir a todos. Navios, sim, por que não?... Os velhos e antigos navios da Costeira precisavam ser aposentados. O mar era para todos, um novo porto estava para ser inaugurado. Os ricos daquela época pensavam em carros importados, carrões americanos de preferência, luxuosos, reluzentes, a bordo deles poderiam desfilarem pelas novas estradas asfaltadas, pelas ruas e praças das cidades do interior (mas não para Ilhéus, já com ares de Capital!). Então, tivemos que agir, não dava para esperar mais, aquele era o momento:

Manhãzinha após escondermos entre arbustos, moitas e folhagens da mata adjacente as nossas bicicletas, vimos que nossa amiga Irene já nos aguardava, ansiosa. Estava acompanhada por Guga, garoto que de vez em quando dava as caras e era muito metido. Não gostávamos dele por ser riquinho e espalhafatoso, metido a engraçado, sempre de olhos e ouvidos abertos para tudo que fazíamos e dizíamos. Irene andava irritada, nervosa: “Minha mãe me obriga ficar com o atual dela, um gringo espanhol gorducho e fedendo a alho, ele vive me bolinando, passando a mão nos meus peitos... na minha bunda, dá vontade de vomitar, de matá-lo... Hora dessas boto fogo naquela pensão... e desapareço, como fez minha irmã!”, ameaçava.

Dori e Irene buscavam o matagal em frente do que ainda era o terreno da estação. Escondiam-se de olhares intrusos. Agiam como um casal e não devíamos perturbá-los. Fazíamos silêncio, vários olhares pregados na mata, eram momentos angustiosos para mim que ficava a imaginá-los em cenas de sexo. Passava o resto da manhã irritado, brigava por qualquer motivo que me tirasse do sério. Ninguém poia falar alto, dar risadas ou o que fosse... Quando os dois afinal retornavam ao nosso convívio, tudo *voltava* ao normal, eu disfarçava o sentimento que me corroía por dentro. Da última vez minha irritação foi ainda maior porque o administrador da “estação” estudava cercar a área,

o que significava acabar com nossos encontros, jogos e brincadeiras, interditar “nosso espaço”, em definitivo. Já circulava a notícia, inclusive nos jornais de Itabuna e no de Ilhéus que o trem Grapiúna estava com os dias contados, logo faria sua última viagem. Como ambos jornais, tanto o de Ilhéus como o de Itabuna, noticiavam. Foi a conta. Para nós era o bastante! Então brotou a ideia de vingança. Não demorou muito, sabíamos como e o que deveríamos fazer. No dia seguinte da partida do trem (seria aquela a última?), nós o faríamos descarrilar, a velha maria fumaça não passaria da ponte da Barra de Itaípe! Com nossas bicicletas carregamos mais que o necessário para a descarrilharmos: pedras, galhos de árvores, pedaços de ferro velho, palmeiras dos coqueiros endurecidas pelas marés, curtidas e endurecidas pelo sol, e o que mais encontrássemos com cara de ser capaz de descarrilhar um trem!

Uns dois dias depois da nossa decisão, só aguardamos o anoitecer após a partida do trem e todo material que recolhemos espalhamos estrategicamente sobre os trilhos, antes da ponte da Barra de Itaípe. Assim fizemos. Que se fodessem, trem e maquinista, foguista e passageiros e quem mais nele tivesse embarcado naquela última viagem. O trem voltaria à estação pelo meio da manhã do dia seguinte. Então saberíamos.

Tudo feito como de acordo, contritos, voltamos, cada um para sua casa; juramos por todos os santos e bradamos: *piripicado*, *rebocado* e amaldiçoado para sempre quem abrisse a boca e nos delatasse. Como poderia haver vítimas fatais, exigimos segredo entre nós. Aquele era um pacto sagrado, portanto: *piripicado* o filho (ou filha) da puta que vazasse o que passou a ser nosso segredo, estava vaticinado nas entrelinhas do nosso dito que algo de muito ruim aconteceria para quem quebrasse o juramento... Aquele aviso era para ser levado a sério!

No fundo não esperávamos, eu particularmente não esperava, nem desejava sequer a possibilidade de que um de nós fosse apontado como suspeito pela tragédia. Seria o mesmo que

denunciar a todos nós. E se alguém resolvesse dar com a língua nos dentes? O medo, a culpa, tomaram conta de mim: e se alguém morresse? E se fôssemos denunciados? Torcia para que não houvesse passageiros naquela viagem... E se houvesse? Pequenos ferimentos era possível acontecer: gente ferida... era possível, mas mortes?... morrer alguém, o maquinista?... Era demais... E o desgosto que eu causaria aos meus pais? Haveria investigação e seríamos descobertos. Não consegui dormir, passei a noite de olhos abertos, o corpo tenso voltado para a parede... Acordado, tive pesadelos e pensamentos com desastres de trens... Somente comentei com Dori, antes de ir para casa, toda minha angústia. Acho que nem o impressionei. Ele estava muito seguro e consciente de que “todos agimos como homens valentes. Era o que deveria e ser feito e fizemos!” “E Irene?... E Guga? Acha que vão segurar a língua?...” Perguntei. Dori deu de ombros.

Manhãzinha, pulei da cama e parti com minha bicicleta. Passei a madrugada de olhos abertos e orelhas em *pé*. Dava para ouvir do meu quarto o apitar do trem. Ouvi com nitidez a frenagem súbita, tinidos de metais se entrechocando... Gritos abafados de pedidos de socorro... Desesperei com o reverberar de sons angustiantes dentro do meu peito, sons que subiam para explodir dentro da minha cabeça... Segui à toda, pedalando, pedalando, o coração disparado, ofegava... Entorpecido, enfim, o vi intacto, estava lá, estacionado, todos os vagões inteiros. Cinco ou seis. Nuvens brancas de fumaça eram expiradas de sob suas rodas a intervalos, chiavam como suspiros de alívio que vieram se confundir com os meus. Vozerio indistinto partiam da cabine da locomotiva, tudo parecia controlado, homens conversavam, não pareciam angustiados. O maquinista pressentira o perigo, conseguiu frear a locomotiva diante do amontoado de galhos, ferros, pedras; destroçados, havia restos das palhas de coqueiro endurecidas...

– Só pode ser obra desses índios pataxó, só pode...

De onde estava ouvi um dos homens dizer e todos concordaram que sim. Era o que deveria ser feito, providências contra eles. Imaginei-os armados com carabinas e revólveres prontos para darem cabo da última nação pataxó. Afastei-me da estação e percebi que daquela manhã em diante seria proibida nossa presença e encontros naquele espaço aberto da estação — foi como tudo aconteceu.

Na manhã seguinte toda a área passou a ser muito vigiada e logo foi cercada com estacas de concreto perpassadas por arame farpado. Talvez os últimos viajantes da nossa maria-fumaça tenham se prestado a ajudar na remoção do que havíamos espalhado por entre e sobre os trilhos. Por via das dúvidas, deixamos de comparecer para nossos encontros no espaçoso terreno da estação; logo todo o espaço foi tomado por novos ocupantes. Homens armados com cassetetes, passaram a ser vistos onde antes o espaço era nosso. A amizade com Dori continuou por muito tempo. Nunca mais eu soube de Irene. Nem perguntei a ele por ela.

Aquele espaço antes gramado, que primeiro foi cercado, depois murado, em seguida pavimentado com concreto, e sobre o concreto, enfim, foi instalado um memorial: uma locomotiva sucateada, que operários mantinham bem conservada, talvez a mesma que antes trafegara livre sobre os trilhos que pisávamos agora. Os mesmos sobre os quais a locomotiva conduzia seus vários vagões neles transportando passageiros, mercadorias, mercadores e toneladas de cacau, os mesmos agora soterrados, inertes e soterrados para sempre, enquanto a locomotiva reluz brilhante e estática como um mausoléu de aço. No trem grapiúna funcionara uma pequena lanchonete. No atual “mausoléu”, como eu soube, fora instalada uma lanchonete para a criança-da que, acompanhada por familiares comparecia (e talvez até hoje ainda compareça) durante os fins de semana, para se divertir na estaçãozinha, como passou a ser chamada. Trepadas nela por todos os lados, as crianças abraçam-na, balançam-se,

escorregam por seus metais polidos, e uma ou outra, tomando posição como condutor da maria fumaça, dá ordens e exige que se comportem. Mas elas brincam, não lhe dão atenção enquanto suas companheiras fingem-se maquinistas, foguistas e passageiros.

Bahia, setembro, 2024.

---

Ricardo Brugni-Cruz é baiano de Salvador, médico e escritor, com vários livros publicados, de contos e romances, numa carreira que se iniciou por volta dos anos 1960, participando também de antologias literárias. Pertenceu ao grupo intitulado de Geração Revista da Bahia, ao lado de Ildásio Tavares, Cyro de Mattos, Sônia Coutinho, Maria da Conceição Paranhos e Noênio Spínola, além de outros. Em 2016, venceu o Concurso Literário Felipe D'Oliveira, com o conto intitulado "Milena", realizado em Santa Maria, do Rio Grande do Sul.



# Discursos



# DISCURSO DO PRESIDENTE NA ABERTURA DO ANO ACADÊMICO DE 2024 NA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

ORDEP SERRA

**B**oa noite senhoras e senhores. Muito bem-vindos sejam, hoje e sempre, os amigos e amigas que para nossa alegria comparecem à cerimônia de abertura do Ano Acadêmico de 2025 na Academia de Letras da Bahia. Tenho a meu lado um bom amigo desta Casa, o Exmo. Deputado Adolfo Menezes, mui digno Presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, grande homem que hoje vamos condecorar, tornando ainda mais jubilosa a presente sessão, pois, como se sabe, o momento da gratidão é por natureza feliz: é cheio de graça, como bem revela a etimologia destas palavras. Além dele estão aqui outras pessoas ilustres, presenças auspiciosas que nos fazem pensar num bom começo, sugerem o presságio de um ano bom. Meu caro confrade Marcus Vicinius e eu temos a subida honra de compartilhar a Mesa com o Professor José Bites de Carvalho, Coordenador de Projetos Estratégicos de Educação, que neste ato representa o Excelentíssimo Governador do Estado da Bahia, Professor Jerônimo Rodrigues. Ladeiam-nos também a Coordenadora de Literatura da Fundação Cultural, Doutora Karina Rabinovitz, e a Dra. Lorena Teixeira, Diretora de Fomento da Suprocult, dignas representantes do Secretário de Cultura do Estado da Bahia, nosso querido amigo Bruno Monteiro. Vejo outras figuras ilustres no auditório. Cá está o Diretor do Museu de Arte da Bahia, cineasta Pola Ribeiro, que nesta sessão representa o Diretor

do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, o distinto historiador Marcelo Lemos, tal como ele um amigo querido. Destaco ainda com muito carinho o Deputado Marcelino Galo e a diletta Vereadora Aladilce Sousa, pessoas admiráveis cuja amizade muito me honra e que sempre se mostram dispostas a apoiar iniciativas da Academia de Letras da Bahia. São muitos os que merecem menção. Para não me alongar, peço a todas as autoridades presentes que se sintam contempladas em minha saudação. Com fraterno carinho cumprimento agora meus confrades e confradeiras, os funcionários da Casa, os colaboradores que prestam serviços indispensáveis a esta Academia e meus abnegados conselheiros. A companhia de tanta gente boa já é bom presságio: sinto que teremos um excelente Ano Acadêmico.

Segundo estabelece uma praxe consagrada, na abertura do Ano Acadêmico o Presidente deve fazer um breve retrospecto do que foi feito no ano anterior. Peço licença aos amigos e amigas para fazer uma alteração neste protocolo. Justifico meu atrevimento, lembrando que nenhuma tradição sobrevive sem dar espaço a mudança. De resto, uma Academia deve ser fonte de inovação. Além disso tenho outro motivo sério para proceder como farei. É de justiça reconhecer que o meu confrade Marcus Vinicius Rodrigues tem sido um valioso parceiro, que não se limitou jamais à função prescrita no Estatuto para o exercício de seu cargo: substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos, ou em sessão solene quando este ocupar a tribuna. Marcus Vinicius tem feito muito mais. A rigor, eu acho que lhe caberia melhor o título de co-presidente. Ele tem participado de maneira dinâmica e incansável de todas as iniciativas que a presidência tomou. Seu papel na gestão tem sido decisivo. Os demais Diretores podem confirmá-lo. Por isso quebrarei a regra. Vou transferir-lhe hoje a incumbência de fazer o discurso principal, com um relatório sucinto de nossas atividades no exercício passado. Assim lhe faço justiça e torno público que sua parceria tem sido e continuará a ser fundamental.

Nesta minha fala vou limitar-me aos agradecimentos e a uma breve declaração dos propósitos com que iniciamos o Ano Acadêmico. Em primeiro lugar, convém que manifestemos um compromisso. Podem todos ter certeza de que a Academia de Letras da Bahia mantém, sustenta e reafirma o seu apreço pelo estado democrático de direito, torna claro seu repúdio a golpes e a toda violência feita à cidadania, assim como repudia toda discriminação perversa que promove desigualdade, ou a mantém. No ano que se inicia, a ALB vai continuar com sua política de portas abertas, procurando diálogo com segmentos injustamente marginalizados e vai empenhar-se no seu papel educativo de difusão cultural. Ou seja, vai combater o obscurantismo, pois reconhece que é sua missão, dever de toda instituição cultural que se respeite. Vai continuar seu esforço de inclusão, e sua busca de diálogo com diferentes domínios da produção literária, artística e científica: vai manter sua aposta na transversalidade. Vai, enfim, prosseguir com o programa que adotou e de que o seu Vice-Presidente, a quem agora passo a palavra, dará uma notícia mais completa.

Muito obrigado a todos.

Salvador, 14 de março de 2024.

---

Ordep Serra é professor aposentado do Departamento de Antropologia da FFCH / UFBA, é antropólogo, pesquisador, professor, escritor e tradutor, Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Estuda teoria antropológica, Etnobotânica, Antropologia da religião e Antropologia das sociedades clássicas. Publicou diversos artigos e ensaios e obras de ficção Seu livro mais recente é *Alalá do Luaréu* (2017), que tematiza as linguagens de cordel e as várias oratórias baianas. Desde 2014 ocupa a Cadeira n° 27 da Academia de Letras da Bahia, sendo seu atual presidente.



# DISCURSO PARA A ABERTURA DO ANO ACADÊMICO 2024

MARCUS VINICIUS RODRIGUES

Obrigado, presidente Ordep Serra

**A**ntes de mais nada, preciso comentar o fato de o Vice-presidente falar na abertura do ano acadêmico. Talvez seja uma novidade, mas se trata de algo absolutamente natural, que se inicia no momento em que a primeira encarnação desta diretoria se formou no final de 2020. Àquela época, Ordep era o Presidente e a confreira Edilene Matos, a Vice-presidente. Desde o começo, houve uma participação efetiva de toda a diretoria, em um movimento que obedecia ao caráter colegiado desta instituição. O grau de colaboração de todos, inclusive daqueles que não estavam na diretoria, foi enorme. Depois, entrei nesse saudável revezamento no lugar de Edilene e continuei o trabalho. Mas é importante registrar que tudo começa com Edilene e sua participação sempre atenta.

A colaboração é a marca de nossa casa. Assim, é preciso nominar, ao menos, todos os membros da atual diretoria:

## **Presidente**

Ordep José Trindade Serra

## **Vice-Presidente**

Marcus Vinícius Rodrigues

**1ª Secretária**

Heloísa Prata e Prazeres

**2ª Secretária**

Lia de Carvalho Robatto

**1º Tesoureiro**

Paulo Ormindo de Azevedo

**2ª Tesoureira**

Cleise Furtado Mendes

**Diretor da Biblioteca**

Ruy Espinheira Filho

**Diretora do Arquivo**

Edilene Dias Matos

**Diretor de Informática**

Carlos Jesus Ribeiro

**Conselho de Contas e Patrimônio**

Edvaldo Pereira de Brito

Fredie Souza Didier Júnior

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

**Conselho Editorial**

Aleilton Santana da Fonseca

Florisvaldo Moreira de Mattos

Muniz Sodré de Araújo Cabral

**Diretor da Revista**

Nelson Cerqueira

Feito o registro, cumprimento a mesa...

Cumprimento os confrades presentes,

Cumprimento os amigos da Academia que nos deram a honra e a alegria de estar aqui, bem como cumprimento toda a comunidade literária, artística, científica — cultural, enfim — da Bahia, assim mesmo, nesta gradação do que é mais próximo de nós para o que, equivocadamente, é visto como mais distante. Não o é e, por isso, começo relembando os objetivos da ALB exatamente como está posto em nosso estatuto.

O objetivo da ALB é...

“o cultivo da língua e da literatura nacionais, a preservação da memória cultural baiana e o amparo e estímulo às manifestações da mesma natureza, inclusive nas áreas das ciências e das artes”.

Vê-se, então, que, embora se faça uma vinculação restritiva da Academia apenas com a literatura e com a literatura baiana, nossa instituição tem horizontes muito mais amplos. A língua nacional, o que já significa tudo porque, se nós humanos somos seres de linguagem e a Academia trata da língua, ora, tudo que é do ser humano nos interessa. Este simples raciocínio já justifica a amplitude das ações da ALB.

Mas falo um pouco mais. O comando é cultivar a língua. Vejam que não se diz preservar a língua, mas, sim, cultivar, cuidar para que floresça. Assim, não somos jardineiros que preservam podando ou trancando as plantas em simetrias artificiais. Somos botânicos, agricultores, que semeiam, regam e deixam crescer livremente.

O comando de cultivo se refere também à literatura, ou seja, também devemos respeitar que a literatura cresça selvagem, sem podas e sem enquadramentos. Somos cultivadores e não jardineiros, repito. Somos botânicos e podemos estudar a colheita para entender o fenômeno e registrar. Temos feito isso, sempre fizemos.

Como dito, não se trata apenas da literatura baiana e, sim, da nacional, o que nos faz ter consciência de que nossa Academia pode e deve atuar para além das fronteiras do estado. E se podemos e devemos tanto, temos a responsabilidade de, ao menos, atuar fortemente nesse pedaço de Brasil que é a Bahia. Já estamos neste processo de ampliação e faremos ainda mais, veremos daqui a pouco. É ainda recente a formação da Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia, a RICA, composta por 33 Academias do estado. Recente, mas já realizamos um colóquio e uma grande conferência na oportunidade das comemorações do bicentenário da independência do Brasil na Bahia. A RICA, iniciativa desta presidência e capitaneada pelo confrade Aleilton Fonseca, é uma preciosidade que não deve ser ignorada. Estamos construindo um meio de transporte de saberes e artes entre os vários territórios do estado, num sistema de vasos comunicantes. Intercâmbio. A vantagem das Academias é sua estabilidade. Elas são feitas para permanecer e sobreviver às gerações. São sólidas e permitem projetos a logo prazo, o que é fundamental para o estímulo à língua e literatura, manifestações que precisam de tempo para se aperfeiçoarem.

Mas nossos objetivos estão além da língua e da literatura. Devemos preservar a memória cultural baiana e estimular as artes e a ciência. É nosso objetivo; é nossa obrigação.

É importante fazer esse preâmbulo porque, ao prestar contas do que temos feito, saltará aos olhos a amplitude e multiplicidade de nossas ações.

Bem, o ano de 2023 foi ao mesmo tempo um ano de sedimentação das nossas ações e um ano de transição e incertezas (que já se resolveram, adianto)

Falaremos agora dos projetos consolidados e de toda a produção da Academia no último ano.

Já adianto o pedido de desculpas. É muita coisa. Tentarei dividir por temas, mas sabemos que eles se entrecruzam.

Por isso, início com os seminários Arte e pensamento, cujo nome já explicita a interdisciplinaridade. O projeto já contemplou a arte e o pensamento indígena, quilombola, afro-brasileiro e, em 2023, realizamos duas edições: o segundo Arte e pensamento LGBTQIA+ e o primeiro Arte e Pensamento Feminista e abolicionista. Nesses seminários a dinâmica é trazer pessoas das artes, aí incluída a literatura, e pessoas que produzem reflexão sobre os temas.

## **Patrimônio e Memória**

Neste campo, a vocação da ALB é enorme. Sua natureza centenária assim impõe.

Apoiamos e participamos do Fórum Nacional em defesa do patrimônio – Bahia, com a realização de encontros em nossa sede, inclusive com a realização de um encontro específico para tratar da invasão do Terreiro da Casa Branca por uma construção irregular em seu entorno

Através do Prêmio Jaime Sodré de Patrimônio Cultural – Ano II, Fundação Gregório de Mattos, realizamos a restauração dos azulejos deste palacete, são peças trazidas de igrejas já demolidas, o que significa que se tratam de uma última memória de seus lugares de origem.

A restauração foi comandada pelo especialista em restauro Estácio Fernandez. O projeto tem medidas de acessibilidade como audiodescrição para deficientes visuais.

Realizamos os seminários Múltiplos territórios: a pesquisa documental no acervo da Academia de Letras da Bahia, coroando o êxito do Projeto Pesquisa documental e histórico-sociológica com foco em instituição acadêmica baiana, uma parceria com o IHAC da UFBA, capitaneado pela confreira Edilene Matos, em que 20 estudantes e três professores trabalharam em nossos arquivos e biblioteca. Agradecimentos aos professores Ari Sacramento, Bruna Lessa e Ivana Severino.

Agradecimento especial à deputada federal Alice Portugal, que teve a iniciativa de emenda parlamentar para o projeto.

O bicentenário do Dois de Julho não foi esquecido. Tivemos nesta casa a conferência do Professor da universidade de Calgary, Canadá, Hendrik Kraay

Nossos confrades Fernando da Rocha Peres e Paulo Ormino de Azevedo proferiram conferências obre o tema do patrimônio. O primeiro, a Conferência sobre a demolição da Sé (90 anos depois). O segundo, a conferência Patrimônio Histórico: Avançar para funcionar.

## **Nas Artes**

Já é tradicional o programa Sábado das artes, comandado pela congreira Lia Robatto. O projeto deu frutos e agora temos o papo das artes na TV ALBA como parte de uma parceria com aquele canal.

Ainda nas artes visuais, tivemos um enorme avanço. Criamos o Livro de ouro dos Artistas. Quarenta artistas foram convidados a assinar o livro e fazer uma intervenção artística em suas páginas. Esses artistas, gentilmente, doaram obras para a formação de um acervo, o que originou a Galeria Virtual Juarez Paraíso. Convido a todas a conhecerem essa joia em nosso site. Essa iniciativa não seria possível sem o auxílio dos amigos e conselheiros da Academia Ângela Petitinga, Erickson Brito, Walter Barreto, Adriana Cravo

Essa parceria gerou, ainda, a Exposição 2 de julho, a independência do Brasil na Bahia e o 1º Simpósio ALB de Arte contemporânea, com palestra com João Correia

## **Ainda sobre parcerias**

Consolidamos a parceria com o coletivo Juristas negras. Em 2023, produzimos o evento Diálogos para um Afrofuturo Ancestral

e, recentemente, o lançamento do livro “É fragrante forjado, dôtor, vossa excelência” da pesquisadora Professora Carla Akotirene.

Com o Departamento de promoção racial e o Grupo de trabalho permanente pela justiça racial da Polícia Militar, realizamos o Simpósio nacional de segurança pública & relações raciais. Três dias cheios de discussões relevantes sobre esse tema tão delicado em nossa época.

Já iniciamos parceria com a TV ALBA com vistas a cumprir os termos do novo convênio com a Assembleia legislativa

Iniciamos tratativas com o instituto Confúcio.

Ainda,

Temos entendimentos com A periferia brasileira de Letras, que receberemos em breve em nossa sede para um evento e para estreitarmos ainda mais nossos laços.

## **Na Literatura**

O tradicional Curso Castro Alves, coordenado por Aleilton Fonseca, parceria com a UEFS pelo programa de Pós-Graduação em estudos literários – PROGEL, mantém-se forte e se ampliou com atividades presenciais e através de nosso canal no Youtube

Ainda no youtube, temos o programa de entrevistas Palavra&ponto, que traz escritores jovens e consagrados. O objetivo é registrar a produção literária atual baiana e nacional. A Academia manteve, durante todo o ano de 2023, um programa de rádio semanal em parceria com a Rádio Excelsior e o IHAC-UFBA a fim de divulgar o que se produz na Bahia, divulgando lançamentos e produzindo reflexão. Ambos os programas foram apresentados por mim.

Temos o projeto Livros na Mesa, em que o assunto é um livro específico. Pode ser uma conversa, uma palestra ou um lançamento. Aliás, abrigamos aqui o lançamento do livro de Mãe Valnícia

O youtube também é palco do Poesia na Academia, comandado pela confrreira Heloisa Prazeres. A cada edição, um escritor é homenageado com uma palestra e recitais de seus textos. Vale ressaltar que o Poesia na Academia contempla a poesia em sua acepção ampla para abarcar, também, aquela poesia que esta contida na prosa.

Em 2023, a ALB teve presença ainda mais firme na FLIPELÔ, com uma mesa específica no projeto Com a palavra o escritor. Heloisa Prazeres, Ruy Espinheira Filho, Florisvaldo Mattos e Aleilton Fonseca. Além disso, nossos confrades participaram de outras mesas, como é comum acontecer em feiras e festa literárias.

Apoiamos o projeto Escritas em Trânsito, da Coordenação de literatura da FUNCEB. Pela primeira vez tivemos uma das oficinas neste palacete. Agradecemos à coordenadora Karina Rabinovitz pela confiança e parceria.

Já há dois anos a Academia ousa falar de erotismo na literatura. Realizamos no dia 06 de setembro, os Encontros de 6/9 com foco na literatura erótica. É uma *live* às onze horas da noite, apenas para maiores. É importante registrar este fato na semana em que os livros “Averso da pele” de Jeferson Tenório, e “Outono de carne estranha”, de Airton Souza, sofreram censura por seu conteúdo erótico.

A diversidade e pluralidade é nossa marca

Tivemos nesta casa a mesa redonda sobre indianismo e pós-indianismo, com a professora Lícia Soares, lembramos o Centenário de Vasconcelos Maia, saudoso ocupante da cadeira 14 desta Academia e a escritora Helena Parente Cunha. Ao mesmo tempo, tivemos o lançamento do livro em quadrinhos: *Estados Unidos da África*, de Anderson Shon e Daniel Cesart.

Ou seja, a literatura que surge agora convive com a literatura já consolidada. É assim e deve ser assim

Vale lembrar que a maioria de nossas atividades é hoje transmitida pelo YouTube e é acessível a qualquer tempo. estamos produzindo arquivo virtual de tudo o que se produz.

## Transição

Eu disse que foi um ano de sedimentação e transição.  
Falemos deste momento.

Todas essas ações que a Academia promove precisam ser sustentadas. Para isso, dependemos dos convênios firmados com o Governo do Estado através da Assembleia Legislativa e através da Secult.

Com a ALBA, temos uma longa parceria baseada na criação de livros a serem publicados na Coleção Mestres da Literatura, um importante trabalho de preservação da memória literária baiana. Vivemos hoje um momento de mudança. Propusemos uma nova forma de trabalho: Continuar com as publicações e acrescentar a produção de conteúdo audiovisual para a TV ALBA. Tivermos resposta positiva nesse sentido e já começamos a produzir tais conteúdos, como é o caso do programa Papo das artes, de nossa querida Lia Robatto. Temos certeza de que essa nova etapa das relações da ALB com a ALBA será ainda mais frutífera.

Com a Secult estamos findando um ciclo iniciado com o edital de apoio a ações continuadas de 2017, que vinha sendo prorrogado ao longo do tempo em razão de fatores como a pandemia. Um edital que impactou mais de 170 mil pessoas ao longo desses anos.

No fim de 2023, a Secult publicou novo edital. Ficamos tensos. Em um edital podemos ser aprovados ou não. Será que vamos conseguir?

Trabalhamos muito.

E aqui uma observação:

Sem planilha de excel não se faz cultura.

Claro. É preciso mais: contabilidade, interpretação jurídica, administração...

É preciso, também, de gente talentosa. Sem Patrícia Barreto não teríamos conseguido. Tampouco sem Lea Santana,

Augusto Barreto, Marina Moreno, Ricardo Soares, Bruno Lopes do Rosário...

A Academia não existe sem Valmiro Marques da Hora Filho, Fernando do Carmo dos Santos, Dona Ana Lúcia Reis Fonseca, Dona Val (Valmira Jesus da Silva), Dona Nina (Ninalva Alves do Santos) e Paulo André Freitas dos Santos

Mas estou retardando o anúncio.

Sim, conseguimos a aprovação neste novo edital de apoio a ações continuadas.

Teremos o dobro de recursos que tínhamos antes por um prazo inicial de três anos.

Esta é a parte objetiva... a que está na planilha.

Mas cultura se faz com criatividade e ousadia.

Neste novo ciclo teremos o Curso Castro Alves, as conferências, os seminários, os encontros e mesas redondas, o Poesia na Academia, o Palavra&ponto, o projeto Livros na mesa, sempre com a mesma diversidade de temas e pessoas que temos contemplado.

Teremos, também, duas oficinas de criação por ano (conto e poesia) com foco em jovens estudantes;

Vamos ampliar nossa presença no interior do estado através das Academias parceiras da RICA – Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia.

Vamos ampliar a Integração com Escolas da Comunidade através de um projeto sólido com apoio de profissional pedagógico que inclui atividades ligadas à literatura e o contato com o acervo histórico, arquitetônico e artístico desta casa, o Palacete Góes Calmon.

Além disso, teremos um programa de mentorias para jovens, cujos projetos serão orientados por acadêmicos.

O reconhecimento de nosso valor para a cultura baiana se deve ao movimento de abertura que realizamos e à organização interna que efetivamos. Hoje estamos mais eficientes para pleitear financiamentos. Não é por acaso o fato de termos sido contemplados

com o Prêmio Cultura Viva da Lei Paulo Gustavo da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia em Reconhecimento por Trajetória Cultural da Academia de Letras da Bahia. Apesar de nossa trajetória, este reconhecimento não viria se não houvesse um trabalho de entendimento profundo das novas políticas de financiamento cultural com o auxílio de gestores especializados

Organizada, a Academia pretende mais. Precisamos retomar o estudo das obras de nossos confrades para integrá-las à cena cultural baiana. Vivemos nesses três anos um movimento de portas abertas para acolher a literatura e arte contemporâneas porque, sim, esta é a casa delas. Mas esta casa produz arte, literatura e pensamento que interessa também a toda comunidade. Digo melhor: literatura, arte e pensamento que pertence à comunidade. É preciso que a literatura de nossos acadêmicos seja conhecida. Aquele jovem escritor que faça uma oficina de criação literária aqui, ou que estude nos cursos de letras de nossas universidades, tem o direito de conhecer a obra de tantos que estiveram e estão nesta casa. Esta também é nossa obrigação. Por isso termino com a imagem da Academia como um farol e observatório.

A Academia tem a responsabilidade de ser farol das letras, artes e cultura em geral da Bahia e para isso é preciso divulgar sua produção artística e científica. Nossa Revista tem essa função, mas é preciso mais. Por outro lado, nós entendemos que, para ser esse farol, precisamos antes ser um observatório. Precisamos olhar com interesse para todas as manifestações literárias e artísticas; precisamos fomentar seu florescimento e precisamos, como casa pensante que somos, refletir e permitir a reflexão sobre tantas manifestações culturais e sobre a nação que queremos ter. É ambicioso, é um projeto grande, mas temos a experiência de 107 anos, a solidez de um século, a pluralidade de 40 mentes criativas que em si já são múltiplas e diversas. 40 observatórios; 40 faróis.

Somos diversos. Devemos ser mais diversos ainda e mais presentes na vida cultural baiana.

Muito obrigado.

Salvador, 14 de março de 2024

**Marcus Vinícius Rodrigues**

Vice-presidente da Academia de Letras da Bahia

---

Marcus Vinícius Rodrigues é natural de Ilhéus-BA e reside em Salvador. É autor de 11 livros, entre os quais *A eternidade da maçã* (2016), *O mar que nos abraça* (2019) e *Motel Mustang* (2024), seu livro mais recente, sobre a tragédia do Motel Mustang, que, em 1989, foi soterrado por uma encosta durante um período de chuvas fortes em Salvador. Desde 2019 ocupa a Cadeira nº 28 da Academia de Letras da Bahia.

# VIA DOLOROSA E AMIZADE

## Saudação a Zitelmann de Oliva

JOÃO CARLOS SALLES

[Pronunciamento em homenagem ao centenário de Zitelmann José Santos de Oliva, em sessão da Academia de Letras da Bahia, realizada em 13 de junho de 2024 – aniversário da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.]

1. A perfeição desdenha nossos louvores, ignora nossos me-neios. Veneramos a perfeição, é óbvio; mas podemos celebrar tão só as coisas imperfeitas, os mistos, as misturas, condenados que somos a viver como vasos trincados, cordas estendidas, ruínas que mal deixam antever a arquitetura acaso habitada por deuses improváveis. Celebramos assim quem representa, ou melhor, quem sabe ver tais limites; enfim, quem se sabe condenado à dimensão mais terrena e, não obstante, jamais renuncia à busca do sublime.

A preservação dos nomes dos nossos confrades, por precária que seja tal forma de imortalidade, depende destes gestos de celebração de existências singularmente humanas, por meio dos quais podemos resgatar virtudes pelo exercício de uma memória coletiva. E eis que hoje nos reunimos para celebrar Zitelmann José Santos de Oliva. Nosso esforço, então, parafraseando uma dedicatória que ele outrora fizera à sua mãe, é o de enunciar seu nome hoje não como uma simples lembrança, mas sim como uma permanência.

A celebração deste centenário faz ecoar outra homenagem, o jubileu de um jovem idoso, saudado então por Jorge Amado e João Sá (um príncipe das letras e um líder das classes empresariais), em jantar de 31 de janeiro de 1974, no Clube Baiano de Tênis, ao qual acorreram mais de 300 personalidades destacadas do meio empresarial, acadêmico ou cultural.

Dessas personalidades, tomo a liberdade de nominar as que, por todo sempre, têm assento na Academia de Letras da Bahia: Adriano Pondé, Ari Guimarães, Carlos Eduardo da Rocha, Dom Avelar Brandão Vilela, Edivaldo Boaventura, Godofredo Filho, Itazil Benício dos Santos, James Amado, João da Costa Falcão, João Eurico Mata, Jorge Amado, Jorge Calmon, Josaphat Marinho, José Calasans, José Luiz de Carvalho Filho, José Silveira, Luís Henrique Dias Tavares, Orlando Gomes, Wilson Lins e Zélia Gattai Amado. E são testemunhas desse extraordinário momento os confrades Edvaldo Brito, Fernando da Rocha Peres e Florisvaldo Mattos, que lá estiveram.

Uma advertência se impõe. Edvaldo, Fernando e Florisvaldo *testemunharam* aquele momento, em relação ao qual minha fala é agora mera sombra. Salvo por textos, documentos e depoimentos, não tive com Zitelmann qualquer convívio. Por conseguinte, mal posso adivinhar a presença do seu espírito na materialidade da sua palavra; tentarei, contudo, fazer o melhor possível, lidando sobretudo com a palavra escrita, que, entretanto, nunca guarda algo de todo certo e firme, como o afirma Platão em seu *Fedro*, através de Sócrates:

Pois há algo de terrível na escrita, Fedro, e que se assemelha realmente à pintura. Pois os produtos desta estão postos como seres vivos, mas, ao interrogá-los sobre algo, mantêm-se em silêncio solene. E o mesmo se dá com os discursos: parecerá a ti que falam pensando por si mesmos, mas, ao interrogá-los querendo aprender o que quer que tenham dito, indicam sempre uma única e mesma coisa (...), e não sabem com quem devem ou não falar. (Platão, 2016, p. 137-138.)

Em suma, Zitelmann não pode mais se defender. Apenas um fragmento de discurso pode vir ao socorro da interpretação de outro fragmento. Enquanto isso, apartado que estou no tempo (talvez ainda mais do que no ideário), não sou o melhor apóstolo enviado à missão de lhe preservar a memória ou de lhe restabelecer o sentido da palavra. Creio, porém, que, juntos, nós podemos resgatar muito dos indícios de sua escrita e, acrescento, do testemunho vivo de sua família e amigos.

A palavra, tornada sombra de si mesma, procura agora evocar algo ainda significativo para quem, tendo convivido com Zitelmann, dela nem sequer precisaria. Entretanto, por frágil que seja a palavra escrita, os sinais deixados são muitos e eloquentes. Até esse jubileu que ora menciono é por si extraordinário, inclusive por seus documentos registrarem a reação de quem era tão intensamente celebrado.

Com apenas 50 anos, Zitelmann de Oliva estava no centro do centro do universo, que é nossa Bahia. E, diante de todos, membro da elite em tantos sentidos, os documentos deixados nessa e em outras ocasiões nos permitem hoje reconhecer um cristão nas alturas e ao rés do chão, realizado e profundamente incompleto, vivendo nos limites, de um modo excelso, sua *via dolorosa* de cristão e as bênçãos próprias das muitas demonstrações de amor e amizade.

2. Zitelmann foi decerto um moralista. No dizer de Alceu Amoroso Lima, que lhe resenhou o primeiro livro, “um moralista no mais alto sentido da expressão” (in Oliva, 1962, p. XII), pois que se colocava em um “Mirante”, seu posto de escritor no *Jornal da Bahia*, do qual podia discernir o mais elevado no mais trivial e, como anotou seu amigo João Batista de Lima e Silva, sempre procurava, “às vezes dramaticamente, defender, afirmar, e propagar uma escala de valores éticos como condição do seu próprio ser no mundo” (in Oliva & Calasans, 1970, p. 12).

Qual o fundamento desse vezo moralizante? Acredito ter sido uma profunda e sofrida consciência do humano, em meio à qual preservou uma comiseração por nossa existência precária; o sentimento intenso de um fardo, de um destino, de uma obrigação, em um homem orientado por mandamentos. Dentre seus imperativos categóricos, destaca-se primeiro uma ética do trabalho, do valor do trabalho como medida e justificativa:

Nunca fiquei no mormaço dos acomodados — enfatizava. Desde muito jovem, menino ainda, aprendi que trabalhar é preciso. E diversas profissões exerci. Vale a pena enumerar *porque é uma estrada só*: entregador de leite a domicílio, encarregado de depósito de carvão, fabricante de doces caseiros, bedel no Ginásio da Bahia [acolhido que fora por Isaías Alves], livreiro de livros estrangeiros [alguns clandestinos], fiscal da carteira de crédito agrícola do Banco do Brasil, redator de debates da Assembleia Legislativa, diretor gerente de gráfica, jornalista, fundador e diretor de jornal, adjunto e procurador do Tribunal de Contas do Município de Salvador, professor universitário, e hoje, porque bancário, fui elevado à condição de diretor adjunto do Banco Econômico S/A. [e, em seguida, a outras posições do maior destaque no Grupo Econômico, como bem sabemos]. (AAVV, 1974, p. 27-28.)

Demarcando um traço comum e deveras moralizante dessa estrada, Zitelmann completava: “Tudo isto exercido com probidade, com zelo, com dedicação, com a decisão de em tudo fazer o melhor, sem imposturas, sem concessões, verazmente” (AAVV, 1974, p. 28).

Compulsando depoimentos e confissões, sou obrigado a ler esse “verazmente” com tintas fortes. Zitelmann admite afinal dureza em suas atitudes, brusquidão em certos gestos e mesmo certa rudeza em algumas expressões, motivadas contudo que seriam por seu “repúdio a indignidades”, seu “não conformismo

declarado ante o erro”. Posso imaginar o grau de exigência que dirigia primeiramente a si próprio, mas também, por sua “submissão essencial à razão”, àqueles com quem trabalhava e talvez mais ainda àqueles que amava *verazmente* (AAVV, 1974, p. 30).

Aqui, observo o óbvio: não posso fazer juízos, não tenho direito nem elementos para isso. Apenas o agarro por sua palavra. É natural, ademais, que o comentador tome a si mesmo como medida, o que costuma ser inevitável para todos nós. Não preciso, assim, concordar com o juízo de Alceu de que, bem jovem ainda, Zitelmann tenha errado o alvo, quando dirigira sua fé ao socialismo revolucionário. Eu estaria sendo falso; mas devo admitir sim que uma mesma centelha o acompanhou em todas as suas transições. Em todas as faces desse homem vamos encontrar o moralista implacável. No quente da novidade, chamado a apreciar um autor cuja dimensão cedo se afastava do trivial, Alceu Amoroso Lima falha talvez em algum detalhe, embora acerte no geral. Apenas não posso julgar, considerando a matéria de que Zitelmann era feito, que ele se teria perdido, tivesse seguido qualquer outro caminho. De precoce, afinal, só tinha o amadurecimento e a gravidade.

**3.** A essa rígida ética do trabalho, associa-se uma outra, como um seu contraponto. Uma ética da amizade e, mesmo, digamos sem reservas, uma ética do amor ao próximo. Esse líder severo, pautado por um extremo rigorismo, também admite: “Sou um homem só ternura e reconhecimento” (AAVV, 1974, p. 30).

Poderíamos considerar igualmente arriscado tomar o seu próprio depoimento à letra. Essa devoção ao próximo poderia ser um arroubo retórico. Na verdade, importam aqui bem mais os depoimentos de seus amigos. São eles que enfatizam e afiançam esse outro traço. Em sua singular *via dolorosa*, Zitelmann encontrava amparo na defesa da amizade.

A amizade, afirmou Jorge Amado, foi “seu escudo da batalha”, indagando em seguida: “que outro amigo poderia superá-lo em devotamento?” (AAVV, 1974, p. 24.) Com efeito, a amizade é moeda corrente para Zitelmann, mas também é coisa pensada, tem conteúdo e forma, ou seja, uma verdadeira fenomenologia. Aqui, mais uma vez (como, de resto, por todo este discurso), procuro fazer ressoar suas próprias palavras.

O homem, ele dirá, traça seu destino entre o viver (que se dá em meios a óbices “na negra floresta dos interesses subalternos”) e o conviver (“exercício cotidiano do superar as suas fraquezas”). A amizade, “caleidoscópica”, é benfazeja em todas as suas formas, e procura assim falar “não só da amizade-conceito”, mas também “da amizade que se caracteriza na doação mão-estendida, ombro-amparo, ouvido-atento, apoio-presente, perdão-sempre, em todos os momentos e em quaisquer circunstâncias” (Oliva, 1968, p. 13-14).

A amizade é o horizonte da ação; precisa ser sempre cultivada, como um esforço constante e necessário, deveras difícil, “nestes duros tempos de ingratidão, de genocídios, de traições” – em outra fórmula, bastante adequada ao ano de 1968, “nestes temerários tempos deformados” (Oliva, 1968, p. 15).

Sua taxonomia da amizade não é, porém, uma pura abstração. Desdobra-se em sutilezas descritivas de ações concretas, como se rememorasse laços pessoais, e ganha materialidade ainda maior ao traduzir-se em exemplos, a saber, uma vasta nominata de amigos, que, em seu livro *Amizade todo dia*, descreve em pinceladas rápidas, impressionistas. Por exemplo,

Dom Jerônimo, tão apóstolo, tão singularmente bom e tão tranquilamente firme; José Calasans, tão correntio, estuante de vida e de compreensão; (...) Dom Timóteo, este monge santo, tão participante, tão atuante e que para a Bahia foi um presente, um admirável presente do Espírito Santo; (...) Luiz Henrique, só preocupação com os amigos. (Oliva, 1968, p. 18-19.)

Uns poucos nomes de uma extensa lista, da qual destaco ainda uma menção, com um especial abraço: “Edvaldo Brito, com sua presença de príncipe etíope, sua modéstia, sua competência e seu mudo sofrimento” (Oliva, 1968, p. 20).

Esse modo de agarrar a substância humana em uma rede de predicados é uma marca de estilo do escritor. Em vários textos, ele se aproxima do indivíduo por suas reverberações, como se a essência humana não estivesse senão no jogo das aparências, do lugar que habita, da contingência dos costumes, dos arroubos de uma personalidade nervosa ou dos traços da cultura. Por vezes, só revela o nome da personagem ao final da crônica, como a nos insinuar que indivíduo algum se esconde de todo ou pode ser mais do que se nos dá por seus gestos. Afinal, o pensamento não vive sem a palavra, o pintor sem suas tintas, nem o homem de bem se nos apresenta sem estar sua moralidade encarnada em ações.

Nesse campo fenomênico, desenha-se em sua obra uma espécie de metafísica da amizade, como se essa pudesse antecipar a substância de um outro plano, um que talvez não mais seja constituído por ninharias mortais. Em meio à travessia, portanto, sem perder de vista esse horizonte transcendente, afirma:

o que vale, o que é bom pela vida afora é ir se fazendo amigos, que são em verdade, e em verdade vos digo, o desdobrar de nós mesmos, o nosso encontro na multidão, a nossa integração no múltiplo e a concretização terrena do ideal cristão de que o próximo, quando próximo, é o nosso crescimento, a nossa realização e a nossa alegria. (Oliva, 1968, p. 22.)

“O sofrimento é uma constância, quase uma permanência.” (Oliva, 1962, p. 39.) São terríveis, afinal, as “contradições que acercam toda humanidade, contradições que (...) causam, pelo menos, angústias, aflições e ansiedades” (Oliva, 1968, p. 27). A *via dolorosa* pervade, pois, toda humanidade, não havendo vida sem angústias. E o elenco de causas de nossas angústias é variado:

a pusilanimidade dos fracos, a traição dos covardes, a inveja dos frustrados, a vileza dos aforçurados, a mentira dos cínicos, a calúnia dos despudorados, a frieza dos desfibrados, a ambição desmedida, sem freios nem contrapesos, dos carreiristas. (Oliva, 1968, p. 35.)

Não posso deixar de notar que tais causas de dor, sofrimento, frustração, são imemoriais. Não se ligam a um tempo específico. Por isso mesmo, reforçam o duplo vezo moralizante de uma ética do trabalho e uma afirmação da amizade. Não por acaso, Jorge Amado pôde concluir assim sua saudação, que, a bem dizer agora, em nada nos parece exagerada: “Amor é tua palavra, Zitelmann, e eu a pronuncio aqui nesta festa de amigos para que ela ilumine e aqueça nossos corações” (AAVV, 1974, p. 24).

4. É impossível entender Zitelmann de Oliva sem sua história e menos ainda sem sua conversão. Tal conjunção dá-nos a justa medida de revolta e contenção tão próprias de sua condição complexa de um homem cuja sombra se mostra no mundo e que, todavia, está vocacionado às medidas da eternidade.

Que Dom Emmanuel me perdoe nesta altura de meu discurso alguma eventual heresia, vez que ousou agora comentar a religiosidade de um convertido ao cristianismo pela mão dos beneditinos, que Zitelmann dirá serem seus guias e seus amigos. O louvor aos beneditinos é, aliás, frequente e deveras forte, como em seu êxtase ao receber um presente de Dom Jerônimo em 1960:

Ganhei a *Regra de São Bento*. Há muito não recebo um presente com tanta alegria. Sim, com grande alegria, porque aos beneditinos estou tão ligado que cada coisa que me une mais a esses admiráveis pregoeiros da verdade é sempre motivo de contentamento. (Oliva, 1968, p. 134.)

Que me perdoem, pois, algum eventual absurdo. Afinal de contas, apesar de meus conhecidos laivos religiosos, sou um tanto materialista e bastante marxista ainda, conquanto também wittgensteiniano; também, sou dado à militância política e, ademais, filho de uma suicida e, portanto, nunca em paz verazmente com a severidade dogmática de uma igreja que, em 1963, lhe recusou as exéquias. Além disso, se religioso e dado a muitas abstrações, eu só o posso ser ao meu singular modo cachoeirano, ou seja, irremediavelmente perdido entre terreiros, igrejas e espaços acadêmicos (todos eles sagrados), seguindo ainda, pleno de encantamento, tanto a procissão do Senhor dos Passos quanto a da Irmandade da Boa Morte.

Retornemos, porém, à conversão de Zitelmann. Se o marxismo afirma, no essencial, a ideia de que a história tem um sentido e de que o proletariado é a classe universal, ou seja, a única capaz de realizar através dessa história os valores mais propriamente humanos, creio que, discordemos ou não, Zitelmann teria enfim compreendido, decerto com a ajuda dos beneditinos (bons católicos de esquerda), que nenhuma classe é sozinha a portadora do humano (seja a burguesia ou o proletariado, seja o campesinato ou a aristocracia), que ademais o sentido da humanidade está além de qualquer história e talvez que a história ela própria, pensando bem, não tem mesmo qualquer sentido.

Há coerência nesse homem que visita extremos. Como lhe concede José Calasans, “na caminhada da juventude ou na jornada da maturidade, fostes, coerentemente, fiel ao vosso destino de histórico, não procurando ocultar, nos respectivos tempos, a foice e o martelo, o terço e o missal” (Calasans, in Oliva & Calasans, 1970, p. 43).

A transição do marxismo ao cristianismo, porém, não parece apenas teórica. É visceral. Zitelmann parece querer exorcizar uma falha pessoal, como se o compromisso com a liberdade dependesse da recusa decidida “do empulhamento, da mistificação

e da aberração marxista, que só e sobretudo falaciosamente acentua com as míseras riquezas deste mundo” (Oliva, in Oliva & Calasans, 1970, p. 26). Palavras de Zitelmann, essenciais à sua travessia, purgando-se a si mesmo, imolando-se do que considerava um erro de adolescente e, por isso também, um pecado venial.

Muitos perceberam a intensidade com que se desfez do marxismo, mas todos lhe concedem a permanência de um compromisso, vivido com inteireza e integridade. Em suas palavras, uma militância da liberdade. Assim, com grande envolvimento pessoal, Zitelmann encontra sua autenticidade no cristianismo.

Neste encontro com o Xto. pude dessedentar toda a minha sede de justiça, concretizar todo o meu amor ao próximo, efetivar o desejo de uma só fraternidade, apaziguar todo o afã de doação ao semelhante e ver em plena luz que todo o interesse pelo outro só se descobre ao deixarmos de lado as vinculações ao ódio e as subordinações à consciência calcinada e ao obedecermos tão só à determinação de se ser integralmente solidário, pois só o cristão é que pode ser essencial e sinceramente revolucionário. (Oliva, in Oliva & Calasans, 1970, p. 26.)

Não detendo indivíduo algum ou mesmo uma classe a verdade da história, vivenciariamos todos nesse terreno a saga inconclusa da liberdade, compartilhando o fardo mesmo da condição humana, a saber:

Ineludível é que o homem, porque marcado com o pecado original, não é só virtudes nem só grandezas. Todos nós temos pelo menos sete faces. Não somos monolíticos. Temos as nossas fraquezas, as nossas quedas, os nossos obscurcimentos e até mesmo os desfavores da graça. (Oliva, in Oliva & Calasans, 1970, p. 39.)

Nada simples essa perspectiva de homem novo, “sol saído de uma azul casca de ovo”, para nos servirmos de uma imagem de Cassiano Ricardo. Ninguém agora escaparia ao fardo, à dura travessia, ninguém teria a resposta certa ao enigma da vida, mas saberiam e sentiriam isso os que não são fúteis, nem levianos. De todo modo, vale enfatizar, sua vontade de enxergar na precariedade do humano a presença improvável do eterno não o afastou do mundo, nem o fez silenciar diante de patentes iniquidades. Permitam-me dois exemplos do difícil ano de 1968.

O estudante Edson Luiz é morto em 28 de março de 1968, no Restaurante Calabouço. Zitelmann não contém a indignação e não se cala: “não se matam inocentes impunemente”! Sua resposta é cristã, sem dúvida; mas a revolta é simplesmente cívica e carrega seu característico vezo moralizante:

É preciso que a morte de Edson Luiz não tenha sido em vão – escreve. E que a sua imolação desperte em todos, sobretudo nos que estão no poder, o sentido de que o poder só tem validade se é nascido do desejo do povo e só ganha autoridade se exercido com dignidade, com humildade e com magnanimidade. Que todos tenham presente que o sangue dos inocentes mancha e é mácula para sempre. (Oliva, 1968, p. 114.)

Ainda mais indignado vemos Zitelmann com o homicídio de Martin Luther King. O escritor vê-se tocado pessoalmente, desafiado em seus sentimentos, levado a refletir sobre suas próprias reações. Podemos vê-lo sair de uma revolta que pediria a aplicação da lei de Talião (“ferida por ferida, contusão por contusão”) à lição do Êxodo, qual seja, à contenção que nos levaria a não seguir nem mesmo a multidão, se para perpetuar o mal.

Ser cristão não equivale a ser o mesmo em qualquer tempo. Há também o tempo da revolta, e esta é corajosa, cifrando-se nela o sentido de uma luta que não toca mais uma causa em particular, mas a humanidade inteira:

Martin Luther King é uma presença. (...) É hora de lamentar a sua morte. Mas não fiquemos só no lamento. Agora e enquanto houver assassinatos e injustiças a hora é de luta. Lutemos contra todas as iniquidades. Como ele lutou. Lutemos contra todas as injustiças. Como ele lutou. Lutemos contra todas as discriminações. Como ele lutou. Lutemos contra os fanáticos da morte. Como ele lutou. Pois certo é que ‘cada morte de homem me diminui porque faço parte da humanidade’ (Devoções, XVII, John Donne). (Oliva, 1968, p. 277.)

Singular crítico do marxismo, Zitelmann nunca impediu seus filhos de participarem de manifestações contra a ditadura, muitas delas lideradas por marxistas, nem deixou de honrar, em suas manifestações públicas, os melhores princípios democráticos. (Salles, 2015, p. 421.) É assim que, no seu discurso de posse nesta Academia, em 1970, com altivez e coragem, serve-se da palavra para denunciar quantos “na fruição do mando eclipsaram a liberdade, transformando o poder do governo num simples poder policial” (Oliva, in Oliva & Calasans, 1970, p. 26).

Zitelmann, corajosamente, não silenciava. Lembremos aquele emprego de bedel que lhe fora dado por obra e graça de Isaías Alves. Sua gratidão era imensa. Entretanto, ao sucedê-lo nesta cadeira, não deixou de denunciar nesse mesmo discurso de posse (em raro momento pouco indulgente) um erro grosseiro de Isaías, que, já homem maduro, experiente e, portanto, capaz de julgar racionalmente, aderira à versão tupiniquim do fascismo, o integralismo (Oliva, in Oliva & Calasans, 1970, p. 38) — diga-se de passagem, uma manifestação pretensamente católica de extrema direita.

A gravidade moral de Zitelmann não lhe permitia o silêncio. Em favor de Isaías, devo acrescentar duas coisas a esse respeito. Primeira, Isaías não esteve sozinho nessa adesão.

Centenas de milhares de brasileiros, com nomes de grande destaque em nossa história, aderiram ao integralismo, revelando quicá uma face íntima de nosso país, que vez ou outra flerta mais diretamente com o obscurantismo. Segunda, o próprio Zitelmann teve a alegria de registrar nesse mesmo discurso que Isaías soube se penitenciar de tal erro no tempo próprio do humano, sendo certa, para todos nós, a promessa da remissão dos pecados. (Oliva, in Oliva & Calasans, 1970, p. 39.)

5. As chaves da amizade e do amor são severas. Em Zitelmann, são guias de vida em meio à travessia. Um moralismo tornado religioso certamente o protege a todo tempo do amoralismo burguês dos ambientes de pura competição, que tampouco lhe eram estranhos. Afinal, era um misto de empresário e intelectual. No dizer de seu amigo João Sá, “misto de homem de ação e pensamento” (AAVV, 1974, p. 17). Tendo trabalhado bastante, tornou-se homem da elite em dois sentidos, de modo que, também segundo João Sá, suas conversas podiam se dar “ao pé da lareira das famílias empresarial e intelectual da Bahia” (AAVV, 1974, p. 15).

Não estou preparado para falar do empresário. Certamente, isso pode ser feito em outros meios, por pessoas mais preparadas e mais afeitas a esse perfil. Entretanto, os documentos me permitem adivinhar sua extrema argúcia prática, seu imenso poder analítico, quando ele volta seu olhar a uma realidade que, modéstia à parte, acredito conhecer bastante, a Universidade Federal da Bahia.

*Viagem em torno de um Relatório*, ou Problemas de uma Universidade: texto precioso, é um comentário refinado ao relatório apresentado pelo reitor Miguel Calmon à Assembleia Universitária da UFBA em 1965. O texto revela uma percepção fina da realidade universitária, problemas de nossa Universidade que, *mutatis mutandis*, continuam atuais.

Antes de tocar em seu conteúdo, louvemos a verve filológica e irônica do escritor, pois começa tecendo considerações sobre a natureza do próprio texto analisado, a saber, um relatório. Afinal, relatórios

são redigidos para não serem lidos. São trabalhos feitos para escassos leitores que são aqueles que os leem por obrigação profissional – os datilógrafos –, os que os leem por deformação de personalidade – os bajuladores –, os que os leem por dever de ofício – os opositores – e, finalmente, os que os devoram por imposição orgânica – as traças. (Oliva, 1965, p. 3.)

Felizmente, relatórios podem também ser lidos por bons críticos. Nesse caso, a crítica ao relatório permite-nos flagrar as virtudes do gestor capaz de enxergar além dos interesses particulares, ao lado das virtudes gongóricas do escritor cultivado na prosa baiana, que não se apressa em abandonar seu estilo frondoso, nem procura seguir o conselho aforçurado de Alceu Amoroso Lima, segundo o qual ele ganharia com tornar-se breve e escapar à influência superabundante de Rui Barbosa. Em protesto, registro, *en passant*, minha gongórica solidariedade a Zitelmann, percebendo ademais haver, em seu caso, uma feliz concordância entre conteúdo e forma literária, uma vez que a tensão barroca serve à perfeição quem flagra no mundo uma espécie de separação de si mesmo, uma contradição latente, uma tristeza alegre na própria vida. (Oliva, 1962, p. 248-249.)

Vejamos o conteúdo dessa sua *Viagem*. Esse texto de 1965 nos oferece um vigoroso diagnóstico de uma Universidade ainda por se fazer, porquanto prisioneira sobretudo de uma significativa fragmentação, ou seja, uma instituição que: (i) ainda não completara o movimento de convergência em função de interesses comuns, estando marcada pelos interesses particulares das unidades que lhe são anteriores e, por isso, carente de um espírito universitário capaz de sobrepor-se à prevalência de espíritos

particularistas; (ii) ainda não atingira um nível de excelência bem distribuído e, ademais, integrado em atividades interdisciplinares; e (iii) ainda não se firmara como uma sede do humanismo, uma vez que, de todas as instituições humanas, “em um mundo agitado pelo desconcerto e a frustração e dominado pelo desânimo, a Universidade representa a segurança da continuidade espiritual do homem que a nada deve temer” (Oliva, 1965, p. 13).

*Da fragmentação das unidades*, dá-nos o exemplo da compra de quatro ou cinco *Enciclopédias Britânicas* “quando duas seriam o bastante para atender às necessidades da Universidade” (Oliva, 1965, p. 6), caso fosse valorizada a Biblioteca Central e não procurasse cada unidade ter sua biblioteca completa. Ou a multiplicação de laboratórios de ensino precários, quando poderíamos ter equipamentos compartilhados coletivamente, não fossem os sentimentos dúbios de dirigentes das escolas que julgam ser “perda de prestígio deslocar o ensino destas matérias de suas unidades para os institutos” (Oliva, 1965, p. 6).

*Da fragmentação acadêmica*, dá-nos o exemplo de centros dedicados à mesma disciplina, mas que “trabalham sem nenhuma conexão entre si, antes numa surda hostilidade, sem possibilidade mais de trabalhar em equipe e de intercambiar experiências” (Oliva, 1965, p. 7). Com isso, estariam afastadas as equipes de uma organização acaso pensada “em função do trabalho criador da ciência” (Oliva, 1965, p. 7), cabendo aqui registrar que esse reparo se torna ainda mais atual, caso pensemos nas implicações dessa separação para um desejável trabalho interdisciplinar.

“Essa deformação faz com que a Universidade não se afirme e possibilite a existência de organismos moribundos, que vivem uma vida muito aquém das possibilidades reais dos seus integrantes.” (Oliva, 1965, p. 7.) Que Zitelmann possa então destacar um punhado de professores (21 nomes, embora outros houvesse também consagrados), mostra pelo próprio destaque quão longe estávamos de um autêntico centro de pesquisadores, no qual não haveria lugar para um “conhecimento anquilosado”

que estivesse aqui e ali estratificado “nas duras linhas dos compêndios feitos ao gosto dos frustrados e obedientes à passividade das noções assentadas” (Oliva, 1965, p. 9).

*Da pobreza de horizontes*, ele nos dá o exemplo do grande número de estudantes que não se colocam propriamente no centro da missão universitária, vez que disputam apenas diplomas, ou ainda de docentes a quem tão somente o título interessa. Contra esses sentimentos menores e, não obstante, tão presentes, colocar-se-iam como um dever, uma admoestação e uma tarefa o desafio de nunca sermos como o morno que deve ser vomitado. Uma tarefa deveras atual, portanto, para todos os que compreendem a universidade como uma instituição crítica; para os que, por conseguinte, não desejam ver a universidade “postergada, ferida, humilhada e vilipendiada, que não a querem ver desprezada nem amesquinhada, que não admitem a sua desmoralização, o seu estiolamento, a sua desintegração” (Oliva, 1965, p. 14).

6. A crítica ao relatório de Miguel Calmon é um documento extraordinário. Histórico e também atual — conquanto por outras razões. A afirmação da necessidade administrativa e acadêmica de compartilhamento decorria da afirmação forte de ser a UFBA, então, uma “universidade pobre, de uma terra pobre” (Oliva, 1965, p. 5).

Em certo sentido, Zitelmann, como mudou e cresceu nossa UFBA! Você que tanto a amou e a ela tanto se dedicou, certamente gostará de saber. Não mais faz sentido pensarmos como um desafio gerencial o compartilhamento de *Enciclopédias Britânicas* ou de laboratórios de ensino. Nossa pesquisa, hoje, é pujante e nossa infraestrutura de pesquisa tem envergadura significativa. A UFBA inclusive decidiu por uma ordenação unificada de laboratórios, mesmo precisando ainda vencer algumas resistências atávicas. E tais equipamentos não

se destinam apenas ao ensino, pois servem a uma pesquisa de grande qualidade e interesse público.

Para dar alguns exemplos de equipamentos hoje compartilhados, cujo valor global é da ordem de vários milhões de dólares, temos o compartilhamento regular de microscópio eletrônico de transmissão e de microscópio eletrônico de varredura, ressonância magnética nuclear, cromatógrafo a líquido de alta performance acoplado a espectrômetro de massa de alta resolução, célula para determinação de equilíbrio de fases. Equipamentos cuja operação eu mal posso discernir, em sua abundância de proparoxítonas; mas também pianos, pianos da melhor qualidade, que menciono aqui, Zitelmann, para lembrar e afirmar que nossa UFBA continua a ter um de seus centros em uma maravilhosa orquestra.

Além disso, ao lado de uma infraestrutura significativa em prédios e equipamentos, hoje são centenas e centenas os nossos pesquisadores destacados. É também considerável nosso patrimônio imobiliário, amiúde alvo de aves de rapina do mercado imobiliário. Mais ainda, a UFBA tem hoje um número significativo de cursos de graduação e uma pós-graduação consolidada, tendo empreendido uma ousada expansão.

Não obstante toda essa diferença, Zitelmann, não obstante avanços em meio a recuos, posso lhe confidenciar. Para nossa tristeza, nossa rica universidade vê-se muita vez empobrecida. Ou melhor, tem vivido uma inanição de recursos e, por essa razão, vê-se ameaçada em sua integridade, inteireza e autenticidade. Afinal de contas, os recursos que, por obrigação legal, deveriam ser destinados à sua plena manutenção e à suficiente garantia de suas atividades finalísticas, estão represados em limites inaceitáveis.

Vivemos sim uma situação de penúria, mais ou menos grave, mais ou menos agressiva, que se arrasta já por uma década, na qual deixou-se de cumprir o determinado pelo artigo 55 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação: “Caberá à União assegurar,

anualmente, em seu Orçamento Geral, recursos suficientes para manutenção e desenvolvimento das instituições de educação superior por ela mantidas” — lembrando que nossas instituições, como reza a Constituição Federal, devem exercer indissociavelmente ensino, pesquisa e extensão ou, por definição, não são autênticas universidades.

Recursos adicionais têm ocorrido, aliás, por dois mecanismos que, em condições normais de temperatura e pressão, estando garantido seu funcionamento regular, podem até ser bem vindos, suplementando ações por uma espécie de mecenato parlamentar ou por termos de execução descentralizada (TEDs), por meio dos quais outras instâncias do governo trariam bons desafios para a inteligência acadêmica universitária. Aliás, recursos poderiam até ser captados além da própria esfera pública, caso a universidade, não estando nas cordas, não veja ameaçada a liberdade de pensamento e de pesquisa, nem tenha comprometida sua autonomia.

Entretanto, na situação atual, na qual está longe de existir tal garantia de recursos suficientes e comuns à vida universitária, a suplementação torna-se perigosamente desagregadora tanto da unidade da instituição quanto de sua autonomia, passando a energia acadêmica a ser simplesmente contratada — em nosso caso, sobretudo pelo próprio Estado, com os eventuais benefícios tornados inconvenientes e os prejuízos, de grande monta, bem mais que previsíveis. Como uma consequência, comprometem-se a integração da instituição e sua necessária universalidade, sendo assim atingida a aura mesma da instituição e, por conseguinte, maculada sua magnificência.

A voz de Zitelmann ainda ressoa, em resposta a nossos temores. Arguta sua análise, ela associava à fragilidade administrativa da instituição, aos conflitos entre grupos isolados e à integração ainda incompleta de unidades ao todo da universidade, um quadro desairoso das condições de vida dos professores, condenados outrora a fazer “profissão de pobreza”

– profissão de fé cujos votos têm sido agora renovados, lastimavelmente. Um sacerdócio que, convenhamos, bem podia ou pode ainda enobrecer os devotados, mas também nos comprometia e nos compromete a dedicação como mortais que, acreditem, também somos.

Fica a lição de Zitelmann, pois relativa a princípios, mesmo sendo outra nossa realidade. “Vivemos a cometer iniquidades”, afirmava Zitelmann. (Oliva, 1962, p. 254.) É da contingência humana, tanto na vida privada, quanto no exercício de funções públicas. Por isso, deve ser incessante nosso labor para jamais permitirmos que o sublime seja medido pelo que pode haver de mais mesquinho.

Essa é, quero crer, uma lição de quem, tendo sido o braço direito e o esquerdo do reitor Miguel Calmon, pôde ver e defender a universidade como um todo. Com efeito, quem quer que ame a universidade, precisa colocar-se nessa condição de guardião de sua aura, tendo o dever de afirmar a cada dia a natureza mesma da universidade, para além de qualquer contingência, e jamais permitindo que o pragmatismo se arvore em medida de sabedoria nem que valores de longa duração se vejam dominados por interesses imediatos de grupos, partidos ou indivíduos.

7. Concluo, enfim, para alívio de todos, mencionando mais uma vez a coleção de vias sacras, das quais Zitelmann chegou a ter quatorze. Como disse anteriormente, talvez ele estivesse apenas “a sinalizar, pelo contraste com o exemplo sublime do cristo, a comum trajetória dos que se convertem e, no desmedido do paradoxo, passam a submeter suas vidas terrenas a um investimento cotidiano em valores elevados” (Salles, 2015, p. 421). Essa coleção sempre me impressionou, como se eu estivesse ainda em uma procissão em Cachoeira, o centro mesmo do centro do universo, tendo o trajeto suspenso pelo canto da Verônica:

Oh, vós todos,  
Que transitais pela Via,  
Vinde, e vede  
Se há dor semelhante à minha!

Essas coleções me parecem agora um sinal de algo bem mais amplo, como se cada livro seu retratasse diversas estações, diversos passos. Sinto que cada livro nos sustém após eventuais quedas e nos eleva o olhar a cada manifestação de desesperança. Mesmo estando ele entre os mais afortunados, com o alento de sua família e de seus tantos amigos, em cada livro seu vemos desenhar-se, por um lado, um fardo, uma sombra, a presença enfim da condição humana e, por outro, em meio a tamanha conjugação de dores, a possibilidade de uma existência digna, quiçá rumo à décima quinta estação – o passo a que, afinal, aspiraria toda cristandade.

Se o cristão é aquele que espera e também procura no áspero cotidiano a redenção do mundo, é ainda mais profundamente cristão quem tem ciência de sua sombra, quem sofre sinceramente seu próprio fardo, quem sabe enfim o preço da condição humana. Zitelmann foi assim profundamente cristão, inclusive por percorrer sua *via dolorosa* na fé da estação derradeira, que guiaria da cruz à ressurreição, tendo a clareza de que o homem que, ao contrário, perde sua sombra e ignora sua opacidade, está condenado a uma vida inautêntica. Quando o lemos, pois, entre diferenças e encontros, nós o descobrimos humano em algum estágio de uma *via crucis*, sempre a agarrar a chama fria da humanidade – essa que é desafiada a cada dia pelo severo chamamento do divino.

Aos 50 anos, foi celebrado pela maior expressão de nossas letras e pela fina flor do empresariado. Parecia quase a perfeição. A perfeição, porém, dissemos ao início, não se celebra. Em seu centenário, celebramos mais uma vez essa expressão terrena de uma travessia espiritual. E celebrar seu nome hoje

é estender a homenagem à sua família, na qual podemos sentir uma reverberação. Que esta jamais esmaça, pois é um efeito dos círculos concêntricos de quem soube lançar boas sementes de amor e amizade.

Minha missão se encerra. O desafio, para além de qualquer diferença, foi tentar agarrar o que, entretanto, sempre nos escapa. Hoje, com Drummond, creio que simplesmente perguntamos:

Que mistério é o homem?  
Que sonho, que sombra?  
Mas existe o homem?

E talvez tenhamos aprendido que perguntas assim abstratas só podem ser respondidas com exemplos concretos. Se nosso trabalho não foi em vão, devemos poder dizer que há pelo menos um ser que satisfaz o conceito de homem. Devemos poder apontar um indivíduo, com suas fraquezas e virtudes. Assim, por tudo que há de humano, sem risco de erro, creio podermos afirmar. Sim, existiu e continua a existir certamente um homem, Zitelmann José Santos de Oliva, e densa é sua sombra.

## REFERÊNCIAS

AAVV. *Cinquentenário de Zitelmann de Oliva*. Plaquete de 1974.

OLIVA, Zitelmann. *Um homem e a sua sombra*. Salvador: Edições do CEIOB, 1962.

OLIVA, Zitelmann. *Viagem em torno de um Relatório*, ou Problemas de uma Universidade. Salvador: Estuário, 1965.

OLIVA, Zitelmann. *Amizade todo dia*. Salvador: Estuário, 1968.

OLIVA, Zitelmann & CALASANS, José. *Discursos na Academia*. Salvador: Estuário, 1970.

PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2016.

SALLES, J. C. “A invenção do escritor”. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, v. 53, 2015.

---

João Carlos Salles é filósofo, professor titular da Universidade Federal da Bahia. Foi reitor da UFBA por dois mandatos, de 2014 a 2022. Concluiu doutorado em filosofia na Universidade Estadual de Campinas, em 1999. Dedicou-se ao estudo da epistemologia e da filosofia da linguagem, o empirismo clássico, Ludwig Wittgenstein e Ernest Sosa. Traduziu as *Anotações sobre as cores* (Ed. Unicamp, 2009), de Wittgenstein, incluindo, em edição bilíngue, trechos inéditos desse texto póstumo do filósofo vienense. É autor de 18 livros, entre os quais os mais recentes: *Gatos, peixes e elefantes: A gramática dos acordos profundos* (2024) e *Entreatos: Exercícios de política e filosofia* (2024). Desde 2014 ocupa a Cadeira nº 32 da Academia de Letras da Bahia.

# DISCURSO DA COMENDA DOIS DE JULHO

CYRO DE MATTOS

Estou saudando os componentes da mesa na pessoa do deputado Marcelinho Veiga. Agradeço a Deus por ter me dado a vida; à esposa Mariza, pela tolerância e amor durante 55 anos de união física e afetiva, aos filhos e netos pelo incentivo na construção de meu legado.

Agradeço ao amigo de longa data, Joaci Goes, pela generosidade, apanágio de seu caráter, ao lembrar-me de maneira acalorada, em várias oportunidades, que eu merecia essa honraria.

Senhoras e Senhoras.

**E**u era aluno do curso clássico no colégio da Bahia (Central) quando escutei de meu professor Luís Henrique Dias Tavares que a Bahia e o Brasil eram inseparáveis. Meu professor era um homem de estatura pequena, mas que carregava no coração um forte amor e na razão um grande saber pelos caminhos históricos da Bahia. Observara em sala de aula, naqueles idos de 1956, que essa união insuperável procedia do fato de que o Brasil exerceu sua verdadeira independência em solo baiano. No entorno deste chão amado, onde aconteceu o embate, houve o abraço dos mares da Baía de Todos os Santos para que os baianos se libertassem do jugo do império português.

O movimento social e militar começou em 19 de fevereiro de 1822, teve seu desfecho vitorioso em 2 de julho de 1823. Este memorável Dois de Julho tornou-se data de máxima importância

para os baianos, que a festejam todos anos com a alma revestida de fervor e sentimentos de louvor. Foi um movimento pelo desejo federalista emancipador do povo baiano, com vistas a inserir a então província na unidade nacional brasileira.

Sabemos que a independência do Brasil na Bahia não foi feita em gabinetes e salões, não aconteceu com um brado retumbante, mas nas ruas, nos campos de batalhas, com feridos e mortos. Contou com a participação decisiva do povo como protagonista. Indígenas, escravos libertos, gente humilde das classes baixas. Figuras de comando tiveram performance significativa no desenrolar da pugna. O general Labatut sobressai como comandante de nossas forças militares no seco, enquanto Lord Cochrane foi o responsável pela guarda da Baía de Todos os Santos.

É bom não esquecer a figura da mártir Joana Angélica, morta ao impedir que os portugueses tomassem o convento da Lapa. E a de Maria Quitéria, valorosa mulher com coragem incomum para combater os adversários portugueses no Recôncavo. Vestida numa farda de soldado, com a arma na mão, lutou contra os portugueses na barra do Paraguaçu, em Santa Amaro e Cachoeira. Houve também Maria Felipa, uma negra catadeira de marisco, a mulher que comandou mulheres negras para seduzir os portugueses enquanto outras queimavam suas embarcações. João Francisco de Oliveira Botas, conhecido como João das Botas, português de nascimento, aderiu à causa brasileira da Independência. Comandou uma flotilha de embarcações e protegeu a parte interna da Baía de Todos os Santos e a Ilha de Itaparica.

Cronistas registram que, na madrugada de Dois de Julho de 1823, a cidade de Salvador amanheceu quase deserta: o exército português deixou em definitivo a província da Bahia. Alguns dizem até que o dia nasceu bonito, sem as chuvas de junho. O sol brilhou com seus raios de cegar a vista. Dois de Julho daqueles longes acontecia assim com o esplendor do sol, para ficar na reverência patriótica dos baianos que, desde então, estabeleceram a tradição de comemorá-lo anualmente

com a repetição da entrada do Exército Pacificador na cidade de Salvador. De uns anos para cá, o caboclo e a cabocla foram introduzidos no cortejo patriótico como homenagem prestada às gentes indígenas que contribuíram para a vitória dos baianos no confronto.

Foram brasileiros que, com armas em suas mãos, de fato libertaram a Bahia da opressão do Império Português, começando o movimento em Cachoeira, Santo Amaro, Maragogipe, São Francisco do Conde, Nazaré das Farinhas, Jaguaripe, Saubara. Formavam um exército em frangalhos. Depois se juntaram a esses pobres brasileiros outros que desceram lá de Caetitê, de outras partes do sertão e da Chapada.

Na pugna ferrenha não se sabe ao certo como o corneteiro Luís Lopes tenha ficado no coração dos baianos. Se a versão da história contada é verídica ou não, tudo se torna mais intrigante e ao mesmo tempo mais nebuloso. Nenhum estudioso tem informações aprofundadas sobre o assunto, mas o que se sabe é que ele participou do conflito que ficou conhecido como a Batalha de Pirajá, onde provavelmente teve um papel decisivo. Propaga-se no imaginário popular que em vez do toque de “recuar”, deu o sinal de “cavalaria avançar” e, em seguida, o de “degolar”. E quem acabou partindo em retirada foram as tropas lusitanas, imaginando que os brasileiros tinham recebido reforços.

O movimento que deflagrou a independência do Brasil na Bahia motivou a Castro Alves a escrever um poema de versos magníficos. Em Ode a Dois Julho vemos um discurso eloquente elaborado com imagens candentes da esperança e da liberdade. Numa só voz, juntas, evocam a peleja entre o clarão e as trevas. O libertário poeta dos escravos, construtor de uma poética solidária sobre a escravidão dos negros africanos, agora com versos veementes canta a liberdade como o sentimento mais valoroso que envolve os baianos no palco do confronto. Como noiva do sol, a liberdade, essa peregrina esposa do porvir, faz-se motivo de inspiração ao estro do poeta mais amado pelos baianos.

Em um dos trechos do célebre poema, ele diz:

Lá do campo deserto da batalha  
Uma voz se elevou clara e divina:  
Eras tu – Liberdade peregrina!  
Esposa do porvir – noiva do sol!...

E finalizava seu ardor de poeta libertário com esses versos:

Eras tu que, com os dedos ensopados  
No sangue dos avós mortos na guerra,  
Livre sagravas a Colúmbia terra,  
Sagravas livre a nova geração!  
Tu que erguias, subida na pirâmide,  
Formada pelos mortos do Cabrito,  
Um pedaço de gládio – no infinito...  
Um trapo de bandeira – n'amplidão!...

A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia veste-me agora com as cores pátrias dessa data histórica, que expressa os sentimentos libertários de brasileiros em terras baianas, nos mares da Baía de Todos os Santos, nos céus de Nosso Senhor do Bonfim, nas veias históricas de nossos irmãos. Distingue-me com honraria tão elevada, que recebo como reconhecimento ao meu legado forjado ao longo de mais de sessenta anos no ofício de escritor e divulgador da cultura.

Graduado em direito pela Universidade federal da Bahia, exerci a advocacia durante mais de 40 anos na comarca de Itabuna e outras do sul baiano. Fui advogado por profissão, meu pai assim queria, pensando no melhor para o filho. Dessa experiência colhi frutos ricos sobre as circunstâncias críticas dos humanos no seu estar da vida. Soube que sem o direito não há democracia, a liberdade, como o valor mais poderoso que adquirimos ao longo dos séculos. Não se dá a cada um o que é seu. Não há a paz. Predomina a lei do mais forte. Exerci o jornalismo

com passagem na imprensa do Rio. Foi um aprendizado importante para saber da linguagem precisa e ágil sobre o fato que se pretende divulgar ou analisar no seu teor informativo da verdade. Mas ser escritor e poeta foi sempre a minha paixão. Nesta fico caracterizado por força do destino como o animal gregário entre o alegre e o triste, o fabricante de incertezas e contradições no uso da palavra mítica que reinventa a vida.

Já escutei dizer que não serve para nada tal ofício diante das necessidades que a vida propõe no cotidiano. Sonhos não enchem a barriga de ninguém. De fato, pode até não resolver nossos problemas econômicos, políticos, sociais, filosóficos, religiosos, porém, devolve aos seres humanos o que só a eles pertence. Sem as artes não se tem a emoção, a vida passa sem graça, não se dá novos sentidos à razão e, na pobreza mental, sucumbimos como aderentes à ignorância da matéria. Não passamos de cadáver ambulante que procria, como observou o poeta Pessoa. Nesta vida do ar, sonhar e amar, é, portanto, o que sou de fato.

Ah, poesia, flor e vento, ao inventar-me como um grão no deserto onde tudo arrisco, no qual inocente respiro, mostras o quanto gostas de mim. É quando então sou das incertezas erguido muitas vezes, afugentas os meus medos e me sustentas nos meus ermos. Sem a tua companhia, que irriga minhas artérias como a chuva a terra nas suas mil línguas, não há a lágrima, o beijo, o riso, o epitáfio. Não há o reconhecimento, a cumplicidade, o sentido.

É assim que recebo dessa ilustre Casa Legislativa a relevante distinção dessa Comenda Dois de Julho, como reconhecimento aos meus mais de sessenta anos dedicados ao bem-estar dos outros, à progressão da cultura e à valorização da arte literária.

Aos que acreditaram em minha aventura para chegar até aqui, àqueles que com as suas presenças abrilhantaram este momento, fazendo-me cativo do afeto com seu gesto bondoso,

externo nosso agradecimento. A todos vocês que vieram prestigiar o evento de elevada importância para o homenageado, agradeço comovido. Muito obrigado.

Salvador, Bahia, 10 de agosto de 2023

---

Cyro de Mattos é autor de 67 livros pessoais, de diversos gêneros. Publicado também em Portugal, Itália, Espanha, França, Alemanha, Dinamarca, Rússia, México e Estados Unidos. Conquistou com *Os Brabos*, novelas, 1978, o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, Menção Honrosa do Jabuti, 1988, com *Os Recuados*, contos, o Prêmio de Romance do Pen Clube do Brasil, com *Os Ventos Gemedores*, 2017, e o Prêmio Internacional Casa de las Américas, 2023, para *Infância com Bicho e Pesadelo e Outras Histórias*. Membro das Academias de Letras da Bahia, de Itabuna e de Ilhéus. Primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz (Sul da Bahia). Medalha Zumbi dos Palmares da Câmara de Vereadores de Salvador e Comenda Dois de Julho da Assembleia Legislativa da Bahia. Desde 2016 ocupa a Cadeira nº 22 da Academia de Letras da Bahia.

**PARA RASGAR UM SILÊNCIO:  
A LITERATURA BAIANA  
NA VOZ DE ESCRITORAS NEGRAS  
CONTEMPORÂNEAS –  
A NIVALDA COSTA, IN MEMORIAM –  
A ALINE FRANÇA, HOJE**

YEDA PESSOA DE CASTRO

Com satisfação aceitei o honroso e inesperado convite da ilustre Confreira acadêmica Dra. Evelina Hoisel, para proferir a palestra de abertura do ano acadêmico desta nossa centenária Academia de Letras da Bahia. Hoje, 8 de março de 2018, Dia Internacional da Mulher na década dedicada aos afrodescentes pela ONU. Vislumbrei, assim, uma oportunidade para ocupar este espaço que me foi gentilmente concedido neste templo do Saber nas Letras, para homenagear escritores baianos da negritude na literatura brasileira contemporânea.

Como não poderia deixar de ser pelo que representa o data de hoje, o destaque vai para a produção poética e de ficção de escritoras negras baianas, cujas vozes, na sua maioria, ainda não ressoaram nos umbrais das nossas Academias para rasgar um silêncio secular que lhes foi imposto marcado por violência também de gênero, que se arrasta desde os tempos coloniais no Brasil com o protesto contido no canto de acalanto das mães-pretas nas casas senhoriais, tema que abordei em um artigo publicado no n. 53, de março de 2015, na prestigiosa revista deste Academia de Letras.

Nos tempos modernos, em pleno auge das políticas públicas e de promoção de inclusão racial e social, apesar do avanço dos processos de combate à discriminação e à injúria racial e de gênero, ainda muito presentes em nosso dia a dia, seu alvo principal se materializa na figura da mulher negra, a exemplo do ocorrido recentemente nas redes sociais com o insulto verbal à jornalista baiana Maria Azevedo, Tia Má, a quem prestamos a nossa solidariedade, uma atitude ofensiva, entre tantas outras igualmente graves, mas que está de tal maneira entranhada em nossa sociedade que seu acirramento atinge também mulheres de aparência não-negra aliadas dessas pelepas.

Participamos de uma sociedade onde todas nós mulheres somos vítimas de um machismo endemicamente herdado, que projeta a nossa imagem, na concepção bíblica vigente no mundo cristão, como a Eva Tentadora que chega na boca do povo como criatura insidiosa, de arte com o diabo ou como o próprio diabo em forma de gente, na valência de mais um recurso de nos imputar a culpa do pecado original e justificar a prática criminosa do horrendo, mas contumaz crime de feminicídio que continua ocorrendo seguidamente no Brasil.

Mas quando essa história se reveste de resistência e de combate a injurias, à intolerância religiosa, à homofobia, ela se fortalece no esteio do conhecimento de nossa ancianidade sócio-histórica, das nossas raízes negroafricanas guardadas na memória dos nosso antigos, na visão da África como um continente, berço da humanidade, princípios que nos reportam as diretrizes pioneiras de cunho político-pedagógico que foram seguidas nos anos passados de 80 a 85, pelo antigo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, durante o árduo período da ditadura militar em nosso país.

Estávamos no primeiro mandato como Diretora do CEAO e o Bel. Climério Joaquim Ferreira na sua Vice-Direção, nomeados durante a gestão do Magnífico Reitor Dr. Luis Fernando de Macedo Costa e do Vice-Reitor Prof. José Calasans

Brandão da Silva. Deles recebíamos a anuência e o incentivo necessários que nos possibilitaram cumprir aquele propósito de que estávamos imbuídos à frente de um órgão de extensão universitária, plantado em uma cidade de população majoritária de descendência melano africana, que era o de valorizar o continente africano, a comunidade negra baiana como protagonista da sua história, começando por oferecer cursos de yorubá e de kikongo, a fim de começar a divulgar as línguas negroafricanas como fator de identidade e de resistência etnocultural no Brasil.

Aquela época era um momento propício para o CEAO fortalecer os laços de relações culturais Brasil-África em nível internacional com apoio da diplomacia brasileira, então voltada para o desenvolvimento e estreitamento econômico e sociopolítico com os países subsaarianos. Empenhava-se, no âmbito externo, para alavancar apoio às causas africanas e, no interno, para persuadir setores influentes da sociedade brasileira a se engajarem na ampliação do relacionamento com a África, como explica o Embaixador José Vicente de Sá Pimentel, em *Relações entre o Brasil e a África subsaariana*, na Rev. Bras. Polít. Int., vol.43, no.1, Brasília, Jan./Junho de 2000.

Ao mesmo tempo, como órgão de extensão da UFBA, nós nos voltamos para trabalhar com a comunidade negra baiana, não mais como objeto de estudo, mas ela mesma com protagonista e atuante no processo, começando por delegar a alunos concluintes dos cursos de línguas africanas a responsabilidade de substituir seus professores africanos: baba Sérgio Barbosa no lugar de Olabyi Yai, no curso de yorubá, Tata Raimundo Pires em lugar de Landu Ntotila, no curso de kikongo, com grande afluência do povo de terreiro e de capoeiristas.

Realizamos o 1º. *Encontro de nações de candomblé*, trazendo, para dentro da universidade, como palestrantes, lideranças sociopolíticas afroreligiosas (Olga de Alaketu, Senhor Benzinho), inauguramos o Museu Afro Brasileiro no Pelourinho passados oito anos da sua criação por Guilherme de Souza Castro, e nele

desenvolvemos os programas “Museu escola”, sob a responsabilidade de Graziela Amorim, com apoio da Secretária de Educação do Estado, e “Museu comunidade”, com apoio de artistas, escritores e blocos afro da comunidade do Pelourinho, em especial do “promoter” Clarindo Silva.

Fomos, à época, acusada, por parte da Academia e da classe médica baiana de estarmos vulgarizando o templo da medicina brasileira com a implantação do Museu Afro-Brasileiro no prédio do Terreiro, e, de sua parte pelo movimento negro de ser eu uma mulher branca assumindo o lugar que, por direito deveria ser um negro. Como sou baiana, nascida na Barroquinha 35, Baixa dos Sapateiros, fui capoeirando com o mundo que dá muitas voltas e sobrevivi sem conflitos, como libriana, filha de Dandalunda e de Oxum Apará. Oferecemos, em 82, o curso de *Introdução aos estudos africanos* para formação de professores da rede estadual e sua inclusão nos currículos de 1 e 2 graus, conforme Portaria 6068 de 1985, do Prof. Edivaldo Boaventura, então Secretário Estadual de Educação, que em duas décadas antecedeu a **LEI FEDERAL Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**, tornando obrigatória, na Rede de Ensino, a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

No Setor de Publicação, abrimos as séries *Ensaio/Pesquisa* e *Arte/Literatura*., essa última um série pioneira, feita sem recurso financeiro, de forma artesanal, datilografada e mimeografada, com o objetivo de divulgar os escritores negros baianos inéditos ou pouco conhecidos pelo público em geral, que sempre tiveram dificuldade em trazer à tona seus manuscritos, como declarou Nivalda Costa, que ficou a cargo e também participou de todas as suas quatro edições

*Poetas Baianos da Negritude*

*Capoeirando*, organizada por Edu Omo Oguiã

*A cor da noite*, de Nivalda Costa e Jaime Sodré

*Para rasgar um silêncio*, de Nivalda Costa

## NIVALDA COSTA



Poeta, dramaturga, atriz e diretora, nasceu em 04 de maio de 1952, em Salvador-BA e faleceu em 09 de julho de 2016, chegando de uma viagem de ônibus à cidade de Feira de Santana, há pouco mais de 100 km. de Salvador. Graduada em Ciências Sociais (1984) com especialização em Antropologia (1986), pela UFBA, e em Relações Públicas (2001) pela UNEB, era formada em Direção

Teatral pela Escola de Teatro tendo participado como diretora de peças teatrais, de filmes de curta-metragem e de televisivos como o documentário "Afro-Memória" (1988-1992) pela TV Educativa.

Na Série de Estudos sobre *Etnoteatro Negro Brasileiro* escreveu dez roteiros teatrais, entre eles, "Passagem para o encanto" e "Suíte: o quilombola", cuja aplicabilidade se deu em cursos e oficinas ministradas em grupos e comunidades de baixa renda, desde os anos 1990. "Pequeno príncipe: aventuras" [1977]; "Girassóis" [1977]; "O operário da azul" [1978]; "Love story" [1978]; "O enigma para Alexandrista" (2007); "Pausa dramática para o drama" (2009), as adaptações livres de "Hamlet, príncipe da Dinamarca" [1976], de William Shakespeare; "Veredas: cenas de um grande sertão" [1977], de Guimarães Rosa, entre outros.

Como contista publicou "Diabolina" e "O vôo" em "Para rasgar um silêncio" (1990), juntamente com outros nove autores baianos – Carmem Ribeiro, Clarindo Silva, Everaldo Duarte, Jaime Sodré, Jonatas Conceição, José Carlos Limeira, Rita Gonçalves, Valdina Pinto e Xyko.

Quanto à poesia, Nivalda Costa publicou o livro "Constelações" e participou da composição da obra "Capoeirando" (1982), organizada por Carlos Eduardo R. de Jesus, com os poemas intitulados "Ògìyán", "Tumulto" e "Exit". Publicou ainda o livro "Da cor da noite: poemas dramáticos" (1983), onde se encontram as obras "Ilèkùn Mérin" (Casa das Quatro Portas), ensaio dramático em seis atos, e "Olóba Làse", um trabalho integrado entre música, dança e teatro, de Jaime Sodré.

Militante do MNU, pertencia à Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado da Bahia e criou em 1975, o Grupo Testa de Teatro Amador que, em 1978, apresentou a peça "Anatomia das feras" durante "I Festival de Arte e Cultura Negra". Em 1979, baseada na obra de Saint Exupéry, intitulada "Pequeno Príncipe: aventuras", apresentou um rei negro e três crianças, dentre essas, a personagem central, o pequeno príncipe. Em 1980, Nivalda Costa e Luiz Marfuz dirigiram a montagem "Paixão de Cristo", no Pelourinho, encomendada pela Prefeitura de Salvador. Nela, Nossa Senhora era negra e o Cristo, representava todos os oprimidos e morria de três formas: flechado, chicoteado e fuzilado.

## ALINE FRANÇA



Aline dos Santos França (Teodoro Sampaio, 15 de fevereiro de 1948) é funcionária da Universidade Federal da Bahia, autora dos livros - *A Mulher de Aleduma - Negão Dony - Os Estandartes - Emoções das Águas*. Tem inspirado suas obras na cultura afrodescendente, em ficção futurista que tem compromisso com a realidade e as futuras gerações e os seus livros foram adaptados para o teatro.

Publicado em 1979, seu primeiro livro, "Negão Dony, livro da Bahia e todo seu mistério" era a manchete da "Folha da Tarde" de São Paulo, do dia 5 de julho. "Nele - escrevia Torrieri Guimarães – "Aline França consegue manter-se naquele território intermediário entre a realidade e o universo mágico, uma linha frágil, uma fronteira mínima, na qual o espírito oscila entre o sonho, a fantasia e os secretos poderes de um mundo de magia que desconhecemos".

Começava a despontar a escritora Aline França no cenário da literatura brasileira contemporânea pela sua sensibilidade peculiar e altamente imaginativa. Era uma mensagem nova, verdadeiramente negroafricana, que emergia em maior beleza e significação simbólica com *A Mulher de Aleduma*, uma leitura poética do mundo mítico e uma reflexão pessoal sobre o significado dos símbolos dominantes. Desta vez o elogio da crítica foi mais além. "A obra de Aline promove a recuperação do negro" - era a reconhecimento de Jorge Cândido, pelo Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro, e sua afirmação: "Aline, por querer sair um pouco da explicação tradicional cientificista do negro, dá-lhe essa resposta, mediante a ótica do romance ficcional. Foi a maneira que encontrou para protestar contra a situação calamitosa em que o negro se encontra no Brasil e em outras partes do mundo".

Em 1981, a revista nigeriana *Ophelia* de circulação internacional e em língua inglesa, fazia na Bahia uma entrevista com Aline sobre sua vida e obra e coloca Aline França entre os precursores da literatura contemporânea "no gênero ficção em estilo surrealista" no comentário sobre *A Mulher de Aleduma*. Ao final ressalta que a autora "quando desenha um paralelo entre a Bahia e essa ilha (do planeta Terra), toca em todos os aspectos da vida da comunidade negra baiana, pondo em jogo as forças sociais e as lutas do negro contra elas". A revista alemã *IKA, Zeitschrift für Kulturaustausch*, n° 25, de maio de 1984, traz a resenha de Johannes Augel "Aline França, eine afro-brasilianische Schriftstellerin". Com esta obra,

Aline França abre novos rumos na literatura contemporânea de temática afro-brasileira com seu nome incluído no *Dicionário de Autores Baianos da Secretaria da Cultura e Turismo* e no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*;

No teatro, "Os Estandartes", baseado no livro do mesmo nome, conta a história dos "fortiafri" que na definição da autora é um povo que alerta o mundo sobre a espiritualidade e a devastação da Natureza em mensagens transmitidas através de estandartes. "Emoções das Águas" é a continuação da peça teatral "As Fontes Antigas de Salvador e Seus Convidados", que tem uma concepção que integra Arte, Educação Ambiental e Cultura. Tem como inspiração o banzo do povo africano, forçado a deixar o seu Continente para ser escravizado em além-mar. Somente a força das águas servia á comunicação com os parentes deixados na terra mãe, a África. Os espelhos d'água eram utilizados para molhar os olhos dos negros, que usavam para encantamento e pedido de forças. Não podemos esquecer das nascentes que serviram aos Quilombos e suas consequências históricas, sociais e antropológicas. A peça "As Fontes Antigas....", foi apresentada em diversos locais de Salvador, o Projeto foi levado para o município de Teodoro Sampaio, sua terra natal, onde recebeu o título de "Emoções das Águas". Reconhecida na Europa, Aline participou da Feira Internacional do Livro de Bruxelas, na Bélgica em1990 e foi homenageada pela Livraria Orfeu, naquela cidade.

### ***E ASSIM FEITO...***

Diante desta realidade projetada no pioneirismo de duas figuras excepcionais da Literatura Baiana, nela ressoam a voz surrealista de Aline França, a mulher de Aleduma, heroizando o povo negro, e a voz mensageira e promissora de Nivalda Costa na apresentação dos seus poemas dramáticos "Da cor da noite",.../ *são os primeiros passos de uma nova poética onde o drama direciona acordes para um futuro no qual a dor caiba apenas como uma lembrança remota* “.

Que assim seja ao som melodioso dos atabaques das Filhas de Gandy aqui presentes. E que os atabaques alimentem a nossa paz. Muito obrigada a todos e particularmente aos acadêmicos que nos honraram com suas presenças, ao público que conheceu Nivalda e interagiu comigo com depoimentos pessoais, por fim, a escritora Aline França, aqui presente e à prestigiosa comitiva do atual Prefeito de Theodoro Sampaio onde Aline reside e trabalha. A todos, o meu abraço cordial.

---

Yeda Pessoa de Castro é etnolinguista, Doutora (Ph.D ) em Línguas Africanas pela Universidade Nacional do Zaire, República Democrática do Congo, Consultora Técnica em Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa na Estação da Luz em São Paulo. Foi professora visitante em várias universidades da África e da Europa. tendo recebido diversas condecorações por suas pesquisas. Publicou os livros *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (2001), considerado pela crítica a obra mais completa sobre línguas africanas no Brasil, *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do séc. XVIII* (2002), também pioneiro no estudo das línguas ewe-fon no Brasil, e *Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros* (2022). Publicou vários artigos e conferências em revistas científicas, e em anais de congressos, no Brasil e no exterior. Desde 2008 ocupa a Cadeira n° 11 da Academia de Letras da Bahia.



# DISCURSO DE TRANSMISSÃO DO CARGO

ORDEP SERRA

**B**oa noite, senhoras e senhores. Declaro aberta a sessão solene de abertura do Ano Acadêmico de 2025. Nesta auspiciosa sessão será empossada a nova Diretoria da Academia de Letras da Bahia, eleita para o biênio 2025-2027. Com prazer transmitirei o cargo de Presidente ao Professor Doutor Aleilton Santana da Fonseca, que empossará seus companheiros de Diretoria. Ao tempo em que o saúdo, cumprimento as autoridades presentes, começando pelos amigos que me dão a honra de compor esta mesa: o nosso novo Presidente, o seu Vice, Doutor Edvaldo Brito, o escritor Carlos Sechin, que neste ato representa a Academia Brasileira de Letras, Sua Excelência o Secretário da Cultura, Dr. Bruno Monteiro. Saúdo com carinho os confrades e confreriras da ALB e de todas as Academias cujos representantes nos honram com sua participação nesta solenidade. A todos os convidados e convidadas agradeço a presença e lhes dirijo com o mesmo afeto a minha saudação cordial.

Como manda a praxe, no fim de seu mandato o presidente que deixa o cargo deve falar em nome da sua Diretoria, dando conta do que foi feito sob sua égide. Mas fiquem tranquilos, não me alongarei. O dia é de festa, não de suplício. Entreguei ao novo Presidente um relatório circunstanciado com mais de sessenta páginas. Uma versão enxuta está disponível em nosso site. Esses documentos se reportam a um período de quatro anos em que me coube o privilégio de presidir a Academia de Letras da Bahia, no exercício de dois mandatos consecutivos. Graças a esses relatórios

posso poupá-los do aborrecimento de uma longa fala. Vou cingir-me a uma indicação sumária de fatos relevantes. Antes disso, porém, quero fazer agradecimentos.

Estou muito grato a toda a Diretoria que encabecei, mas peço aos companheiros licença para destacar duas pessoas: o confrade Marcus Vinicius Rodrigues, um vice tão atuante que veio a ser, de fato, um copresidente. Sua sabedoria, sua ousada prudência e seu incansável labor foram responsáveis por muitos dos êxitos que alcançamos. Destaco com o mesmo louvor a primeira Vice que tive, a querida Edilene Matos, sempre amável, generosa e dedicada. Também dela posso dizer que dividiu comigo as responsabilidades pela nossa Academia. Agradeço aos prezados funcionários da Casa e relembro com pesar o saudoso Paulinho, que nos deixou. Muito devo aos meus caros colaboradores, uma equipe cuja competência e dinamismo reconheço. Encarrego a querida Patrícia Barreto de distribuir meus abraços por toda a turma. Um agradecimento especial destino aos meus conselheiros, mulheres e homens de boa vontade que se dispuseram a ajudar a Academia de Letras da Bahia por amor à cultura. Meu muito obrigado a Lívia Santana, Fátima Mendonça, Maria Marighela, Dea Márcia, Ângela Petitinga, Lúcia Sampaio, Adriana Cravo, Walter Barreto, Jorge Sampaio, Marcelino Galo, Erickson Brito, Fernando Guerreiro, Javier Alfaya. Também manifesto minha gratidão às autoridades que nos prestaram apoio: o Exmo. Governador do Estado da Bahia, Professor Jerônimo Rodrigues, o Exmo. Secretário da Cultura, Bruno Monteiro, Sua Excelência Ângela Guimarães, titular da SEPROMI, os prezados amigos Marcelo Lemos, diretor do IPAC, e Vladimir Pinheiro, presidente da Fundação Pedro Calmon. Sinto-me imensamente grato à querida Deputada Alice Portugal e à diletta vereadora Aladilce Sousa. Não posso esquecer, tampouco, os ilustres edis Sílvio Humberto e Marta Rodrigues. A lista completa seria muito longa, tenho de parar por aqui. Passo logo ao prometido sumário.

A Academia de Letras da Bahia é um patrimônio do povo, a quem deve prestar serviço na sua seara, ou seja, no campo da cultura. Obriga-se a fazê-lo porque se vale de dinheiro público para o desempenho de suas atividades e também por ter compromisso com o desenvolvimento do país, impossível sem o enriquecimento cultural da população. Por isso a ALB valoriza a cidadania e defende a preservação do estado democrático de direito, fora de cujos limites só a barbárie prospera. Temos por meta o fomento dos saberes, o cultivo das artes e o cuidado da memória. Assumimos, portanto, a obrigação de combater o obscurantismo. É o que deve fazer toda Academia digna deste nome.

Em nossa secular congregação, herdeira do alento dos Esquecidos e do impulso dos Renascidos, as letras têm cor, música e movimento, alimentam a ciência e dela se nutrem. Conscientes do papel que nos cabe, resistimos à onda negacionista, cultivamos a liberdade de criação, buscamos o diálogo das diferenças. Não podemos nos conformar com a fátua estreiteza de uma torre de marfim. Assim se justifica a política de portas abertas que adotamos.

No primeiro biênio aqui evocado buscamos meios de superar as restrições impostas pela pandemia. Apelamos de forma decidida aos recursos da comunicação eletrônica, ampliando muito o alcance de nossas iniciativas. Já então, e mais ainda na sequência, a ALB aumentou sua produção, suas atividades, seus projetos. Tornou mais amplo seu programa de trabalho, envolveu no raio de sua atuação um público maior e abriu novos caminhos. Investiu na formação de uma rede que a ligou a coirmãs baianas e incrementou o diálogo com outras instituições culturais. O elenco de nossos parceiros fez-se amplo e variado: vai hoje da Fundação Pedro Calmon à Orquestra Sinfônica da Bahia, da Associação Baiana de Artistas Plásticos e Visuais ao Instituto da Reparação, do Instituto EthikAI à Associação Goethe, da Fundação Paulo Jackson ao Instituto das Juristas Negras,

do Núcleo Antirracista da Polícia Militar ao Fórum de Patrimônio, da Associação Baiana de Imprensa ao Coletivo A Pombagem, passando pelos Mestres Griôs e pelo Coletivo Roda das Artes, sem falar da UFBA e do IFBA. Para além dessa elástica teia institucional, a ALB popularizou-se muito. O Palacete Góes Calmon passou a ser frequentado por pessoas e grupos que antes não o visitavam, gente que ignorava nossa Academia, ou só tinha dela uma vaga notícia. Um marco significativo da mudança operada foi a acolhida que demos à chamada Periferia Brasileira de Letras, aqui recebida com carinho quando de seu primeiro congresso nacional. Essa acolhida rendeu-nos a conquista de uma relação muito enriquecedora com artistas, poetas e produtores culturais dos bairros periféricos de Salvador. No mesmo compasso, aumentou muito na Casa a presença negra e também a feminina: disso se acha sinal até nas imagens que hoje enriquecem o patrimônio da ALB. Ficou claro o repúdio do sodalício a toda forma de discriminação negativa imposta de maneira perversa a grupos humanos dignos de respeito. Demonstram-no os seminários Arte e Pensamento que envolveram escritores e artistas indígenas, quilombolas e periféricos, além de membros do segmento LGBTQIA+. Essa abertura deu-se ao compasso de um considerável incremento das atividades literárias da ALB (recitais, saraus, oficinas, diálogos críticos, cursos, entrevistas, lançamentos, publicações e resenhas), em paralelo com debates sobre temas de filosofia, direito, historiografia, psicanálise, ciências sociais, comunicação etc. O leque temático das conferências, palestras e encontros promovidos pela instituição viu-se ampliado e diversificado: baste lembrar que pela primeira vez foram debatidas aqui as problemáticas da *fome* — discutida em dois notáveis simpósios — da *saúde pública* — assunto de um webnário realizado durante a pandemia — *do racismo e da violência*, temas de um seminário e de um colóquio. A *desigualdade de gênero*, na perspectiva feminista, foi trazida à baila em diferentes momentos, principalmente

na *Tribuna Edith Mendes da Gama e Abreu*, criada em 2021, que já teve quatro edições. Discutiram-se aqui questões ineludíveis na atualidade, como o impacto da inteligência artificial e o novo espectro da arte contemporânea. Foi criada a Galeria ALB Juarez Paraíso. Um colóquio internacional sobre a cinematografia de Glauber Rocha envolveu, além de membros da ALB, acadêmicos argentinos e professores da Universidade de Cambridge. Na primeira Conferência Myriam Fraga, realizada no ano passado, a Doutora Livia Natália discorreu sobre a homenageada, nossa saudosa confeiteira, e sobre os novos poetas de Salvador. Com o Observatório Baiano de Economia Criativa tratamos das festas populares da Bahia. Pela primeira vez ressoaram na Casa os toques vibrantes dos atabaques e dos berimbaus, assim como a harmonia das cameratas. Foram realizados recitais com música e leituras dramáticas, tratou-se de cinema e de histórias em quadrinhos, entre outras coisas. Prosseguir na relação tomaria muito tempo. Acrescentarei apenas as iniciativas voltadas para a proteção de bens de nosso patrimônio, destacando, quanto a isso, o restauro dos painéis de azulejos portugueses deste Palacete, um tesouro artístico que foi salvo da degradação.

Outras inovações tiveram ainda maior repercussão. Graças a uma emenda concedida pela Deputada Alice Portugal, a ALB celebrou um convênio com a UFBA que resultou na atuação de bolsistas (três professores e vinte alunos) nas bibliotecas e no arquivo da Casa. Um programa de mentoria foi implementado, com um resultado muito positivo. A ALB é hoje vista como uma Academia que dá bolsas e se preocupa efetivamente com a iniciação cultural de jovens estudantes. Por outras palavras, ela rejuvenesceu.

Apesar das crises enfrentadas, o dinamismo da Casa centenária de Arlindo Fragoso não só foi mantido como se viu incrementado. A ALB venceu editais importantes, captou recursos (um milhão de reais) e empreendeu o restauro de bens de seu patrimônio. Foi agraciada pelo Exmo. Governador da Bahia

com a mais alta comenda do Estado, depois de representar as instituições culturais baianas numa reunião que deu início às celebrações do bicentenário do Dois de Julho. Creio que basta essa sumária evocação.

Concluo desejando o máximo sucesso ao Presidente Aleilton Fonseca, meu estimado confrade e amigo. Tenho certeza de que ele fará uma bela gestão, pois sempre se destacou por seu amor à Casa, seu dinamismo e sua disposição de trabalho. Transmito-lhe agora o cargo com prazer e esperança. E passo-lhe a palavra.

Muito obrigado.

Salvador-Bahia, 10 de março de 2025.

---

Ordep Serra é professor aposentado do Departamento de Antropologia da FFCH / UFBA, é antropólogo, pesquisador, professor, escritor e tradutor, Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Estuda teoria antropológica, Etnobotânica, Antropologia da religião e Antropologia das sociedades clássicas. Publicou diversos artigos e ensaios e obras de ficção Seu livro mais recente é *Alalá do Luaréu* (2017), que tematiza as linguagens de cordel e as várias oratórias baianas. Desde 2014 ocupa a Cadeira n° 27 da Academia de Letras da Bahia, sendo seu atual presidente.

# A ALB NO CONTEXTO CULTURAL DA BAHIA

Discurso de posse como presidente

ALEILTON FONSECA

O escritor Guimarães Rosa elabora em seu romance *Grande sertão: veredas*, na voz de Riobaldo, tatarana urutu branco, um verdadeiro mantra para a travessia de todos as veredas. Ele afirma: “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquentada e esfria. Aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquietada. O que ela quer da gente é coragem”.

Coragem. É esta seiva que move os membros desta casa a continuar o ideal dos nossos fundadores, a cada março, um novo ano de trabalho. Aos 108 anos, completados em 7 de março p.p., ao empossar nova diretoria, esta casa demonstra sua vitalidade e permanência, sua notável capacidade de resistência institucional e de permanência histórica.

Com altivez e determinação, esta casa se mantém sempre aberta à comunidade baiana. Somos uma instituição centenária. Mas, como todas as Academias do mundo ocidental, temos origem remota no sopro de uma ideia milenar. No ano 387 a.C, o filósofo Platão teve a brilhante ideia de criar uma reunião de pessoas, alunos, discípulos, para pensar juntos, e promover debates filosóficos sobre política, ética, metafísica e ciência. Reuniam-se num certo jardim de Academus, herói da mitologia grega. O lugar ficava num bosque sagrado nos arredores de Atenas. Assim, simbolicamente, toda Academia é um jardim onde se cultivam

as flores das letras e do conhecimento. Os acadêmicos buscavam sabedoria, liderança, desenvolvimento do pensamento filosófico, reflexão estética. Sua metodologia era o diálogo, o estudo de textos, a investigação e a pesquisa.

A Academia não resistiu ao Império Romano. Mas permaneceu viva como ideia. Ressurgiu em 1635, na França, quando o Cardeal de Richelieu, primeiro-ministro do rei Luís XIII, de 1624 a 1642, oficializou a Academia Francesa como órgão de estado, com o objetivo de sistematizar a língua francesa, cuidar de seu vocabulário, sua ortografia, sua sintaxe, sua semântica, sua filologia e sua literatura.

A partir do modelo da Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897, presidida por Machado de Assis, criada nos moldes da Academia Francesa de 1635, com o objetivo de cultivar a língua e a literatura nacional, surge a nossa Academia de Letras da Bahia, fundada em 7 de março de 1917, por Arlindo Fragoso, engenheiro, escritor e político, natural de Santo Amaro (nascido em 1865 e falecido em 1926, em Salvador).

O artigo 1º do nosso Estatuto reza que a ALB: “tem por objetivos o cultivo da língua e da literatura nacionais, a preservação da memória cultural baiana e o amparo e estímulo às manifestações da mesma natureza, inclusive nas áreas das ciências e das artes”. Esta é a sua natureza intrínseca e visceral como uma casa das Letras, acrescentando-se os desdobramentos e a abrangência que o pensamento acadêmico contemporâneo aponta como horizontes necessários de sua atuação cultural e social.

Conheci esta Academia em 1984, – lá se vão 40 anos. 20 anos depois, em 2004, fui eleito para ocupar a Cadeira nº 20. Eleito em 21 de novembro de 2024, vinte anos depois, hoje sou o 20º presidente a tomar posse. Tive a oportunidade de conviver com sete presidentes. Sou testemunha e aprendiz de seus esforços e dedicação para dirigir a casa pelos melhores caminhos. Agradeço a todos os presidentes e à presidente Evelina Hoisel, que conduziu a Academia brilhantemente no seu centenário em 2017. Peço-lhes vênua, para fazer uma homenagem aos dois saudosos presidentes que conheci e que já não estão entre nós.

O Prof. Cláudio Veiga foi presidente de 1981 a 2007, 26 anos de extrema dedicação a esta casa. Ele instalou a ALB neste Palacete Góes Calmon em 7 de março de 1983. Liderou a implantação de uma nova concepção de Academia, de portas abertas às pessoas, aos jovens escritores em geral, aos estudantes de Letras, convidando-os para frequentar palestras e cursos, sobretudo o tradicional Curso Castro Alves, além de convidar professores, ensaístas e escritores para fazer palestras, ministrar cursos, participar das reuniões abertas, e publicar na Revista da Academia. Um presidente inesquecível.

O acadêmico Edivaldo Boaventura presidiu a confraria de 2007 a 2011. Aprofundou a abertura da Academia, com seu dinamismo e sua diplomacia. Encaminhou a discussão do Estatuto, sendo então relator o acadêmico Aramis Ribeiro Costa, que viria a ser seu sucessor, e que conduziu, em 2013, a posse de Mãe Stella de Oxóssi, um dos momentos mais sublimes desta casa, ao conferir a imortalidade acadêmica à escritora negra, Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, de Salvador.

Um marco da gestão do Prof. Edivaldo Boaventura foi a extinção da cláusula de Residência. Antes só podiam ser eleitas pessoas residentes em Salvador. Extinta a barreira, a Academia pode eleger João Ubaldo Ribeiro, Antônio Torres, Antonio Brasileiro, Muniz Sodré e Maria Bethânia. Boaventura prezava o conceito da boa convivência acadêmica, embasada na fidalguia e na cordialidade absoluta. Um presidente memorável.

As Academias de Letras são instituições associativas formadas por escritores, artistas, poetas e intelectuais de diversas áreas do saber com o objetivo de preservar, incentivar e promover atividades culturais, literárias e educativas em proveito da sociedade que representa. A Academia é uma instância de reconhecimento e de promoção. É seu objetivo divulgar, valorizar, editar obras literárias e manter obras de arte e de conhecimento, de valor estético, social, filosófico, científico e histórico produzidas por autores baianos, antigos ou contemporâneos, sejam seus membros ou não.

Ela existe para a sociedade, com sua diversidade de expressão e valores, no campo das linguagens, das escritas, dos discursos, das práticas, das experiências.

A ALB é uma das casas das culturas baianas. Por seus portões e portas, jardins e corredores, mesas e auditórios circulam e devem sempre circular os saberes, os imaginários, as identidades, os acordes, os gestos, as danças, os movimentos, os falares, as poéticas das culturas baianas, na sua diversidade, na sua pluralidade criativa. Esta é uma casa de diálogos constantes e inclusivos, com respeito e acolhimento às diferenças, aos diversos conhecimentos, às tradições e às inovações. A poesia, a narrativa, o teatro, a oralidade, a pintura, a escultura, a música, a dança, o cordel, o cinema e as demais expressões criativas representam essa pluralidade que nos caracteriza como povo e como país.

Presidente Ordep Serra, toda diretoria que encerra seu mandato deixa um legado que se acrescenta à história da instituição. Nós o cumprimentamos, junto com sua diretoria, pelo seu intenso trabalho, comprovado em relatórios e evidências. Agradecemos pela condução do processo eleitoral e, em seguida, o período de transição, através de diálogos constantes, com o compartilhamento de relatórios, informações, projetos e sugestões. Vamos continuar o trabalho.

As Academias não devem ser ilhas isoladas. Elas podem formar redes de ação, num movimento de agregação e motivação, com base na parceria e na reciprocidade. Esse princípio nos une e nos fortalece. Prova disso é a presença da RICA neste auditório, com representantes de diversas Academias baianas. Nossa gratidão pelo apoio e pela presença.

A atuação da RICA tem apontado um caminho fértil – De fato, a Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia – projeto de extensão da ALB, reunindo as Academias dos municípios, em diferentes territórios culturais, demonstra a força e a viabilidade das parcerias, em ações de formação e incentivo de leitores, encontros literários, saraus on line, maior participação em eventos literários. A ampliação das ações

da Rede de Integração pode movimentar a vida acadêmica, intensificando as informações, os diálogos e as parcerias entre as Academias, nos seus territórios e no estado. Isso pode possibilitar uma maior ação de incentivo à leitura nas escolas, criação de clubes de leitura, com a elaboração e distribuição de antologias e coletâneas de autores baianos.

São viáveis e exequíveis as parcerias com instituições culturais de promoção do livro e da leitura, no Brasil, e com algumas instituições estrangeiras que cultivam as literaturas lusófonas, como formas de ampliar nossa ação cultural com resultados concretos em publicações de textos em livros e revistas. Além de mantermos os convênios e termos de cooperação que recebemos da gestão do Prof. Ordep Serra, já estamos firmando parcerias com a Cátedra Fidelino de Figueiredo/UNEB, a Fundação Casa de Jorge Amado, a União Europeia dos Escritores de Língua Portuguesa, da França, a Rádio Nova da Língua Portuguesa, um projeto na Espanha, todos com projetos de lives, mesas, colóquios literários no Brasil e no exterior.

A oferta de cursos e colóquios como o curso Castro Alves, Colóquio de Literatura Baiana, com a publicação de livros com os estudos sobre os autores baianos pode ser ampliada, com a participação das Academias. A retomada do Curso Jorge Amado, junto com a Fundação Casa de Jorge Amado, ampliado com o Colóquio de Literatura Brasileira, e publicações dos trabalhos apresentados estende nosso alcance ao nível nacional, com mais um livro anual de referência.

A criação de um fórum de pesquisadores de literatura baiana é uma forma de incentivar projetos de estudos de nossos autores, ampliando a nossa bibliografia. O incentivo à criação literária se concretiza na retomada do Concurso Literário Nacional da ALB, como uma necessidade inadiável a ser cumprida.

As parcerias são fundamentais, entre as Academias e com as Universidades, e entidades culturais nacionais e estrangeiras, visando a uma gradativa inserção da ALB no exterior, com perspectivas de divulgação de autores e obras em antologias e coletâneas, e em edições e eventos internacionais.

Se estamos no jardim de Academus, vamos plantar nossas flores. Para cultivar o jardim, é preciso vislumbrar os caminhos que a poesia aponta aos olhos que desejam semear, cuidar, colher e apreciar. Cada momento é único, como cada rosa no canteiro. O tempo pode ser de inverno ou primavera, e nós podemos convidar a todos para plantarmos flores, podarmos os espinhos e colhermos os frutos do outono e do verão. Quem cultiva flores, está perto de sorrir. As flores ensinam o pacto de convivência nos canteiros, e inspiram os que as amam a ter os espíritos mansos e cooperativos, juntos combatem as pragas e preparam a terra fértil.

A Academia não é o conjunto de paredes, piso e teto, em cuja porta está escrito o seu nome. A Academia são os acadêmicos e acadêmicas, estas pessoas sentadas à frente, reunidas nesta sessão solene, todos e todas reunidos sob um único ideal: cultivar, reconhecer e multiplicar o conhecimento, nas suas diversas manifestações e formas, na acepção criativa, humanista e social.

Esta Academia soma uma numerosa coleção de obras de arte e de saberes, livros e compêndios produzidos ao longo de anos de aprendizagem e docência, pesquisa, reflexão, criação e trabalho. Uma verdadeira biblioteca que, somando-se todos os acadêmicos do passado, que totalizam 238 autores e autoras, compõe uma vasta produção intelectual, na literatura e nas diversas áreas do conhecimento.

A Academia é o conjunto dessas experiências de vida, de sensibilidade, de talentos, de saberes acumulados, de esperanças e sonhos de pessoas conscientes de sua trajetória e do seu papel na vida e no seu momento histórico. Por isso, devemos todos considerar que a Academia é múltipla, diversa e plural.

Somos todos cidadãos e cidadãs com diferentes origens, formações, carreiras, visões de mundo. A convivência acadêmica nos congrega em torno do que nos une, no ideal das letras, da cultura, do conhecimento e da cidadania. Como intelectuais, somos atentos, críticos e proativos. Como testemunhas da vida cotidiana,

nos expressamos como escritores, profissionais, sujeitos culturais e cidadãos, com consciência crítica acerca da sociedade em que vivemos, com suas penosas origens históricas, suas carências sociais e seus desafios institucionais. Estamos e estaremos atentos, no papel social que as instituições culturais devem ter para com o país e seus cidadãos, em busca de justiça social, educação plena e bem-estar para toda a sociedade. Assim as Letras participam, a seu modo e método, da construção cotidiana da cidadania, em busca de um país mais justo, democrático e plural. Como vaticina o poeta Carlos Drummond de Andrade, num emblemático poema:

“O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.

Muito obrigado.

Salvador-Bahia, 10 de março de 2025.

---

Aleilton Fonseca é escritor e professor pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana, autor de livros de poesia, conto, ensaio e romance, como *O desterro dos mortos* (2001), *Nhô Guimarães* (2006), *O pêndulo de Euclides* (2009) e *O arlequim da Panliceia* (2012). Alguns de seus livros foram traduzidos para outros idiomas, como francês, espanhol e italiano. Seu livro *A Terra em Pandemia* (Editora Mondrongo, 2020) foi traduzido na Itália como *La Terra in Pandemia* (Milano: Edizione WE, 2021). Recentemente publicou o livro de contos *Sonhos de viver* (Salvador: Caramurê, 2022). Pertence à Academia de Letras Ilhéus e à Academia de Letras de Itabuna. Desde 2005 ocupa a Cadeira n° 20 da Academia de Letras da Bahia, sendo seu presidente no biênio março 2025/março 2027.



# SAUDAÇÃO AO ENGENHEIRO, NAVEGADOR E ESCRITOR ALEIXO BELOV NA CONCESSÃO DA MEDALHA ARLINDO FRAGOSO

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

Aleixo Belov chegou à Bahia com seis anos de idade trazido pelos pais fugindo da ocupação nazista da Ucrânia onde nasceu em 1943. Ainda criança ganhou uns óculos de mergulho e quando mergulhava na praia do Bogari brincando com os peixinhos foi picado por uma “caravela” e nunca mais conseguiu se libertar do oceano.

Com a maioria adotou a cidadania reconcavina e brasileira, entrou na Escola Politécnica da UFBA onde se formou em 1967 como Engenheiro Civil. Militou durante alguns anos como docente da Disciplina Portos, daquela faculdade. Fundou pouco depois a Belov Engenharia Ltda, especializada em engenharia submarina onde realizou grandes obras em vários estados brasileiros. Obrigado a viajar com frequência, renunciou à docência na UFBA.

Pelo amor ao mar construiu no fundo de sua casa, na Caixa D'Água, o veleiro Três Marias, de 36 pés, em fibra de vidro para se certificar que a Terra é redonda e fez sua primeira viagem de circum-navegação solitária enfrentando os riscos das intempéries, de piratas em portos estrangeiros e de eventuais doenças que durou 14 meses, de 16/03/1980 a 23/05/1981. Visitou 17 portos e percorreu 26.000 milhas. Ao retornar, recebeu da Marinha do Brasil o diploma de primeiro navegador brasileiro

a completar em solitário a circum-navegação do mundo. Fotografando, filmando, adquirindo obras de arte e de artesanato e anotando suas impressões de viagem compartilhou essa experiência no livro *A Volta ao Mundo em Solitário*.

Em 15/03/1986, voltou ao mar passando 21 meses girando o mundo, quando visitou 46 portos e percorreu 30.000 milhas, completando sua segunda volta ao mundo solitário. Fluente no inglês, no francês, no espanhol e no russo contou os contatos humanos desta experiência na trilogia: *Em Busca do Oriente*, *Em Busca das Raízes* e *A Caminho de Casa*.

Passaram-se alguns anos sem viajar, porque estava se dedicando a criar três filhos, à divulgação dos últimos três livros e porque resolveu ampliar sua empresa para que pudesse deixá-la funcionando enquanto navegasse. Faz mais uma viagem solitária e publica *3ª Volta ao Mundo do Veleiro Três Marias*.

Querendo retribuir a ajuda que recebeu de outras pessoas para se tornar o navegador que é, resolveu construir um barco maior com casco de aço, o Veleiro-Escola Fraternidade, a fim de dar voltas ao mundo com jovens alunos. Foi essa experiência que narra no seu sexto livro, *A Quarta Volta ao Mundo, a Bordo do Veleiro-Escola Fraternidade*, com um vídeo da viagem. Ao retornar, recebeu da Presidente da República, Dilma Rousseff duas medalhas e o diploma de Cavaleiro da Ordem do Mérito Naval. Faltava levar seus alunos ao Polo Sul e realizou mais uma viagem registrada em *O Veleiro-Escola Fraternidade na Antártica*.

Para conhecer melhor o Pacífico Norte, programou, em 2016, uma viagem ao Alaska, que durou 20 meses, completando a sua quinta volta ao mundo e publica *Alaska, Muito Além da Linha do Horizonte*. Desde que construiu o Fraternidade já ofereceu 60 bolsas para alunos brasileiros aprenderem a navegar pelos mares do mundo, tudo patrocinado pela sua empresa de engenharia. Em homenagem aos mestres com quem aprendeu a enfrentar o mar, resolve escrever um livro de memórias: *Minhas viagens com outros comandantes*.

Durante a enfermidade e convalescência do Covid-19, amigos sugeriram-lhe fazer um museu tendo como tema as viagens no Três Marias, ideia que evoluiu para a compra de um casarão no Centro Histórico de Salvador, em que o famoso barco entrou pelo telhado. Ali ele pôde exibir todos os objetos que recolheu ao longo de suas viagens ao redor do mundo, fotos e vídeos. Surge assim o Museu do Mar Aleixo Belov, museu interativo dos mais modernos do país, inaugurado em dezembro de 2021. Comprou ainda e restaurou outro sobrado em Santo Antônio Além do Carmo, para sede da Fundação Aleixo Belov, responsável pela manutenção e gestão do museu.

Só depois de concretizada esta ideia, ele decide viajar novamente. Agora enfrentando uma das aventuras mais perigosas do mundo, o cruzamento da Calota Ártica. Durante o século XIX muitos navegadores tentaram isso sem sucesso. Só o norueguês Roald Amundsen conseguiu isso numa expedição entre 1903 a 1906. Esta passagem só é possível do Pacífico para o Atlântico, na chamada Passagem Noroeste. Belov realiza esta façanha, com seus alunos aos 79 anos de vida. Aventureiro como o velho Santiago de Hemingway, sai de Salvador em 05/02/2022, atravessa o Canal do Panamá e espera no Pacífico Norte a janela se abrir, o momento exato de cruzar o Ártico, e retornar a Salvador, em 12/11/2022. Lança então seu 11º livro: *Passagem Noroeste, 2022*.

Além dos títulos recebidos já mencionados, recebeu homenagens de duas turmas da sua Escola Politécnica da UFBA; foi eleito Patrono de Turma de Formandos em Engenharia Mecânica da UNIFACS, recebeu a Medalha Amigo da Marinha do Brasil e os títulos de Cidadão de Salvador e de Simões Filho.

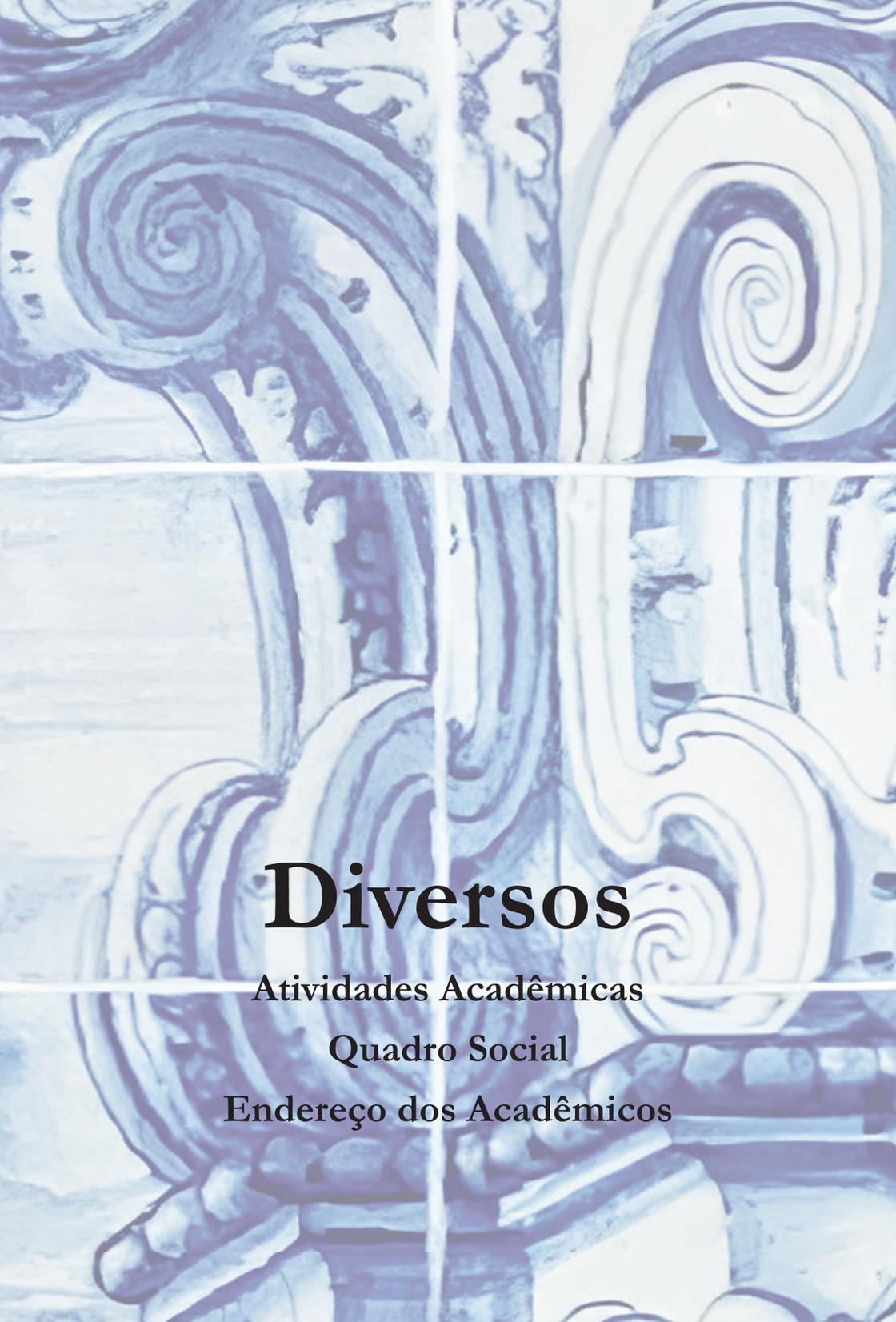
No próximo mês de abril, Belov parte com o Veleiro-Escola Fraternidade e seus alunos para a Sibéria e escrever mais um livro de aventuras. Ulisses baiano, ele veleja há 50 anos sempre acompanhado de sereias e protegido por Netuno para voltar ao Reino de Ítaca que recriou em seus sonhos, ou seja "A Caminho de Casa", título de um dos seus primeiros livros.

Em reconhecimento pelos seus excepcionais méritos como engenheiro, empresário, mergulhador, velejador, aventureiro, construtor naval, arrais, escritor, colecionador de arte e museólogo e por levar o nome da Bahia ao mundo, a Academia de Letras da Bahia concede, com muita honra, a Aleixo Belov sua maior homenagem, a Medalha Arlindo Fragoso, nosso fundador e da sua Escola Politécnica da UFBA. Salve Aleixo Belov!

Salvador, ALB em 27 de março de 2025

---

Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto e urbanista (UFBA), com Doutorado em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza (1970). É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e escritor. Coordenou o *Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia*, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. Recebeu a Medalha Mário de Andrade, do IPHAN, em 2017, e a Medalha Edgar Graff, do IAB-BR em 2019. É autor de livros em sua especialidade e de projetos de restauração. Publicou, como organizador, o livro *Thales Azevedo, a arte de escrever e pintar* (Edufba, 2015), e também *A memória das pedras: contos e crônicas* (ALBA, 2017) e *Navegação Errante: Memórias de Viagens* (Mondrongo, 2021). Desde 1991 ocupa a Cadeira nº 2 da Academia de Letras da Bahia.

The background of the entire page is a monochromatic blue-toned abstract artwork. It features a central vertical line that divides the composition into two halves. On either side, there are intricate, swirling patterns that resemble stylized faces or organic forms. The colors range from light, almost white, to deep, dark blues. The overall effect is one of complex, layered textures and organic movement.

# Diversos

Atividades Acadêmicas

Quadro Social

Endereço dos Acadêmicos



## Atividades Acadêmicas 2024



Foto: Maurício Índio

Posse da Diretoria (março 2025- março 2027). 10.03.2025

### Fevereiro

#### **19 de fevereiro – 19h - YouTube da ALB**

Programa Palavra & Ponto.

Apresentador: Marcus Vinícius Rodrigues.

Convidado: Jorge Augusto (poeta e professor).

#### **28 de fevereiro – 18h - Sede da ALB**

Lançamento do Livro "É fragrante fojado dôtor vossa excelência", de Carla Akotirene.

Evento em parceria com o Instituto Juristas Negras.

### Março

#### **04 de março – 19h - YouTube da ALB**

Programa Palavra & Ponto.

Apresentador: Marcus Vinícius Rodrigues.

Convidado: Jovina Souza.

**07 de março - 19h - Sede da ALB**

Abertura do Ano Acadêmico.

**07 de março – 19h - YouTube da ALB**

Programa Palavra & Ponto.

Apresentador: Marcus Vinícius Rodrigues.

Convidado: Anderson Shon.

**11 de março - 19h às 21h - Google Meet**

Reunião Extraordinária.

**15 de março - 18h às 20h - Google Meet**

Assembleia Geral Extraordinária.

**21 de março - 17h - Sede da ALB**

Palestra “Novos diálogos: por um cordel remoçado”.

Palestrante: Edilene Matos.

**27 de março - 17h às 19h - Sede da ALB/Google Meet**

Reunião Extraordinária.

**28 de março – 18h - Sede da ALB**

Livros na Mesa: “O Corpo é uma Foto no Escuro”.

Lançamento do livro de Nívia Maria Vasconcelos.

**28 de março – 19h - YouTube da ALB**

Programa Palavra & Ponto especial “Eros sobre os abismos”.

Apresentador: Marcus Vinícius Rodrigues.

**Abril**

**02 de abril - 13h15 - Sede da ALB**

Cerimônia de Assinatura de Termo de Cooperação com o Instituto Juristas Negras.

Presença da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia: visita guiada com apenadas.

**04 de abril – 19h - YouTube da ALB**

Programa Palavra & Ponto.

Apresentador: Marcus Vinícius Rodrigues.

Convidado: Kátia Borges.

**06 de abril - 15h às 18h - Google Meet**

Oficina de Contos.

Oficineiro: Marcus Vinícius Rodrigues.

**10 de abril – 8h às 12h - Sede da ALB**

I Encontro Nacional da Periferia Brasileira de Letras.

Café da manhã e primeira reunião nacional da PBL.

**10 de abril – 19h - Sede da ALB**

ALB em Roda: “Amar Verbo Transitivo”.

Lançamento do Livro da Mostra Amar Verbo Transitivo, de Patrícia Si Barreto.

Bate-papo com artistas, escritoras e organizadoras do livro.

**13 de abril - 15h às 18h - Google Meet**

Oficina de Contos.

Oficineiro: Marcus Vinícius Rodrigues.

**17 de abril - 17h às 19h - Sede da ALB/Google Meet**

Reunião Extraordinária da Diretoria.

**20 de abril - 15h às 18h - Google Meet**

Oficina de Contos.

Oficineiro: Marcus Vinícius Rodrigues.

**25 de abril – 17h - Sede da ALB**

Lançamento do livro "A infinita Clô", de Clotilde Sampaio e Vitória Régia Sampaio.

**27 de abril - 15h às 18h - Google Meet**

Oficina de Contos.

Oficineiro: Marcus Vinícius Rodrigues.

**29 de abril – 19h - YouTube da ALB/Site**

Lançamento virtual da Revista da ALB Nº 62.

**Maio**

**06 de maio - 17h às 19h - Sede da ALB/Google Meet**

Assembleia Geral.

**09 de maio – 18h - Sede da ALB**

Lançamento do livro "O Impeachment na América Latina".

**16 de maio – 18h - Sede da ALB**

Lançamento do livro “Cancioneiro Geral [1962-2023]”, de José Carlos Capinam.

**24 de maio – 18h - Sede da ALB**

Livros na Mesa: “Vozes do nosso Tempo” e “Contos Seleccionados”  
Lançamento dos livros “Vozes do nosso Tempo”, de Aleilton Fonseca, e “Contos Seleccionados”, de Carlos Ribeiro.

**27 de maio – 14h às 16h - Sede da ALB**

Visita Guiada com o Grupo de Arte Popular A Pombagem.

**28 de maio – 17h - Sede da ALB**

Lançamento da nova edição de "Cachoeira e seu Município - Escorço Físico, Político, Econômico, e Administrativo", do historiador Pedro Celestino da Silva.

**Junho**

**04 de junho – 16h30 Às 17h30 - Google Meet**

Reunião da Comissão Especial do Estatuto.

**05 de junho – 16h30 Às 18h30 - Google Meet**

Reunião da Comissão Especial do Estatuto.

**06 de junho – 14h30 Às 17h30 - Sede da ALB/YouTube**

Encontros ALB: 8ª Semana Nacional de Arquivos.

Mediadora: Ivana Severino.

**06 de junho – 19h - YouTube da ALB**

Poesia na Academia ANO III: “60 anos de saudade de Cecília Meireles.

Coordenadora: Heloísa Prazeres.

**10 de junho – 14h - Sede da ALB/YouTube**

Colóquio 500 anos de Camões - V Centenário do Nascimento de Luís de Camões.

Evento em parceria com a Universidade Federal da Bahia, Universidade do Estado da Bahia e Cátedra Fidelino Figueiredo.

Coordenador: Aleilton Fonseca.

**11 de junho – 16h30 Às 18h30 - Google Meet**

Reunião da Comissão Especial do Estatuto.

**13 de junho – 19h - Sede da ALB**

Sessão Especial em Homenagem ao Centenário do escritor Zitelmann José Santos de Oliva.

Pronunciamento do Acadêmico João Carlos Salles - Cadeira 32.

**14 de junho – 16h Às 18h30 - Google Meet**

Reunião da Comissão Especial do Estatuto.

**19 de junho – 17h Às 19h - Google Meet**

Reunião Ordinária.

## Julho

**01 a 31 de julho – 12h - Site da ALB**

Lançamento do Edital da Mentoria.

**04 de julho – 15h às 17h - Sede da ALB**

Reunião da Associação Goethe da Bahia.

**08 de julho – 15h às 16h - Sede da ALB**

Camerata Quadro Solar da Orquestra Sinfônica da Bahia.  
Recitação: Edvard Passos.

**10 de julho – 15h às 16h - Sede da ALB**

Palestra “Governança de IA e Epistemologias do Sul”.  
Palestrante: Paola Cantarini.

**12 de julho – 15h às 17h - Sede da ALB**

Reunião do Fórum do Patrimônio.

**22 de julho – 15h às 17h - Sede da ALB**

Ensaio do Grupo de Arte Popular de Rua A Pombagem.

**23 de julho – 17h - Sede da ALB**

Seminário de Arte e Pensamento da Periferia e Assinatura do Termo de Cooperação Técnica com o Grupo de Arte Popular de Rua A Pombagem.

Palestrantes: Fabrício Brito, Mianga Gavião e Ailton Ferreira.  
Intervenções artísticas: Slam das Mulé e A Pombagem.

**29 de julho – 15h às 17h - Sede da ALB**

Defesa de Tese de Doutorado “Soteropóetica: Matriz do Teatro Carnaval de Salvador”.

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

Doutorando: Edvard Passos.

**29 de julho – 16h30 às 18h30 - Google Meet**

Reunião da Comissão Especial do Estatuto.

**31 de junho – 14h30 Às 17h30 - Sede da ALB/YouTube**

19º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia (SNHCT).

Evento em parceria com a Universidade Federal da Bahia.

## **Agosto**

### **01 de agosto – 19h - YouTube da ALB**

Poesia na Academia ANO III: “100 anos da obra de Manoel Bandeira”.

Coordenadora: Heloísa Prazeres.

### **06 de agosto – 16h30 às 18h30 - Google Meet**

Reunião da Comissão Especial do Estatuto.

### **12 de agosto – 15h às 17h - Sede da ALB**

Entrevistas com candidatos e candidatas do Programa de Mentoria.

### **13 de agosto – 15h às 17h - Sede da ALB**

Encontros ALB: Visita dos Mestres Griôs da Capoeira da Bahia.

Evento em parceria com a Salvaguarda da Capoeira da Bahia.

### **15 de agosto – 17h às 19h - Google Meet**

Reunião Ordinária.

### **16 de agosto – 18h - Sede da ALB**

Livros na Mesa: “No Banco – Os Valores de Ngunji à mesa dos Drongos”.

Lançamento do romance do escritor angolano João Kaveto.

### **27 de agosto - 09h30 - Sede da ALB**

I Encontro do Programa de Aproximação com as Escolas.

Reunião com docentes e coordenadores do Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão Severino Vieira.

### **29 de agosto – 18h - YouTube da ALB**

Poesia na Academia Ano III: “A poesia plástica e musical de Sosígenes Costa”.

Coordenadora: Heloísa Prazeres.

### **30 de agosto – 17h - Sede da ALB**

Livros na Mesa: “Escrever no grão de pólen: antologia de haicais do Brasil contemporâneo”, “A mão no escuro. Antologia poética” e “Rosas de Jericó”.

Lançamento dos livros dos organizadores Alexandre Bonafim, Fábio Júlio e Viviane Viana Machado; do escritor Roberval Pereyr; e do escritor Johny Guimarães.

## **Setembro**

### **03 de setembro – 15h às 16h - UFRB**

Conferência Patrimônio Cultural Afro-Brasileiro no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- CECULT.

Conferencista: Ordep Serra.

Mediadora: Tina Melo.

### **03 de setembro - 19h - Google Meet**

Reunião extraordinária.

### **04 de setembro – 17h - Sede da ALB**

Livros na Mesa: “Nossa casa alheia” e "Canto à lavra do tempo". Lançamento dos livros de Heloísa Prazeres e Renato de Oliveira Prata.

### **05 de setembro – 17h às 19h - Google Meet**

Reunião da Comissão Especial do Estatuto.

### **06 de setembro – 17h às 18h - Sede da ALB**

Reunião ordinária da Associação Baiana de Artistas Plásticos e Visuais (ABARVI).

### **09 de setembro – 9h às 13h - Sede da ALB**

Visita Guiada com estudantes do Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão Severino Vieira, como parte do Programa de Aproximação com as Escolas da ALB.

**10 de setembro - 14h30 às 15h15 - Sede da ALB**

Reunião Geral do Programa de Mentoria.

**10 de setembro – 15h30 - Sede da ALB**

Camerata Quarteto Novo da Orquestra Sinfônica da Bahia.

**11 de setembro - 17h - Sede da ALB**

Encontros ALB: Roda das Artes.

**12 de setembro – 10h - Sede da ABI**

III Simpósio Baiano de Jornalismo e Literatura: Verdade e Liberdade de Expressão - Evento em parceria com a Associação Bahiana de Imprensa e o Gabinete Português de Leitura. Palestrantes: João Filgueira (Universidade de Coimbra), Suzana Barbosa (UFBA), Frederico Oliveira (INCTDD/UFBA), Lucas Reis (ABMD), Paulo Ormino, Carlos Ribeiro e Emiliano José. Homenageados: Diário do Centro do Mundo, Dom Phillips (in memoriam), Flávio VM Costa e Juliana Dal Piva.

**13 de setembro - 18h30 - TV ALBA**

Programa Papo das Artes, em parceria com a TV ALBA.

Apresentadora: Lia Robatto.

Convidado: Gil Vicente Tavares.

**14 de setembro - 18h - TV ALBA**

Programa Livros à Mão Cheia, em parceria com a TV ALBA.

Apresentador: Marcos Vinícius Rodrigues.

Convidada: Rita Santana.

**18 de setembro – 9h às 11h - Sede da ALB**

Visita Guiada com o Cônsul de Portugal.

**19 de setembro - 19h - Sede da ALB**

Cerimônia de Assinatura do Protocolo de Intenções com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).

Presença da Magnífica Reitora Luzia Matos Mota.

**23 a 27 de setembro – 14h - Sede da ALB**

Oficina “Tudo Métrica e Rima num Caderno”.

Oficineiro: Alex Simões.

**25 de setembro – 18h - Sede da ALB**

Livros na Mesa: “Heidegger na Caverna”.

Lançamento do livro de Ordep Serra.

**26 de setembro – 13h30 às 17h - Sede da ALB**

Visita Guiada com estudantes do Colégio Águia do Brasil - Bahia.

**27 de outubro - 18h30 - TV ALBA**

Programa Papo das Artes, em parceria com a TV ALBA.

Apresentadora: Lia Robatto.

Convidado: Chico Mazzoni.

**28 de setembro - 18h - TV ALBA**

Programa Livros à Mão Cheia, em parceria com a TV ALBA.

Apresentador: Marcos Vinícius Rodrigues.

Convidado: Breno Fernandes.

## **Outubro**

02 de outubro – 17h às 19h - Google Meet

Reunião Ordinária.

**10 de outubro – 17h - Sede da ALB**

ALB Convida: “Antigamente e nunca mais - Crítica cultural na crônica de Ruy Espinheira Filho”.

Palestrante: Carlos Ribeiro.

**11 de outubro - 18h30 - TV ALBA**

Programa Papo das Artes, em parceria com a TV ALBA.

Apresentadora: Lia Robatto.

Convidada: Inaicyrá Falcão.

**12 de outubro - 14h às 18h - Google Meet**

Oficina Itinerário do conto: Homenagem a Hélio Pólvora.

Oficineiro: Marcus Vinícius Rodrigues.

**12 de outubro - 18h - TV ALBA**

Programa Livros à Mão Cheia, em parceria com a TV ALBA.

Apresentador: Marcos Vinícius Rodrigues.

Convidada: Livia Natália.

**15 de outubro - 10h às 11h - Google Meet**

Reunião do Programa de Mentoria.

**16 a 18 de outubro – 14h - Sede da ALB**

Curso Castro Alves 2024 – XVII Colóquio de Literatura Baiana.

Coordenação: Aleilton Fonseca.

**19 de outubro - 14h às 18h - Google Meet**

Oficina Itinerário do conto: Homenagem a Hélio Pólvora.

Oficineiro: Marcus Vinícius Rodrigues.

**21 de outubro – 17h às 19h - Google Meet**

Reunião Ordinária.

**24 de outubro – 17h - Sede da ALB**

ALB Convida: “A literatura no cinema: filme como leitura e tradução”.

Palestrante: Décio Torres Cruz.

**25 de outubro - 18h30 - TV ALBA**

Programa Papo das Artes, em parceria com a TV ALBA.

Apresentadora: Lia Robatto.

Convidado: Mário Ullôa.

**26 de outubro - 14h às 18h - Google Meet**

Oficina Itinerário do conto: Homenagem a Hélio Pólvora.

Oficineiro: Marcus Vinícius Rodrigues.

**27 de outubro - 18h - TV ALBA**

Programa Livros à Mão Cheia, em parceria com a TV ALBA.  
Apresentador: Marcos Vinícius Rodrigues.  
Convidado: Tiago D. Oliveira.

**28 de outubro – 17h às 19h - Google Meet**

Assembleia Geral.

**29 de outubro – 18h - Sede da ALB**

Mesa “Fome e Literatura”.  
Palestrantes: Eliane Oliveira (MST), Emiliano José e Tiago Pereira (Bahia Sem Fome).  
Mediador: Ordep Serra.

**30 de outubro – 19h - Sede da ALI**

Mesa “As formas fixas da poesia: Poetrix, uma proposta poética para o novo milênio”.  
Evento em parceria com a Academia de Letras de Ilhéus (ALI) e a Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia (RICA).  
Palestrantes: Aleilton Fonseca, Goulart Gomes e Pawlo Cidade.  
Coordenador: Pawlo Cidade.

**31 de outubro – 14h - Colégio Municipal Osmário Batista (Canavieiras-BA)**

Palestra “Romance e processo de criação e escrita criativa”.  
Evento em parceria com a Academia de Letras de Ilhéus (ALI), Academia de Letras e Artes de Canavieiras (ALAC) e a Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia (RICA).  
Palestrante: Pawlo Cidade.  
Apresentação: Aleilton Fonseca.  
Coordenadores: Tácio Dê Boaventura Santos e Elinete Carvalho Damasceno dos Anjos.

**31 de setembro – 14h às 15h30 - Sede da ALB**

Visita Guiada com estudantes do Colégio Central da Bahia, como parte do Programa de Aproximação com as Escolas da ALB.

**31 de outubro – 19h - YouTube da ALB**

Poesia na Academia ANO III: “Cyro de Mattos: uma poética múltipla”.

Coordenadora: Heloísa Prazeres.

**31 de outubro – 19h30 - Colégio Paulo Freire (Canavieiras-BA)**

Palestra “Romance e processo de criação e escrita criativa”.

Evento em parceria com a Academia de Letras de Ilhéus (ALI), Academia de Letras e Artes de Canavieiras (ALAC) e a Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia (RICA).

Palestrante: Pawlo Cidade.

Apresentação: Aleilton Fonseca.

Coordenadores: Tácio Dê Boaventura Santos e Elinete Carvalho Damasceno dos Anjos.

**Novembro**

**01 de novembro – 8h30 às 12h - Sede da ALB**

Visita Guiada com estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Salvador - UNIFACS.

**07 de novembro - 14h às 17h - Sede da ALB**

Oficina “O projeto do projeto: como começar um romance”.

Oficineiro: Davi Boaventura.

**07 de novembro – 19h - Sede da ALB**

ALB Convida: “Leitura Dramática de Johann Wolfgang von Goethe”.

Evento em parceria com a Associação Goethe da Bahia.

Intérpretes: Bertrand Duarte, Jefferson Beltrão e Larissa Iten.

**08 de novembro – 17h - Sede da ALB**

Livros na Mesa: “O Sorriso da Estrela” e “Revista ESCRITA”.  
Lançamento do livro de Aleilton Fonseca.

**08 de novembro - 18h30 - TV ALBA**

Programa Papo das Artes, em parceria com a TV ALBA.  
Apresentadora: Lia Robatto.  
Convidado: Eusébio Lobo.

**09 de novembro - 18h - TV ALBA**

Programa Livros à Mão Cheia, em parceria com a TV ALBA.  
Apresentador: Marcos Vinícius Rodrigues.  
Convidado: Franklin Carvalho.

**12 de novembro – 18h - Sede da ALB**

Visita Guiada com estudantes do curso de Direito da Universo.

**12 de novembro - 19h - Sede da ALB**

Conferência Myriam Fraga: “Senhora-poesia: a voz perene da palavra”.  
Conferencista: Nívia Nathália.

**14 de novembro - 14h às 17h - Sede da ALB**

Oficina “O projeto do projeto: como começar um romance”.  
Oficineiro: Davi Boaventura.

**21 de novembro - 9h às 17h - Sistema de Votação Online**

Eleição da nova Diretoria para o Biênio 2025-2027.

**21 de novembro - 14h às 17h - Sede da ALB**

Oficina “O projeto do projeto: como começar um romance”.  
Oficineiro: Davi Boaventura.

**21 de novembro - 17h às 18h - Google Meet**

Apuração da Eleição da nova Diretoria para o Biênio 2025-2027.  
Eleita: Chapa ALB.

**22 de novembro – 16h às 18h - Sede da ALB**

Reunião Extraordinária da Associação Baiana de Artistas Plásticos e Visuais (ABARVI).

**22 de novembro - 18h30 - TV ALBA**

Programa Papo das Artes, em parceria com a TV ALBA.

Apresentadora: Lia Robatto.

Convidado: Ayrson Heráclito.

**23 de novembro - 18h - TV ALBA**

Programa Livros à Mão Cheia, em parceria com a TV ALBA.

Apresentador: Marcos Vinícius Rodrigues.

Convidada: Kátia Borges.

**26 de novembro – 14h - Sede da ALB**

Inauguração do busto de Maria Felipa, obra doada pelo escultor Celso Cunha.

**26 de novembro – 14h30 - Sede da ALB**

Seminário de “Música Negra da Bahia: dos blocos dos povos indígenas ao samba reggae” e Assinatura do Termo de Cooperação Técnica com o Instituto Reparação.

Palestrantes: Dado Brazzaville, Jorginho Commancheiro, Juliana Cunha e Tonho Matéria.

**28 de novembro - 14h às 17h - Sede da ALB**

Oficina “O projeto do projeto: como começar um romance”.

Oficineiro: Davi Boaventura.

**29 de novembro – 14h às 16h30 - Sede da ALB**

Reunião da Associação Goethe da Bahia.

**Dezembro**

**03 de dezembro – 18h - YouTube da ALB**

Palestra “Ifigênia: de Eurípides a Goethe”.

Palestrante: Ordep Serra.

**05 de agosto – 17h30 às 19h30 - Google Meet**

Reunião Ordinária.

**06 de dezembro - 18h30 - TV ALBA**

Programa Papo das Artes, em parceria com a TV ALBA.

Apresentadora: Lia Robatto.

Convidada: Goya Lopes.

**07 de dezembro – 14h às 17h30 - YouTube da ALB**

ALB Convida: 2º Sarau da RICA - Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia (RICA).

**07 de dezembro - 18h - TV ALBA**

Programa Livros à Mão Cheia, em parceria com a TV ALBA.

Apresentador: Marcos Vinícius Rodrigues.

Convidado: Dênisson Padilha Filho.

**10 de dezembro – 9h às 11h - Projeto Axé**

ALB Convida: Palestra “O ensino da dança como educação para a vida”.

Palestrante: Lia Robatto.

**10 de dezembro – 18h - Sede da ALB**

ALB Convida: Palestra “A atualidade do pensamento de Heidegger”.

Palestrante: Ordep Serra.

**12 de dezembro – 19h - YouTube da ALB**

Lançamento da Visita Virtual da Academia de Letras da Bahia.

**13 de dezembro – 18h - Sede da ALB**

Diálogos Informativos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).

Presença da Magnífica Reitora Luzia Matos Mota.

**19 de dezembro – 17h - Sede da ALB**

ALB Convida: Palestra “Paisagens baianas no romance de Afrânio Peixoto”.

Palestrante: Aleilton Fonseca.

**19 de dezembro – 18h - Sede da ALB**

Confraternização de final de ano.

**20 de dezembro - 18h30 - TV ALBA**

Programa Papo das Artes, em parceria com a TV ALBA.

Apresentadora: Lia Robatto.

Convidado: Márcio Meirelles.

**21 de dezembro - 18h - TV ALBA**

Programa Livros à Mão Cheia, em parceria com a TV ALBA.

Apresentador: Marcos Vinícius Rodrigues.

Convidado: Nilson Galvão.



## Quadro social da ALB<sup>1</sup>

### **Cadeira 1**

*Patrono: Frei Vicente de Salvador*

Fundador: José de Oliveira Campos

2º Titular: Júlio Afrânio Peixoto (Afrânio Peixoto), fundador da Cadeira 25, por transferência consentida pela Academia.

3º Titular: José Wanderley de Araújo Pinho

4º Titular: Luís Henrique Dias Tavares

Titular atual:

**Emiliano José da Silva Filho**

**(Emiliano José)**

Posse em 19.03.2021

Saudação: Dom Emanuel d'Able do Amaral

### **Cadeira 2**

*Patrono: Gregório de Mattos e Guerra (Gregório de Mattos)*

Fundador: Aloysio Lopes Pereira de Carvalho (Lulu Parola)

2º Titular: Luis Viana Filho

Titular atual:

**Paulo Ormino David de Azevedo**

**(Paulo Ormino de Azevedo)**

Posse em 20.06.1991

Saudação: Cláudio de Andrade Veiga

---

<sup>1</sup> O quadro dos titulares da Academia de Letras da Bahia foi originalmente elaborado pelo acadêmico Renato Berbert de Castro (1924-1999).

### **Cadeira 3**

*Patrono: Manuel Botelho de Oliveira*

Fundador: Arthur Gonçalves de Salles (Arthur de Salles)

2º Titular: Eloywaldo Chagas de Oliveira

3º Titular: Anna Amélia Vieira Nascimento

4º Titular: Guilherme Radel

Titular atual:

**Edvaldo Pereira de Brito**

**(Edvaldo Brito)**

Posse em 29.11.2019

Saudação: Joaci Góes

### **Cadeira 4**

*Patrono: Sebastião da Rocha Pita*

Fundador: Braz Hermenegildo do Amaral (Braz do Amaral)

2º Titular: João da Costa Pinto Dantas Júnior

3º Titular: Jayme de Sá Menezes

4º Titular: Geraldo Magalhães Machado (Geraldo Machado)

Titular atual:

**Nelson Cerqueira**

Posse em 11.05.2017

Saudação: Joaci Góes

## **Cadeira 5**

*Patrono: Luís Antônio de Oliveira Mendes*

Fundador: Carlos Chiacchio

2º Titular: Antônio Luís Cavalcanti Albuquerque de Barros Barreto (Barros Barreto)

3º Titular: Carlos Benjamin de Viveiros

4º Titular: José Silveira

5º Titular: Guido José da Costa Guerra (Guido Guerra)

Titular atual:

**Carlos Jesus Ribeiro**

**(Carlos Ribeiro)**

Posse em 31.05.2007

Saudação: Aleilton Fonseca

## **Cadeira 6**

*Patrono: Alexandre Rodrigues Ferreira*

Fundador: Manoel Augusto Pirajá da Silva (Pirajá da Silva)

2º Titular: Thales Olímpio Góes de Azevedo (Thales de Azevedo)

3º Titular: Lucas Moreira Neves (Dom Lucas Cardeal Moreira Neves)

Titular atual:

**Cleise Furtado Mendes**

**(Cleise Mendes)**

Posse em 15.04.2004.

Saudação: Guido Guerra

## **Cadeira 7**

*Patrono: José da Silva Lisboa, Visconde de Cayru*

Fundador: Ernesto Carneiro Ribeiro (Carneiro Ribeiro)

2º Titular: Francisco Borges de Barros

3º Titular: Aloísio de Carvalho Filho. Eleito para a Cadeira 26, permutou esta, obtendo acordo da Academia, pela Cadeira 7, com monsenhor Francisco de Paiva Marques, quando ambos ainda não empossados.

4º Titular: Nelson de Souza Sampaio (Nelson Sampaio)

5º Titular: Pedro Moacir Maia

Titular atual:

**Joaci Fonseca de Góes**

**(Joaci Góes)**

Posse em 24.09.2009

Saudação: João Carlos Teixeira Gomes

## **Cadeira 8**

*Patrono: Cipriano José Barata de Almeida (Cipriano Barata)*

Fundador: Luís Anselmo da Fonseca

2º Titular: Francisco Peixoto de Magalhães Netto (Magalhães Netto)

3º Titular: Adriano de Azevedo Pondé (Adriano Pondé)

4º Titular: Ary Guimarães

Titular atual:

**Paulo Costa Lima**

Posse em 17.12.2009

Saudação: Edivaldo M. Boaventura

## **Cadeira 9**

*Patrono: Antônio Ferreira França*

Fundador: José Alfredo de Campos França

2º Titular: Edgard Ribeiro Sanches

3º Titular: Antônio Luís Machado Neto (Machado Neto)

4º Titular: Cláudio de Andrade Veiga (Cláudio Veiga)

5º Titular: João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (João Ubaldo Ribeiro)

Titular atual:

**Antonio Torres da Cruz**

**(Antonio Torres)**

Posse em 21.05.2015

Saudação: Aleilton Fonseca

## **Cadeira 10**

*Patrono: José Lino dos Santos Coutinho*

Fundador: Antônio Moniz Sodré de Aragão

2º Titular: Altamirando Alves da Silva Requião (Altamirando Requião)

3º Titular: Gaspar Sadoc da Natividade (Monsenhor Gaspar Sadoc)

Titular atual:

**Fredie Souza Didier Júnior**

**(Fredie Didier)**

Posse em 30.11.2017

Saudação: Paulo Furtado

### **Cadeira 11**

*Patrono: Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, Visconde de Jequitinhonha*

Fundador: Antonio Ferrão Moniz de Aragão (Antonio Moniz)

2º Titular: Otávio Torres

3º Titular: Oldegar Franco Vieira

Titular atual:

**Yeda Antonita Pessoa de Castro**

**(Yeda Pessoa de Castro)**

Posse em 10.04.2008

Saudação: Consuelo Pondé de Sena

### **Cadeira 12**

*Patrono: Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquês de Abrantes*

Fundador: Miguel Calmon du Pin e Almeida

2º Titular: Alberto Francisco de Assis (Alberto de Assis)

3º Titular: Affonso Ruy de Sousa (Affonso Ruy)

4º Titular: Itazil Benício dos Santos

Titular atual:

**Aramis de Almada Ribeiro Costa**

**(Aramis Ribeiro Costa)**

Posse em 25.11.1999

Saudação: Hélio Pólvora

### **Cadeira 13**

*Patrono: Francisco Moniz Barreto*

Fundador: Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Villar)

2º Titular: Afonso de Castro Rebelo Filho

3º Titular: Walter Raulino da Silveira (Walter da Silveira)

4º Titular: Odorico Montenegro Tavares da Silva (Odorico Tavares)

5º Titular: Luís Fernando Seixas de Macedo Costa (Luís Fernando Macedo Costa)

6ª Titular: Myriam de Castro Lima Fraga (Myriam Fraga)

Titular atual:

**Edilene Dias Matos**

**(Edilene Matos)**

Posse em 30.03.2017

Saudação: Fernando da Rocha Peres

### **Cadeira 14**

*Patrono: Francisco Gonçalves Martins, Visconde de São Lourenço*

Fundador: Bernardino José de Sousa (Bernardino de Sousa)

2º Titular: Alberto Alves Silva (Alberto Silva)

3º Titular: Edgard Rego Santos (Edgard Santos)

4º Titular: Raul Batista de Almeida

5º Titular: Carlos Vasconcelos Maia (Vasconcelos Maia)

6º Titular: Epaminondas Costalima

Titular atual:

**Gláucia Maria de Lemos Leal**

**(Gláucia Lemos)**

Posse em 21.10.2010

Saudação: Waldir Freitas Oliveira

### **Cadeira 15**

*Patrono: Ângelo Moniz da Silva Ferraz, Barão de Uruguaiana*

Fundador: Otaviano Moniz Barreto

2° Titular: Hélio Gomes Simões (Hélio Simões)

3° Titular: João Carlos Oliveira Teixeira Gomes Fonseca

Titular atual:

**Lia de Carvalho Robatto**

**(Lia Robatto)**

Posse em 17.03.2021

Saudação: Ordep Serra

### **Cadeira 16**

*Patrono: José Tomáz Nabuco de Araújo*

Fundador: Eduardo Godinho Espínola

2° Titular: Orlando Gomes dos Santos (Orlando Gomes)

3° Titular: João Eurico Matta

Titular Atual:

**Mirella Márcia Longo Vieira Lima**

**(Mirella Márcia)**

Posse em 22.03.2023

Saudação: Edilene Matos

### **Cadeira 17**

*Patrono: Antônio Ferrão Moniz de Aragão*

Fundador: Gonçalo Moniz Sodré de Aragão (Gonçalo Moniz)

2° Titular: Leopoldo Braga

3° Titular: Carlos Eduardo da Rocha

Titular atual:

**Ruy Alberto d'Assis Espinheira Filho**

**(Ruy Espinheira Filho)**

Posse em 15.09.2000

Saudação: Florisvaldo Mattos

### **Cadeira 18**

*Patrono: Zacarias de Góes e Vasconcelos*

Fundador: José Joaquim Seabra (J.J. Seabra)

2º Titular: Augusto Alexandre Machado

3º Titular: Avelar Brandão Vilela (Dom Avelar Brandão Vilela)

Titular atual:

4º Titular: Waldir Freitas Oliveira

Titular atual:

**Maria Bethânia Vianna Telles Velloso**

**(Maria Bethânia)**

Posse em 03.05.2023

Saudação: Paulo Costa Lima

### **Cadeira 19**

*Patrono: João Maurício Vanderley, Barão de Cotegipe*

Fundador: Severino dos Santos Vieira (Severino Vieira)

2º Titular: Arlindo Coelho Fragoso (Arlindo Fragoso). Fundador da Cadeira 41, criada em caráter provisório, transferiu-se para esta, após a morte de Severino Vieira, ocorrida a 27 de setembro de 1917, a fim de que fosse extinta a temporária.

3º Titular: Deraldo Dias de Moraes

4º Titular: Guilherme Antônio Freire de Andrade Filho

5º Titular: Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho (Godofredo Filho)

6º Titular: Cid José Teixeira Cavalcante

Titular atual:

**Décio Torres Cruz**

Posse em 14.04.2023.

Saudação: Evelina Hoisel

## **Cadeira 20**

*Patrono: Augusto Teixeira de Freitas (Teixeira de Freitas)*

Fundador: Carlos Gonçalves Fernandes Ribeiro (Carlos Ribeiro)

2º Titular: Epaminondas Berbert de Castro

3º Titular: Lafayette Ferreira Spínola (Lafayette Spínola)

4º Titular: Ivan Americano da Costa

5º Titular: Joaquim Alves da Cruz Rios (Cruz Rios)

Titular atual:

**Aleilton Santana da Fonseca**

**(Aleilton Fonseca)**

Posse em 15.04.2005

Saudação: Ruy Espinheira Filho

## **Cadeira 21**

*Patrono: Francisco Bonifácio de Abreu, Barão da Vila da Barra*

Fundador: Filinto Justiniano Ferreira Barros

2º Titular: Estácio Luís Valente de Lima (Estácio de Lima)

3º Titular: Jorge Amado

4º titular: Zélia Gattai Amado (Zélia Gattai)

Titular atual:

**Antonio Brasileiro Borges**

**(Antônio Brasileiro)**

Posse em 10.06.2010

Saudação: Ruy Espinheira Filho

## **Cadeira 22**

*Patrono: José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco*

Fundador: Ruy Barbosa de Oliveira (Ruy Barbosa)

2º Titular: Ernesto Carneiro Ribeiro Filho

3º Titular: Aloísio Henrique de Barros Porto

4º Titular: Clóvis Álvares Lima (Clóvis Lima)

Titular atual:

**Cyro Pereira de Mattos**

**(Cyro de Mattos)**

Posse em 16.11.2016

Saudação: Aramis Ribeiro Costa

## **Cadeira 23**

*Patrono: Antônio Januário de Faria*

Fundador: João Américo Garcez Fróes

2º Titular: Jorge Calmon Moniz de Bittencourt (Jorge Calmon)

Titular atual:

**Samuel Celestino Silva Filho**

**(Samuel Celestino)**

Posse em 21.08.2008

Saudação: Edivaldo M. Boaventura

## **Cadeira 24**

*Patrono: Demétrio Ciríaco Tourinho (Demétrio Tourinho)*

Fundador: Luís Pinto de Carvalho (Pinto de Carvalho)

2º Titular: Luís Menezes Monteiro da Costa (Luís Monteiro)

3º Titular: Renato Berbert de Castro

Titular atual:

**Francisco Soares Senna**

**(Francisco Senna)**

Posse em 27.04.2000

Saudação: Monsenhor Gaspar Sadoc

## **Cadeira 25**

*Patrono: Pedro Eunápio da Silva Deiró (Eunápio Deiró)*

Fundador: Júlio Afrânio Peixoto (Afrânio Peixoto). Com o consentimento da Academia, transferiu-se para a Cadeira 1 após a morte de seu fundador, José de Oliveira Campos.

2º Titular: Francisco Hermano Santana (Hermano Santana)

3º Titular: Raimundo de Sousa Brito (Raimundo Brito)

4º Titular: Luís Augusto Fraga Navarro de Brito (Navarro de Brito)

Titular atual:

**Fernando da Rocha Peres**

Posse em 16.06.1988

Saudação: Jorge Calmon

## **Cadeira 26**

*Patrono: Antônio de Macedo Costa (Dom Antônio de Macedo Costa)*

Fundador: José Cupertino de Lacerda (Padre José Cupertino de Lacerda)

2º Titular: Alberto Moreira Rabelo (Alberto Rabelo), único membro da Academia que faleceu antes de tomar posse, sendo legitimado na Cadeira postumamente, por decisão da diretoria.

3º Titular: Monsenhor Francisco de Paiva Marques (Monsenhor Paiva Marques)

Eleito para a Cadeira 7, permutou esta pela Cadeira 26, com Aloísio de Carvalho Filho, quando ambos ainda não empossados.

4º Titular: César Augusto de Araújo (César de Araújo)

5º Titular: Roberto Figueira Santos

Titular atual:

**Heloísa Prata e Prazeres**

**(Heloísa Prazeres)**

Posse em 29.07.2021

Saudação: Aleilton Fonseca

### **Cadeira 27**

*Patrono: Francisco Rodrigues da Silva*

Fundador: Frederico de Castro Rebelo (Frederico Rabelo)

2º Titular: Antônio Gonçalves Vianna Júnior (Antônio Vianna)

3º Titular: Jayme Tourinho Junqueira Ayres (Jayme Junqueira Ayres)

4º Titular: Antônio Loureiro de Souza

5º Titular: James Amado

Titular atual:

**Ordep José Trindade Serra**

**(Ordep Serra)**

Posse em 04.09.2014

Saudação: Luís Antonio Cajazeira Ramos

### **Cadeira 28**

*Patrono: Luís José Junqueira Freire (Junqueira Freire)*

Fundador: Francisco Torquato Bahia da Silva Araújo

2º Titular: Homero Pires de Oliveira e Silva

3º Titular: José Calasans Brandão da Silva (José Calasans)

4º Titular: Consuelo Pondé de Sena (Consuelo Pondé)

5º Titular: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Suzana Alice Cardoso)

Titular Atual:

**Marcus Vinícius Rodrigues**

Posse em: 04.04.2019

Saudação: Gláucia Lemos

### **Cadeira 29**

*Patrono: Agrário de Souza Menezes (Agrário Menezes)*

Fundador: Antônio Alexandre Borges dos Reis (Borges dos Reis)

2º Titular: Maños Chastinet Contreiras (Maños Chastinet)

3º Titular: Colombo Moreira Spínola (Colombo Spínola)

4º Titular: Jorge Faria Góes

5º Titular: Hélio Pólvora de Almeida (Hélio Pólvora)

Titular Atual:

**Gerana Costa Damulakis**

**(Gerana Damulakis)**

Posse em 03.09.2015

Saudação: Aleilton Fonseca

### **Cadeira 30**

*Patrono: Joaquim Monteiro Caminboá*

Fundador: Antônio do Prado Valadares (Prado Valadares). Permutou a cadeira com Roberto José Correia (Roberto Correia), titular da Cadeira 38.

2º Titular: Roberto José Correia (Roberto Correia)

3º Titular: Alfredo Vieira Pimentel

4º Titular: Nestor Duarte Guimarães (Nestor Duarte)

5º Titular: Josaphat Ramos Marinho (Josaphat Marinho)

Titular atual:

**Paulo Roberto Bastos Furtado**

**(Paulo Furtado)**

Posse em 24.04.2003

Saudação: Gerson Pereira dos Santos

### **Cadeira 31**

*Patrono: Belarmino Barreto*

Fundador: Ernesto Simões da Silva Freitas Filho (Simões Filho)

2º Titular: José Luís de Carvalho Filho (Carvalho Filho)

Titular atual:

**Florisvaldo Moreira de Mattos**

**(Florisvaldo Mattos)**

Posse em 23.11.1995

Saudação: João Carlos Teixeira Gomes

### **Cadeira 32**

*Patrono: André Pinto Rebouças (André Rebouças)*

Fundador: Teodoro Fernandes Sampaio (Theodoro Sampaio)

2º Titular: Isaías Alves de Almeida (Isaías Alves)

3º Titular: Zitelmann José Santos de Oliva (Zitelmann de Oliva)

4º Titular: Gerson Pereira dos Santos

Titular atual:

**João Carlos Salles Pires da Silva**

**(João Carlos Salles)**

Posse em 06.11.2014

Saudação: Paulo Costa Lima

### **Cadeira 33**

*Patrono: Antônio Frederico de Castro Alves (Castro Alves)*

Fundador: Francisco Xavier Ferreira Marques (Xavier Marques)

2º Titular: Heitor Pragner Fróes. Tomou posse em 15 de novembro de 1931, na Cadeira 34, transferindo-se para esta, após a morte de Xavier Marques.

3º Titular: Waldemar Magalhães Mattos (Waldemar Mattos)

4º Titular: Ubiratan Castro de Araújo (Ubiratan Castro)

5ª Titular: Maria Stella de Azevedo Santos (Mãe Stella de Oxossi)

Titular atual:

**Muniz Sodré de Araújo Cabral**

**(Muniz Sodré)**

Posse em 31.10.2019

Saudação: João Carlos Salles

### **Cadeira 34**

*Patrono: Domingos Guedes Cabral*

Fundador: José Virgílio da Silva Lemos (Virgílio de Lemos)

2º Titular: Heitor Pragues Fróes. Transferiu-se para a Cadeira 33, depois do desaparecimento de Xavier Marques

3º Titular: Adalício Coelho Nogueira (Adalício Nogueira)

4º Titular: Walfrido Moraes de Lima (Walfrido Moraes)

Titular atual:

**Evelina de Carvalho Sá Hoisel**

**(Evelina Hoisel)**

Posse em 27.10.2005

Saudação: Myriam Fraga

### **Cadeira 35**

*Patrono: Manoel Vitorino Pereira (Manoel Vitorino)*

Fundador: Antônio Pacífico Pereira

2º Titular: Afonso Costa

3º Titular: Rui Santos

4º Titular: Rubem Rodrigues Nogueira (Rubem Nogueira)

5º Titular: João da Costa Falcão (João Falcão)

Titular atual:

**Luís Antonio Cajazeira Ramos**

Posse em 02.08.2012

Saudação: Fernando da Rocha Peres

### **Cadeira 36**

*Patrono: Joaquim Jerônimo Fernandes da Cunha (Fernandes da Cunha)*

Fundador: Afonso de Castro Rebelo

2º Titular: Monsenhor Manuel de Aquino Barbosa (Padre Manuel Barbosa)

3º Titular: Hildegardes Cantolino Vianna (Hildegardes Vianna)

Titular atual:

**José Carlos Capinan**

Posse em 17.08.2006

Saudação: Florisvaldo Mattos

### **Cadeira 37**

*Patrono: João Batista de Castro Rebelo Júnior*

Fundador: Almachio Diniz Gonçalves (Almachio Diniz)

2º Titular: Edith Mendes da Gama e Abreu

3º Titular: Antonio Carlos Peixoto de Magalhães (Antônio Carlos Magalhães)

Titular atual:

**Emanuel d'Able do Amaral**

**(Dom Emanuel d'Able do Amaral)**

Posse em 28.05.2009

Saudação: Fernando da Rocha Peres

### **Cadeira 38**

*Patrono: Alfredo Tomé de Brito (Alfredo Brito)*

Fundador: Oscar Freire de Carvalho

2º Titular: Roberto José Correia (Roberto Correia). Permutou sua cadeira com Prado Valadares, fundador da Cadeira 30.

3º Titular: Antônio do Prado Valadares (Prado Valadares)

4º Titular: Cristiano Alberto Müller (Cristiano Müller)

5º Titular: Wilson Mascarenhas Lins de Albuquerque (Wilson Lins)

Titular atual:

**Armando Avena Filho**

**(Armando Avena)**

Posse em 28.04.2005

Saudação: Guido Guerra

### **Cadeira 39**

*Patrono: Francisco de Castro*

Fundador: Clementino Rocha Fraga Júnior (Clementino Fraga)

2º Titular: Edivaldo Machado Boaventura (Edivaldo M. Boaventura)

Titular atual:

**Juarez Marialva Tito Martins Paraíso**

**(Juarez Paraíso)**

Posse em 30.05.2019

Saudação: Paulo Ormindo de Azevedo

### **Cadeira 40**

*Patrono: Francisco Cavalcanti Mangabeira (Francisco Mangabeira)*

Fundador: Octavio Cavalcanti Mangabeira (Octavio Mangabeira)

2º Titular: Manoel Pinto de Aguiar

3º Titular: Consuelo Novais Sampaio

Titular atual:

**Urania Maria Tourinho Peres**

**(Urania Tourinho Peres)**

Posse em 25.09.2014

Saudação: Aramis Ribeiro Costa

Obs.:

### **Cadeira 41**

Criada em caráter provisório para que Arlindo Fragoso, idealizador e organizador da Academia, não lhe ficasse de fora, devendo ser extinta com o falecimento de qualquer um dos 41 fundadores. Patrono: Manuel Alves Branco, *Visconde de Caravelas* (2º). Fundador Arlindo Coelho Fragoso (Arlindo Fragoso). Com a morte de Severino Vieira, em 27 de setembro de 1917, para a sua Cadeira, de número 19, foi transferido Arlindo Fragoso, e supressa a cadeira provisória.



## Endereços dos Acadêmicos

ALEILTON FONSECA

📍 Rua Rubem Berta, 267, Edf. Iana, apto. 402, Pituba  
Salvador - BA – 41.810-045

📞 (71) 98876-1519

✉ aleilton50@gmail.com

ANTONIO BRASILEIRO

📍 Rua Alto do Paraná, 300, Sim  
Feira de Santana - BA – 44.042-000

📞 (75) 3625-8512

✉ abrasileiro@live.com

ANTONIO TORRES

📍 Estrada da União Industrial, 12600  
Condomínio Mirantes do Sol Nascente,  
Casa 37, Itaipava  
Petrópolis - RJ – 25.750-226

📞 (21) 2222-4129

✉ antonio@antoniotorres.com.br

ARAMIS RIBEIRO COSTA

📍 Rua Piauí, 439, aptº 1103, Pituba  
Salvador-BA – 41.830-280

📞 (71) 3240 4969

📞 (71) 99984 1165

✉ aramisrcosta@gmail.com

ARMANDO AVENA

☎ (71) 3272-2960

☎ (71) 9994-3000

✉ armandoavena@uol.com.br

CARLOS RIBEIRO

📍 Rua do Timbó, 680

Edf. Villa Etruska, apto. 503, Caminho das Árvores  
Salvador-BA – 41.820-660

☎ (71) 99153-4908

✉ carlos.ribeiro58@terra.com.br

CLEISE MENDES

📍 Rua Marechal Floriano, 122,

Edifício Graciumilda, apto. 901, Canela  
Salvador - BA – 40.110-010

☎ (71) 99198-6165

✉ cleise.mendes@gmail.com

CYRO DE MATTOS

📍 Travessa Rosenaide Guimarães, 40, apto. 101, Zildolândia  
Itabuna - BA – 45.600-714

☎ (73) 3612-4197

☎ (73) 98872-8830

✉ cyropm@bol.com.br

DÉCIO TORRES CRUZ

📍 Rua Afonso Celso, 185 apto. 701, Barra  
Salvador - BA – 40.140-080

☎ (71) 3264 0865 /

☎ (71)99188-4102

✉ deciotc@ufba.br

DOM EMANUEL D'ABLE DO AMARAL

📍 Largo São Bento, 01, Centro  
Salvador - BA – 40.020-430

☎ (71) 2106-5200

✉ [arquiabadeemanuel@gmail.com](mailto:arquiabadeemanuel@gmail.com)

EDILENE MATOS

📍 Rua Rio de São Pedro, 26,  
Edf. Varandas da Graça, apto. 701, Graça  
Salvador - BA – 40.150 350

☎ (71) 3334 6526

✉ [edilenediasmatos@gmail.com](mailto:edilenediasmatos@gmail.com)

EDVALDO PEREIRA DE BRITO

📍 Rua Melvin Jones, 272, Jardim Armação  
Salvador - BA – 41.750-010

☎ (71) 3281-4900/3371-3225

✉ [cepeb.eb@gmail.com](mailto:cepeb.eb@gmail.com) / [escrito@terra.com.br](mailto:escrito@terra.com.br)

EMILIANO JOSÉ

📍 Rua Juruna, 312,  
Condomínio Aldeia de Jaguaribe, Patamares  
Salvador - BA – 40.613-116

☎ (71) 9979-8635

✉ [emiljose@uol.com.br](mailto:emiljose@uol.com.br)

EVELINA HOISEL

📍 Rua Mons. Gaspar Sadoc, 48, Jardim de Alá  
Salvador - BA – 41.760-200

☎ (71) 99968-7625

✉ [evelinahoisel@hotmail.com](mailto:evelinahoisel@hotmail.com)

FERNANDO DA ROCHA PERES

📍 Avenida Sete, 2901, Ladeira da Barra,  
Cond. Solar das Mangueiras, Ala Norte, apto. 202,  
Salvado - BA – 40.130-000

☎ (71) 3336-3670

📱 (71) 99956-7880

FLORISVALDO MATTOS

📍 Rua Alfredo Gomes de Oliveira, 91  
Ed. Residencial Mar de Aruba, apto. 901, Jardim Armação  
Salvador - BA – 41.750-090

📱 (71) 99986-2848

✉ florismattos@gmail.com

FRANCISCO SENNA

📍 Rua Eng. Milton Oliveira, 73  
Edf. Palazzo Anacapri, apto. 202, Barra,  
Salvador - BA – 40.140-100,

FREDIE SOUZA DIDIER JÚNIOR

📍 Largo da Vitória, 162/202, Vitória  
Salvador - Bahia – 40.081-305

☎ (71) 3114-5550

✉ frediedidier@gmail.com

GERANA DAMULAKIS

📱 (71) 98894-2356

✉ geranadamulakis@yahoo.com.br

GLÁUCIA LEMOS

📍 Rua Ceará, 853, apto. 203 - Pituba  
Salvador - BA – 41.830-450

☎ (71) 3012-8468

📱 (71) 98199-1803

✉ glaucialemos9@hotmail.com

HELOÍSA PRAZERES

📍 Rua Pará, 446, apto. 1301  
Condomínio Maison Lyon  
Salvador - BA – 41.830-070

📱 (71) 99989-9340

✉ heloisa.prazeres@gmail.com

JOÃO CARLOS SALLES

📍 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (UFBA)  
Rua Professor Aristides Novis, 197, Federação  
Salvador - BA - CEP 40.210-730

✉ jcsalles@gmail.com

JOSÉ CARLOS CAPINAN

📍 Rua Tamoios, 96, Rio Vermelho  
Salvador - BA – 41.940-040

☎ (71) 3345-2080

📱 (71)99955-1410

✉ jose.capinan2@gmail.com

JUAREZ M. T. M. PARAISO

📍 Rua Praia de São Conrado, Quadra C1, Lote 7  
Vilas do Atlântico  
Lauro de Freitas - BA – 42.708-180

📱 (71) 99988-6970

✉ juarezparaiso@terra.com.br

JOACI GÓES

📍 Rua Alceu Amoroso Lima, 172,  
Edf. Office & Pool, 8ª andar, Caminho das Arvores  
Salvador - BA – 41.820-770

☎ (71) 3444-2308

📱 (71) 98814-3631

✉ joacigoes@uol.com.br

LIA ROBATTO

📍 Rua Galdino de Magalhães Ribeiro, 94,  
apto. 1602, Federação  
Salvador - BA – 40.230-108

📱 (71) 98817-2326

✉ liarobatto@gmail.com

LUÍS ANTONIO CAJAZEIRA RAMOS

📍 Rua Dr. Mário de Souza Dantas, 2  
Caixa d'Água - Salvador - BA – 40.321-085

☎ (71) 3345 6969 / 2109-4607

📱 (71) 98135-2115

✉ poetacajazeira@uol.com.br

MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES

📷 @marcus.vinicius.rodrigues

📞 (71) 99987-7136

✉ marvin.mvr@gmail.com

MIRELLA MÁRCIA LONGO VIEIRA LIMA

✉ mimlvl@yahoo.com.br

MUNIZ SODRÉ

📍 Rua Cosme Velho, 415, apto. 1104  
Rio de Janeiro - RJ – 22.241-090

✉ sodremuniz@hotmail.com

NELSON CERQUEIRA

📍 Rua Alagoinhas, 47, Rio Vermelho  
Salvador-BA – 41.940-620

☎ (71) 2107-8368

✉ nelsoncerqueira1@gmail.com

ORDEP SERRA

📍 Rua Barão de Itapoan, 142, Edf. Barravento  
apto. 202, Barra  
Salvador - BA – 40.140-060,

☎ (71) 3331-1531

📱 (71) 98869-1531

✉ ordepserra@gmail.com

PAULO COSTA LIMA

✉ paulocostalima@terra.com.br

PAULO FURTADO

📍 Av. Orlando Gomes, Condomínio Parque Costa Verde  
Quadra H, Lote 3  
Salvador - BA – 41.650-120

📱 (71) 99158-3414

✉ prbfurtado@yahoo.com.br

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

📍 Rua João da Silva Campos, 1132, Itaigara  
Salvador - BA – 41.815-200

☎ (71) 3358-7571

📱 (71) 98816-5262

✉ pauloormindo@gmail.com

RUY ESPINHEIRA FILHO

📍 Condomínio Busca Vida – Rodovia BA, 099  
Estrada do Coco, Km 08  
Via Lobo Guará, 26, Lote 11  
Camaçari - BA – 42.841-000  
☎ (71) 3287 2225/99973-8711  
✉ refpoeta@terra.com.br

SAMUEL CELESTINO

📍 Rua do ébano, n159 - Edf. Henri Matisse  
apto. 1301, Caminho das rvores  
Salvador - BA – 41.820-370  
☎ (71) 3341-4485 / 3359-7741  
✉ samuelcelestino@uol.com.br

URANIA TOURINHO PERES

📍 Avenida Sete, 2901, Ladeira da Barra,  
Cond. Solar das Mangueiras, Ala Norte, apto. 202,  
Salvador - BA – 40.130-000  
☎ (71) 3336-3670  
☎ (71) 99956-7880  
✉ utperes@terra.com.br

YEDA PESSOA DE CASTRO

📍 Rua Alfredo Gomes de Oliveira, 61  
Edf. Terreazo Del Mare, apto. 1140, Jd. Armação  
Salvador - BA – 41.750-040  
☎ (71)3461-9033  
☎ (71) 98138-4865  
✉ yedapessoa@uol.com.br

## Membros correspondentes

### **Alain Saint-Saëns**

Direitor do Colégio Francês Jules Verne,

📍 Country Club Paraná,  
Hernandarias, Paraguai

📞 +225-07-100-77-203

☎ +595-983-756-268

✉ alainfrenchguy@gmail.com

### **Antonella Rita Roscilli**

📍 Roma/Itália

✉ r\_antonella@yahoo.it

### **Antonio Carlos Secchin**

📍 Av. Atlântica, 2112, apto. 801, Copacabana

Rio de Janeiro - RJ – 22.021-001

✉ acsecchin@uol.com.br

### **Carlos Ayres Britto**

📍 Ayres Britto Advocacia e Consultoria – SHS,

Quadra 06, Conjunto A, Complexo Brasil 21

Bloco A, Sala 107

Brasília - DF – 70.316-102

☎ (61) 3039-8088

✉ contato@ayresbritto.com.br

### **Celso Amorim**

📍 Av Atlântica 1782, apto. 403  
Rio de Janeiro-RJ – 22.021-001  
✉ celsoamorim42@gmail.com

### **Dominique Stoenesco**

📍 26 bis, allée Guy Mocquet 94170  
Le Perreux-sur-Marne  
França / France  
☎ (33) 06 84 44 02 71  
✉ dominique.stoenesco@orange.fr

### **Glória Kaiser**

📍 Dr. Robert Siegerst, 15  
A 8010 – Graz  
Áustria – Europa  
✉ gloria.kaiser@aon.at

### **Isa Maria Carneiro Gonçalves**

📍 Rua Milton Melo, 413, Santa Mônica  
Feira de Santana-BA – 44.050-560  
☎ (75) 3625-2416  
✉ isa@gd.com.br

### **Jerónimo Pizzaro**

📍 Departamento de Humanidades y Literatura  
Calle 18 A No. 0-03 Este Bloque Ñc Bogotá, Colombia  
☎ (571) 339-4949 – Ext. 4784  
✉ j.pizarro188@uniandes.edu.co

**Jorge Raul da Silva Preto**

📍 Rua dos Sobreiros, 233 3º, D.t  
Edifício Vistamar, Costa da Guia  
2750611 Cascais – Portugal  
☎ (00351) 214821717  
✉ jorgerspreto@gmail.com

**Maria Beltrão**

📍 Rua Prudente de Moraes, 1179, COB. 01, Ipanema  
Rio de Janeiro - RJ – 22.20-043  
☎ (21) 2247-4180  
✉ mcmcbeltrão@gmail.com

**María Felisa Pugliese**

📍 Buenos Aires. ARGENTINA.  
☎ +54 9 15 6022 1640  
✉ maripugliese@hotmail.com

**Paulo Fernando de Moraes Farias**

📍 136 Greenfield Road, Harborne, Birmingham B17 0EG  
England, United Kingdom.  
☎ 44 121 680 1399  
✉ paulofarias@blueyonder.co.uk

**Paulo Roberto Dias Pereira**

✉ paulorobertopereira08@gmail.com

**Rita Olivieri-Godet**

📍 24, Avenue Sergent Maginot  
35000 Rennes FRANCE  
☎ 02 99 67 35 02  
✉ rita.godet20@gmail.com

**Rogério Faria Tavares**

📍 Rua Santa Catarina, 1340, apto. 901, Lourdes  
Belo Horizonte - MG – 30.170-081

☎ (31) 98850-5924

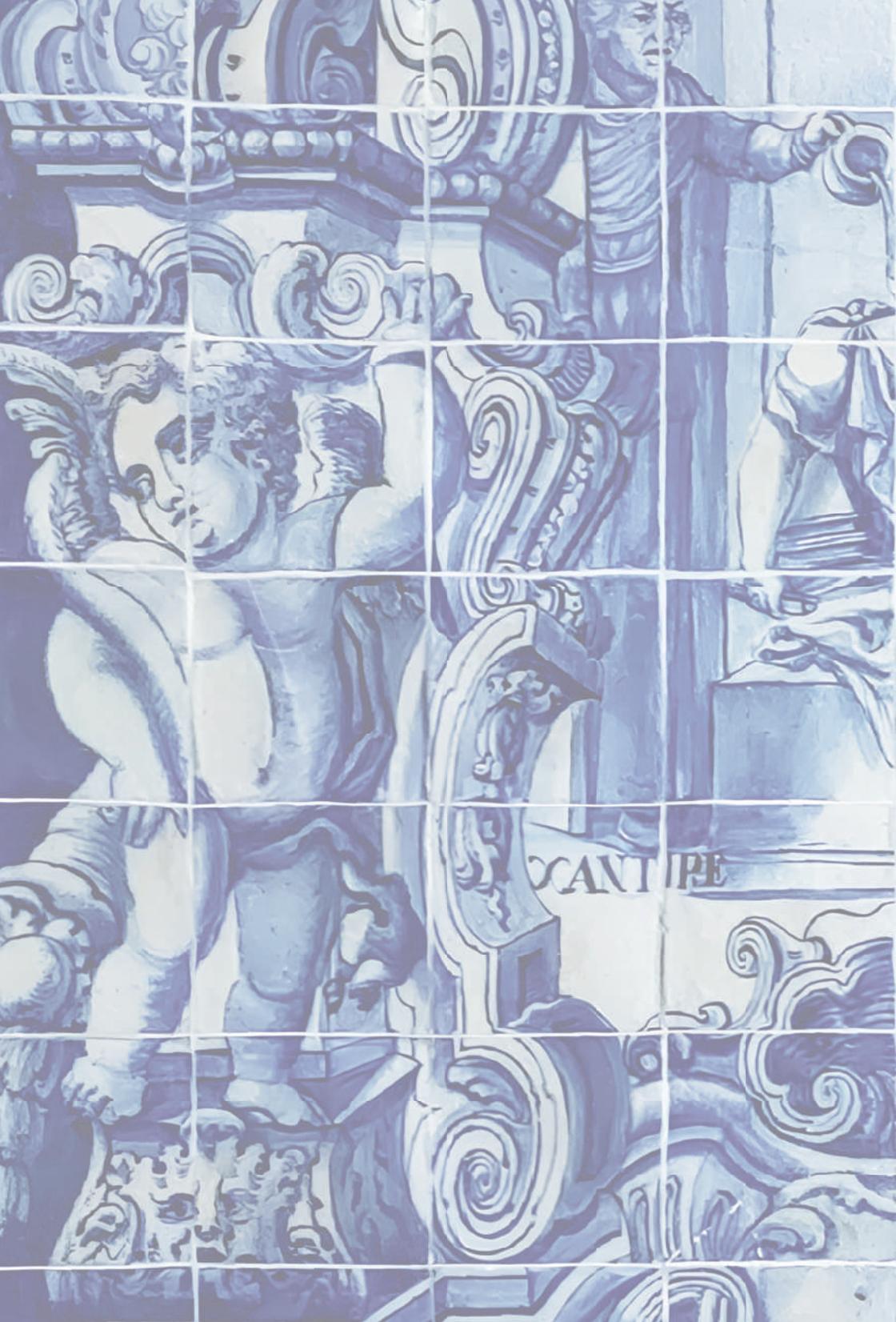
✉ rfariatavares@gmail.com

Membros eleitos ainda não empossados:

Darlene Sadlier

Miguel Monteiro







SO<sup>CRATES</sup>



**Presidente da ALB**

Aleilton Santana da Fonseca

**Vice-Presidente**

Edvaldo Pereira de Brito

A revista da Academia de Letras da Bahia n° 63 foi publicada em 2025, ano do centenário da acadêmica Maria Stella de Azevedo Santos (Mãe Stella de Oxóssi), que foi titular da Cadeira n° 33, do centenário do acadêmico Luís Fernando Seixas de Macedo Costa, que foi titular da Cadeira n° 13 e o centenário de Cid José Teixeira Cavalcante, que foi titular da Cadeira n° 19. Esta edição foi composta e produzida no período de outubro 2024 a março 2025, sendo diretor da revista o acadêmico Nelson Cerqueira, coordenador editorial o acadêmico Aleilton Fonseca, e o Conselho editorial composto pelos acadêmicos Aleilton Fonseca, Florisvaldo Mattos e Muniz Sodré.

**SEÇÕES:**  
**ARTIGOS E ENSAIOS**  
**POESIA**  
**FICÇÃO**  
**DISCURSOS**  
**DIVERSOS**

ISSN 1518-1766



ISSN 1518-1766

A Academia de Letras da Bahia é mantida com apoio do Fundo de Cultura do Estado da Bahia

Apoio Financeiro:

Fundo de cultura



**GOVERNO DO ESTADO**

SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA DA FAZENDA